



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

NAYARA NATALIA DE BARROS

**CURADORIAS DIGITAIS DE SI: O AUTO/BIOGRÁFICO
LIMINAR
DAS LINHAS DO TEMPO DO FACEBOOK**

**CAMPINAS
2018**

NAYARA NATALIA DE BARROS

**CURADORIAS DIGITAIS DE SI: O AUTO/BIOGRÁFICO LIMINAR
DAS LINHAS DO TEMPO DO FACEBOOK**

**Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Linguística
Aplicada, na Área de Linguagem e Sociedade**

Orientadora: PROF.^a DR.^a DANIELA PALMA (UNICAMP)

**Este exemplar corresponde à
versão final da Tese defendida
pela aluna Nayara Natalia de
Barros e orientada pela Profa.
Dra. Daniela Palma.**

**CAMPINAS
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 141700/2014-9

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

B278c Barros, Nayara Natalia de, 1988-
Curadorias digitais de si : o auto/biográfico liminar das linhas do tempo do Facebook / Nayara Natalia de Barros. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Daniela Palma.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Curadoria digital. 2. Autobiografia. 3. Facebook (Rede social on-line). I. Palma, Daniela. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Digital curations of the self : liminar auto/biographies on Facebook timelines

Palavras-chave em inglês:

Digital curation

Autobiography

Facebook (Online social networks)

Área de concentração: Linguagem e Sociedade

Titulação: Doutora em Linguística Aplicada

Banca examinadora:

Daniela Palma [Orientador]

Barbara Heller

Denise Bértoli Braga

Márcia Elisa Lopes Silveira Rendeiro

Flávia Danielle Sordi Silva Miranda

Data de defesa: 24-07-2018

Programa de Pós-Graduação: Linguística Aplicada



BANCA EXAMINADORA:

Daniela Palma

Márcia Elisa Lopes Silveira Rendeiro

Denise Bértoli Braga

Barbara Heller

Flávia Danielle Sordi Silva Miranda

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.

Para minha mãe, Eliana, e para meu pai, José Francisco.

AGRADECIMENTOS

Sou grata aos meus pais, Eliana e Chico, por terem me dado todo o apoio, suporte e carinho necessários à minha formação e, principalmente, por serem meu porto seguro ao longo da trajetória do doutorado.

Agradeço, ainda, à professora Daniela Palma, por ter aceitado orientar a minha pesquisa, de um modo que eu considero sério e generoso, profissional e sensível. Sua capacidade de dar espaço para que eu me reorganizasse e conduzisse a pesquisa de um modo mais humano tornou possível que, ao fim deste processo, eu me reconheça na minha própria escrita, tendo satisfação em ver aquilo que fui capaz de produzir.

Igualmente, não posso deixar de agradecer a alguns amigos que tiveram um papel preponderante na continuidade deste trabalho. Nesse sentido, devo profunda gratidão à Dáfnie Paulino, que passou vários dias na biblioteca comigo, em 2015, ajudando-me a ter forças para reescrever o projeto de pesquisa, em um momento um pouco mais tortuoso do caminho.

Agradeço, ainda, às pessoas com quem tive trocas significativas dentro do ambiente acadêmico, por vezes tão egoico, que me desvelaram momentos de leveza e, também, de aprendizagem: Rafael Sachs, Aná Sá, Aline Ruiz, João Pires, Ana Amélia, Mariana Peixoto, Helena Camargo, Naná Siqueira, Fabiana Marsaro, Rogério Modesto, Adriana Pismel, Ana Schlindwein, Giulia Gambassi, Marcella Abboud, Renata Carreon. Sou grata, nesse sentido, também às professoras Cláudia Hilsdorf (por um abraço no corredor do IEL) e Viviane Veras (por um ouvido em um telefonema).

Sou grata também às professoras que, gentilmente, aceitaram participar da banca de qualificação e defesa de tese, por se disporem a realizar a leitura do trabalho: Denise Bértoli Braga, Márcia Elisa Rendeiro, Flávia Sordi e Barbara Heller. Ainda, agradeço à professora Leonor Arfuch, por aceitar ser minha supervisora ao longo do período de estágio sanduíche, na Universidad de Buenos Aires.

Agradeço, do mesmo modo, à ajuda solícita dos amigos Alessandro Thomaz, Gabriela Granja e Walker Batista com a parte técnica desta tese, em especial quanto à geração dos dados.

Sou grata à Elisabete Armellin Morelli, por ter me conduzido a um caminho de autoconhecimento e à consideração de um ímpeto pessoal para o alcance dos meus objetivos práticos.

Devo ainda expressar minha gratidão aos participantes voluntários de pesquisa, que fizeram a realização deste trabalho possível, ao me deixarem perscrutar suas linhas do tempo.

Por fim, não posso deixar de agradecer ao CNPq pela bolsa de pesquisa nesses quatro anos de doutoramento e à CAPES, pela bolsa ao longo dos quatro meses do programa de estágio sanduíche.

RESUMO

A proposta desta tese é investigar em que medida as linhas do tempo de perfis pessoais constituem-se no Facebook como expressão auto/biográfica contemporânea, executada por meio da prática da curadoria digital. Para isso, toma-se como *corpus* as linhas do tempo do perfil de vinte e cinco participantes voluntários de pesquisa, no período contemplado pelos meses de julho a dezembro de 2014. Cinco dessas linhas do tempo são examinadas, para uma análise particularizada, a fim de demonstrar a proposta metodológica, a qual se baseia na leitura das linhas do tempo em suas tendências auto/biográficas, a partir da reconstituição de sua temporalidade cronológica, com destaque para publicações específicas que ilustram, com mais clareza, vestígios auto/biográficos dos usuários da rede social estudada. Fundamentada em revisão bibliográfica de diferentes vertentes teóricas, a pesquisa visa à criação de um arcabouço interdisciplinar que torna possível contrapor visões canônicas de narrativa e autobiografia às novas configurações auto/biográficas das redes sociais, ao considerar a linha do tempo do Facebook como uma forma pertencente ao espaço biográfico e que tem na fragmentação sua condição constitutiva, tanto em termos de interface – que evoca determinadas práticas de expressão de si –, como em termos das próprias publicações dos usuários, as quais produzem sentido se lidas de modo conjunto e associado. Apesar disso, é igualmente imprescindível levar em consideração o valor biográfico e memorialístico das publicações isoladas. Nesse sentido, a proposta de análise ampara-se na leitura do *corpus* à luz das articulações teóricas entre a curadoria digital, o discurso autobiográfico, a figuração da memória e a noção de arquivo. Desse modo, acredita-se ser possível pensar as linhas do tempo como formas contemporâneas de articular e produzir memórias pessoais, a partir de sua densidade auto/biográfica, de seus ordenamentos e dinâmicas espaço-temporais, tendo como suporte a infraestrutura da curadoria digital empreendida pelos usuários dos perfis pessoais selecionados na investigação.

Palavras-chave: curadoria digital; auto/biografia; arquivo; memória; redes sociais; Facebook.

ABSTRACT

This study intends to investigate how timelines of personal profiles on Facebook classify as contemporary auto/biographical expressions, as a result of digital curation. In order to do so, we selected as corpus the Facebook timelines of twenty-five voluntary participants during the period of July to December of 2014. Five of those timelines were individually analyzed. The analysis methodology proposed here consisted on reading the timelines, in chronological order, for auto/biographical tendencies, highlighting specific publications that had clear auto/biographical traces of the users of the social network being studied. Based on literature review of different theories, this research aims to create an interdisciplinary framework that makes it possible to contrast canonical approaches of narrative to the new auto/biographical settings from social networks. Facebook timelines are considered as belonging to the biographical sphere that has fragmentation as its constitutive condition, both in terms of interface and in terms of users' publications. While the interface evokes certain practices of expression of the self, users' publications have meaning if grouped and associated when reading, even though it is equally crucial to take into account the memorial and biographical value of isolated publications. Thus, the proposed analysis is based on the reading of the corpus through the perspective of theoretical articulations between the concept of digital curation, autobiographical discourse, memory representation, and the concept of archive. For that matter, it is believed that it is possible to see Facebook timelines as contemporary ways of articulating and creating personal memoirs, based on their auto/biographical densities, their order and their space-time dynamics, supported by the infrastructure of the digital curation undertaken by the users of the personal profiles selected in our research.

Key-words: digital curation; auto/biography; archive; memory; social networks; Facebook.

Índice de figuras

Figura 1 – Captura de tela do <i>site</i> www.curadoriadigital.com.br . Acesso em 07/03/2017.....	30
Figura 2 – Captura de tela do meu perfil pessoal no Facebook (10/03/2017).....	42
Figura 3 – Captura de tela da seleção da audiência para uma postagem (10/03/2017).....	42
Figura 4 – Foto tirada no Chile, na comunidade de <i>El Quisco</i> , em visita à casa de Pablo Neruda (2010), postada em 2011, por uma amiga.....	50
Figura 5 – Foto de festa de formatura, ocorrida em 2011, ao lado de amigos de turma. A foto foi postada em 14 de março, fruto de um compartilhamento, embora a festa tenha ocorrido dias antes.	51
Figura 6 – Homenagem de um amigo, postada em 14 de março, referente ao evento de minha defesa de dissertação mestrado, ocorrida em 13 de março de 2014.....	51
Figura 7 – Foto postada em 2013, em lembrança ao período de intercâmbio no Chile, no segundo semestre de 2010.	52
Figura 8 – Captura de tela da Central de Ajuda do Facebook. Disponível em https://www.facebook.com/help/170116376402147?helpref=faq_content . Acesso em 09/05/2017.....	77
Figura 9 – Páginas 33 e 34 de Roland Barthes por Roland Barthes (1978), traduzido para o espanhol.....	93
Figura 10 – Páginas 35 e 36 de Roland Barthes por Roland Barthes (1978), traduzido para o espanhol.....	94
Figura 11 – Páginas 49 e 50 de Roland Barthes por Roland Barthes (1978), traduzido para o espanhol.....	94
Figura 12 – A s publicações da linha do tempo como cronotopo, com base em Page(2010)	106
Figura 13 – Captura de tela da seção “Nossa História” da página Newsroom do Facebook. Disponível em: http://br.newsroom.fb.com/company-info/ . Acesso em 13/04/2017.....	131
Figura 14 – Convite aos participantes de pesquisa. Acesso em 29 abr. 2016.....	134
Figura 15 – Publicação de MR (31/12/2014).....	154
Figura 16 – Publicação de MR (I) (24/12/2014).....	154
Figura 17 – Publicação de MR (II) (24/12/2014).....	154
Figura 18 – Publicação de MR (22/12/2014).....	155
Figura 19 – Publicação de MR (I) (08/12/2014).....	157
Figura 20 – Publicação de MR (II) (08/12/2014).....	157
Figura 21 – Publicação de MR (07/12/2014).....	158

Figura 22 – Publicação de MR (02/12/2014)	159
Figura 23 – Publicação de MR (I) (29/11/2014)	160
Figura 24 – Publicação de MR (II) (29/11/2014).....	161
Figura 25 – Publicação de MR (25/11/2014)	162
Figura 26 – Publicação de MR (28/10/2014)	162
Figura 27 – Publicação de MR (26/10/2014)	162
Figura 28 – Publicação de MR (23/10/2014)	163
Figura 29 – Publicação de MR (20/10/2014)	165
Figura 30 – Publicação de MR (08/10/2014)	165
Figura 31 – Publicação de MR (04/10/2014)	165
Figura 32 – Publicação de MR (02/10/2014)	166
Figura 33 – Publicação de MR (25/09/2014)	166
Figura 34 – Publicação de MR (15/09/2014)	167
Figura 35 – Publicação de MR (10/09/2014)	167
Figura 36 – Publicação de MR (09/09/2014)	168
Figura 37 – Publicação de MR (08/09/2014)	168
Figura 38 – Publicação de MR (05/09/2014)	171
Figura 39 – Publicação de MR (13/08/2014)	171
Figura 40 – Publicação de MR (10/08/2014)	171
Figura 41 – Publicação de MR (02/08/2014)	171
Figura 42 – Publicação de MR (23/07/2014)	171
Figura 43 – Publicação de MR (14/07/2014)	172
Figura 44 – Publicação de MR (05/07/2014)	173
Figura 45 – Publicação de AP (I) (26/12/2014)	176
Figura 46 – Publicação de AP (II) (26/12/2014)	177
Figura 47 – Publicação de AP (III) (26/12/2014).....	177
Figura 48 – Publicação de AP (I) (25/12/2014)	178
Figura 49 – Publicação de AP (II) (25/12/2014)	178
Figura 50 – Publicação de AP (III) (25/12/2014).....	179
Figura 51 – Publicação de AP (20/12/2014)	180
Figura 52 – Publicação de AP (19/12/2014)	180
Figura 53 – Publicação de AP (13/12/2014)	181
Figura 54 – Publicação de AP (10/12/2014)	183
Figura 55 – Publicação de AP (11/12/2014)	183

Figura 56 – Publicação de AP (04/12/2014)	183
Figura 57 – Publicação de AP (1º/12/2014)	184
Figura 58 – Publicação de AP (30/11/2014)	186
Figura 59 – Publicação de AP (24/11/2014)	187
Figura 60 – Publicação de AP (I) (16/11/2014)	188
Figura 61 – Publicação de AP (II) (16/11/2014)	188
Figura 62 – Publicação de AP (III) (16/11/2014).....	189
Figura 63 – Publicação de AP (28/10/2014)	191
Figura 64 – Publicação de AP (I) (26/10/2014)	192
Figura 65 – Publicação de AP (II) (26/10/2014).....	192
Figura 66 – Publicação de AP (19/10/2014)	192
Figura 67 – Publicação de AP (18/10/2014)	192
Figura 68 – Publicação de AP (09/10/2014)	193
Figura 69 – Publicação de AP (02/10/2014)	193
Figura 70 – Publicação de AP (21/09/2014)	194
Figura 71 – Publicação de AP (20/09/2014)	195
Figura 72 – Publicação de AP (18/09/2014)	195
Figura 73 – Publicação de AP (14/09/2014)	196
Figura 74 – Publicação de AP (09/09/2014)	196
Figura 75 – Publicação de AP (31/08/2014)	197
Figura 76 – Publicação de AP (31/08/2014)	197
Figura 77 – Publicação de AP (I) (26/08/2014)	198
Figura 78 – Publicação de AP (II) (26/08/2014).....	199
Figura 79 – Publicação de AP (III) (26/08/2014).....	199
Figura 80 – Publicação de AP (10/08/2014)	200
Figura 81 – Publicação de AP (03/08/2014)	200
Figura 82 – Publicação de AP (I) (02/08/2014)	201
Figura 83 – Publicação de AP (II) (02/08/2014).....	201
Figura 84 – Publicação de AP (31/07/2014)	202
Figura 85 – Publicação de AP (28/07/2014)	203
Figura 86 – Publicação de AP (02/07/2014)	204
Figura 87 – Publicação de AP (22/07/2014)	204
Figura 88 – Publicação de AP (15/07/2014)	205
Figura 89 – Publicação de AP (I) (08/07/2014)	205

Figura 90 – Publicação de AP (II) (08/07/2014)	205
Figura 91 – Publicação de AP (III) (08/07/2014).....	205
Figura 92 – Publicação de AP (IV) (08/07/2014)	206
Figura 93 – Publicação de AP (V) (08/07/2014).....	206
Figura 94 – Publicação de AP (VI) (08/07/2014)	206
Figura 95 – Publicação de AP (VII) (08/07/2014)	206
Figura 96 – Publicação de AP (04/07/2014)	208
Figura 97 – Publicação de GR (26/12/2014).....	209
Figura 98 – Publicação de GR (I) (22/12/2014).....	209
Figura 99 – Publicação de GR (II) (22/12/2014).....	209
Figura 100 – Publicação de GR (I) (07/12/2014).....	210
Figura 101 – Publicação de GR (II) (07/12/2014).....	210
Figura 102 – Publicação de GR (02/12/2014).....	210
Figura 103 – Publicação de GR (19/11/2014).....	211
Figura 104 – Publicação de GR (09/11/2014).....	212
Figura 105 – Publicação de GR (I) (06/11/2014).....	213
Figura 106 – Publicação de GR (II) (06/11/2014).....	213
Figura 107 – Publicação de GR (02/11/2014).....	214
Figura 108 – Publicação de GR (30/10/2014).....	215
Figura 109 – Publicação de GR (28/10/2014).....	215
Figura 110 – Publicação de GR (25/10/2014).....	216
Figura 111 – Publicação de GR (24/10/2014).....	216
Figura 112 – Publicação de GR (25/10/2014).....	218
Figura 113 – Publicação de GR (22/10/2014).....	218
Figura 114 – Publicação de GR (16/10/2014).....	218
Figura 115 – Publicação de GR (I) (06/10/2014).....	218
Figura 116 – Publicação de GR (II) (06/10/2014).....	218
Figura 117 – Publicação de GR (1º/10/2014).....	219
Figura 118 – Publicação de GR (29/09/2014).....	221
Figura 119 – Publicação de GR (I) (26/09/2014).....	221
Figura 120 – Publicação e GR (II) (26/09/2014).....	221
Figura 121 – Publicação de GR (25/09/2014).....	221
Figura 122 – Publicação de GR (I) (24/09/2014).....	223
Figura 123 – Publicação de GR (II) (24/09/2014).....	223

Figura 124 – Publicação de GR (11/09/2014).....	225
Figura 125 – Publicação de GR (05/09/2014).....	225
Figura 126 – Publicação de GR (03/09/2014).....	226
Figura 127 – Publicação de GR (28/08/2014).....	228
Figura 128 – Publicação de GR (09/08/2014).....	228
Figura 129 – Publicação de GR (07/08/2014).....	229
Figura 130 – Publicação de GR (02/08/2014).....	230
Figura 131 – Publicação de GR (25/07/2014).....	230
Figura 132 – Publicação de GR (13/07/2014).....	232
Figura 133 – Publicação de GR (12/07/2014).....	232
Figura 134 – Publicação de DS (22/12/2014).....	234
Figura 135 – Publicação de DS (11/12/2014).....	235
Figura 136 – Publicação de DS (07/12/2014).....	235
Figura 137 – Publicação de DS (30/11/2014).....	237
Figura 138 – Publicação de DS (29/11/2014).....	238
Figura 139 – Publicação de DS (22/11/2014).....	240
Figura 140 – Publicação de DS (18/11/2014).....	241
Figura 141 – Publicação de DS (14/11/2014).....	241
Figura 142 – Publicação de DS (09/11/2014).....	243
Figura 143 – Publicação de DS (28/10/2014).....	243
Figura 144 – Publicação de DS (I) (27/10/2014).....	244
Figura 145 – Publicação de DS (II) (27/10/2014).....	244
Figura 146 – Publicação de DS (III) (27/10/2014).....	245
Figura 147 – Publicação de DS (16/10/2014).....	246
Figura 148 – Publicação de DS (06/10/2014).....	246
Figura 149 – Publicação de DS (13/09/2014).....	247
Figura 150 – Publicação de DS (18/08/2014).....	249
Figura 151 – Publicação de DS (09/08/2014).....	249
Figura 152 – Publicação de DS (04/08/2014).....	251
Figura 153 – Publicação de DS (21/07/2014).....	251
Figura 154 – Publicação de DS (I) (13/07/2014).....	252
Figura 155 – Publicação de DS (II) (13/07/2014).....	252
Figura 156 – Publicação de DS (1º/07/2014).....	252
Figura 157 – Publicação de AR (I) (08/07/2014).....	254

Figura 158 – Publicação de AR (II) (08/07/2014).....	254
Figura 159 – Publicação de AR (III) (08/07/2014)	254
Figura 160 – Publicação de AR (IV) (08/07/2014)	254
Figura 161 – Publicação de AR (22/07/2014)	255
Figura 162 – Publicação de AR (09/08/2014).....	255
Figura 163 – Publicação de AR (26/08/2014).....	256
Figura 164 – Publicação de AR (29/08/2014).....	257
Figura 165 – Publicação de AR (31/08/2014).....	257
Figura 166 – Publicação de AR (14/09/2014).....	258
Figura 167 – Publicação de AR (17/09/2014).....	259
Figura 168 – Publicação de AR (21/09/2014).....	259
Figura 169 – Publicação de AR (26/09/2014).....	259
Figura 170 – Publicação de AR (I) (29/09/2014).....	259
Figura 171 – Publicação de AR (II) (29/09/2014).....	259
Figura 172 – Publicação de AR (1º/10/2014).....	260
Figura 173 – Publicação de AR (05/10/2014).....	260
Figura 174 – Publicação de AR (II) (05/10/2014).....	260
Figura 175 - Publicação de AR (09/10/2014).....	263
Figura 176 – Publicação de AR (I) (12/10/2014).....	263
Figura 177 – Publicação de AR (II) (12/10/2014).....	264
Figura 178 – Publicação de AR (13/10/2014).....	265
Figura 179 – Publicação de AR (15/10/2014).....	265
Figura 180 – Publicação de AR (I) (20/10/2014).....	266
Figura 181 – Publicação de AR (II) (20/10/2014).....	268
Figura 182 – Publicação de AR (26/10/2014).....	268
Figura 183 – Publicação de AR (I) (27/10/2014).....	268
Figura 184 – Publicação de AR (II) (27/10/1014).....	268
Figura 185 – Publicação de AR (28/10/2014).....	268
Figura 186 – Publicação de AR (13/11/2014).....	268
Figura 187 – Publicação de AR (15/11/2014).....	270
Figura 188 – Publicação de AR (24/11/2014).....	270
Figura 189 – Publicação de AR (28/11/2014).....	271
Figura 190 – Publicação de AR (04/12/2014).....	271
Figura 191 – Publicação de AR (05/12/2014).....	271

Figura 192 – Publicação de AR (07/12/2014).....	272
Figura 193 – Publicação de AR (08/12/2014).....	272
Figura 194 – Publicação de AR (09/12/2014).....	272
Figura 195 – Publicação de AR (11/12/2014).....	272
Figura 196 – Publicação de AR (14/12/2014).....	273
Figura 197 – Publicação de AR (18/12/2014).....	273
Figura 198 – Publicação de AR (I) (19/12/2014).....	273
Figura 199 – Publicação de AR (II) (19/12/2014).....	273
Figura 200 – Publicação de AR (23/12/2014).....	273
Figura 201 – Publicação de AR (24/12/2014).....	274
Figura 202 – Publicação de AR (2014).....	274
Figura 203 – Captura de tela de SB (04/10/2017): compartilhamento de notícia.....	283
Figura 204 – Captura de tela de AL (04/10/2017): publicação de evento de vida.....	283
Figura 205 – Captura de tela de GC (04/10/2017): foto de animação de estimação.....	283
Figura 206 – Captura de tela de HC (04/10/2017): casamento do qual participou como convidada.....	283
Figura 207 – Captura de tela de AC (04/10/2017): relato sobre falecimento de amiga.....	284
Figura 208 – Captura de tela de GG (04/10/2017): compartilhamento de citação de conto..	284
Figura 209 – Captura de tela de JZ (04/10/2017): compartilhamento de sentimento	284
Figura 210 – Captura de tela de IM (04/10/2017): marcação de amigos e check-in em restaurante.....	284

Sumário

INTRODUÇÃO.....	19
Um perfil e uma cronologia: a linha do tempo do Facebook	19
Apresentação dos capítulos	23
CAPÍTULO I Curadoria de si na linha do tempo do Facebook	25
1.1 Curadoria e curador: significados, pressupostos, usos correntes e apropriações terminológicas	26
1.2 A curadoria digital e os algoritmos	35
1.3 Facebook e o impulso das curadorias digitais em <i>sites</i> de redes sociais	37
1.4 Curadoria como arquivo: registro, memória e heterotopia.....	44
CAPÍTULO II “Olhe-me: a autobiografia sou eu!” (?).....	67
2.1 Uma visita ao “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune	67
2.2 Paralelos entre o diário pessoal e as linhas do tempo do Facebook	74
2.3 O espaço biográfico de Leonor Arfuch	80
2.4 A vida como relato na <i>web</i> : formas de expressão e temporalidades	108
2.5 Facebook, linha do tempo e autobiografia: hibridização e fragmentação na vitrine....	122
CAPÍTULO III Aspectos metodológicos da pesquisa.....	126
3.1 Algumas considerações sobre a propriedade qualitativa da metodologia.....	127
3.2 Contexto de pesquisa: alguns dados sobre o Facebook e o recurso “linha do tempo”. 129	
3.3 Implicações do Comitê de Ética em Pesquisa para a seleção dos participantes.....	132
3.4 Procedimentos de geração de dados a partir das linhas do tempo dos sujeitos.....	136
3.5 Questionários abertos autoaplicados como fonte acessória de dados.....	138
3.6 Uma proposta de análise: ler as linhas do tempo como “textos” auto/biográficos.....	145
3.7 Objetivos gerais e específicos de pesquisa	149
3.8 Respostas a perseguir, perguntas a responder	150
CAPÍTULO IV Análise e discussão dos dados	151
4.1 Linhas do tempo de perfis pessoais privados	152
4.1.1 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de MR	152
4.1.2 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de AP	174
4.1.3 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de GR.....	208
4.1.4 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de DS	233
4.1.5 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de AR.....	252
4.2. Condições gerais dos processos de produção de sentido nas linhas do tempo.....	276

CONSIDERAÇÕES FINAIS	287
REFERÊNCIAS	293
APÊNDICES	299
Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	299
ANEXOS	302
Anexo 1: Questionários abertos autoaplicados.....	302

INTRODUÇÃO

“Nem o Narciso mitológico seria tão autocentrado. Aquele que morreu afogado ao se apaixonar por sua figura refletida em um espelho d'água poderia argumentar que não sabia que via um reflexo. Como muitos usuários de redes sociais, ele se apaixonou por uma tela e sucumbiu ao confundi-la com a realidade. Essa confusão entre o real e o fictício publicado é uma das faces mais assustadoras do narcisismo digital. Muitos têm uma visão de realidade tão distorcida pela percepção alheia, tão fragmentada e amplificada pelos perfis e grupos a que pertencem, que geram especulações maiores do que pode supor sua vã fenomenologia. A vida na vitrine da interface, livre da moderação e da compostura que qualquer grupo social demanda, cria uma gigantesca câmara de eco, em que mensagens são referências de referências de referências, perdendo significado e substância no processo”.

(LULI RADFAHRER, O Facebook como espelho.)

Um perfil e uma cronologia: a linha do tempo do Facebook

Não é uma novidade afirmar que possuir um perfil pessoal no Facebook é uma realidade para grande parte dos brasileiros. Ime Archbong, diretor de parcerias estratégicas da rede social, divulgou na *Campus Party Brasil 2016* – evento de tecnologia que acontece anualmente no país – que 8 em cada 10 brasileiros conectados estão no Facebook¹. Essa enormidade de usuários não só comprova a popularidade da rede social em território brasileiro, mas também instiga a pensar sobre a complexidade dos usos, gerais e específicos, que se tem dela. Em se tratando de usos gerais, a criação de um perfil possibilita que o indivíduo que decidiu fazer parte da rede social exponha informações pessoais e/ou de interesse pessoal de caráter diverso para a visualização de outros usuários. Já em termos de usos específicos, percebe-se a priorização de formas diversificadas de publicações de acordo com o grau de habilidade e compreensão para se apropriar dos instrumentos fornecidos pelo *site*: há pessoas que postam mais fotos pessoais, outras que privilegiam o compartilhamento de notícias, outras que divulgam textos autorais, outras que compartilham textos de caráter humorístico e assim por diante.

Muito desse privilégio por certo tipo de informação tem a ver com a própria subjetividade dos indivíduos. Mas não é só isso. Há também “balizas editoriais” – e pessoais –

¹Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>. Acesso em 06/07/2016.

que são criadas com base em quem pode fazer a leitura e a visualização dos conteúdos publicados no que se chama *linha do tempo*. Poderíamos, desta maneira, tentar reproduzir os pensamentos de um enunciador hipotético: “Publico, porque alguém me vê e me lê. Compartilho com algum propósito, mesmo que ele seja autocentrado e até egoísta. Mais do que tudo: faço escolhas; e são essas escolhas que comportam a maneira como quero me mostrar ao outro”. Essas escolhas se mostram e se ocultam na linha do tempo do usuário, a todo momento.

A linha do tempo foi reconfigurada algumas vezes desde o surgimento do Facebook em 2004, mas a maneira mais recente com a qual ela se estabilizou faz remissão a uma cronologia de vida. Esse arranjo cronológico tem um ponto de partida marcado pela data de nascimento dos usuários – embora nada tenha a ver com o momento de início do uso da rede social – quando eles decidem compartilhá-la, e não apresenta um ponto de encerramento, uma vez que supostamente os usuários poderiam continuar a publicar suas postagens sem pressupor um fim para essa atividade. É necessário ressaltar, também, que a linha do tempo é diferente do Feed. Este se apresenta em uma coluna central na página inicial do usuário e mostra a publicação de amigos e páginas seguidas. Existe a possibilidade de realizar uma modalização do que gostaríamos de ver no Feed com base no uso de opções como “não quero ver isso”, o que resulta numa reconfiguração do algoritmo da rede social e em sua adaptação para os gostos e interesses principais do usuário.

Dessa forma, é possível asseverar que o principal propósito da linha do tempo é a organização cronológica das informações publicadas no perfil do usuário do Facebook. Esses conteúdos sobre o indivíduo ficam arquivados e, agrupados, *contam* “uma história” individual. A escolha por esse objeto de pesquisa se dá, portanto, porque considero o Facebook uma rede social de grande alcance e que tem, aparentemente, exposto uma forma particular de agir e de pensar em relação ao mundo, suas instituições, pessoas, tecnologias etc. Desse modo, seu exame empírico pode revelar o reflexo de uma ansiedade, impulso ou pulsão por dar conta de informações e transformá-las em presentificação e, até mesmo, num modo de fixação da existência, ao preservá-las num mesmo espaço virtual. As motivações para o domínio dessas informações partem do julgamento de que são tão dispersivas e efêmeras, tão rápidas e contingentes, que não dariam conta de constituir, *a priori*, uma memória; embora, como veremos, recordações sejam com frequência mobilizadas em atualizações feitas pelos usuários, como arquivos que são trazidos à tona.

Além disso, quando se trata de possibilidades, temas e estruturas de publicação, aos usuários é oferecida a oportunidade de fazer postagens com links de notícias, com fotos pessoais, com vídeos do YouTube, com vídeos de câmera do celular, com GIFs animados etc.

Esse alcance de ações termina por conferir uma estrutura que vai se atualizando constantemente, por parte de usuários assíduos, e que permite, segundo o que se propõe neste estudo, fazer uma *leitura auto/biográfica do sujeito*, dado que as escolhas por certas publicações pode fornecer indicativos de como o indivíduo gostaria de ter sua imagem encarada e visualizada por pessoas que com ele se relacionam no Facebook.

Essas escolhas têm a ver com o que aqui se procura conceituar, com ressignificações particulares, como *curadoria digital*. Esta tese, assim, questiona também o que o conceito de curadoria pode aportar e acrescentar, em termos de análise, à teoria relativa à autobiografia em sua intersecção com as redes sociais, sendo estas responsáveis, segundo a perspectiva adotada neste estudo, pela transformação de nossas subjetividades, contemporaneamente. Parte-se, desse modo, do pressuposto de que é possível realizar a reconstituição de narrativas implícitas e trajetórias individuais, que vão se construindo por meio dos elementos elencados e publicados pelos sujeitos na composição de suas linhas do tempo. Nessas publicações, consegue-se reconhecer vestígios auto/biográficos, produzidos diretamente, ou não, por parte dos usuários do Facebook.

Evitando, pois, que o uso da noção de curadoria digital seja entendido como inflação teórica ao invés de uma necessidade conceitual, faz-se necessário apontar o alcance de tal aporte na articulação das questões confrontadas nesta pesquisa, que outro conceito não teria, principalmente no que se refere às teorias sobre auto/biografia. Considera-se, primeiramente, que os pressupostos da curadoria digital articulam tanto o aspecto de aproveitamento de outras vozes e sua organização em um mesmo espaço-tempo – a própria interface da linha do tempo –, o que aproxima, por exemplo, heterotopia foucaultiana e dialogismo bakhtiniano, para a compreensão das dinâmicas de funcionamento do objeto investigado. Em segundo lugar, interpreta-se que os mesmos pressupostos permitem uma melhor compreensão da infraestrutura tecnológica, exemplificada pela curadoria algorítmica, que sustenta a reatualização de práticas como a colagem e/ou a montagem, no que concerne à articulação de elementos díspares, em termos espaço-temporais, representados por fragmentos de origens e modalidades diversas.

Em termos metodológicos, há dois pontos fundamentais, que previamente explicitados, guiarão o leitor pelos percursos traçados na investigação. O primeiro diz respeito ao meu lugar como pesquisadora-*insider* (HODKINSON, 2005 apud AMARAL, 2009) quanto à metodologia de pesquisa. Li a linha do tempo dos participantes, voltando ao segundo semestre do ano de 2014. Desse modo, não observei as interações e/ou performances interacionais que mantinham os voluntários da pesquisa. Diferentemente disso, examinei as linhas do tempo como *arquivos pessoais*, ou seja, li os elementos reunidos pelo expediente da curadoria digital.

Em outras palavras, as dinâmicas de interação próprias das redes sociais ficam à margem deste estudo. Como pesquisadora, assumo a perspectiva de um “*stalker* obsequioso”, mas não menos interessado em revolver e rastrear esses arquivos pessoais como quem remexe gavetas e lê diários, por exemplo. A diferença se dá pela natureza do acionamento dessa postura, uma vez que fui autorizada para isso. Esse procedimento de leitura é aproveitado em um segundo ponto metodológico fundamental: a metodologia de análise, a qual se alinha à leitura da linha do tempo pela barra de rolagem, tanto na apreciação individual das postagens, como no exame crítico de suas justaposições.

Tomei a decisão, nos últimos meses de investigação e com o amadurecimento das leituras e das reflexões próprias do andamento da pesquisa, de marcar na escrita o termo como – antes passei pela grafia (auto)biográfico – *auto/biográfico* (com uma barra), para diferenciar e determinar tanto os discursos produzidos diretamente pelo indivíduo que está em posse de um perfil pessoal na rede social, como também as publicações oriundas de terceiros, sejam eles outros usuários ou páginas. A insistência nessa diferença se dá porque, a princípio, o que é produzido pelo próprio indivíduo reserva ainda o caráter mais seminal de uma das acepções do prefixo “auto-”, que designa “aquilo que é próprio” e poderia ser tomado, ao menos em uma leitura inicial, como pessoal ou, até mesmo, *autoral*. É claro que existem usuários do Facebook que copiam e colam textos de autorias outras ou ainda investem simplesmente no compartilhamento de publicações oriundas de outros perfis ou páginas. No entanto, o que é biográfico, em contrapartida, expressa-se mais marcadamente no empréstimo de outros discursos e, por consequência, de outras vozes, para reportar a si mesmo publicamente. Portanto, assinalar na escrita essa barra significa enfatizar o trânsito próprio desses dois gêneros – biografia e autobiografia –, que remontam à expressão de uma subjetividade contemporânea.

Além disso, ao longo da investigação, fui questionada algumas vezes sobre o valor *auto/biográfico* do Facebook e das linhas do tempo, quando era indagada sobre minha pesquisa. Isso me levou, em vários momentos, a ter que justificar a validade do estudo, que para muitas pessoas com quem dialoguei, em encontros acadêmicos e formais ou de natureza mais informal, já estava resolvido, porque para esses interlocutores “não havia autobiografia no Facebook”. Esse tipo de contestação faz com que seja necessário apontar alguns dos caminhos que levaram a essa abordagem e a buscar as teorias de autobiografia para a interpretação dos dados recolhidos durante a pesquisa, demonstrando, assim, os vários porquês de as linhas do tempo serem tomadas, aqui, como formas de expressão *auto/biográfica*, capazes de evidenciar a dimensão subjetiva dos indivíduos.

O *corpus* da análise foi delimitado de uma forma que pode ter a aparência da arbitrariedade. No entanto, o foco do estudo está na vida de “gente comum”. Não era objetivo da investigação estudar perfis de pessoas famosas ou balizar-se por um traço compartilhado pelos participantes, decidido *a priori*. Se o pressuposto era investigar uma expressão auto/biográfica, apoiada na curadoria digital de si, não havia razão para que isso não acontecesse com qualquer indivíduo, usuário assíduo da rede social. Assim, considerei relevante buscar, ainda que não pudesse controlar se a escolha dos participantes se comporia por certa homogeneidade ou heterogeneidade, a participação de informantes voluntários para a investigação. Por essa razão, em minha página pessoal, publiquei um anúncio para convidar pessoas que quisessem participar do estudo e, ao final do processo, foram alcançadas vinte e cinco participações. Das linhas do tempo do Facebook desses participantes, foi considerado para o recorte analítico o período de tempo que contempla, como já mencionado, os meses de julho a dezembro de 2014. Para além desse recorte, que configura nosso *corpus* principal, uma fonte de dados acessória composta por questionários abertos autoaplicados foi fornecida aos participantes, com a finalidade de compreender suas crenças gerais a respeito das práticas que experimentam na rede social.

Apresentação dos capítulos

Até aqui, procurou-se situar o alcance da investigação, bem como as expectativas do leitor em relação à apreensão do trabalho. Nesta seção, apresenta-se o modo como está organizada a tese, expondo de forma breve o conteúdo dos capítulos, de modo a sintetizar as etapas do itinerário de leitura.

No Capítulo I, apresenta-se a primeira parte da fundamentação teórica do trabalho, destinada a discutir a curadoria, nos pontos de contato que tal prática estabelece com o objeto de pesquisa: as linhas do tempo do Facebook. Busca-se, nessa parte da exposição teórica, traçar uma espécie de genealogia do termo curadoria ao longo do tempo, enfocando as áreas em que a prática tem se difundido e nas quais sua definição tem sido empregada, para preparar o campo das incursões analíticas e, finalmente, chegar às acepções que nos são caras no caso da curadoria digital. Mais amplamente, esse capítulo visa a preparar o terreno para a possibilidade de empregos teóricos do termo e de sua conceituação na Linguística Aplicada, quando este campo de estudos da linguagem se volta ao trabalho com objetos cujas bases de atuação são os processos e as operações curatoriais. Esses apontamentos serão mais bem explicitados na apresentação das considerações finais acerca do estudo.

No Capítulo II, explora-se a segunda parte da fundamentação teórica da pesquisa que subsidia as reflexões em relação à percepção de que as linhas do tempo podem ser compreendidas como expressões auto/biográficas, em especificidades que, em um jogo de aproximação e distanciamento dos gêneros autobiográficos aceitos como tal ao longo de uma tradição teórica consolidada, validam uma leitura auto/biográfica dessa modalidade pertencente ao espaço biográfico, pensado por Leonor Arfuch, com base nos estudos seminais de Phillippe Lejeune para a autobiografia. No capítulo em questão, persegue-se, portanto, a teoria sobre a autobiografia, sobre o espaço biográfico, sobre os relatos de si na *web* e, finalmente, sobre as hibridizações que resultam numa narrativa fragmentada e, ainda assim, auto/biográfica das linhas do tempo, de modo a guiar o leitor pelos caminhos investigativos que contribuem para nossa análise.

No Capítulo III, discutem-se os aspectos metodológicos do trabalho. Nele, pontuam-se os encaminhamentos conferidos à nossa proposta específica de análise, que envolve a leitura das linhas do tempo como discursos autobio/gráficos, tratando de justificá-la em relação à teoria e aos propósitos pretendidos pela pesquisa. Explicam-se, ainda, as implicações do Comitê de Ética em Pesquisa para a seleção dos participantes voluntários. Além disso, explicitam-se as justificativas para as perguntas do questionário aberto autoaplicado. Em seguida, explicitam-se os objetivos gerais e empíricos da investigação e as questões que norteiam sua execução e consecução.

No Capítulo IV, expõem-se as incursões analíticas pensadas para a interpretação dos dados à luz das teorias discorridas nos dois primeiros capítulos e do percurso metodológico elucidado no terceiro capítulo. Apesar de a pesquisa contar com a participação de vinte e cinco voluntários que são usuários do Facebook, optou-se por focalizar a análise de cinco linhas do tempo, elencadas a partir de suas singularidades constitutivas, a fim de permitir uma discussão mais aprofundada sobre os critérios que condicionam o exame do objeto de pesquisa. É a partir dessa análise mais detalhada que se faz possível traçar a argumentação acerca das condições gerais nas quais se baseia a articulação e produção de sentidos do arquivo pessoal e auto/biográfico da linha do tempo da rede social investigada.

Por fim, nas Considerações Finais, o problema geral da tese é retomado e explorado sob a perspectiva da densidade auto/biográfica na constituição da linha do tempo, de suas mecânicas e dinâmicas curatoriais e da relação entre seu funcionamento e a memória. Além disso, são apontadas algumas das problemáticas que surgiram ao longo do percurso de pesquisa e sugestões para abordagens que levem em conta as redes sociais, a curadoria digital e as novas modalidades de fazer auto/biográfico.

CAPÍTULO I

Curadoria de si na linha do tempo do Facebook

*Criar meu website
Fazer minha homepage
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje
Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
(Gilberto Gil, “Pela internet”).*

*Bruxo, descobrimos seu truque
Defenda-se já
No tribunal do Feicebuqui
(Tom Zé, “Tribunal do Feicebuqui”).*

Considero conveniente explicar a apropriação que faço da expressão “de si” no título desta tese de doutorado e mais especificamente neste capítulo, acompanhada do termo “curadoria”, um dos cerne do estudo aqui explorado. Isso porque, logo de início, o leitor pode associar esses significantes às “escritas de si” e/ou às “tecnologias (técnicas) de si” de Michel Foucault, o que não é de maneira alguma equivocado, mas merece as devidas ressalvas.

Na paisagem mais ampla de discursos sobre o eu, Diana Klinger (2006) assevera que o filósofo francês demonstrou que a escrita de si não se caracteriza somente como um registro do eu – considerando um movimento que vem da Antiguidade Clássica, passa pelo cristianismo da Idade Média e perdura até hoje – mas “*constitui* o próprio sujeito, *performa* a noção de indivíduo” (KLINGER, 2006, p. 25; grifo da autora).

Desejo, pois, afirmar minha concordância com essa noção de escrita de si, mas também dizer que, em se tratando de curadoria digital em um *site* de rede social como o Facebook, a escrita de si não é (necessariamente) uma escrita sobre si de modo direto e explicitado pela primeira pessoa do singular gramatical. Então, assumo a posição de que as publicações que compõem a linha do tempo do perfil individual², que por vezes não são fruto da produção escrita pessoal do indivíduo, ainda assim podem representar um modo de

² Para que se esclareçam essas noções desde o primeiro momento: “**Perfil** (espaço em que o usuário se descreve, a partir de um pequeno banco de dados, profissão, instituição em que trabalha, entre outros); a **Linha do Tempo** (página dentro da rede, que é própria ao usuário, onde se alojam todas as suas mensagens, tudo o que compartilhou com seus amigos, tudo o que curtiu, todos os convites e solicitações que recebeu, organizados em ordem cronológica)” (RENDEIRO e RIBEIRO, 2012, p.11; grifo das autoras).

subjetivação e se enquadrar, conseqüentemente, como expressão auto/biográfica contemporânea, de acordo com o que argumentarei adiante.

1.1 Curadoria e curador: significados, pressupostos, usos correntes e apropriações terminológicas

Em uma pesquisa que se propõe a utilizar extensamente o termo curadoria e ampliar seu entendimento como prática discursiva digital nas redes sociais, enfocando principalmente o Facebook, é necessário, primeiramente, que se fale de sua origem, para então explicitar por que neste trabalho nos distanciamos um pouco dela, sem desfazer-nos, no entanto, de sua essência primordial, uma vez que são impostas remodelações e apropriações de uma prática já consolidada como atividade humana em outros campos.

No campo dos estudos da Comunicação, por exemplo, Ramos (2012) realiza um mapeamento exploratório da origem do termo “curador”. A autora identifica a transposição do termo do campo da Arte para o da Comunicação e explicita os usos mais comuns relacionados a ele, demonstrando que, na verdade, sua origem está ligada ao Direito Romano:

Tradicionalmente identificamos o ofício do curador como o do profissional que organiza obras de arte em um museu ou galerias transformando-as em “exposições”, ou seja, em um percurso socialmente legitimado. Como sabemos, obras de arte são bens culturais muitas vezes extremamente valiosos. Um uso anterior do termo na história da cultura pouco citado é no Direito Romano na figura do *curator bonorum*, que criou as bases para a moderna lei de falência. Há também o caso do “cura” católico, que cuidava espiritualmente da paróquia. O dicionário Houaiss (2012) informa que ele era “o saber e a moralidade do lugar” e dá a etimologia da palavra: “lat. *cúra, ae* ‘cuidado, direção, administração, curatela (em linguagem jurídica), tratamento (em linguagem médica), guarda, vigia, objeto ou causa de cuidados ou amor”. (RAMOS, 2012, p.14)

Amaral (2012) nos fornece, igualmente, um breve levantamento da origem dos termos que assinalam, ao mesmo tempo, a atividade relativa à curadoria e o responsável por tal prática:

A palavra curar significa: zelar por, cuidar de, vigiar. Etimologicamente, curador vem do latim “tutor”, “aquele que tem uma administração a seu cuidado”. De acordo com o dicionário, a curadoria é um cargo, poder, função ou administração. As palavras curador e curadoria assumem diferentes significados conforme as especificidades das áreas. Assim, temos a figura do curador como uma espécie de vigia que zela por ou dá tratamento a alguém (no caso da Medicina, por exemplo) ou um especialista que defende um ausente na justiça (no caso do Direito). Em relação às profissões, o significado mais popular de curador, no entanto, é aquele relacionado ao campo das artes visuais, no qual o curador normalmente está vinculado à escolha e execução de um catálogo de obras ou de uma exposição. (AMARAL, 2012, p. 42).

Nota-se que, em se tratando de um entendimento mais recorrente, o papel do curador tem sido, sobretudo, associado à manutenção e exibição de acervos de natureza artístico-cultural. Durante muito tempo, a curadoria foi uma prática restrita a um círculo específico de atores recobertos pela aura da intelectualidade, aos quais pertencia a responsabilidade – uma vez que se tratava de uma figura de autoridade, a quem cabia atribuir valor e legitimidade a certos objetos culturais – sobre as atividades de selecionar, organizar e expor obras e objetos em espaços específicos, tais como os museus, as galerias de arte e ainda, mais anteriormente, os gabinetes de curiosidades³. Apesar dessa função construída historicamente, o trabalho desse profissional vem se modificando, ao deixar de estar restrito aos espaços museais e galerias de arte de prestígio e passar a se estabelecer em novos circuitos⁴. Nos últimos anos, a figura do profissional sofreu um processo de desmitificação, uma vez que hoje existem cursos formadores e uma demanda maior do mercado de arte por novos nomes; ao menos se pensarmos no cenário brasileiro⁵. Também existem equipes que trabalham em prol da elaboração de uma curadoria, deixando de fazer com que o trabalho esteja centralizado sob a responsabilidade de um único profissional.

Segundo a perspectiva do antropólogo e fotógrafo Milton Guran, defendida em seu artigo *Curadoria: Expressão e Função Social*, o curador trabalha num universo de produção de sentido e de atribuição de valor artístico a objetos. Apesar de se referir especificamente ao caso dos objetos fotográficos, Guran afirma que o espaço social da atividade do curador é definido justamente dentro dessa valoração e significação, o que remete também à função de mediação:

Isso porque propor a constituição de coleções, definir temas e enfoques, ordenar, classificar e disponibilizar imagens é também atribuir valor, interpretar sociedades, determinar aquilo que deve ser preservado como indicador da substância cultural de uma determinada sociedade. Portanto, toda curadoria reflete um propósito definido, estabelece valores e nunca é descomprometida. É uma espécie de manifesto estético e cultural – e, portanto, político – cujo critério deve ser transparente e explícito (n.p.).

³ Vale lembrar que a própria origem dos museus e da curadoria em si se dá em virtude dos chamados *gabinetes de curiosidades*, também chamados de *quartos das maravilhas*, lugares onde se colecionavam uma série de objetos e itens estranhos ou raros, durante o período das grandes navegações e explorações dos séculos XVI e XVII.

⁴ Um exemplo de curadoria que buscou explorar um novo formato é a exposição *Quando as atitudes tornam-se forma*, do curador de arte Harald Szeemann, que ocorreu em Berna, em 1969. “Até então as exposições eram guiadas por afinidades formais, estilísticas, cronológicas ou por artistas que faziam parte de um mesmo movimento. Normalmente as obras de arte estavam prontas e eram escolhidas pelo curador, sendo posteriormente expostas. Harald Szeemann propôs aos artistas um desafio a ser efetuado. Aceitou que os artistas apresentassem conceitos e ações que poderiam ser realizados no próprio espaço expositivo, ou até fora dele, a partir do tema sugerido. A essência da exposição não estava nas obras expostas e sim nas “atitudes” decorrentes do processo criativo. (RUPP, 2010, n.p. apud ARANTES, 2011, p.2555).

⁵ Sobre o cenário brasileiro da nova geração de curadores, ver reportagem da *Folha de S. Paulo*: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1274113-longo-do-glamour-nova-geracao-de-curadores-de-museus-e-galerias-tem-rotina-ardua.shtml>. Acesso em 23 jun. 2014.

Desse modo, o autor enfatiza os aspectos criativos e reflexivos da curadoria no estabelecimento de diálogo com o público, além de elucidar uma forma de produzir uma das versões possíveis da memória ao redor de uma temática pré-determinada da história de uma sociedade, indicando o que é digno de ser preservado. Ademais, é importante ressaltar o propósito político e comprometido de uma curadoria, já que a reunião de determinados objetos/obras obedece a uma finalidade específica. Assim, o método curatorial, visto como uma questão de abordagem pessoal, dependente do curador – e de um árduo trabalho de observação e experimentação –, pode adotar outros espaços expositivos para as exposições e conferir um caráter autoral a elas.

Pode-se dizer ainda que uma das pretensões da curadoria é a construção de representações de determinado tema, época, povo, cultura etc. Assim, também estava no seio dessa prática, entendida em seu modo de operação clássico, a eternização de artefatos e, por consequência, a perenização de fatos ou remissões históricas. Essa eternização, como ação ou resultado de tornar permanente, visa ao estabelecimento e à consolidação de uma memória histórica e social, cuja perda é indesejada. No entanto, a impossibilidade de selecionar uma memória em sua completude, isto é, de conservar a totalidade de uma sociedade antiga e de seus costumes, indumentária e modos de agir, por exemplo, torna imprescindível a prática da curadoria, um exercício de seleção. A partir dela, leva-se em conta o que é mais importante – ou, até mesmo, mais representativo – “dentro o que existe”, para que haja uma exposição que contribua para a perduração, no tempo e no espaço, de realidades às quais não temos acesso no tempo e no espaço presentes.

Sendo a memória polifônica⁶, a história se constitui como uma narrativa que vai se oficializando e se torna, em um uso mais corrente, unitária, embora, na verdade, ela não seja uma. Por isso, do ponto de vista histórico, é necessário explicar como se constroem casos variados sobre um mesmo fato, isto é, versões diversas sobre um mesmo objeto que o significam de maneiras diferentes. Diferentes, porque algo é evidenciado e destacado, colocado no centro de um *display* (dispositivo para a apresentação de informações), enquanto outros artefatos são deixados à sua margem ou são dele excluídos.

Há formas específicas de agrupamento e de fragmentação nos processos curatoriais, que nada mais são do que formas de textualização de fatos. No caso das curadorias, o que

⁶ Aqui o termo “memória polifônica” é empregado com o objetivo de distinguir o fato de que, embora o discurso da história seja fruto de vozes distintas, oriundas de setores sociais diversos, os quais são influenciados por condições contextuais específicas, há a produção de um *efeito de univocidade* na tentativa de forjar uma “memória oficial”.

confere mais ou menos poder a elas é a audiência, isto é, o público constituído pelos indivíduos sobre os quais recai a recepção, um dos extremos da mediação proposta pelo curador. A curadoria permite, mesmo ao prescindir da base da adjetivação concretizada verbalmente ou da retórica, por exemplo, que se argumente e/ou se narre algo. A força da prática reside, por isso, na exibição: quando se mostra algo, concomitantemente evidencia-se a possibilidade de argumentação e/ou de narrativa. Assim, também se pode afirmar que existe uma linearização/narrativização do arranjo expositivo, em um movimento de ordenamento discursivo e de narração, que acontece por meio da prática curatorial. Portanto, as curadorias, em geral, dependem da sequência e do que é selecionado para compô-las. Enquanto um artefato sozinho pode não significar nada, quando está em conjunto com outros artefatos, agrega certo valor à seleção, inclusive um valor de consumo, pensando em um produto final de uma curadoria, como já elucidado por Milton Guran.

Foram discutidas até aqui as primeiras ocorrências ligadas aos termos “curador” e “curadoria”, em suas inter-relações mais tradicionais. Ao passo que esta pesquisa trata de uma rede social digital, estabelece-se que a curadoria praticada na *web* seja compreendida como curadoria digital. Antes do aprofundamento dessa questão, é relevante referir-se a outro trabalho, cuja menção se faz importante por utilizar o termo “curadoria digital” em sua relação com o campo da Arte: “Curadoria digital: por uma autonomia da exposição de arte na internet”, de autoria de Ebenezer Takuno Menezes.

Objetivos teóricos e práticos

Fomentar o tema da curadoria digital como uma construção significativa na internet envolvendo obras de arte de museus, de galerias, de coleções individuais, de artistas, de obras concretas ou de criações exclusivamente digitais, sempre respeitando os direitos autorais e o acesso ao patrimônio artístico e cultural formado pela sociedade ao longo da história.

Buscamos investigar o processo de publicação de obras de arte na internet, tendo como objetivo definir parâmetros para um trabalho museológico mais autônomo diante da tecnologia. Considerando a exposição digital dos museus paulistanos e suas práticas de difusão de informações em seus sites institucionais, questionamos os processos a partir de teorias da Comunicação e estudos da Estética. Através do método dialético e de entrevistas com os principais agentes dos museus, além de análise dos sites, vamos desvendar as contradições existentes e tentar explicar os resultados de um trabalho articulado com as novas tecnologias da informação. Mais do que dar respostas ou oferecer regras procedimentais, a proposta é compreender os processos realizados pelos profissionais nos museus, fazendo emergir o que poderíamos chamar de curadoria digital das obras de arte, uma ação museológica interdisciplinar capaz de integrar o campo das artes e das novas tecnologias.

Alguns temas que estão sendo trabalhados:

- Curadoria digital como um trabalho colaborativo e interdisciplinar.
- As obras de arte na cena digital dos museus.
- Cultura digital como ecossistema comunicativo para a arte.
- Os usos das redes sociais pelos museus.
- Habitar a internet para a formação de público.
- A usabilidade dos sites de museus.
- Parâmetros de uma curadoria para obras digitalizadas.
- E mais alguns temas que vão surgindo.

Figura 1 – Captura de tela do *site* www.curadoriadigital.com.br. Acesso em 07/03/2017.

A proposta de trabalho foi submetida ao “Projeto para Bolsa Funarte de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet”, sendo também financiada pela mesma instituição pertencente ao Ministério da Cultura brasileiro. A pesquisa analisou, em 2011, os *sites* dos museus paulistanos, em um estudo que englobou “a navegação sistemática pelo conteúdo publicado, entrevistas com profissionais e a percepção dos usuários”⁷. Nota-se, na exposição dos objetivos teóricos e práticos e nos temas trabalhados pelo projeto, expostos na Figura 1, que a concepção de curadoria digital apresentada pelo pesquisador se refere às obras de arte e à sua divulgação nos *sites* de museus da cidade de São Paulo. Desse modo, vemos que curadoria digital, nesse caso, é uma tentativa de ação museológica interdisciplinar, visando à associação do campo das artes e das novas tecnologias.

A fim de melhor estipular o uso que fazemos do termo “curadoria digital”, cabe ao mesmo tempo apontar seu emprego em outros trabalhos do contexto brasileiro de pesquisa

⁷ Informação contida no *site*: <http://www.curadoriadigital.com.br/?conteudo=projeto&cor=4485a3>. Acesso em 08/03/2017.

acadêmica, não relacionados ao campo de estudo da Linguística Aplicada, como é o caso da Ciência da Informação. A título de exemplificação, temos o artigo de Sayão e Sales (2012), intitulado “*Curadoria Digital: um novo patamar para preservação de dados digitais de pesquisa*”, em que os autores discutem e analisam brevemente a importância da gestão e da conservação dos dados de pesquisa, para assegurar sua descoberta e seu reuso, além de facilitar a comunicação científica.

Também da Ciência da Informação, o artigo “*Curadoria Digital: além da questão da preservação digital*”, de Siebra et al (2013), discute a aplicação da curadoria digital para o tratamento dos Repositórios Institucionais (RIs) e para a preservação da memória científica digital de determinada instituição. Nesse trabalho, a curadoria é encarada como “uma nova área interdisciplinar”, que trata do gerenciamento do objeto digital durante todo o seu ciclo de vida. Afirma-se, ainda, que a preservação digital é apenas uma das etapas do processo de curadoria.

Como explicam Saad Corrêa e Bertocchi (2012), o termo curadoria é um dos exemplos recentes de inovação de ruptura, isto é, do processo pelo qual a sociedade faz a adoção transversal de conceitos diversos já vigentes, o que nada mais é que uma maneira de facilitar a apreensão do novo por todos (CHRISTENSEN, 1997 apud SAAD CORRÊA; BERTOCCHI, 2012). É parte da construção de conhecimento social recorrer à dinâmica de empréstimos conceituais; no entanto, as autoras esclarecem que, na simplificação para o público em geral, pode-se “promover uma fixação errônea de termo – ou, ainda, como consequência disso, temos o perigo de oferecer um baixo aproveitamento do potencial que tal conceito adaptado à cena digital poderia assumir” (SAAD CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p.28).

Em síntese, o ideário em torno do termo curadoria em voga atualmente se articula com a ação humana e com as práticas digitais, as quais, ampliadas para qualquer contexto social, fazem referência, primordialmente, “às atividades de seleção, organização e apresentação de algo a partir de algum critério inerente ao indivíduo curador” (SAAD CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p.29). O desenvolvimento conceitual do termo pode ser vinculado à noção de mediação, isto é, à ideia do curador como alguém capaz de criar conexões ou vínculos entre grupos, públicos e pessoas, os quais são detentores de propostas, objetos e exposições compostos a partir de “modelos de ordem”, como já aludido. Especialmente com a expansão de uma sociedade hipertecnologizada, o termo passa a ser apropriado para uma diversidade de atuações, envolvendo a organização de dados a partir de critérios ou recortes. De acordo com esse contexto, Saad Corrêa e Bertocchi (2012) assumem que a “curadoria de informação”, como a nomeiam, incorpora mais a ideia de organização do que de inauguração de uma nova proposta ou visão de mundo.

Dessa forma, o já consolidado curador das artes ou o curador gestor de patrimônios passam a conviver com milhares de curadores de informações, de músicas, de coletâneas literárias, de programações etc. Como apontou o COM+ (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Mídias Digitais da ECA-USP), em 2012, existe um uso social muito amplo do termo curadoria digital, mas as referências científicas a seu respeito ainda são escassas. Não há ainda um consenso conceitual e empírico, em termos semânticos, acerca do termo e da prática, o que aponta para o processo, ainda em andamento, de construção e consolidação de seu significado⁸.

Hoje, a internet reconfigurou o significado de curadoria, transformando as razões pelas quais ela é executada. Reconfigurada, a curadoria constrói redes de relacionamentos a partir das quais os indivíduos se transformam em uma lista de atributos. Atualmente, não se executa a prática apenas porque o banco de dados em seu crescimento vertiginoso se tornou incomputável para a percepção e apreensão humanas, mas por outros motivos, dentre os quais estão: i) O fato de o banco de dados ter se tornado hipoteticamente acessível em sua totalidade e não possuímos critérios claros para apreendê-lo; ii) A existência de muita informação conflitante e o fato de não termos confiança na realidade produzida por ela; iii) A enormidade de informação e a ansiedade provocada pela suposta necessidade de consumi-la.

Frente à compreensão de que a enorme produção e circulação de informações na *web* requer contexto, Rosenbaum (2011) admite que sua relevância é determinada pela fonte, por quem a produz e pelo espaço onde se publica esse conteúdo informacional. Nesse sentido, segundo o autor, o Facebook adotou uma abordagem diferente, ao encorajar os indivíduos a compartilharem e registrarem, uns com os outros, seu comportamento com “curtidas” – podemos citar ainda a recente inserção de cinco novos botões alternativos ao “curtir”, lançada no Brasil no dia 24 de fevereiro de 2016⁹ – fazendo, desse modo, com que presenciemos a mudança das pesquisas e buscas orientadas pelo computador para as recomendações feitas pelos próprios indivíduos usuários da rede social. De forma ainda mais ampla, ele menciona a emergência de uma “*web* curatoriada” (*curated web*):

O que estamos vendo é o surgimento da *web* curatoriada. Em um mundo de dados intermináveis e incontroláveis, não queremos mais informações. Queremos menos. Queremos os links para as músicas que nossos amigos estão ouvindo, os filmes que nossos amigos estão assistindo, os restaurantes que as

⁸ “A diversidade de associações semânticas ligadas ao termo revela a amplitude de sua apropriação: curadoria de conteúdo, cuidador de informação, filtrador, curadoria digital, editorial, social, jornalística, educativa, do conhecimento, do consumidor, de comunidades, entre outros.” (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p.29).

⁹ Trata-se de reações representadas por emojis que expressam mais do que a aprovação do “joinha”: “Amei”, “Haha”, “Uau”, “Triste” e “Grr”. Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/Facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>. Acesso em: 09/03/2017.

peças com nosso gosto recomendam e as informações das quais precisamos quando as quisermos. (ROSENBAUM, 2011, p.29, tradução minha)¹⁰

Assim, observa-se que a curadoria vem se constituindo como uma atividade cotidiana e generalizada para a grande maioria dos usuários de internet. O Facebook é um exemplo, dentre outros, da autoridade outorgada aos indivíduos, a fim de que encontrem e classifiquem aquilo que buscam na *web*.

A esse respeito, aponte uma possível definição para a curadoria digital em um artigo de 2016, publicado posteriormente à conclusão de minha pesquisa de mestrado, cuja conceituação também é adequada para esta investigação. Ademais, menciono a sua consolidação em diversas atividades sociais, bem como a sua indispensabilidade atual, com base em revisão teórica que venho empreendendo desde então:

[a]inda que não haja uma compreensão uniforme sobre o conceito de curadoria digital por parte dos estudiosos que vêm se debruçando sobre essa prática, poder-se-ia defini-la como a possibilidade de selecionar, organizar e apresentar conteúdo na internet, em diferentes plataformas e redes sociais, a partir de critérios elencados pelos usuários da *web*, sejam estes profissionais da rede ou simples amadores. A ânsia pelo colecionamento de conteúdo específico frente à grande quantidade e diversidade de informações relevantes – com as quais se deparam os consumidores de conteúdos midiáticos constantemente em suas práticas cotidianas – tem sido ampliada pela descentralização da produção e da distribuição do conteúdo que a internet promove. E é esse deslocamento da produção e o aumento da circulação de dados que consolida a necessidade do exercício da curadoria digital. (BARROS, 2016)

Para além disso, considero que a curadoria é a prática, o plano e o projeto específico de transformar todo e qualquer tipo de materialidade textual disponível no imenso banco de dados que é a internet em artefatos interpretáveis pelo outro. Isso pressupõe, vale ressaltar, a questão da recepção e da leitura por parte de destinatários e/ou interlocutores possíveis, porque unifica, para ambas as partes da enunciação promovida pela curadoria digital, aquilo que estava disperso, além de possibilitar a ressignificação de objetos, elementos e artefatos em novos contextos; por exemplo o contexto da linha do tempo do perfil de um usuário do Facebook.

Ademais, as próprias operações curatoriais – ler/ver, interpretar, selecionar e compartilhar – também são um conjunto de práticas que visam a elencar e a articular certos signos, que quando interpretados, produzam e fortaleçam uma determinada versão da realidade.

¹⁰ “What we’re seeing is the emergence of the curated *web*. In a world of endless and unmanageable data, we don’t want more information. We want less. We want the links to the songs our friends are listening to, the films our friends are watching, the restaurants that people with our taste recommend, and the information that we need when we need it.” (ROSENBAUM, 2011, p.29)

Desse modo, a prática curatorial digital também pode ser encarada como uma estratégia de valoração, baseada em uma operação discursiva que sustenta a visibilidade do que é considerado relevante por um indivíduo. A partir de suas particularidades e interesses diante de um mundo hipertecnologizado e repleto de estímulos, signos e conteúdos, toda sorte de materialidades textuais e modalidades pode ser tomada para compor um quadro geral de si mesmo:

[q]uando falamos de curadoria, mesmo a tradicional relacionada à arte, não nos referimos apenas às obras, produtos e textos selecionados. Também está inclusa a autoria que, na *web* contemporânea, pode ser vista como um produto específico. A apresentação dos perfis pessoais, enquanto representação dos indivíduos na *web*, permite que um sujeito se materialize digitalmente através de seus traços e rastros armazenados em *sites* como Google, Facebook, Twitter, LinkedIn, blogs e outros meios. Daí surge a criação de valores sociais que, imbricados com eventos do “mundo físico” se retroalimentam de tudo que é produzido de modo on-line e off-line (cada vez mais infrequente) (SILVA, 2012, p. 19).

É importante destacar das considerações de Silva (2012), a visão de autoria como um produto específico na *web* contemporânea. Não ignoro o fato de que somente a discussão sobre autoria, em si mesma, é bastante profunda e vasta para os estudos da linguagem, mas quero me atentar aqui à maneira como o resultado de uma curadoria pode ser visto como um novo produto textual e como uma expressão da própria visão de mundo de seu “criador”¹¹, o que certamente impõe e estimula reflexões, aponta novos caminhos e apresenta novas questões intelectuais àqueles que entram em contato com essa mediação cultural, agora emprestada aos ambientes digitais.

Observamos, então, que a partir das transformações viabilizadas pelas tecnologias, essa prática se difundiu e se popularizou entre os usuários da *web*. O *curador de internet* trabalha com registros que já são representações voláteis, porque estão desmaterializados online em bits e bytes, zeros e uns da linguagem binária do computador; o que acaba por fazer da prática algo fugaz. Atualmente, as pessoas podem buscar o que querem na internet, executar suas próprias curadorias e expor os seus produtos em redes sociais digitais, porque, quando as executam, estão, ao mesmo tempo, expondo um posicionamento e/ou construindo uma narrativa sobre si mesmas: “o que aqui se publica e se faz presente merece visibilidade”. Em síntese, às pessoas “comuns” não é mais apresentada uma exposição pronta e terminada, mas

¹¹ A maneira como tal prática teve seu berço no gabinete de curiosidades, passando pela constituição dos museus, até se expandir como atividade pública fez dela também uma prática distribuída e prenhe de uma colaboratividade indireta, no sentido de que se reúnem artefatos de terceiros para montar-se uma curadoria própria, sem a necessidade, muitas vezes, de autorização prévia ou de indicação das fontes.

elas agora participam do processo, com a possibilidade de curatorial variadas tipos de elementos, como músicas, vídeos, fotos, notícias, memes, gifs etc.

Isso nos leva também à compreensão de que todos podem ser canais de mídia, isto é, produtores, criadores, compositores, montadores, apresentadores, remixadores, filtradores, selecionadores ou apenas difusores dos seus próprios conteúdos (TERRA, 2012). Essa visão corrobora a maneira como são aproveitadas as vozes de diversos usuários da rede na composição de “curadorias digitais de si”. Ao mesmo tempo, essa consideração explicita a estreita relação com o que Bruns (2008) caracteriza como *produsuário (producer)*: indivíduo responsável pelo duplo papel de utilizar e também produzir artefatos digitais, remetendo à coconstrução e colaboração contínuas, e à ampliação do conteúdo digital disponível existente, em busca da melhoria da qualidade na distribuição e na recomendação de informações, o que constitui uma forma “de mostrar apenas *as partes de si* cujo valor esteja assegurado” (TISSERON, 2013, p.129, grifo meu).

A ampliação do escopo dos significados referentes à prática da curadoria e ao sujeito que a emprega vem para consolidar sua associação à *web* e, conseqüentemente, ao termo *digital*. De acordo com Saad Corrêa e Bertocchi (2012, p. 33),

o histórico dos significados da curadoria coloca como denominador comum a intervenção humana no processo de selecionar, organizar e apresentar, mesmo que ocorra o suporte de algum sistema automatizado. Nessa linha, evidenciamos para o curador duas dimensões de ação: aquela da remediação, que agrega o valor pessoal ao conteúdo trabalhado; e a de design de relações, que propõe a disseminação do material re-mediado (*sic*).

Ao reconhecerem a possibilidade potencial de que qualquer cidadão conectado pode se engajar no exercício da curadoria, as autoras ainda destacam que, a depender de qual das dimensões de ação (remediação ou design de relações) for empregada, uma série de competências são mobilizadas. Dentre elas, estão: interconexão de mídias, seleção de públicos ou audiências, recorrência a bancos de dados e agregação de valor. Esse conjunto de aptidões, por sua vez, é associado aos algoritmos, responsáveis, por exemplo, pela conservação do histórico passado de preferências informativas de um usuário.

1.2 A curadoria digital e os algoritmos

Argumenta-se, neste estudo, que a prática da curadoria digital é sustentada por operações hibridizadas entre a ação humana e a intervenção algorítmica. Portanto, é importante perceber como o algoritmo, compreendido como elemento não humano, afeta e influencia as operações curatoriais.

Como já aludimos anteriormente, a curadoria digital não se reduz apenas a encontrar material supostamente relevante para determinado propósito, embora essa seja uma parte significativa dessa prática sob responsabilidade dos usuários de internet e redes sociais. Trata-se, mais do que isso, de criar uma experiência única e específica a partir da utilização de materiais resultantes de uma busca regida por um algoritmo, que então se tornam contextualizados dentro de um novo espaço. A definição do que é um algoritmo, de acordo com Lev Manovich, é a seguinte:

[u]m algoritmo especifica a sequência de passos a ser executada em quaisquer dados, assim como uma estrutura hipermídia determina um conjunto de caminhos de navegação (isto é, a ligação entre os nós) que potencialmente pode ser aplicada a qualquer conjunto de objetos multimídia (MANOVICH, 2001, p.60, tradução minha)¹².

Para a computação, um algoritmo é um “procedimento criado para cumprir uma tarefa específica” (SKIENA, 2008, p.3 apud SAAD CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 31), ou seja, trata-se de um passo a passo computacional, um código de programação, executado numa dada periodicidade e com um plano definido. Não obstante, o próprio conceito de algoritmo permite encará-lo como um procedimento que pode ser executado não apenas por máquinas, mas também por homens, expandindo seu potencial de precisão junto à personalização (SAAD CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 31). Como sistema básico de recomendação para os dados, o algoritmo impera como parte não humana do processo curatorial, uma vez que quando há mais informações das quais dispomos digitalmente, mais precisamos de algum nível de automatização. No entanto, a curadoria humana avança nas seleções idiossincráticas e sensíveis; estas, sim, realmente pessoais e não computáveis.

No caso desta pesquisa, o próprio Facebook é uma rede social baseada em um algoritmo curador¹³. Embora autoras como Saad Corrêa e Bertocchi (2012) – que refletem a respeito da curadoria da informação e o papel do comunicador digital diante da prática e, portanto, falam a partir do campo da Comunicação – argumentem que a curadoria de informação em ambientes digitais tem se manifestado mais como um procedimento automático algorítmico do que propriamente humano, vale ressaltar a própria ressalva que apresentam: todo

¹² “An algorithm specifies the sequence of steps to be performed on any data just as a hypermedia structure specifies a set of navigation paths (i.e., connection between the nodes) which potentially can be applied to any set of media objects” (MANOVICH, 2001 p.60).

¹³ Existem casos quase anedóticos dos equívocos cometidos pelos algoritmos do Facebook e pelas decisões tomadas pela empresa diante deles. Um exemplo que ficou bastante conhecido e mal afamado foi a remoção feita no dia 9 de setembro de 2016 da foto histórica da Guerra no Vietnã, mais conhecida como “A Menina de Napalm” (1972) de vários perfis, inclusive o da primeira-ministra norueguesa Erna Solberg, sob a alegação de que ela estaria violando as restrições de nudez do Facebook.

algoritmo é produto de um processo humano, com critérios de escolha e programação previamente definidos baseados em algum contexto de oferta de informação.

Em relação ao Feed do Facebook, o algoritmo é empregado para dispor os elementos e os dados sobre outros usuários e páginas, por critério de importância, cuja definição é feita pelo programador da empresa¹⁴. Um curador de internet, portanto, é concebido não só como alguém que coleta e interpreta informações, mas também como alguém que cria a partir delas um novo percurso contextual, inclusive para representar a si mesmo. Desse modo, a curadoria é um processo de resolução de problemas, de remontagem, recriação, manejo e manipulação de artefatos criados por terceiros na internet e, essencialmente, uma prática de conjunção entre ações humanas e não humanas.

1.3 Facebook e o impulso das curadorias digitais em *sites* de redes sociais

Em conferência intitulada “Curadoria de dados e inteligência coletiva”, parte do evento “Fronteiras do pensamento: uma década, muitos olhares”, ocorrida no dia 27 de junho de 2016, o filósofo francês Pierre Lévy traçou as aproximações entre a curadoria de dados e a atividade que um curador de museu ou galeria de arte realiza. Enquanto este descobre, estuda, expõe as peças e procura explicá-las aos visitantes, a curadoria de dados trabalha com qualquer espécie de conteúdo digitalizado. Assim, ele considera que a curadoria de dados se tornou uma atividade central para a nossa época, porque para sustentar a inteligência coletiva, é preciso que as pessoas sejam capazes de construir uma base de dados própria. Na esteira de Lévy, enfatizo que a curadoria digital atinge seu auge nas redes sociais digitais.

Autores como Amaral (2012), por exemplo, tratam o termo curadoria, em sua associação com “informação”, isto é, pelo uso da expressão *curadoria de informação*, e a caracterizam como “uma prática cultural emergente na cultura digital” (AMARAL, 2012, p.48). Considerando-se o excesso de signos da contemporaneidade, o indivíduo passa a utilizar a curadoria, independentemente de sua profusão terminológica, para “dizer” algo sobre si mesmo e para registrar sua existência, o que tem se mostrado, muitas vezes, de forma latente nas linhas do tempo do Facebook. Nelas, existe a combinação de diversos tipos de conteúdo, e seu usuário toma para si a posição de criador de novos contextos e significados para tais elementos, quando

¹⁴ Recentemente, em artigo publicado na revista *Science*, pesquisadores que trabalham para o Facebook tentam mostrar, a partir de uma análise quantitativa de dados, que a ordenação dos elementos e sua importância para a construção de uma “bolha ideológica” não é apenas responsabilidade da empresa. A partir da visão explicitada no artigo, a rede social se constituiria como uma “caixa de ressonância” para as ideias dos próprios usuários em seus perfis pessoais. Ver Bakshy et al (2015).

decide reuni-los. Assim, termina por destacar sua visibilidade perante outros usuários que com ele entram em contato por meio de seu perfil.

Apresento como exemplo o artigo de Barros (2015, p.121), que analisa a rede social Pinterest “a partir de uma discussão do gosto como elemento central na articulação de identidades sociais na contemporaneidade, em um contexto marcado pelo individualismo como um valor”, compreendendo a maneira como a presença nessa rede “instaura um sistema classificatório que revela uma profunda estetização da vida cotidiana” (BARROS, 2015, p.121). A partir da revisão do que Bataille (1987) caracteriza como uma busca por um “sentido de permanência” dos indivíduos, em sua ânsia por “discriminar, ordenar e classificar os objetos” e também da relação construída por Marshall (2005) entre os atos de colecionar e de comunicar, a professora sugere que o Pinterest:

ao acionar os movimentos de colecionar, guardar, documentar e catalogar, acaba remetendo à ideia de um **“museu de si”**. É preciso procurar as imagens e selecioná-las, em **um ato de curadoria, para que sejam organizadas em uma coleção ou arquivo pessoal, obedecendo a uma lógica de classificação particular que apresenta uma determinada narrativa sobre o sujeito**. As imagens “coleccionadas” por cada pessoa constituem um “museu” porque estão ali para serem vistas, contempladas e admiradas, além de terem a intenção de produzir um determinado efeito estético. (BARROS, 2015, p. 128, grifo meu)

Analogamente, pode-se asseverar com base no que é expresso pela autora em relação ao Pinterest, que as linhas do tempo do Facebook também são uma forma de documentação de experiências variadas do sujeito, expostas por meio de “um ato de curadoria”. Ainda em consonância com a autora e sua revisão de Featherstone (1995), é plausível assumir que as linhas do tempo oferecem uma “leitura de si”, constituída de “um constante “fabricar-se a si” que envolve a composição de uma estética individual fornecedora dos elementos centrais para a apreensão de si pelos outros”, permitindo igualmente uma “narrativa do sujeito para si e para os outros” (BARROS, 2015, p. 129):

as imagens catalogadas formam, no conjunto, seu olhar sobre o mundo, sua sensibilidade externalizada. O ambiente digital permite que este “museu” tenha um determinado grau de instabilidade, podendo ser diminuído, aumentado ou alterado a qualquer momento. Mas persiste a expectativa de que o sistema classificatório de cada pessoa configure algum tipo de unidade, dentro da ideia de que “cabem muitos” em um. (BARROS, 2015, p.129)

Assim, revela-se também a instabilidade de uma suposta narrativa do sujeito em uma rede social, quando realizada sob o impulso de colecionar, selecionar, organizar, exibir e mais tantos outros verbos associados semanticamente às curadorias digitais e já amplamente

utilizados no que se pode chamar de curadoria tradicional¹⁵. Tal instabilidade é inerente à edição das redes por parte de seus usuários. Nada impede, por exemplo, que um usuário do Facebook desça a barra de rolagem de sua linha do tempo até meses anteriores e exclua dali uma postagem ou então edite as configurações de privacidade de uma publicação antiga, para que ela desapareça do acúmulo cronológico que uma vez chegou a compor sua história de vida e/ou a externalização de sua perspectiva sobre o mundo.

Paralelamente, Hall e Zarro (2012) utilizam o termo “curadoria social”, para se referir a *sites* como o Pinterest, objeto de sua agenda de pesquisa:

Definimos um *site* como o Pinterest como um *site* de curadoria social. Um *site* de curadoria social combina características de mídia social, como compartilhar, curtir, comentar e seguir, com recursos de coleta como a criação e a curadoria. Os usuários de um *site* de curadoria social criam substitutos de objetos digitais, categorizam-nos e compartilham-nos, refletindo até certo ponto as ações e motivações dos usuários que criam coleções em outros *sites* de mídia social para fins pessoais e públicos (AMES; NAAMAN, 2007). Os usuários realizam ações sociais como visualizar, favoritar, curtir, copiar e comentar as coleções criadas por outros usuários do sistema. Comentários, descrições e nomes de categorias servem tanto para propósitos de organização pessoal quanto para sinais sociais para outros usuários. (HALL; ZARRO, 2012, p. 2, tradução minha)¹⁶

O Facebook enquadra-se na demarcação feita pelos autores a respeito do que significa a curadoria social e, conseqüentemente, um *site* de curadoria social. Isso se dá em decorrência do agrupamento de características e recursos para a coleta e combinação de conteúdo. Cabe dizer que, no caso do Facebook, o dono do perfil, pela própria rotina da curadoria que realiza – diária, gradual, sem a visão do todo como na curadoria de arte –, perde um pouco do controle sobre o sentido final da linha do tempo, o qual não pode ser apreendido como um produto pronto, mas como uma construção sem roteiro pré-definido.

Ressalto essa propriedade do *site*, porque se levarmos em conta a curadoria tradicional para afirmar que existe a curadoria digital, como já demarcado neste capítulo,

¹⁵ Opto por utilizar o termo “tradicional” nesta pesquisa, para que eu possa diferenciar de modo mais direto a curadoria artística – museológica – da curadoria digital, mesmo reconhecendo que a tradição tem sido subvertida atualmente pelos curadores e artistas, de modo sempre aguçado e dinâmico. Com essa escolha lexical, corro o risco de simplificar essa prática cultural, entretanto, não desejo, aqui, banalizar os processos certamente complexos que se verificam nesse campo.

¹⁶ “We define a *site*, like Pinterest as a *social curation site*. A social curation *site* combines social media features, such as sharing, liking, commenting and following, with collecting capabilities like creation and curation. Users of a social curation *site* create surrogates of digital objects, categorize, and share them, mirroring to some degree, the actions and motivations of users who create collections in other social media *sites* for personal and public purposes (Ames & Naaman, 2007). Users perform the social actions of view, favorite, like, copy, and comment on the collections created by other system users. Comments, descriptions and board names serve both personal organization purposes and social signals to other users” (HALL e ZARRO, 2012, p. 2)

importa também alegar que o curador de arte tem a oportunidade de fazer uma reflexão intelectual e uma seleção prévia sobre a produção artística, tendo em vista também a crítica de arte como um dos extremos da recepção de sua curadoria. Dessa maneira, o curador de arte reserva para si mesmo um pouco mais de controle sobre o produto final e sobre o conjunto de leituras possíveis de uma exibição. Nesse ponto, a atividade desse profissional se difere, substancialmente, daquela empreendida pelo curador da/na linha do tempo do Facebook.

Não se pode ignorar que os *sites* de redes sociais (SRSs), como “espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet” (RECUERO, 2009, p. 102) propiciam novas formas de participação do usuário na produção e na recepção dos conteúdos. Com base na definição de Boyd & Ellison (2007), a professora e pesquisadora Raquel Recuero (2009, p.102) explicita que os SRSs são serviços que possibilitam aos indivíduos:

i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os *sites* de redes sociais seriam uma categoria do grupo de *softwares sociais*, que seriam *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador.

A amplificação dessa cultura participativa não envolve somente o conhecimento técnico, mas a possibilidade de assumir o papel de curador digital, porque as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) promovem o acesso a *sites* de redes sociais curatoriais (volto a dizer que acomodo nessa especificidade o Facebook) que facilitam a manipulação de variados conteúdos discursivos. A construção de uma *persona* através de um perfil se dá justamente por essa manipulação; afinal, é a partir dela que alguém pode se dizer de um jeito ou de outro. Não que o usuário diga, explicitamente, aquilo ou quem é, na singularidade esperada da primeira pessoa do singular, mas sim que essas manipulações do que se publica aparentam delinear um espaço em que jogam o dono do perfil e seus “leitores”. Nesse espaço, efetivamente, leem-se posições ideológicas, preferências, interesses, gostos e uma sorte de outros atributos do sujeito, quase de modo inevitável, através dos conteúdos discursivos exibidos.

É a partir desse contexto que a ideia de curadoria como uma série de operações discursivas na construção de um *display* sobre um indivíduo é endossada. Em outras palavras, o objetivo da prática torna-se a construção de um dispositivo para a apresentação de informação adquirida, armazenada ou transmitida sob várias formas. Então, por meio dessa ação curatorial, torna-se possível que elementos e artefatos aleatórios, separados, descontextualizados e deslocalizados possam ser postos em evidência para a construção de sentidos específicos dentro de um processo contemporâneo de subjetivação.

Existem procedimentos e operações próprias da curadoria digital que se baseiam, no caso específico do Facebook, em duas atividades básicas: compartilhamentos e publicações próprias. Quando se compartilha algo de outro usuário ou página, consegue-se adicionar um apontamento pessoal; quando se efetua uma publicação própria, por sua vez, é possível acrescentar fotos e vídeos, por exemplo, também produzidos pelo próprio usuário e expostos em sua linha do tempo. A operação de compartilhamento, por exemplo, é “reciclada”, uma vez que já era possível compartilhar links em outros *sites*, como é o caso dos blogs, antes que o Facebook existisse como rede social.

Desse modo, o compartilhamento se tornou uma operação típica dos perfis dos usuários e de suas páginas, assim como a operação “curtir”, que só passou a existir com o Facebook. Esta operação, em particular, trouxe consequências, que vão desde a reorganização dos algoritmos que mostram os elementos no Feed de um usuário, até o anseio por uma popularidade vinculada ao número de “curtidas” recebidas em determinadas postagens. Podemos, inclusive, com base na observação regular do Facebook, listar alguns dos procedimentos curatoriais¹⁷ mais comuns dentro do *site*, tendo por base as experiências que os indivíduos desejam expor sobre si mesmos, de um modo um pouco mais detalhado:

1. Compartilhar links de vídeos, notícias, memes e gifs;
2. Publicar episódios da vida cotidiana, nos moldes de um relato;
3. Publicar pensamentos ou citações de autores de áreas diversas;
4. Compartilhar sentimentos, propriedade específica do *site*;
5. Compartilhar atividades, propriedade específica do *site*;
6. Marcar amigos em uma publicação;
7. Compartilhar filmes que está vendo, propriedade específica do *site*;
8. Compartilhar eventos/acontecimentos de vida, propriedade específica do *site*;
9. Publicar fotos que retratam situações de êxito, casamentos, amizades, festas, animais de estimação;
10. Compartilhar check-in em restaurantes, cidades, espaços públicos e outros lugares, propriedade específica do *site*;
11. Compartilhar conquistas esportivas via outros aplicativos vinculados à rede social (correr 8 km, por exemplo);
12. Mais recentemente, produzir um vídeo ao vivo, propriedade específica do *site*.

¹⁷ São esses procedimentos que indicam, para o caso das linhas do tempo do Facebook, a concretização e a especificidade de operações curatoriais mais genéricas, como “ler/ver, interpretar, selecionar e compartilhar”, já antes mencionadas.



Figura 2 – Captura de tela do meu perfil pessoal no Facebook (10/03/2017)



Figura 3 – Captura de tela da seleção da audiência para uma postagem (10/03/2017)

Como vemos na Figura 2, existe a possibilidade de criar uma publicação em que o próprio *site* encoraja o indivíduo usuário do perfil a registrar em foto ou vídeo o que está fazendo, a revelar em que local se encontra (check-in), expressar seus sentimentos ou suas atividades cotidianas, sejam elas consideradas banais ou não – já que a própria consideração da banalidade de uma situação a ser compartilhada fica a critério do indivíduo –, e ainda a marcar

amigos, isto é, qualquer indivíduo que esteja associado ao usuário pelo Facebook, que participam desses eventos, de alguma forma. A apropriação do usuário pode variar, uma vez que ele toma as decisões finais sobre o que quer publicar ou não. Além disso, pode escolher expor eventos que não estejam previstos nas categorias do *site*.

Na Figura 3, existe ainda um procedimento curatorial de outra natureza: a seleção da audiência do conteúdo publicado. A partir da configuração de privacidade o indivíduo seleciona os interlocutores que terão acesso ao conteúdo que irá publicar. Dessa maneira, há a possibilidade de deixá-lo público, sendo visto indistintamente por qualquer pessoa associada ou não a ele no *site* de rede social; apresentá-lo somente àqueles que estão classificados como amigos, excluindo-se os conhecidos (que são postos pelo usuário em uma lista específica); reservá-lo somente à apreciação pessoal em “Somente eu”, fazendo do conteúdo um arquivo de consulta privada, e até personalizá-lo, escolhendo especificamente aqueles que poderão visualizar a postagem.

Assim, selecionar, organizar e expor – entre tantos outros verbos que remetem à prática curatorial, como já atentamos aqui – são ações que parecem ter se expandido para fora dos museus, principalmente com a internet, e cuja atribuição está distribuída entre os indivíduos. Percebe-se, então, que a curadoria digital, pensada aqui em termos das seleções de artefatos digitais/conteúdos discursivos, tais quais são os vídeos, os textos e as imagens que circulam e se situam na internet, revalida a prática tradicional e o impulso cultural por curatoriar artefatos.

Esse processo de montagem própria de repertórios foi abordado por García-Canclini (2008) por meio da manifestação das “coleções”. O autor levanta a problemática acerca da possibilidade de se organizar a cultura por meio de coleções de bens simbólicos. Através de uma visão sócio-cultural, o antropólogo argumenta que embora o conceito de coleção tenha se formado como um dispositivo de organização da história da arte e da literatura, da arte culta e do folclore popular, dentro de museus e/ou bibliotecas, ao longo do tempo ele tem se dispersado no sentido de que permite o entrecruzamento de coleções e a possibilidade de que cada indivíduo monte o seu próprio repertório.

Essas possibilidades têm sido potencializadas pela proliferação de dispositivos de reprodução em que se mesclam categorias tradicionalmente vistas em oposição, como o culto e o popular, por exemplo. A partir desse cenário, perdem-se as coleções, desestruturam-se imagens e contextos, referências semânticas e históricas:

A agonia das coleções é o sintoma mais claro de como se desvanecem as classificações que distinguem o culto do popular e ambos do massivo. As

culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e, portanto, desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das "grandes obras", ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe). Agora essas coleções renovam sua composição e sua hierarquia com as modas, entrecruzam-se o tempo todo, e, ainda por cima, **cada usuário pode fazer sua própria coleção** (GARCÍA-CANCLINI, 2008, p. 9; grifo meu).

Como já vimos argumentando, o Facebook talvez seja um dos exemplos mais contundentes da agonia das coleções mencionada por García-Canclini. O grande alcance mundial do *site* de rede social entre os indivíduos usuários de internet é assombroso e delega um novo rumo tanto para a popularização de narrativas curatoriais, como de artefatos artísticos. Se existe, por exemplo, a digitalização de grandes obras literárias e elas ficam disponibilizadas em um acervo, é através da vitrine do Facebook que as possibilidades de acesso a esse acervo são verdadeiramente popularizadas. Conhecimentos sobre política, vinculados à história ou à “história que se faz agora”, também passam pelo ponto de articulação e vetorização que o Facebook se tornou, porque é através do Feed que as pessoas entram em contato com as publicações e republicações de amigos ou páginas seguidas e podem, a partir delas, redistribuir essas publicações, ao concentrá-las em sua linha do tempo, para que façam parte desse repertório pessoal de subjetivação e experiências de leitura¹⁸.

Poderíamos sugerir, por conta disso, que o Facebook seria uma repaginação não tão distante de um museu. Não para a salvaguarda e preservação de patrimônios, mas para a composição de um repositório de conhecimento. No entanto, ao contrário de um museu, as coleções apresentadas pela rede social seriam curatoriais, a princípio, livremente e sem a noção de sua constituição final, em um novo formato e circuito expositivo¹⁹.

1.4 Curadoria como arquivo: registro, memória e heterotopia

Neste capítulo, já aludimos ao fato de a chamada curadoria digital ser hoje amplamente difundida e estudada no campo da Comunicação, da Ciência da Informação e também das Artes, quando pensada do ponto de vista das exposições artísticas nos circuitos

¹⁸ Em 2016, uma pesquisa encabeçada pelo *Pew Research Center* revelou que 62% dos estadunidenses adultos liam notícias – definidas como informações sobre eventos e questões que envolvem mais do que amigos e família – nas mídias sociais. Dos usuários entrevistados, 66% revelou que obtinha as notícias através do Facebook. Fonte: <http://www.journalism.org/2016/05/26/news-use-across-social-media-platforms-2016/#fn-55250-2>. Acesso em: 22/03/2017.

¹⁹ Exemplo desse novo formato e circuito de exposição é a divulgação e a popularização de obras artísticas ou de trabalhos fotográficos, por compartilhamento. Apesar de manterem páginas independentes, muitos *sites* têm contas no Facebook, que é ponto de partida, portanto vetor de saída, no qual o leitor pode vir a saber não só de vários projetos fotográficos, como também de exposições gratuitas de cinema e exposições artísticas, dentre outras atividades de acesso à cultura.

expositivos da internet, por exemplo. Entretanto, enquanto prática de preservação do patrimônio cultural, a curadoria se consolidou, para o senso comum, em sua correspondência com o campo artístico. Por essa razão, o seu significado habitual ou “tradicional” se relaciona aos museus, espaços que são por excelência o lugar da preservação de uma memória histórica, coletiva e social, onde as escolhas representadas pela curadoria de determinados objetos promovem o impulso pela lembrança, em oposição ao esquecimento, e pelo registro dos acontecimentos de algum modo ligados a esses objetos.

No entanto, o conceito entendido em sua atualidade, ao qual se incorpora o termo *digital*, em um primeiro olhar, parece ir de encontro com a preservação de uma memória, justamente porque se relaciona a uma explosão de informações contemporâneas, que não necessariamente pode, no presente, ser considerada parte da história, da cultura, e de eventos que constituirão uma memória coletiva no seio de uma sociedade. Devido a esse panorama de sentidos historicamente associados ao termo, faz-se necessário um aprofundamento das relações existentes entre a curadoria e a memória, que perpassam, também, a noção de arquivo, mobilizando-se reflexões de diferentes autores para tratar de pontos importantes relacionados a essa evolução conceitual e, mais detidamente, ao objeto de estudo que são as linhas do tempo do Facebook.

Para tanto, tomemos como exemplo a postagem uma vez apresentada na linha do tempo, encarada como uma forma de *arquivo* pessoal e, é claro, de *memória*, “clássicos pilares do espaço biográfico [que] também mudam seus signos como resguardo de uma temporalidade efêmera, onde, porém, nada se perde, nada escapa a alguma forma, ainda impensada, de registro”²⁰ (ARFUCH, 2014, pp. 5-6, tradução minha). Nesse tipo de atividade, a prática curatorial não se choca com a memória como seria de se esperar, mas inspira uma nova relação com ela ou talvez até uma nova forma de construí-la e encará-la. A própria *efemerização* – podemos dizer junto de R. Buckminster Fuller (1938) – da produção de informações e de sua transformação em conhecimento pode ser considerada um aspecto relevante dessa nova forma de relacionamento com a memória.

Neste ponto, gostaria ainda de mobilizar a remissão que Foucault (1992) faz dos *hypomnemata* para tratar da questão do arquivo, bem como da questão da memória:

Na sua acepção técnica, os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras,

²⁰ “clásicos pilares del espacio biográfico – también cambian sus signos como resguardo de una temporalidad efímera donde sin embargo nada se pierde, nada se escapa a alguna forma, aun impensada, de registro” (ARFUCH, 2014, pp. 5-6; arquivo de artigo fornecido pela própria autora).

exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior. Formavam também uma matéria prima para a redação de tratados mais sistemáticos, nos quais eram fornecidos argumentos e meios para lutar contra este ou aquele defeito (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação), ou para ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça). (FOUCAULT, 1992, pp. 134-135).

Embora os *hypomnemata* não tivessem a pretensão de se constituir como diários íntimos ou ferramentas para o exercício mnemônico, mas sim servir ao propósito de sustentar reflexões posteriores, com base no embate dos pensamentos, ideias e escritos dos indivíduos e nos fragmentos reunidos e registrados do discurso – já lidos, ouvidos ou ditos –, esses cadernos eram auxiliares da subjetivação do discurso, contribuindo, efetivamente, para a consciência de si (FANAYA, 2012):

Os *posts* dos usuários na *Timeline* do Facebook e os *hypomnêmata* dos gregos parecem guardar algumas semelhanças entre si. Em ambos os casos, os registros se configuram como um misto de pontos de vista sobre as coisas do mundo, de caráter particular — porém, de acesso público. Outra semelhança aparente é que, em ambos os casos, os registros não buscam a fidelidade à realidade, mas a fixação de um ponto de vista. Se para os gregos a escrita dos *hypomnêmata* ajudava-os a combater a *stultitia* (agitação da mente, a instabilidade da atenção), em tempos de redes sociais, em que a tal *stultitia* parece reinar entre os internautas, os *posts* no Facebook — aparentemente inúteis, cansativos e sem significado, como observam alguns — talvez possam se revelar de grande utilidade na formação de um *gnôthi seautón* contemporâneo (FANAYA, 2012, n.p.).

O *gnôthi seautón* ou “conhece-te a ti mesmo” é um conceito importante para os gregos, atribuído ao filósofo Sócrates. É interessante observar as semelhanças que Fanaya (2012) assinala entre esses cadernos apontados no trabalho de Michel Foucault, em “A Escrita de Si” (1983), e as linhas do tempo do Facebook. Destaco, principalmente, a problemática do *registro* e da *reunião*, porque só é possível que haja memória, seja ela oral ou escrita, uma vez que exista documentação, arquivo, isto é, um registro dos acontecimentos. Lembrando-se aqui que, em primeira instância, o arquivo “é um fragmento de tempo capturado; só mais tarde separam-se os temas, formulam-se interpretações” (FARGE, 2009, p.23). Em relação à reunião, em particular, acrescento a ligação com a curadoria: a reunião do todo das situações é inexequível, ademais, não é tudo que interessa ao indivíduo. Assim, existe, como pressuposto, um ato curatorial que subjaz à elaboração tanto dos *hypomnemata* como das linhas do tempo de um perfil de rede social.

Considero relevante, nesta sequência de argumentos que embasam a aproximação das linhas do tempo, da curadoria e da memória com a noção de arquivo, mencionar o trabalho

de Fraiz (1998), o qual analisa os arquivos pessoais de Gustavo Capanema (1900-1985) – político brasileiro que ao longo de sua vida reuniu registros de sua trajetória como homem público –, em sua dimensão autobiográfica. Esse trabalho dá abertura à possibilidade analítica de tratar a reunião de arquivos diversos (folhetos, manuscritos, periódicos, recortes de jornais, mapas, plantas, fotografias e discos) como um projeto autobiográfico. Embora se trate de outra sorte de registros, devido à sua natureza física e material, acredito que essa investigação subsidie o fato de que elementos variados, e não necessariamente produzidos pelo próprio indivíduo, ainda possam ser lidos como projeção autobiográfica. Outra diferença entre a proposta de Priscila Fraiz e a desta pesquisa recai sobre o fato de haver um projeto autobiográfico intencional de Capanema, de escrever suas memórias, que nunca foi finalizado. No caso do Facebook, em contrapartida, é importante ter em conta que se trata de um projeto sempre em aberto e sempre passível de acúmulo e adição, ao menos *a priori*. Não se pode assegurar, desse modo, que haja uma intenção dos usuários em arquitetar uma autobiografia logo de início, apesar de ser esse um possível efeito derradeiro na leitura das linhas do tempo.

Assim como o arquivo de Capanema representa aspectos de sua vida pessoal e familiar²¹, podemos encontrar traços semelhantes no “acervo” de uma linha do tempo. O conjunto de materiais que se acumulam na linha do tempo possui um arranjo e um ordenamento prévios estabelecidos pelo próprio funcionamento da interface. De forma semelhante a Fraiz (1998), podemos pensar, então, no “conjunto de documentos” de cada usuário como um projeto autobiográfico, na medida em que a linha do tempo pode ser reveladora da maneira como cada indivíduo constitui, empresta sentido, dá coerência²² e solidifica seu eu, sua imagem.

Assim, existem nas linhas do tempo blocos distintos e complementares a respeito do indivíduo. Os fragmentos podem se constituir de diferentes conjuntos, podendo se classificar, como já aferido, de compartilhamentos, numa espécie de recolha daquilo que os indivíduos vão lendo em seu Feed ou de “escrita autobiográfica propriamente dita”, “aquela onde está presente a noção de indivíduo moderno, que marca a especificidade da literatura autobiográfica da modernidade: a noção de autor e o emprego auto-referencial e literário da primeira pessoa” (FRAIZ, 1998, pp. 60-61). Ainda que com as distinções cabíveis aos processos de pesquisa e de análise, é possível emprestar as considerações de Fraiz para dizer que os

²¹ Fraiz (1998) divide a “construção de subjetividade” de Capanema em dois tipos de escrita distintos. O primeiro é representado por um “arquivo-memória”, composto por fragmentos de transcrições de obras, citações, pensamentos etc. O segundo, por fragmentos autobiográficos propriamente ditos, cuja constituição não se dá sem a existência do primeiro tipo.

²² A coerência neste caso é interna à linha do tempo e à virtualidade que lhe é própria, estendendo-se, no máximo, às respostas dadas pelos indivíduos nos questionários. Não é ambição desta investigação verificar se as publicações correspondem fidedignamente à vida dos indivíduos fora da rede social.

fragmentos das linhas do tempo também “me possibilitaram, portanto, ler o conjunto do arquivo como submetido a um projeto de construção autobiográfica” (ibid.). Nesse sentido, a autora se vale tanto dos princípios elementares da teoria arquivística, como da discussão teórica sobre o gênero autobiográfico.

Dessa maneira, de seus encaminhamentos analíticos, podemos aproveitar um dos princípios da teoria arquivística moderna: o princípio do respeito à ordem original, segundo o qual se deve respeitar a “ordem original instituída pela entidade produtora” (dicionário de arquivística), que vem sendo mais recentemente aplicada aos arquivos pessoais. A manutenção da ordem primitiva dos materiais dos indivíduos acontece de acordo com a determinação produzida pela linha do tempo e, pode-se compará-la, assim, a um *depósito de arquivo*.

Nessa perspectiva, poderíamos dizer que o valor de prova dos documentos – isto é, sua integridade – é estabelecido pelo “olhar do usuário do arquivo (o pesquisador por excelência) que capta, daquele conjunto, as "provas" de que precisa para sua pesquisa” (ibid):

Ora, se esse pesquisador, além de trabalhar o conjunto de informações que o conteúdo do arquivo fornece, puder resgatar a globalidade de sua lógica, extrairá com certeza muito mais informações. [...] A ordem na qual os documentos foram organizados pode trazer alguma luz sobre a natureza do arquivo e de seu criador, da mesma forma que a ordem na qual os arquivos públicos e os privados institucionais são acumulados esclarece quanto à organização e funcionamento dos órgãos que os geraram (FRAIZ, 1998, p. 63).

Em outras palavras, “o que nos interessa na ordem original, isto é, no modo de articulação dos documentos gerado pelo processo de acumulação [é] apreender a operação de acumulação como rede articulada de sentidos da qual o [acumulador] é o centro lógico” (VIANNA et al., 1986, p. 68 apud FRAIZ, 1998, p.63). Desse modo, pode-se inferir, por analogia, que as linhas do tempo se constituem tanto a partir de uma operação de acumulação quanto de uma operação de curadoria arquivística. Neste caso, seu “centro lógico” seria o usuário do perfil na rede social, que vai articulando sentidos em um depósito de arquivo que, nada mais é, que a própria linha do tempo, em sua apreensão como espaço heterotópico.

Se, para Foucault, arquivos, museus e bibliotecas são heterotopias, esses mesmos espaços que estabelecem em si a confluência de espaços outros, também podem ser chamados de “lugares de memória”²³. Nestes lugares, pretende-se a “cristalização do tempo”. Semelhantemente, na linha do tempo do Facebook, isso é feito através de componentes fragmentados, heterogêneos, produzidos ou não pelo usuário do perfil, com base ou não em experiências temporais externas ou internas ao indivíduo. Assim, vão se produzindo sentidos

²³ Expressão cunhada por Pierre Nora.

próprios para a vida apresentada na rede social. Fraiz (1998) retoma ainda outra articulação que aqui já fizemos com o *hypomnemata* como “arquivo” de discursos que poderiam ser utilizados quando fosse necessária a ação, como guia de conduta, mas também como um auxiliar da memória. Reuniam, assim, tudo o que se podia ler ou ouvir, para o fim de estabelecer uma relação de si consigo.

Esses cadernos de notas, caracterizados por sua fragmentação e heterogeneidade, apresentavam, contudo, a propriedade de unificação desses fragmentos heterogêneos, não pela composição desse conjunto, segundo Foucault, mas pelo próprio escritor, por intermédio da sua subjetivação no exercício da escrita pessoal constitutiva dos *hypomnemata*. Mediante a coleta de coisas lidas e ditas por outros e fixadas pela escrita, o indivíduo constituía para si próprio uma identidade, na qual se podia ler toda uma genealogia. Nesse sentido, de modo semelhante a Fraiz (1998) ao analisar o caso específico de Capanema, e ampliando as conclusões de Foucault no que concerne à construção de uma subjetividade que só se constitui no ato da escrita, pretendo mostrar que a tentativa de construção de uma identidade é buscada, igualmente, no ato de organizar a linha do tempo, por um lado, se pensarmos nos processos automáticos da interface, e, por outro, no ato de acumular um arquivo, numa dinâmica paralela à da escrita própria e/ou autoral. Assim, vale “lembrar que um arquivo implica não só a produção de discursos de seu titular, como também a acumulação de discursos de outros” (FRAIZ, 1998, p.69).

Todos os dias, quando me sento para escrever esta tese, o Facebook me notifica sobre as lembranças que tenho de anos anteriores, na mesma data. No dia 14 de março de 2017, eis os exemplos de algumas das notificações recebidas:



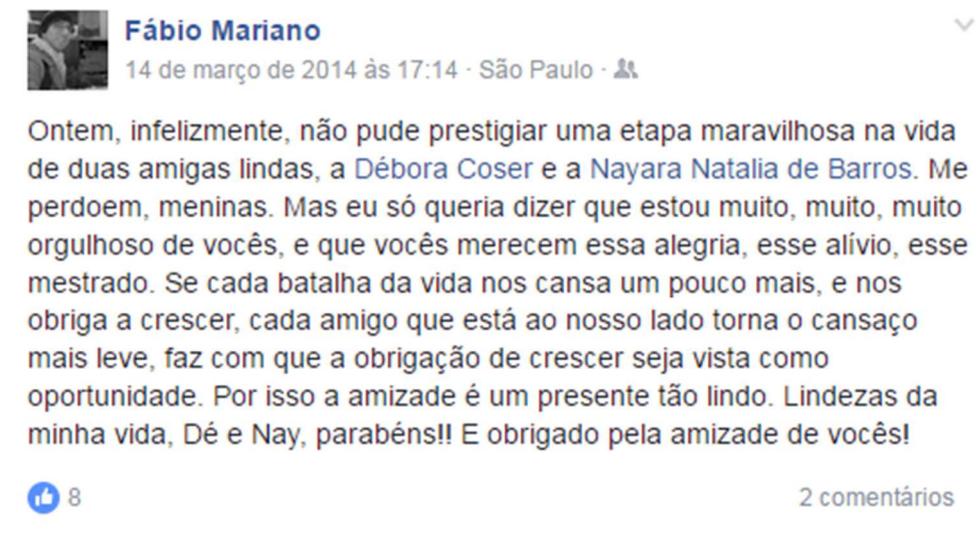
Figura 4 – Foto tirada no Chile, na comunidade de *El Quisco*, em visita à casa de Pablo Neruda (2010), postada em 2011, por uma amiga.

Os exemplos das Figuras 4, 5, 6 e 7 mostram o modo como o Facebook tem trabalhado com a preservação da memória de seus usuários, uma vez que, em se tratando de navegabilidade, é difícil retomar postagens antigas, na linha do tempo, apenas operando a barra de rolagem do *site*. Esse recurso se chama “Neste Dia” (em inglês, *On This Day*) e foi experimentado pela primeira vez em 2011, sendo disponibilizado novamente em 2015. A ferramenta permite que o usuário ative suas recordações, para que saiba quando alguma publicação completa um “aniversário”, podendo (re)compartilhá-la, sem deixar essa lembrança perdida no passado. Tanto as postagens que o próprio usuário fez como aquelas em que está marcado por seus amigos fornecem notificações todos os dias. Entretanto, esse recurso não foi bem recepcionado por todos, uma vez que recordações ruins ou dolorosas também podem voltar à tona.²⁴

²⁴ Um exemplo disso é o caso de Sean Forbes, que trabalha com mídias sociais e conteúdos publicitários da marinha dos Estados Unidos. Ele foi surpreendido por uma fotografia de seu amigo que havia cometido suicídio naquela mesma data, três anos antes (27 de março de 2012). Na ocasião do evento, ele havia postado a imagem em homenagem ao amigo, com um texto de despedida. A esse respeito, ele se posicionou com mensagem endereçada à empresa: “Facebook, maybe you should rethink your new “onthisday” feature. Not every memory needs to be rehashed; for instance, I didn’t need a reminder that one of my best friends took his own life three years ago. Thanks”. Segundo Sean Forbes, o Facebook deve utilizar filtros mais avançados, apesar de saber que os algoritmos não são capazes de traduzir sentimentos implícitos em uma postagem. Matéria completa em:



Figura 5 – Foto de festa de formatura, ocorrida em 2011, ao lado de amigos de turma. A foto foi postada em 14 de março, fruto de um compartilhamento, embora a festa tenha ocorrido dias antes.



Compartilhar

Figura 6 – Homenagem de um amigo, postada em 14 de março, referente ao evento de minha defesa de dissertação mestrado, ocorrida em 13 de março de 2014.



Figura 7 – Foto postada em 2013, em lembrança ao período de intercâmbio no Chile, no segundo semestre de 2010.

Diante dessas questões e do imperativo de entender a curadoria em sua relação com a memória e também a reconfiguração contemporânea dessa relação da forma mais ampla quanto possível, faz-se necessário perseguir algumas problemáticas, ainda que de modo não exaustivo. Dentre essas problemáticas se insere a maneira como a curadoria é capaz de atribuir significados a alguns artefatos linguísticos e acontecimentos em geral, ao realizar a sua organização de uma forma determinada, a partir da construção de uma memória que os signifique e/ou os ressignifique, de acordo com o propósito de uma seleção específica. Decorrem desta seleção algumas implicações relacionadas à curadoria de si, que deve ser encarada como uma das possibilidades de apresentação do material curadoriado, dentre as muitas possíveis, inclusive tendo como critério basilar o que o indivíduo considera importante “guardar para recordar”. Afinal, a própria vida pública, ou a existência (e a aparência) de alguém, está vinculada à memória:

Muito tem sido dito sobre essas escrituras lideradas pelo impulso do momento, pelo registro obsessivo das vicissitudes e das banalidades da vida, mas também pelo aparecimento súbito dos momentos transcendentais nesse devir: a separação, a perda, a morte. Modos de vida online que permitem passar sem

definhamento da condição obstinada de espectadores da vida dos outros – tal é o lugar que nos é oferecido, queiramos ou não, no horizonte cultural – a de atores, protagonistas, criadores do próprio personagem ficcional em uma espécie de grande equidade distributiva: a cada um a sua tela, não só para ver, mas também para ser visto, para entrelaçar finalmente aparência e existência, confirmando assim em uma massividade "democrática", essa intuição precoce de Hannan Arendt (1977) na definição da aparição como a característica constitutiva da modernidade (ARFUCH, 2014).²⁵

Ainda que exista uma obsessão pelo registro de tudo, pelo compartilhamento de opiniões sobre tudo, pela expressão das emoções vividas e dos lugares nos quais se esteve, é humanamente impraticável a exposição e publicação de cada momento de nossa história pessoal em uma rede social como o Facebook. Acerca dessa impossibilidade de abarcar o todo, Georg Simmel (1973) – ao tratar do fenômeno psíquico da atitude *blasé* do homem moderno da *Belle Époque* diante da cidade, incorporada por ele devido à explosão de estímulos (*intensificação dos estímulos nervosos*) pela qual passa – também nos dá pistas sobre como a mente humana passa a precisar de uma hierarquia para suas empatias e antipatias. A essência da atitude *blasé* se constitui pela incapacidade de discriminar. Isso, no entanto, não quer dizer que os objetos não sejam percebidos, mas que o significado e os valores das coisas, e conseqüentemente as próprias coisas, parecem ser destituídos de substância, e objeto nenhum parece ter preferência em relação a outro (SIMMEL, 1973, p.16). Como não é possível ter uma relação integral com tudo que provoca estímulo, é criada a necessidade de hierarquização.

Nesse sentido, poderíamos pensar na possibilidade de hierarquização como uma maneira de criar repertórios “narrativos” pessoais sobre as experiências vividas pelos indivíduos, tanto na construção de sua memória individual como da memória social/coletiva, uma vez que ambas se alimentam mutuamente, caminhando lado a lado. Se a primeira diz respeito às vivências e experiências de um indivíduo e do grupo no qual ele foi socializado, a segunda é formada por aquilo que os grupos dominantes julgam relevante e é preservada como memória oficial, em “lugares da memória” que expressam a versão consolidada de um passado

²⁵ Mucho se ha dicho sobre esas escrituras llevadas por el impulso del momento, por el registro obsesivo de las vicisitudes y las banalidades del vivir pero también por la aparición súbita de los momentos trascendentes en ese devenir: la separación, la pérdida, la muerte. Modos de vida *on line* que permiten pasar sin desmedro de la empecinada condición de espectadores de la vida de los otros – tal el lugar que se nos ofrece, queramos o no, en el horizonte cultural – a la de actores, protagonistas, creadores del propio personaje ficcional en una especie de gran equidade distributiva: a cada uno su pantalla, no sólo para ver sino para ser visto, para enlazar finalmente apariencia y existencia, confirmando así, en una masividad “democrática”, esa temprana intuición de Hannan Arendt (1977) al definir la aparición como el rasgo constitutivo de la modernidad. (ARFUCH, 2014, p.3, arquivo de artigo fornecido pela própria autora).

coletivo de dada sociedade, cujos exemplos seriam, entre outros, memoriais²⁶, bibliotecas, obras literárias, hinos oficiais e, também, os próprios museus (VON SIMSON, 2003).

Por isso, frente ao que tem sido sugerido até aqui, a curadoria também pode ser concebida como uma *atividade memorial*, segundo o termo utilizado por Jean-Pierre Vernant (2009). Segundo o historiador e antropólogo, “as atividades memoriais que visam a tornar presente o que não está são [...] construções ligadas a contextos históricos. Há uma história da memória” (VERNANT, 2009, p.141). Ao elencar certos objetos, quadros, materiais, indumentárias, revive-se, em alguma medida, um passado do qual o indivíduo que vê uma exibição não participou, uma história que lhe é contada através desses índices. Analogamente, ao se elencar certos conteúdos discursivos para publicação na linha do tempo, os indivíduos que entram em contato com um perfil pessoal experimentam a visualização da vida de alguém, transcrita em fragmentos recolhidos arbitrariamente ou propositadamente.

Em oposição à ansiedade museológica moderna pela preservação e salvaguarda de certos objetos (JEUDY, 1990), as redes sociais podem proporcionar uma efemerização da memória e uma vontade de esquecimento. A flexibilidade com que se expõem signos culturais de prestígio em uma página de internet, como é o caso da foto da comida, da cerveja gelada, do beijo na namorada ou namorado, pode ser, em oposição à curadoria que se restringia à arena museológica, uma forma de flexibilizar e dar poder a pessoas diferentes, sem a aura intelectual que parece ainda conservar-se, em alguma medida, na imagem do curador, mesmo que atualmente tal aura tenha se flexibilizado um pouco.

Lembremo-nos, além disso, de que a memória não pode ser encarada como um arquivo fechado e estático, mas como uma construção perpetuada. A organização de uma memória histórico-social, constituída por objetos de períodos históricos anteriores, pode ser periodicamente ressignificada pelo público que visita tal espaço. Isso também pode acontecer com os leitores-usuários-visitantes do Facebook, caso se atrevam a embrenhar-se pela barra de rolagem do *site*, em busca de publicações de dias, meses ou anos anteriores nas linhas do tempo, ou caso sejam convidados a revisitar postagens pessoais pelo recurso “Neste Dia”, já mencionado neste capítulo.

²⁶ O próprio Facebook se apropriou da ideia de memorial para pessoas que faleceram e possuíam, em vida, uma conta na rede social. Um contato herdeiro é como se chama a pessoa escolhida pelo usuário caso ele deseje que sua conta seja transformada em memorial. Para que a requisição seja feita, o usuário deve ter 18 anos ou mais. Segundo a página da rede social: “As contas transformadas em memorial são um local onde amigos e familiares podem se reunir para compartilhar lembranças, após o falecimento de uma pessoa”. Disponível em: https://www.facebook.com/help/103897939701143?helpref=faq_content. Acesso em: 23/03/2017.

Ao mesmo tempo que há o tema da seleção e da reunião de conteúdos discursivos para exemplificar a construção de sentidos produzidos pela subjetividade contemporânea²⁷, há a difusão de interesses e conflitos constantemente reconfigurados pela facilidade de se ocultar esses conteúdos, mediante um clique. É importante lembrar, ainda, que tais conteúdos discursivos podem ser apreendidos, a depender de seus atributos ou características, como patrimônio cultural de uma época de apego intenso pelo presente, pela instantaneidade:

Narrativas na *web*, textos, sons, imagens, novos gêneros na Internet. Um espaço infinito – distante e evasivo como o das galáxias – que parece governar hoje as subjetividades e a vida cotidiana de todos os habitantes do planeta. Revolução tecnológica, apogeu da comunicação, modernidade líquida, era digital, humanidade 2.0 ... diversos modos de definir uma época que aparece sob o signo de uma crua – e efêmera – atualidade. (ARFUCH, 2014, tradução minha)²⁸

Para além do signo dessa atualidade crua e efêmera, nossa memória está exteriorizada, e já não precisamos mais, ao menos não como antigamente, de esforços mnemônicos e/ou de mnemotécnicas para nos lembrarmos de algo, já que a máquina armazena o que é preciso e o que desejamos e selecionamos como representativo da memória que queremos construir. A escrita se desenvolve sobre um novo suporte. No entanto, com base em um clique – embora se saiba que as informações estarão de alguma forma sempre na nuvem, em alguma parte, sem desaparecer por completo – é possível apagar um registro e fazer com que aquilo que foi uma vez documentado, desapareça.

Cabe então, em um contexto aparentemente transitório como esse, as seguintes indagações: quais os signos culturais que atualmente desejamos, de fato, preservar? O que, em conjunto, eles representam, como um reflexo de nós mesmos, mediante as escolhas que fazemos para a autoenunciação de nossa subjetividade? Nossa relação com a memória vem mudando ao longo da história da humanidade, mas as mudanças sempre se evidenciam em diálogo e relacionamento constantes com formas anteriores. Como expressa Vernant (2009), se antes a memória era concebida no plano do divino e personificada na figura do *aedo*, poeta-cantor que armazenava, sob a forma de narrativa cantada, a soma dos saberes humanos, ela passa, com a difusão da escrita e a urbanização das cidades na Grécia do século VII, a se constituir como uma “memória laicizada”.

²⁷ Em outras palavras, o eu seria representado segundo a compreensão do que se considera o mais apropriado e/ou ostentado para os outros, às vezes com a pretensão de compartilhar saber e conhecimento, às vezes, não.

²⁸ Narrativas en la *web*, textos, sonidos, imágenes, nuevos géneros en Internet. Un espacio infinito – lejano e inasible como el de las galáxias – que parece regir hoy las subjetividades y la vida cotidiana de todos los habitantes del planeta. Revolución tecnológica, apogeo de la comunicación, modernidade líquida, era digital, humanidade 2.0... diversos modos de definir una época que aparece bajo el signo de una cruda – y efímera – actualidad. (ARFUCH, 2014, p. 1 de arquivo do artigo fornecido pela própria autora)²⁸

Com isso também surge o anseio por reunir em um mesmo espaço todo o saber humano e ordená-lo, o que resulta na construção do museu-biblioteca de Alexandria, onde esse conhecimento se encontra “reunido, classificado, conservado, consultado, comentado” (VERNANT, 2009, p.144). Atualmente, o remanejamento da memória está em curso, como aponta o mesmo autor, com a internet. Dessa maneira, há uma memória, ao mesmo tempo disponível e exterior ao corpo²⁹.

Quanto a essa memória exteriorizada, Von Simson (2003) argumenta que, frente ao ritmo acelerado da vida ocidental e aos avanços tecnológicos, o homem comum é colocado diante de uma quantidade avassaladora de informações e que isso criaria uma obrigatoriedade pelo consumo acrítico delas, sem os cuidados seletivos necessários à ativação da memória. Nesse ato, perder-se-ia uma função fundamental da memória humana: a capacidade seletiva, ou seja, o *poder* de separar aquilo que deve ser efetivamente preservado de fatos e lembranças que podem ser descartados. A perda do exercício desse poder formaria as chamadas *sociedades do esquecimento*.

Segundo a autora, na contemporaneidade, têm se diversificado e sofisticado os suportes para o registro e para a manutenção da memória, para além apenas da escrita, por exemplo. Atualmente, além dos documentos escritos, também temos fotografias, discos, DVDs etc. Além disso, nas sociedades do esquecimento consolidaram-se as instituições especialmente voltadas para “o trabalho de coleta, seleção, organização, guarda, manutenção adequada e divulgação da memória de grupos sociais ou da sociedade em geral” (VON SIMSON, 2003, p.16). Essas atividades, subsidiárias do processo de preservação da memória, têm uma clara relação com a curadoria, justamente por compartilhar o mesmo conjunto de eventos que permeia o trabalho do curador e podem, portanto, enriquecer nossa interpretação dos fenômenos relativos à curadoria digital, em particular.

Não por acaso, um exemplo de uma dessas instituições, ao lado de bibliotecas, arquivos e centros de memória, são os museus, um dos “lugares de memória” que merece enfoque especial. Segundo critérios previamente estabelecidos, os museus se dedicam também a colocar à disposição da sociedade a memória de uma região específica ou de um grupo social, que é retida e exibida por meio de suportes materiais, objetos e artefatos diversos. Vale dizer aqui que essa memória nem sempre é apresentada de maneira ordenada e cronológica, pois funciona através de associações livres entre as vivências e fatos do passado (VON SIMSON,

²⁹A própria questão da corporeidade e de sua relação com a memória é algo a ser pensado mais profundamente, mas não nos cabe aqui fazê-lo.

2003, p. 17), associações estas que são mobilizadas pela tarefa de “leitura” e “recepção” de seus visitantes, no caso dos museus.

Os espaços museológicos são mencionados também por Michel Foucault, em sua reconhecida conferência ao Círculo de Estudos Arquitetônicos, intitulada “Outros Espaços”, de 14 de março de 1967, quando o autor apresenta formalmente, pela primeira vez, o conceito de *heterotopia*, já referenciado neste capítulo. Em oposição às utopias, espaços fundamentalmente irreais, as heterotopias existiriam em qualquer cultura, em qualquer civilização, como lugares reais, efetivos, delineados no interior da instituição da sociedade, isto é, como “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 2001, p. 415).

Como um de seus exemplos, em apresentação dos princípios das heterotopias, Foucault (2001) discute sua relação frequente com recortes do tempo, cujo ponto simétrico, poderia ser chamado, então, de heterocronia. Daí a dizer que, em uma sociedade como a nossa, heterotopia e heterocronia se organizam complexamente. Assim, vem a chamar de “heterotopias do tempo que se acumulam infinitamente” as bibliotecas, e também os museus. Para o filósofo,

museus e bibliotecas são heterotopias nas quais o tempo não cessa de se acumular e de se encarapitar no cume de si mesmo, enquanto no século XVII, até o fim do século XVIII ainda, os museus e as bibliotecas eram a expressão de uma escolha individual. Em compensação, a ideia de tudo acumular, a ideia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de constituir um lugar de todos os tempos que esteja ele próprio fora do tempo, e inacessível à sua agressão, o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria, pois bem, tudo isso pertence à nossa modernidade. O museu e a biblioteca são heterotopias próprias à cultura ocidental do século XIX (FOUCAULT, 2001, p.419)

Impõe-se, a partir dessa consideração sobre as heterotopias, outra correlação presumível quanto às linhas do tempo do Facebook. Desta vez, ela se dá com base no fato de esse recurso da rede social promover o acúmulo do tempo, a expressão de uma escolha individual, um arquivo ao menos parcial (se não pode ser geral), movido pela vontade de mobilizar o todo e pela certeza da incapacidade de alcançar esse empreendimento. Trata-se de uma cronologia capaz de um acúmulo infinito e permanente de recortes do tempo (até que a próxima rede social venha a substituí-la pelo teor da novidade), própria da cultura ocidental do século XXI.

Em um artigo, Rymarczuk e Derksen (2014) também exploram a natureza heterotópica do Facebook, a partir da consideração foucaultiana de que a heterotopia é um

espaço que perturba a continuidade e normalidade dos espaços comuns e cotidianos, além de romper as barreiras dentro e entre lugares em espaços de “diversidade” (*des espaces autres*). Assim como as utopias, as heterotopias se relacionam a outros espaços, representando-os e, ao mesmo tempo, invertendo-os ou distorcendo-os. Em contrapartida, ao invés de serem inalcançáveis como as utopias e inerentemente irrealis, são espaços reais.

Os autores relembram seis princípios que caracterizam sistematicamente as heterotopias: i) toda cultura no mundo cria heterotopias, embora elas possam assumir variadas formas; ii) as heterotopias podem adotar novas funções e significados à medida que a sociedade na qual se encontram se desenvolve e de acordo com a sincronicidade de cada cultura; iii) a heterotopia é capaz de justapor e mesclar espaços que seriam, por princípio, incompatíveis, em um único espaço real; iv) as heterotopias são mais facilmente ligadas a fatias de tempo, quebrando com o tempo tradicional em certos espaços, ao ignorá-lo, acumulá-lo, existindo em pequenos intervalos; v) as heterotopias sempre pressupõem um sistema de abertura e fechamento que as isola, mas ao mesmo tempo as torna penetráveis, por meio de registros, identificações, cadastros, pagamentos etc. vi) as heterotopias têm uma função em relação a todos os outros espaços.

Rymarczuk e Derksen (2014) apontam ainda que existem estudos dos mais variados que se valem do conceito de heterotopia e, dentro do espectro de pesquisas que se utilizam da noção, a investigação do ciberespaço como heterotopia também é apresentada. A partir da inserção de outros autores em sua discussão, comentam como a descrição de Foucault de um navio, como um lugar sem lugar, também se aplica ao ciberespaço (WARK, 1993), principalmente quando se trata de uma rede ligando diferentes terminais em diferentes lugares e tempos em um único ambiente. Mencionam Sherman Young (1998), autor que aborda a qualidade múltipla do ciberespaço, uma vez que apesar de poder ser considerado uma heterotopia, compreende em si outras heterotopias. Devido a um uso exaustivo desse conceito foucaultiano, Young (1998) questiona o que pode ser aproveitado da concepção do ciberespaço como heterotopia. Para o autor, o espaço heterotópico convida à reflexão sobre a sua relação com outros espaços e reside nessa característica sua utilidade analítica.

Uma das propriedades das heterotopias é o regulamento de seu acesso, o qual é sempre efetivado com um sistema de abertura e fechamento, isto é, somente sob condições de purificação, identificação, registro, pagamento, demonstração ou devoção a permissão de entrada em uma heterotopia é concedida. Esse predicado é observado no Facebook:

Embora o Facebook seja gratuito, ele ainda tem um sistema de abertura e fechamento. Um usuário só pode entrar no espaço do Facebook quando o

registro e a identificação (compartilhamento de informação sobre si mesmo) foram completados. Quando entram no Facebook, os usuários são cuidadosamente guiados através de seus recursos e ensinados onde postar e ler. Então, a eles é solicitado que se identifiquem e se registrem. Se o usuário segue as regras de conduta corretamente, eles podem começar a imersão de si mesmos no mundo do Facebook. Dentro, abertura e restrições são combinadas de um modo que se choca, às vezes. Por um lado, o Facebook promete ao usuário “o poder de compartilhar e fazer o mundo mais aberto e conectado” (FACEBOOK, 2011), e tem o atrativo de ser completamente aberto, acessível e democrático. Por outro, a rede social constitui uma comunidade excessivamente fechada com um sistema de moderação todo-poderoso, onipresente, mas invisível, por detrás do comando. Além disso, isso chama a atenção para o fato de que pesadas obrigações têm que ser assumidas para entrar. O usuário tem que aderir aos termos de concordância – um contrato que essencialmente remove qualquer reivindicação de propriedade sobre a informação publicada dentro desse espaço (RYMARCZUC; DERKSEN, 2014, n.p; tradução minha).³⁰

Existe, como é possível perceber, uma característica intrínseca ao Facebook que isola o usuário e, ao mesmo tempo o expõe, porque o liberta das limitações da distância, mas também o confina na tela (RIMARCZUK; DERKSEN, 2014). Essa confinamento tem por atributo o direcionamento das ações do usuário em relação ao que ler e publicar. Tal direcionamento faz com que determinadas questões sejam publicadas ou republicadas e desenvolve a composição que permitirá uma determinada leitura a respeito das ações e interesses do indivíduo na rede social.

Outra questão levantada pelos autores é a da *temporalidade*. Segundo eles, a temporalidade se tornou essencial para o modo digital de produção, rivalizada apenas pela narratividade. Isso porque o tempo dentro das novas mídias possui uma plasticidade e as tecnologias de tempo real removem as fronteiras temporais do mundo físico. Nesse sentido, o Facebook possui uma tendência a demandar e a consumir muito tempo de seus usuários, o que tem sido motivo para que muitas pessoas deixem de usar a rede social ou deletem suas contas. No entanto, não é só a quantidade de tempo gasta no Facebook que interessa, mas o tipo de tempo próprio desse *espaço outro*. Como já apontado com base na visão foucaultiana, o regime

³⁰ “Although Facebook is free, it does have a system of opening and closing. A user can only enter the space of Facebook when registration and identification (self-disclosure) has been completed. When entering Facebook, users are carefully guided through its features and are taught where to post and read. Then they are asked to identify and register themselves. If the user follows the rules of conduct correctly they can start immersing themselves in the world of Facebook. Inside, openness and restrictions are combined in a way that sometimes jars. On the one hand Facebook promises the user “the power to share and make the world more open and connected” (Facebook, 2011), and has the allure of being completely open, accessible and democratic. Yet on the other hand it constitutes a heavily gated community with all-powerful, omnipresent but invisible system moderators behind controls. Moreover, it’s often pointed out that heavy dues have to be paid upon entering. The user has to agree to terms of agreement — a contract essentially stripping away all property claims of information posted within this space” (RYMARCZUC; DERKSEN, 2014, n.p).

de tempo próprio da heterotopia é a heterocronia. Assim, o Facebook, em particular, assim como o espaço heterotópico do museu, é capaz de acumular o tempo:

Partes fragmentadas de informações pessoais, que supostamente refletem um momento presente específico, são carregadas para construir um tipo de linearidade – como uma história narrada. Ao facilitar e armazenar conversas constantes em tempo real, a plataforma cria um registro detalhado de um passado pessoal digital. A marca temporal de cada entrada destaca a temporalidade do registro. Comparado a um museu, que procura armazenar uma seleção particular de objetos fora do tempo, o passado no Facebook entra em relacionamentos com o presente com muito mais facilidade. Essa característica peculiar revela-se quando consideramos a permanência crescente de um passado pessoal que influencia as relações sociais e o senso de identidade no presente. Tudo e todos estão prontamente disponíveis para serem trazidos de volta à consciência. Uma mensagem enviada uma vez, uma observação feita uma vez ou uma foto uma vez postada pode ser enviada de volta ao presente a qualquer momento (RIMARCZUK; DERSEN, 2014, n.p.; tradução minha).³¹

A linha do tempo, que expõe a história digital inteira de um indivíduo a partir de uma longa barra de rolagem da página cria uma heterocronia. Enquanto o antigo formato de mural do perfil permitia que o usuário selecionasse elementos para criar uma representação particular de si mesmo em um momento particular no tempo, a linha do tempo faz com que toda a história do Facebook do usuário esteja visível em ordem cronológica reversa e faz isso de modo automático (RIMARCZUK; DERSEN, 2014).

Ao colecionar e arranjar detalhes pessoais e sociais, a linha do tempo gera um registro das vidas dos usuários e faz com que seja possível navegar por coleções de informação interessante. Como isso é feito de modo automático, ações nesse sentido requerem esforço mínimo (MITCHELL, 2014 apud RIMARCZUK; DERSEN, 2014). Há, em contrapartida, a possibilidade de editar opções, deletar fotos selecionadas, esconder relacionamentos falidos, remover eventos aos quais o usuário compareceu ou de algum modo modificá-los sem interromper o continuum do espaço-tempo. Os autores observam que uma vida digital vivida dessa maneira impõe demandas extras sobre a *performance*, porque criar um *self* digital sólido e consistente demanda um processo ativo de busca por esses fósseis sociais, gerenciando cuidadosamente os resquícios do passado e modelando-os em uma coesão satisfatória para a

³¹ “Fragmented bits of personal information, supposedly reflecting a particular present moment, are uploaded to construct a kind of linearity — like a narrated story. By facilitating and storing constant, real-time conversation, the platform creates a detailed log of a digital personal past. The timestamp of each entry highlights the temporality of the log. Compared to a museum, which seeks to store a particular selection of objects outside of time, the past on Facebook enters into relationships with the present much more readily. This peculiar characteristic reveals itself when we consider the growing permanence of a personal past that influences social relations and sense of identity in the present. Everything and everyone is readily available to be brought back into consciousness. A message once sent, a remark once made or a picture once posted could be fed back into the present at any time” (RIMARCZUK; DERSEN, 2014, n.p).

autoimagem no presente. Cabe aqui, pois, questionar como a manipulação das memórias, entendida aqui como gestão de vários tempos anteriores, é facilmente levada a cabo pelo expediente da curadoria na rede social, devido a essas possibilidades de ocultamento e exposição de eventos, a partir das opções de edição da linha do tempo.

Para além disso, de acordo com os autores, “uma interpretação heterotópica do Facebook” deve se atentar também às questões relativas à privacidade, quando se trata da distinção entre público e privado, a qual já se torna obsoleta, uma vez que as barreiras entre essas duas esferas se tornam cada vez menos nítidas. Entretanto, as discussões relativas à privacidade parecem tocar, inevitavelmente, na questão espacial:

Em relação ao Facebook, as preocupações com a privacidade emergem através de sua natureza heterotópica: pelo fato como justapõe espaços incompatíveis, mas também pela maneira como ele mescla esses espaços em "une espace autre". Esse outro espaço não é produzido pela média do que é privado e do que é público, mas deve ser visto como um espaço onde não existe tal distinção. Algumas pessoas florescem dentro dessa heterotopia e outras não (RYMARCZUK; DERKSEN, 2014, n.p.; tradução minha) ³²

Há ainda a questão dos limites e distinções entre realidade e ilusão na rede social. Os autores destacam o fato de que o Facebook é caracterizado frequentemente como uma *performance*. Seria necessário, contudo, considerar que, mesmo que os usuários estejam tentando representar algo real sobre si mesmos, terminam por, inevitavelmente, considerar a audiência, na tentativa de controlar a impressão que ela teria deles (GOFFMAN, 1959). Entretanto, Rymarczuk e Derksen (2014) não compactuam com a totalidade dessa visão a respeito do Facebook como espaço *falso* ou *irreal*, por acreditarem que ela desconsidera a natureza heterotópica do Facebook. Segundo os autores, as postagens fornecem novos modos para que alguém se apresente, influenciando as relações sociais, nas quais os indivíduos podem apresentar versões sempre atualizadas de si mesmos³³. Isso se deve, principalmente, ao fato de que o passado online de um indivíduo fica armazenado, fazendo com que o eu permaneça disponível para ser inspecionado. Portanto, a heterotopia do Facebook, devido às suas possibilidades técnicas, constitui, por um lado, “um novo tipo de espaço onde a seleção,

³² “Regarding Facebook, privacy concerns emerge through its heterotopic nature: the fact that it juxtaposes incompatible spaces, but also the way it merges these spaces into ‘une espace autre’. This other space isn’t produced by averaging what is private and what is public, but should be seen as a space where there is no such distinction. Some people flourish within this heterotopia and others don’t” (RYMARCZUK; DERKSEN, 2014, n.p.).

³³ Apesar de esta pesquisa não investigar o caráter performativo das linhas do tempo, cabe questionar se toda autobiografia não é uma forma de *performance*, no sentido de ser uma tentativa de controlar as percepções que os leitores têm da obra e da vida do autor. O aprofundamento dessa discussão se reserva ao Capítulo II.

formulação e articulação do conteúdo está facilmente acessível, por outro, a transparência ampliada adiciona restrições à *performance* e encoraja o questionamento de sua autenticidade”³⁴(*ibid.*).

Voltando à discussão específica sobre os espaços museais, exemplo típico de heterotopia e cuja repercussão está presente construção argumentativa desta tese, faz-se relevante apontar que Jeudy (1990) destaca a diferença entre ir ao museu e “fazer” um museu, sendo esta minimizada em face do desejo de reavivar os “espaços da memória”. Segundo o autor, “coletar objetos, prepará-los, reunir relatos e imagens que evocam aspectos da vida passada são atos produtores de uma simbolização ativa e reprodutível ao infinito” (JEUDY, 1990, p.14). A partir disso, ele discute a existência de uma “pulsão museófila” coletiva, relacionada ao ato de consagração simbólica de um objeto. Há assim, um contexto de investimento na conquista da memória (coletiva), que é trabalhada em meio à ameaça de seu próprio desaparecimento. Em razão disso, os museus seriam espaços de organização e evocação de referências culturais que servem ao desenvolvimento do conhecimento (JEUDY, 1990, p. 19).

Além dessa perspectiva, Tucherman e Cavalcanti (2010), tomando os museus como dispositivos de curiosidades, compreendem esses espaços como lugares que selecionam o mundo e o passado e produzem sentido nessa consagração. Para as autoras, o “efeito museu” é o de uma escolha e de uma antologia. Novamente, escolha e antologia não podem deixar de se atrelar à ideia de curadoria como um impulso primordial, uma vez que a escolha remete à preferência e/ou predileção que se dá a alguma coisa que se encontra entre outras. As antologias, por sua vez, remetem às coleções de trabalhos literários ou musicais que são agrupados e arquivados, de acordo com suas temáticas, com o período em que foram produzidos ou ainda segundo o seu autor.

Ao emprestar as colaborações de Latour (2004) sobre as coleções, Tucherman e Cavalcanti (2010) tratam também da maneira como os museus ressignificam a dinâmica espaço-tempo, porque transformam a matéria, isto é, artefatos diversos, em signos. Isso porque os espaços museais constituem nós de uma rede onde circulam essas matérias, servindo de receptáculo para um universo concentrado. Como consequência dessa concentração existiriam duas principais implicações: (a) universalização e unificação do que estava disperso e (b)

³⁴ “a new kind of space where selection, formulation and articulation of content is more readily available, but on the other hand the increased transparency puts added constraints on the performance and encourages questioning its authenticity. On the one hand, there are people who feel they can really be themselves on Facebook and experience it as a space where they finally come into their own”.

mudança na lógica de saber-poder, porque os fenômenos passam a ser representados na materialidade das inscrições que veiculam as informações sobre eles mais do que neles próprios.

O teórico Edward Tufte (1990), por sua vez, elabora uma enumeração útil dos tipos de atividades³⁵ e/ou operações empregadas pelas pessoas dentro do que ele chama de “mundos densos de informação” (*information thick worlds*):

Selecionar, editar, unificar, estruturar, destacar, agrupar, parear, fundir, harmonizar, sintetizar, focar, organizar, condensar, reduzir, resumir, escolher, classificar, catalogar, listar, abstrair, digitalizar, olhar para, idealizar, isolar, discriminar, distinguir, tipificar, integrar, misturar, inspecionar, filtrar, suavizar uma parte, mediar, aproximar, agregar, esboçar, resumir, relacionar, avaliar, mergulhar, percorrer, navegar, folhear, passar os olhos, refinar, enumerar, respigar, fazer sinopse, separar o joio do trigo (TUFTE, 1990, p.50).

³⁶

Assim, Tufte (1990) corrobora uma compreensão de que a curadoria se relaciona ao fato de “antologizar” conteúdos já consolidados para produzir outros e novos conteúdos, assim criando uma nova experiência para os leitores, ao dar uma nova vida ou, ainda, uma nova realidade a um texto anterior. Nesse sentido, o autor corrobora um dos pilares do “efeito museu”, a antologia, já sugerido por Tucherman e Cavalcanti (2010).

De qualquer modo, os museus vão passando por reformulações e alguns tipos de museu passam a ser privilegiados. Contudo, a dinâmica da interatividade é a que predomina, como explicam as autoras com o exemplo da experimentação proporcionada pelo museu de ciências, o que acaba por promover uma nova pedagogia da percepção, engendrada por formas mais sedutoras, para os visitantes, de organização dos espaços expositivos. Atualmente, porém, não podemos reduzir a experiência de uma exposição aos espaços museais convencionais, como já apontamos anteriormente. Os curadores passaram a desenvolver suas exposições, em diálogo com a própria prática artística e com a história da arte contemporânea, em lugares mais inesperados e menos convencionais, por assim dizer, tais quais fábricas desativadas, exemplo

³⁵ Apesar de útil, faz-se fundamental perceber que se pode olhar quase tudo sob o viés da curadoria, no entanto, é equivocado dizer que tudo seja curadoria. Isso porque quando uma definição engloba o todo, não se define nada e, portanto, não se define a prática.

³⁶ Livre tradução e adaptação minhas: “Select, edit, single out, structure, highlight, group, pair, merge, harmonize, synthesize, focus, organize, condense, reduce, boil down, choose, categorize, catalog, classify, list, abstract, scan, look into, idealize, isolate, discriminate, distinguish, screen, pigeonhole, pick over, sort, integrate, blend, inspect, filter, lump, skip, smooth, chunk, average, approximate, cluster, aggregate, outline, summarize, itemize, review, dip into, flip through, browse, glance into, leaf through, skim, refine, enumerate, glean, synopsisize, winnow the wheat from the chaff, and separate the sheep from the goats (TUFTE, 1990, p. 50)”.

mencionado pela pesquisadora argentina Beatriz Sarlo (2009)³⁷, ao qual eu gostaria também de acrescentar o exemplo de igrejas, hotéis abandonados, rádios, a própria rua, entre outros.³⁸

Rendeiro e Ribeiro (2012), situando a produção memorialista das redes sociais, frente às variadas formas de memória que podem coexistir com mecanismos distintos, bem como objetos de lembrança, afirmam que:

é possível pensar no fato de que as redes sociais da Internet – com seus *posts*, *links* e imagens, fragmentos narrativos, *photoblogs* e informações – está marcadamente em sintonia com a ideia de memória ativa. Com uma produção que é alimentada pela troca de recordações pessoais e dos outros, servindo como um recurso pelo qual é possível nutrir a memória coletiva, como se nossas ações só tivessem valor quando exteriorizadas, contadas e (re)contadas aos outros e a nós mesmos. (RENDEIRO; RIBEIRO, 2012, p.5)

As autoras se debruçam no estudo das fotografias no Facebook, ao defender “a ideia de que álbuns de fotos pessoais, vídeos, bem como fotografias com legendas; imagens editadas com pequenos textos e fragmentos narrativos (breves relatos *on-line*) representam uma produção memorialista instituída na virtualidade, alocada em redes sociais da *web*” (RENDEIRO; RIBEIRO, 2017, n.p). Apesar disso, é possível generalizar suas reflexões também para as linhas do tempo, que incluem, para além das fotos, uma série de outras materialidades que compõem a mesma “coleção virtual” ou “museu pessoal” de que falam as autoras, pois se trata, igualmente, de elementos que identificam e representam o indivíduo, na composição acumulativa de seu perfil ou em um *processo de automusealização* (RENDEIRO; RIBEIRO, 2017, n.p).

Todos os conteúdos discursivos – aparentemente desconexos – presentes nas linhas do tempo “ganham um sentido e uma coerência na proposta de retratar alguém, compor uma imagem maior, sobrepondo as identidades, um percurso que segue do “nós” para o “eu”” (RENDEIRO; RIBEIRO, 2012, p.6). Isso porque o que se apresenta na linha do tempo nem sempre é fruto da escrita ou elaboração própria do indivíduo; poderíamos inclusive nos atrever a dizer: de um trabalho, processo ou atividade “autoral”, configurando, assim, um caminho de composição e justaposição das ações de terceiros (“outros”; “nós”) para a expressão da subjetividade incorporada à curadoria digital de si.

³⁷ “No se convierte a la fabrica en centro cultural porque la base de edificación industrial ofrece una escenografía atractiva para las actividades artísticas (como el caso de Ciudad Cultural Konex) , sino porque el trabajo intelectual y el manual, separados por las formas capitalistas de producción, pueden encontrar en una isla urbana nuevas modalidades combinatorias” (SARLO, 2009, p.202).

³⁸ Há inclusive, trabalhos que investigam os *webmuseus* de arte, como aparatos informacionais no ciberespaço (LOUREIRO, 2004, n.p). Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1051/1127>. Acesso em: 15/03/2017.

Como tem se argumentado até aqui, a sociedade contemporânea, graças a redes sociais como o Facebook, tem experimentado novas formas de apresentação e exibição do eu e de acesso e distribuição de informações. A hipótese aqui levantada é de que no caso específico das linhas do tempo do Facebook, as práticas curatoriais de seleção e apresentação do que é publicado pelos usuários engendram processos discursivos que podem favorecer o que chamo de “curadorias digitais de si”, isto é, formas de exposição autobiográficas e públicas do “eu”, propiciadas pelas possibilidades fornecidas pelo próprio *site* de rede social, e apropriadas pelos seus usuários, tendo em vista o colecionamento de materialidades diversas, que pode, como também enuncia nossa hipótese, refletir traços e vestígios de uma “expressão auto/biográfica”.

Tudo que é publicado em uma linha do tempo de um perfil pessoal do Facebook é feito para ser visto em conjunto com outras publicações do mesmo indivíduo. Por essa razão, as postagens constituem sua significação, por semelhança e/ou diferença, por evocação ou ruptura, dentro daquele conjunto. Dissociada daquela linha pessoal e individualizada, isto é, que diz respeito a uma pessoa em particular, pode fazer com que seu sentido auto/biográfico seja menos perceptível. Entretanto, não se pode ignorar que algumas publicações, mesmo isoladas de uma interpretação conjugada da linha do tempo individual, permanecem revelando o sentido memorialístico, sobre o qual se consolida a percepção da dimensão subjetiva e auto/biográfica do sujeito.

Sabe-se que ambos, memória e arquivo, atuam conjuntamente no registro da existência dos usuários de redes sociais como o Facebook, como tentei demonstrar, inicialmente, no item 1.4 deste capítulo. Ao ler e selecionar e, enfim, eleger algo a ser publicado – publicação esta que é fruto desse passo a passo curatorial na *web* – o indivíduo expressa sua subjetividade e evita o esquecimento, garantindo sua “existência”:

O medo do esquecimento, a busca de um reconhecimento por seus pares, a febre dos avatares e Facebook, enfim a configuração de nosso mundo contemporâneo é propícia para a produção (e recepção) de textos autobiográficos. Obviamente, o primeiro tipo de texto autobiográfico desse início do século XXI são as diferentes redes sociais que se multiplicam e proporcionam a publicação instantânea de diversas escritas do eu. São páginas profissionais com depoimentos pessoais em que o autor – homem de negócios, fotógrafo, advogado... – quer vender o seu produto, mas para fazê-lo não se furta a dizer como iniciou sua empresa, a postar fotos pessoais e a (re)criar uma imagem do profissional que pode interessar seu público leitor, possível clientela para seu produto. No entanto, temos também as muitas páginas pessoais desenvolvidas com os mais diferentes objetivos – justificadas por diferentes razões, mas apresentando todas aparentemente o mesmo objetivo: falar de si mesmo, divulgar suas fotos pessoais, relatos de viagem, histórias familiares... Em meio a justificativas variadas, verifica-se a preocupação de registrar sua vida, de guardar – ou expor – suas memórias. (VILLAR, 2016, p.505)

Por essa razão, as recomendações, as publicações e os outros tipos de exposição exibidos na linha do tempo de um perfil pessoal podem ser compreendidos e lidos como conteúdos discursivos constituintes de uma expressão autobiográfica, o que será aprofundado no Capítulo II. Sendo a internet um “horizonte completo da mediatização contemporânea” (ARFUCH, 2002, p. 77) e o Facebook um de seus expoentes mais populares, argumentamos que é razoável projetar algumas tendências e regularidades sobre sua configuração para a invenção e viabilização do que seria uma “curadoria digital de si” na exibição de um perfil pessoal. Queremos, no Capítulo IV, referente à discussão dos dados de pesquisa, comprovar essas hipóteses, tendências e regularidades.

CAPÍTULO II

“Olhe-me: a autobiografia sou eu!” (?)

Misturar meu texto com imagens, diagramas, animações, modelagens em 3D – fazer uma espécie de scrapbook eletrônico, já é possível hoje em dia. Completá-lo com sequências de vídeo e áudio estará ao alcance de todos em alguns anos. Será assim no futuro. Ser mais do que diarista: ser o artista eletrônico da própria existência.

Graham Woodroffe (LEJEUNE, 2014 [2008], p.369)

2.1 Uma visita ao “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune

Abrimos este capítulo com uma epígrafe que reproduz uma das respostas recebidas por Philippe Lejeune, em 1998, ao apelar às pessoas que mantivessem um diário no computador para exporem suas percepções gerais a respeito da própria prática. Em uma das respostas recebidas por ele, um leitor assevera que no futuro será possível “ser artista eletrônico da própria existência”, mais do que um simples diarista. O diário alimentado no computador – já antes da criação da máquina reconhecido como gênero autobiográfico – sofreu transformações e guarda semelhanças importantes com as linhas do tempo do Facebook, dentre outros fatores, por considerar um destinatário externo. Neste capítulo, trataremos de fazer um recorrido teórico que possa demonstrar as articulações enxergadas tanto com a noção de curadoria digital como com nosso objeto de pesquisa, a respeito do que compreendemos como forma de expressão auto/biográfica contemporânea nessa rede social.

Os estudos sobre a autobiografia têm como principal precursor, pesquisador e teórico, o nome de Philippe Lejeune, de modo que seria impossível discutir a questão autobiográfica na qual se apoia e se constrói esta pesquisa sem partir do trabalho do autor. Baseado no exame da produção de gêneros autobiográficos em língua francesa e em seus processos de leitura e investigação, Lejeune identificou algumas regularidades nos textos cuja escrita autobiográfica poderia ser claramente percebida e a esse conjunto de marcas, aproximações e singularidades deu o nome de “pacto autobiográfico”, o que não o impediu de revisitar seu estudo muitas vezes depois e fazer crítica a seu próprio trabalho. É principalmente – mas não só, já que traremos à baila outros autores pospositivos – com base na coletânea de ensaios do livro “O Pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet”, que exporei os desenvolvimentos teóricos de Lejeune a respeito das escritas do eu e as associarei a um liame adequado aos propósitos desta pesquisa.

Como assevera o autor, o termo *autobiografia* se originou na Inglaterra no início do século XIX, empregando-se em dois sentidos distintos, ainda que bastante aproximados. O primeiro deles, eleito por Lejeune, data de 1886, com proposição de Larousse: “Vida de um indivíduo escrita por ele próprio” (2014 [2008], p.62) [originalmente do texto *Le pacte autobiographique* (bis), p.13-35, 1986]. Em um sentido mais dilatado, “autobiografia” pode designar também qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele” (LEJEUNE, 2014 [2008], p.62). Nota-se em ambas as definições a natureza obviamente autorreferencial de uma autobiografia e o pressuposto de que, para que seja considerada como tal, ela seja produzida por uma pessoa sobre sua própria existência, sua própria história, sua própria vida. Além disso, também existe o apontamento para a questão do contrato designado pelo texto, isto é, um acordo de leitura que permitiria que determinada escrita fosse lida como autobiográfica. Contudo, não há ainda a demarcação explícita do caráter narrativo desse tipo de escrita de si nessas elaborações.

Lejeune se apoia ainda em uma definição do *Dictionnaire universel des littératures* de 1876, em que a autobiografia é definida da seguinte forma: “(...) obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos” (LEJEUNE, 2014 [2008], p.62). Tal definição é seguida de um comentário que reforça o seu amplo sentido: “A autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas Memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões” (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 63). Esta última acepção do termo autobiografia reflete o papel não só de um tipo de escrita específico, como também da aparição de um novo modo de leitura, em que o leitor tem possibilidades de interpretação e de tomada de decisão sobre as supostas intenções do autor. O emprego da palavra utilizado pelo autor, em última instância, é feito de maneira ampla: “qualquer texto regido por um pacto autobiográfico, em que o autor propõe ao leitor um discurso sobre si, mas também [...] uma realização particular desse discurso, na qual a resposta à pergunta “quem sou eu?” consiste em uma *narrativa* que diz “como me tornei assim” (LEJEUNE, 2014 [2008], p.63 -64; grifo do autor).

Então, tendo em vista a importância central da narrativa para o tratamento da autobiografia, o autor investe em uma primeira definição que englobe esse domínio. Mais tarde, essa guinada comporá a crítica dirigida a si mesmo, devido ao aspecto normativo correspondente à acepção do termo em *L'autobiographie en France*, mencionada a seguir: “Página 16: “Definição: denominamos ‘autobiografia’ a narrativa retrospectiva em prosa que

alguém faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 82). Essa preocupação normativa inicial se dava por uma demanda do pesquisador em relação ao estabelecimento de um método que permitisse a reunião de um *corpus*. No entanto, essa inquietação acabou por levá-lo a um modelo estrito, purista e elitista, como o próprio autor passa a considerá-lo:

Página 21: “A autobiografia não pode ser simplesmente uma agradável narrativa de lembranças contadas com talento: ela deve manifestar um sentido, obedecendo às exigências, frequentemente contraditórias de fidelidade e coerência”. Tenho um modelo, faço uma triagem, deixo à margem e descarto o que não corresponde, como sendo pré-história, subgênero secundário, avatar, detrito. (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 83)

O autor consegue refletir, nesse ponto, sobre os sentidos e composições de autobiografia que, por vezes, são escamoteados por seu esforço teórico. Assim, chega a desistir da própria ideia de chamar de “pacto” o estabelecimento da relação existente entre o autor e o leitor de uma autobiografia e a substitui por *contrato*, como sendo o processo duplo de comprometimento e sistematização para a apresentação do autor e, de outro lado, o modo de leitura elencado por parte do leitor:

uma das críticas feitas à ideia de pacto é que ela supõe a reciprocidade, um ato em que duas partes se comprometem mutuamente a fazer alguma coisa. Ora, no pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Isso é verdade. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação. Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? E essa simples ideia incomoda. À diferença de outros contratos de leitura, o pacto autobiográfico é contagioso. Ele sempre comporta um fantasma de reciprocidade, vírus que vai pôr em estado de alerta todas as defesas do leitor (LEJEUNE, 2014 [2008], p.85).

Em relação a isso, é imprescindível o destaque para duas importantes colocações de Lejeune, atualizadas para os propósitos deste trabalho e não para as autobiografias publicadas formalmente por editoras, por exemplo. A primeira colocação se revela sobre a defasagem entre a intenção inicial do autobiógrafo e aquela que lhe será atribuída pelo leitor, por razões que estão relacionadas ao desconhecimento dos efeitos induzidos pelo modo de apresentação que o autor escolheu, ou porque entre o leitor e ele existem várias outras instâncias condicionantes para a leitura. A segunda colocação se refere à coexistência de diferentes leituras

e interpretações do mesmo texto, uma vez que o público não é homogêneo e que leitores distintos terão sensibilidades e julgamentos igualmente diversos em relação aos mesmos signos.

O destaque para essas duas colocações específicas de Lejeune é importante, porque, bem como ele, considero-me como leitora representativa de um “leitor médio” que não quer, contudo, transformar minhas reações de leitura das linhas do tempo em norma, mas simplesmente apontar tendências e regularidades em se tratando da abordagem do objeto de pesquisa. Para Villar (s/d) ³⁹, um texto autobiográfico é impregnado de seu autor e é assim recepcionado pelos seus leitores. Desse modo, um texto somente pode ser considerado autobiográfico se assim for percebido por parte dos leitores. Nesse sentido, sou autorizada, como leitora das linhas do tempo dos perfis selecionados para esta investigação, a me engajar em um processo ativo de interpretação de um discurso autobiográfico fragmentado, tanto pelo sujeito, quanto pela estrutura das linhas do tempo. Diferentemente de Lejeune não me basearei na análise de gêneros literários, uma vez que os conteúdos discursivos e os fragmentos por meio dos quais se constitui uma linha do tempo podem até ser literários, mas esse não é seu caráter necessariamente predominante. No entanto, sustento-me pela noção de que, “em literatura, não existem elementos fixos...” (LEJEUNE, 2008, [2014], p.93), porque a analogia me parece pertinente quando encaro o problema dos aspectos metodológicos de pesquisa das linhas do tempo do Facebook, que serão discutidos no capítulo seguinte.

Sobre o “contrato de leitura”, cabe ainda tratar da questão da verdade, do que é real e do que é ficção, já aludida no capítulo anterior nas imbricações entre ilusão e realidade dentro do espaço heterotópico do Facebook. Todos esses aspectos são parte da problemática trazida pela análise de textos considerados, em seus modos de organização do discurso, autobiográficos. Entretanto, é necessário que se exponha até que ponto seria plausível pensar em uma verdade constitutiva nos moldes estabelecidos pelas linhas do tempo do Facebook, uma vez que muitas das publicações se baseiam em produções advindas de outros espaços virtuais e *sites*, assim como de outros perfis pessoais da rede de amigos de um usuário. Não seria possível definir com clareza o real, a verdade ou a ficção nesse caso, porque não se trata de se atentar a isso, mas de se investir em um olhar que consiga (re)constituir – considerando possibilidades sempre circunstanciais – um percurso de vida do autor do perfil, a partir dos recortes e conteúdos discursivos que ele seleciona.

³⁹ O artigo se intitula “A autobiografia como discurso de poder”.

Disponível em: http://www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a9n6/marilia_villar.pdf. Acesso em: 12/06/2017.

Ao tomar distância da primeira versão de “O pacto autobiográfico” e *L'autobiographie en France* e expressando críticas ao encaminhamento normativo de sua primeira proposta de trabalho, Lejeune demonstrou seu interesse pelo estudo de gêneros fronteiriços ou casos-limite como a autobiografia escrita em terceira pessoa ou os mistos de romance e autobiografia, que passam pela palavra-valise “autoficção”, cunhada pelo escritor e crítico francês Serge Doubrovsky. De acordo com Doubrovsky, “a autoficção é a ficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo” (DOUBROVSKY, 1988, p.77 apud KLINGER, 2012, p. 47). O conceito de autoficção foi ainda estudado por Diana Klinger (2006) como uma *performance* do autor:

Segundo nossa hipótese, o texto autoficcional implica uma *dramatização de si* que supõe, da mesma maneira que ocorre no palco teatral, um sujeito duplo, ao mesmo tempo real e fictício, *pessoa* (ator) e personagem. Então não se trata de pensar, como o faz Philippe Lejeune, em termos de uma coincidência entre pessoa real e personagem textual, mas a dramatização supõe a *construção* simultânea de ambos, autor e narrador. Quer dizer, trata-se de considerar a autoficção como uma forma de *performance* (KLINGER, 2006, p. 58).

Com essa contribuição do seu trabalho, a autora põe em evidência o caráter teatralizado da construção da imagem do autor e reforça a ideia de impossibilidade da existência de um sujeito pleno que se refletiria no texto. Como sujeito de uma *performance*, o autor representa um papel em sua exposição pública, em suas “múltiplas *falas de si*, nas entrevistas, nas crônicas e autorretratos, nas palestras” (KLINGER, 2006, p. 59). Desse modo, os traços autobiográficos dos textos autoficcionais não residiriam em uma proposta de correspondência com a verdade dos fatos, mas em uma ilusão de acesso ao lugar de onde emana a voz do autor. Embora esta pesquisa não se proponha a tratar de textos fundamentalmente literários, como já foi dito, a noção de autoficção de Diana Klinger apresenta um aporte analítico relevante para as linhas do tempo, porque permite que se diga que no momento das postagens, os autores dos perfis realizam performances para a construção de uma imagem relacionada a seus interesses específicos, no sentido de como gostariam de ser vistos e lidos, por quem entra em contato com suas páginas pessoais.

Além disso, dá acesso a uma noção de sujeito que é fundamental para esta investigação, cuja apresentação se faz agora necessária, já que propomos a “curadoria digital de si” como ponto de partida para compreender e interpretar o modo de configuração das linhas do tempo do Facebook. Assumimos a ideia de descentralização do sujeito no contexto contemporâneo, diferentemente do que assumiu, ao menos a princípio, o teórico francês Philippe Lejeune, quando entendia o sujeito responsável pela autobiografia como munido de uma identidade essencial (VELASCO, 2016). Na contemporaneidade, pensar o sujeito como

sendo possuidor de uma identidade fixa e estável não é mais plausível, porque esta se constrói em relação com processos históricos e culturais. Existe, portanto, uma instabilidade do “eu”, que se apresentará de formas contingentes, contraditórias e não unificadas. É a partir dessa concepção de sujeito pós-moderno (HALL, 2006) que as linhas do tempo devem ser encaradas, consoante o momento histórico no qual elas são criadas e estabelecidas como forma de comunicação e apresentação de si em uma rede social de internet, que tem como pressuposto a curadoria digital de conteúdos discursivos diversos.

Voltando a tratar de Lejeune, é importante dizer ainda que entre 1971 e 1986, o teórico se debruça também sobre as “escritas ordinárias” que incluem, segundo ele, a história oral, outros meios de comunicação que não a escrita, e o cinema, apesar de ter evitado, até aquele momento, o diário. Só em 1986, o autor decide explorar o diário, especificamente o diário pessoal, não como um gênero literário – ao considerar seu surgimento como um epifenômeno – mas como uma prática. Apesar de à época dessa ampliação do seu escopo de pesquisa não haver a existência do Facebook, já existia aí uma sinalização para a possibilidade de englobar outras formas de escritas de si dentro do panorama de estudo da autobiografia como gênero.

Vimos até aqui que, em sua concepção clássica, e em um sentido estrito do termo, a autobiografia remete a um compromisso explícito do autor em dizer a verdade ao leitor, dentro de uma narrativa referencial escrita pelo próprio indivíduo e também centrada nele. É notável que essa veridicidade sempre seja uma verdade do autobiógrafo, mas é a isso que se propõe um “pacto” estabelecido entre as duas partes. Em contrapartida, no sentido apresentado no *Dictionnaire universel de littératures* (1876) de Vapereau, a autobiografia não se enquadra forçosamente como uma narrativa e já não há a necessidade do compromisso estrito com a verdade do autor – se é que isso é possível em qualquer que seja o âmbito de discussão da proposição de verdade construído tão só na linguagem⁴⁰ –, bem como ao leitor é dada a oportunidade de se opor a intenções explícitas de veridicidade e é a “decisão” deste que vale

⁴⁰ Nietzsche aporta uma importante reflexão quanto à questão da verdade (e do seu suposto, e frequentemente assim entendido, par opositivo: a mentira), que cabe aqui citar: “De fato, aquilo que daqui em diante deve ser a “verdade” é então fixado, quer dizer, é descoberta uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem vai agora fornecer também as primeiras leis da verdade, pois, nesta ocasião e pela primeira vez, aparece uma oposição entre verdade e mentira. O mentiroso utiliza as designações pertinentes, as palavras, para fazer parecer real o que é irreal; ele diz, por exemplo: “eu sou rico”, ainda que, para qualificar sua condição, fosse justamente a palavra “pobre” a designação mais correta. Ele mede as convenções estabelecidas, operando substituições arbitrárias ou mesmo invertendo os nomes. Se age assim de maneira interessada e demasiadamente prejudicial, a sociedade não lhe dará mais crédito e, por causa disso, o excluirá. Nesse caso, os homens fogem menos da mentira do que do prejuízo provocado por uma mentira. Fundamentalmente, não detestam tanto as ilusões, mas as consequências deploráveis e nefastas de certos tipos de ilusão. É apenas nesse sentido restrito que o homem quer a verdade.” (NIETZSCHE, 2001 [1873], p.9-10).

quanto a essa questão. A palavra “autobiografia”, por isso, seria o resultado de um momento oportuno para se refletir sobre uma mudança nos modos de leitura promovida a partir do século XIX e conduzida por um viés personalizante, em busca de um “eu profundo do autor”:

Consome-se “eu” alheio para alimentar seu próprio eu. Os autores, com frequência, incentivam esse tipo de leitura, articulando as criações de ficção com textos autorreferenciais. É o que denominei “espaço autobiográfico”. Nessa perspectiva, qualquer coisa pode ser considerada “autobiográfica”, e a palavra tem mais a ver com a atitude de leitura da pessoa que a emprega do que com a natureza do objeto designado (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 260).

A noção de *espaço autobiográfico* expressa-se como uma perspectiva analítica para as mais diversas materialidades textuais e modalidades discursivas, uma vez que privilegia mais o processo de leitura do que uma série de características estáveis de um determinado objeto linguístico-discursivo. É, pois, essa abertura conceitual que permite uma incursão na análise das linhas do tempo da rede social investigada como uma autobiografia fragmentada e de suas publicações como os fragmentos autobiográficos de um perfil individual. Ademais, o consumo do “eu” alheio para nutrir a própria existência/experiência pode ser concretamente observado nas linhas do tempo e em ações curatoriais como as de compartilhar elementos hipermodais de outras pessoas, com os quais o indivíduo entra em contato por meio do Feed, incorporando e construindo, assim, seu próprio *eu* e dando colorações específicas à sua subjetividade. Novamente, está aí pressuposta nossa hipótese de que esses compartilhamentos e publicações outras não podem não ser lidos, tanto em sua conjunção como em sua independência, como atributos relativos ao perfil auto/biográfico do indivíduo que os engendra e produz.

Assim, a flexibilidade da palavra “autobiografia” não só nos permite seu empréstimo para a realização de uma articulação teórica possível com a caracterização que se fez da curadoria no capítulo anterior, mas também oferece uma chave de leitura profícua das linhas do tempo:

A palavra “autobiografia” é, pois, elástica. E isso deve ser motivo de alegria, porque esse é um atributo das palavras e ideias que estão vivas. Mas esses deslocamentos perturbam bastante, a partir do momento em que se começa a pensar e transportar, junto com a palavra, o que lhe dava sentido antes, para um novo meio de comunicação (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 259).

É possível destacar que a elasticidade do termo comentada por Lejeune pode vir a apresentar alguns problemas quando adaptada para uma rede social, que não fazia parte das questões levantadas pelo teórico à época de seus primeiros estudos. Por reconhecer a necessidade desse cuidado na transposição, adaptação e empréstimo desse dispositivo analítico, é que proporemos uma adequação crítica a esse deslocamento para os interesses próprios desta

investigação, quando o empregarmos, uma vez que estamos lidando com “um novo meio de comunicação”.

2.2 Paralelos entre o diário pessoal e as linhas do tempo do Facebook

No desenvolvimento desta tese apresentaram-se de forma sobressalente os paralelos entre o diário pessoal e as linhas do tempo, para os quais se faz necessário dar especial atenção neste momento. O diário é considerado por Philippe Lejeune um gênero de expressão autobiográfica. Para o autor, trata-se de uma atividade discreta, irregular e passageira mantida pelas pessoas em uma fase da vida, durante uma crise ou uma viagem. São raros os indivíduos que alimentariam, segundo ele, a obrigatoriedade de escrever diariamente, fazendo o registro de tudo que seja possível. Em sua maioria, os diários seguiriam “um tema, um episódio, um só fio de uma existência. Uma vez virada a página, esquecemo-nos dele, às vezes, o destruimos...” (LEJEUNE, 2014 [2008], p.297).

Para descrever e caracterizar a manutenção da prática de se escrever diários na França, o autor chega a se questionar sobre se ela refletiria uma tentativa de refúgio dos indivíduos pelo afrouxamento das relações de parentesco ou a compensação da pulverização e despersonalização da vida social, mas prefere ir pelo caminho de um movimento e um fenômeno inscrito dentro de uma extensa evolução:

Desde a Antiguidade, no Ocidente, assistimos a uma progressiva individualização do controle da vida e da gestão do tempo. É o que se chamava antigamente de “foro íntimo”, bela expressão que designa a passagem de uma jurisdição externa e social (fórum) a um tribunal puramente interior e individual, o da consciência. O desenvolvimento atual do diário corresponde talvez a essa delegação de poder: cada indivíduo tem de administrar a si mesmo, com seu próprio setor de contenciosos e seus próprios arquivos (LEJEUNE, 2014 [2008], p.299).

A compreensão do diário como um artefato de registro regulatório da conduta individual demonstra a personalização de algumas disputas que antes cabiam à vida pública e que foram, pouco a pouco, tornando-se responsabilidades do indivíduo, na esfera privada. Retomo aqui a noção de escritas de si e tecnologias de si desenvolvidas por Michel Foucault e aludidas no início do Capítulo I, para fundamentar, ainda que brevemente, uma possível genealogia das linhas do tempo do Facebook. A partir da investigação sobre as cartas de Sêneca e Marco Aurélio aos seus mestres, o filósofo francês identifica uma forma de produção de diário íntimo, enxergado como tecnologia do eu e voltado ao “cuidado de si” que, mais tarde, com o estabelecimento da confissão cristã, consolidou-se como “conhecimento de si” (ARFUCH, 2014 [2008]). Nas palavras de Foucault (1992):

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha; podemos pois propor uma primeira analogia: aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário. (FOUCAULT, 1992, p.130-131)

A escrita de si se mostra, então, como forma de condicionamento autodisciplinar, além de alternativa à solidão do indivíduo. Ademais, reúne as impressões do que foi visto e pensado tendo como suporte o caderno de notas. Analogamente – e algumas centenas de anos depois – as linhas do tempo do Facebook têm papel semelhante no afastamento e isolamento do sujeito, ao mesmo tempo que o aproximam e o conectam com outros indivíduos por meio da internet. Não se pode negar, contudo, que as reflexões feitas pelo indivíduo e compartilhadas em seu perfil não se estendam para o cuidado e para o conhecimento de si, já que em alguma medida muitas das publicações são “autodirigidas”, no sentido de que refletem um aspecto do cotidiano que só pode ser compreendido pela vivência do sujeito. No entanto, à diferença do campo do segredo e do resguardo, as linhas do tempo como tecnologias de si se inscrevem na disseminação e, por vezes, até mesmo na indiscrição.

Além disso, faz-se indispensável destacar a ideia de que o diário é um arquivo pessoal de memória, o que nos leva a conceber outro paralelo importante com a linha do tempo dos perfis pessoais do Facebook, uma vez que apesar de podermos identificar um momento de *performance* diante de uma publicação por parte do usuário do perfil, ao olhar para o segundo semestre do ano de 2014 como recorte da linha do tempo, em retrospectiva, é preciso concebê-lo como arquivo. Trata-se de fragmentos de memórias e acontecimentos que foram relatados pelos usuários, e também registrados e datados automaticamente pela rede social, representando, assim, “não só uma espécie de exteriorização das memórias individuais, mas um verdadeiro acervo de memória social” (FANAYA, 2012, p. 29).

Se fosse possível circunscrever uma noção definidora para o diário, ela estaria, antes de tudo, baseada na escrita cotidiana, como em “uma *série de vestígios datados*” (LEJEUNE, 2014 [2008], p.299, grifo do autor). O fundamento do diário é a data, porque se nota que o primeiro gesto de quem escreve um diário é apontar essa marcação temporal: dia, mês, ano. Chama-se de *entrada* ou *registro* o que está escrito sob uma mesma data, com um conteúdo que não será modificado mais tarde, com base em certa autenticidade do momento da escrita. A partir disso, podemos observar mais um paralelo com as linhas do tempo, dada a própria conformação de sua interface, que possibilita a publicação de uma “série de vestígios” ou, como queremos aqui, de conteúdos discursivos *datados*, cuja demarcação temporal é proporcionada

automaticamente pela rede social e que nos permite recobrar dias, meses e anos de cada postagem, uma vez que esta seja realizada.

Caso sejam realizadas modificações no que já foi escrito, Philippe Lejeune afirma que se abandona o diário e se cai na autobiografia. O autor compreende o diário como um vestígio com suporte próprio como cadernos ou folhas avulsas, e como vestígio de escrita associado a outros vestígios: “flores, objetos, sinais diversos arrancados à vida cotidiana transformados em relíquias, ou desenhos e grafismos” (LEJEUNE, 2014 [2008] p.301). Para ele, o diário só existiria em um único exemplar e não se trataria do mesmo objeto se impresso em forma de livro. Outra comparação pode ser feita aqui, porque elementos efetivamente “imateriais”, porque compostos de “zeros e uns”, são passíveis de reunião na superfície da linha do tempo, a partir do que podemos chamar de banco de dados do Feed, e assim são transformados em parte da exposição do indivíduo em seu perfil. Em contrapartida, a duplicação de perfis de redes sociais dos mesmos indivíduos, sob diferentes identidades ou variações de seu nome próprio, além da própria diferença constitutiva de seu suporte, distante das folhas escritas à mão, afasta as linhas do tempo da perspectiva do autor em relação ao diário.

Lejeune prossegue em sua argumentação, explicitando e aprofundando a afirmação de que o diário seria não só um vestígio, mas “uma *série de vestígios*”, já que pressupõe “a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências” (LEJEUNE, 2014 [2008], p.301). Não se trata de uma série com regularidade compulsória, mas de uma rede em que a marca da temporalidade se faz presente. O controle do tempo, portanto, é o que há de comum entre os diários pessoais. Mais do que isso, é o que aparenta ser a própria convenção da funcionalidade das linhas do tempo do Facebook, como pode ser observado na Figura 8:

Como faço para publicar na minha Linha do Tempo?

[Ajuda para desktop](#) [Ajuda para celulares comuns](#) [Outras Centrais de Ajuda](#)

[Compartilhar artigo](#)

A Linha do Tempo é onde você pode ver suas publicações ou as publicações em que você foi marcado organizadas por data. A Linha do Tempo também faz parte do perfil. Você pode publicar na sua Linha do Tempo na parte superior da Linha do Tempo ou no Feed de Notícias:

- 1 Na parte superior da sua Linha do Tempo ou no Feed de Notícias, clique no tipo de publicação que deseja compartilhar (por exemplo,  Status,  Foto/Vídeo,  Evento cotidiano)
- 2 Digite os detalhes que desejar incluir
- 3 Você também pode:
 -  Marcar amigos
 -  Escolher uma data para a publicação
 -  Adicionar uma localização
 -  Adicionar uma foto
 -  Adicionar como está se sentindo ou o que está fazendo
- 4 Selecione um público para sua publicação
- 5 Clique em **Publicar**

Figura 8 – Captura de tela da Central de Ajuda do Facebook. Disponível em https://www.facebook.com/help/170116376402147?helpref=faq_content. Acesso em 09/05/2017

Em termos de propósito, os diários servem à finalidade mínima de resguardar a memória de seus autores. Já em termos de conteúdo, há uma dependência de sua função, uma vez que absolutamente todos os aspectos das atividades humanas podem motivar a escrita de um diário. Por fim, a forma é construída livremente. Diante desse escopo de variabilidade, as únicas formas invariáveis seriam a *fragmentação* e a *repetição*. Além de ser uma listagem de dias e uma forma de arrazoar sobre o tempo, “ter um diário tornou-se, para um indivíduo, uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento da vida. O texto que se confia assim ao papel é um vestígio dessa conduta. Qual seria sua utilidade?” (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 302). À pergunta sobre a utilidade do diário se dá o encaminhamento de algumas respostas: conservar a memória, sobreviver, desabafar, conhecer-se, deliberar, resistir, pensar, escrever.

O diário tem como interlocutor seu próprio autor no futuro, de maneira que a leitura que este fará de sua escrita pessoal não pode ser levada a cabo por mais ninguém. Segundo Lejeune, ele funciona como uma versão moderna das “artes da memória”, exploradas na

Antiguidade e é, ao mesmo tempo, “arquivo e ação, ‘disco rígido’ e memória viva” (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 302).⁴¹ A partir disso, previne o esvanecimento futuro do autor e funciona como uma pequena contribuição à memória coletiva. Além disso, o diário escrito no papel serve como um depósito de emoções que permite acolhê-las sem a emissão do julgamento alheio. Ao projetar-se no papel, o autor de um diário pode se olhar mais à frente com distanciamento e utilizá-lo como “espaço de análise, de questionamento, um laboratório de introspecção” (LEJEUNE, 2014 [2008], p.304).

O diário permite ainda acompanhar uma tomada de decisão, como instrumento para a deliberação de ações e resoluções e resistir a alguns impasses da vida. Também pode ser uma forma de criação, por possibilitar maior liberdade de pensamento e de exposição de contradições, além de, para muitas atividades humanas, configurar-se como um método de trabalho (por exemplo, o diário de campo na pesquisa em ciências humanas e sociais). Em última instância, a manutenção do diário se dá pelo gosto pela escrita, que se materializa em um “corpo simbólico” que sobreviverá ao tempo, a menos que seja destruído, como um “observatório da vida” e ponto de encontro de escritos pessoais.

Tendo em vista esse conjunto de considerações a respeito do diário, cabe sintetizar paralelamente as analogias mais relevantes, a meu ver, constituídas pelas semelhanças e pelas diferenças relativamente às linhas do tempo do Facebook, tentando traçar uma trajetória das reconfigurações das “escritas de si”. Assim como o diário, as linhas do tempo permitem a incorporação de vestígios datados, de toda ordem, como imagens, fotos, notícias, gifs e vídeos, o que muda é a especificidade material desses elementos: não se pode adicionar cartões postais (a menos que fossem digitalizados) ou flores às linhas do tempo. Em contrapartida, não seria possível adicionar gifs ou vídeos aos diários devido às suas características como suporte. Ademais, às linhas do tempo também podem ser atribuídas as “utilidades” dadas aos diários pessoais e já enumeradas nesta seção: conservar a memória, sobreviver, desabafar, conhecer-se, deliberar, resistir, pensar, escrever. A memória é conservada pela aplicabilidade da volta das recordações e lembranças proporcionadas pela rede social, mas às quais o usuário pode escolher ter ou não acesso. Por último, é possível pontuar que, no caso das linhas do tempo, ao contrário do diário, o autor do perfil está exposto à observação alheia, inevitavelmente.

Nas reflexões iniciais de Lejeune sobre a escrita autobiográfica, é possível notar, quando se trata das novas tecnologias de comunicação, um pensamento que se ocupa principalmente da mudança do aparato de escrita representado – sequencialmente – pelo

⁴¹ Contudo, vale a ressalva relativa aos diários que mais tarde serão publicados e cuja leitura será explorada por interlocutores supostamente não previstos.

caderno, pela máquina de escrever e, por fim, pelo computador. Essa preocupação de pesquisa, que tem origem em 1998, pode ser constatada pelo teor da chamada que o autor faz à imprensa literária e do rádio, entre maio e julho do mesmo ano, reproduzida a seguir (LEJEUNE, 2014 [2008], p.367):

Apelo aos diaristas!

Você mantém um diário no computador? Estou à procura de depoimentos sobre essa nova prática. Antes, você mantinha um diário (escrito a mão? a máquina?). Continua a mantê-lo paralelamente? Quando e como teve a ideia de manter um diário no computador? Para o que mais serve seu computador? Quando, como e por que você imprime? Como salva os textos? Computador e confidencialidade (diário secreto, diário comunicado?). Computador e edição de texto (você corrige, na hora, depois?). Computador e montagem? Diário e hipertexto. Diário e multimídias, a imagem, o som. Comparação com a escrita. Vantagens, desvantagens. Diferenças. Preferências. Envie-me sua resposta: Philippe Lejeune, 11 rue F. –J. Bouille, 92269 Fontenay-aux-Roses.

Na chamada acima, é evidenciada uma predileção pela investigação comparativa entre os suportes do caderno e da tela do computador para a escrita do diário pessoal. O sentido assumido pelas perguntas do autor é uma reação às mudanças que possivelmente seriam instauradas na prática de produção de um diário, diante das novas possibilidades oferecidas pelo computador, em muito diferentes daquelas proporcionadas pelas folhas do caderno.

Mais recentemente, em 06 outubro de 2012, em conferência proferida na *Journée de rencontre régionale Rhône - Alpes da XVIIe Semaine de la langue française et de la francophonie*⁴², na cidade de Lyon, convidado a falar a respeito da “evolução da autobiografia face às novas tecnologias de comunicação”, Philippe Lejeune aparenta pensar em fenômenos culturais mais atuais viabilizados pelas tecnologias e pela internet, sem ainda conseguir prever muito concretamente as mudanças que acontecerão:

Meu livro, publicado em 2000 (“Cher écran...”, *Journal personnel, ordinateur, Internet* [“Querida tela...”, *Diário, computador, internet*]), descrevia, quase em tempo real, uma prática de vanguarda. Hoje, onze anos depois, assumiu um valor arqueológico, ele é testemunha de um mundo desaparecido. Os cyberdiaristas de 2000 eram raros porque era necessário ser capaz de criar por si mesmo seu *site* e porque uma ínfima parte da população francesa estava

⁴² Tradução de Daniel da Silva Moreira. *Darandina Revista eletrônica*. Edição atual Volume 6 – Número 1-Junho/2013.

conectada à internet. As conexões difundiram-se, as plataformas de blogues apareceram em 2003, o Facebook em 2004. Hoje conta [m]-se os blogues aos milhões, sem saber bem o que contamos, uma vez que eles são fugidios, efêmeros, cobrem uma gama de preocupações variadas, normalmente distanciadas da intimidade. Uma nova sociabilidade apareceu. Temos um blogue, um *site*, uma conta no Facebook, “tuitamos” como em outro tempo tínhamos um cartão de visitas: é uma maneira mínima, e quase obrigatória, de existir socialmente. Outrora, era preciso uma sorte excepcional para aparecer numa mídia pública, hoje em dia é algo ao alcance de qualquer um, exceto que todos aí estando, não se nota mais ninguém. Mas quem sabe? Todos podem tentar sua sorte. De todo modo, o estado da internet em 2011 poderia dificilmente ser previsto em 2000, e com certeza será divertido reler este texto em 2022 ou 2033 (tradução de MOREIRA, 2013, p. 7).

A nova sociabilidade é o modo pelo qual se constituem as relações que os indivíduos estabelecem entre si. Não parece haver um modo de fugir a “essa maneira mínima e quase obrigatória de existir socialmente”, principalmente quando ela está atrelada ao uso das redes sociais digitais. Nesse aspecto, o Facebook se destaca, porque pode ser confrontado como um ponto de passagem massivo para o investimento em marcar presença no mundo e se apresentar aos outros. Ainda nesse sentido, é possível problematizar a própria noção de “escrita” autobiográfica, uma vez que, em muitos casos, o indivíduo que possui um perfil na rede social não escreve sobre si, mas se apropria de outras escritas, de outras vozes, para se dizer. Existe, assim, uma pulsão de referencialidade, cada vez mais marcada e apoiada na iterabilidade⁴³ – para usar um termo derridiano –, parte constitutiva da linguagem e da dinâmica da interface da rede social em questão.

2.3 O espaço biográfico de Leonor Arfuch

Cabe, neste momento, tratar do conceito de *espaço biográfico*, que se constrói como um desdobramento do significante “espaço autobiográfico”, cunhado primeiramente por Philippe Lejeune (1970), como já foi apontado, e reformulado, sob outra perspectiva, pela pesquisadora argentina Leonor Arfuch (2010 [2002]). A noção de espaço biográfico é aqui referenciada, porque se mostra como um horizonte analítico produtivo para a análise das linhas do tempo, já que assume uma plasticidade que permite agregar a ele formas narrativas decorrentes do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, como é o caso das linhas do tempo de perfis individuais do Facebook.

⁴³ A iterabilidade se refere à concepção de repetição na alteridade. Em “Firma, acontecimento e contexto” (1971), Jacques Derrida fornece toda uma explanação a respeito da comunicação escrita e da noção de contexto, que permite pensar a existência de “contextos ao infinito”, como forma de deslocamento e não de destituição pura e simples de um suposto “contexto originário”.

Tal noção, (re)pensada a partir das ideias estabelecidas pelo teórico francês, para quem esse espaço seria sinteticamente definido como “reservatório das formas diversas em que as vidas se narram e circulam” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 58), é considerada insuficiente pela pesquisadora, no sentido de que enfraquece a produção de um campo conceitual que dê conta da ênfase biográfica que configura a contemporaneidade. Por isso, Arfuch vai além da busca de exemplos representativos empreendida pelo autor, para propor uma articulação entre formas biográficas e autobiográficas mais diversas e fornecer uma leitura sobre suas configurações em um âmbito mais expandido.

Ao apontar que o “biográfico” se baseia na obsessão por deixar impressões, marcas, rastros e inscrições – todos estes predicados humanos –, a autora compreende que a experiência própria é o núcleo essencial tematizado, tanto em gêneros discursivos já consagrados (biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências etc.), como em outras formas mais recentes que vêm disputando o mesmo espaço, tais como: entrevistas, conversas, perfis, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, *talk shows*, *reality shows* etc. Em disputa no espaço biográfico, tais formas visam à manutenção da singularidade dos indivíduos e, ao mesmo tempo, à busca por uma espécie de “transcendência”. Além dessas formas reconhecidamente vigentes na esfera midiática, Arfuch (2010 [2002]) evidencia também a importância que as ciências sociais têm dado à voz e ao testemunho dos sujeitos que figuram como “atores sociais” na pesquisa acadêmica. Nesse âmbito, a procura é por entrever na trajetória individual o curso da coletividade, ao aproveitar os métodos biográficos, os relatos de vida e as entrevistas.

Essa ênfase na vida das pessoas traz à tona o desejo de captar sua passagem, tendo em vista “o registro minucioso do acontecer, o relato das vicissitudes ou a nota fulgurante da vivência, capaz de iluminar o instante e a totalidade” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 15). Ademais, sublinha-se nesse panorama a luta contra a perda da memória sobre si mesmo e sobre a sucessão morosa do decorrer dos dias. Não se deve esquecer, ademais, que a ocorrência generalizada e em expansão desses registros atesta também a celebração de uma recepção plural e multifacetada, para a qual se dirigem os discursos que põem em primeiro plano o relato de uma vida, seja qual for a dimensão em que este se estabelece.

O profundo interesse na narrativa vivencial, em suas inúmeras nuances, explica-se com relativa facilidade, segunda a autora, com base em algumas razões, como “a necessária identificação com os outros, os modelos sociais de realização pessoal, a curiosidade não isenta de voyeurismo, a aprendizagem do viver” (ARFUCH, 2010 [2002], p.16). No entanto, sua expansão, a ponto de borrar os supostos limites entre o público e o íntimo/privado, vem

expressar o tom particular assumido pela subjetividade contemporânea, sobre a qual a pesquisadora se debruça em inúmeras indagações e temáticas que levam em conta, por exemplo, a coexistência dos gêneros discursivos envolvidos, a união entre as formas canonizadas e as não canonizadas, a insistência em recomeçar um relato de vida e aquilo que constitui a sua ordem narrativa. Assim, Arfuch vem propor “o espaço biográfico como horizonte de inteligibilidade e não como mera somatória de gêneros já conformados em outro lugar” (ARFUCH, 2010 [2002], p.16).

Faz-se necessário dizer aqui que, embora os modos com os quais um relato de vida se dá efetivamente sejam os mais diversos, como bem lembra a autora, uma vez que podem ser “minuciosos, fragmentários ou caóticos” (ARFUCH, 2010 [2002], p.16), acreditamos que no caso das linhas do tempo, os relatos de vida não são, necessariamente, minuciosos e tampouco caóticos – dada a própria interface do Facebook para o usuário –, mas são certamente fragmentários e histórias “que nunca se termina[m] de contar” (ARFUCH, 2010 [2002] p. 16). Isso se deve ao fato de que não é previsto um fim para a linha do tempo, sempre passível de ter a ela incorporados novos fragmentos, continuamente.

Já com a proposta de que o espaço biográfico seja compreendido como a “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa” (ARFUCH, 2010 [2002], p.59), materializado em um interessante campo de indagação que permite “a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 59), a autora passa à sugestão de uma leitura “transversal, simbólica, cultural e política das narrativas do *eu* na cena contemporânea” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 16). Nesse sentido, uma das articulações conceituais especialmente caras ao nosso trabalho é a da diversidade narrativa em oposição à homogeneidade genérica que opera no espaço biográfico.

Embora a autora se baseie na concepção bakhtiniana de gêneros discursivos, cuja importância para os estudos da linguagem é inestimável e deve ser devidamente reconhecida, procuro apoiar-me, em se tratando das linhas do tempo, em um aporte que considero mais flexível, apesar de saber também que os estudos de Bakhtin têm sido um expoente teórico persistente dos trabalhos em Linguística Aplicada quantos aos gêneros. Deve-se lembrar, contudo, que não podemos confundir uma rede social ou um de seus elementos com um gênero discursivo. Uma rede social como o Facebook fornece diversas funcionalidades ao usuário, dentre as quais está a linha do tempo para a criação de seu perfil. Em uma linha do tempo podem ser compilados os mais diversos conteúdos discursivos, como vimos chamando nesta pesquisa

os objetos linguísticos e sógnicos que podem ser incorporados a ela. Por isso, não é nosso objetivo realizar uma classificação genérica da linha do tempo.

Essa abordagem de meu objeto de estudo conflui, novamente, com um dos aportes teóricos utilizados por Leonor Arfuch, para tratar da configuração do espaço biográfico contemporâneo. A autora lança mão da ideia de “momento autobiográfico” de Paul de Man (1984), desenvolvida em seu ensaio “Autobiografia como des-figuração” e igualmente necessária para interpretar as linhas do tempo, para além das entrevistas, as quais são objeto de análise da pesquisadora. Nesse texto, o autor problematiza a insistência e a insuficiência em se tentar “definir e tratar a autobiografia como se ela fosse um gênero literário entre outros” (de MAN, 1984, n.p.), advertindo que

[t]anto empírica quanto teoricamente, a autobiografia se presta mal a uma definição genérica; cada exemplo específico parece ser uma exceção à norma; as próprias obras parecem sempre obscurecer-se em gêneros vizinhos ou mesmo incompatíveis e, talvez o mais revelador de tudo, as discussões de gênero, que podem ter um valor heurístico tão poderoso no caso da tragédia ou do romance, permanecem terrivelmente estéreis quando está em jogo a autobiografia (de MAN, 1984, n.p.).

O autor prefere abordar a autobiografia como uma *figura de leitura ou de entendimento*, que ocorreria, em algum nível, em todos os textos. Nesse sentido, trata da ocorrência do momento autobiográfico

como um alinhamento entre os dois sujeitos envolvidos no processo de leitura em que eles determinam um ao outro por substituição reflexiva mútua. A estrutura implica diferenciação assim como similaridade, na medida em que ambos dependem de um intercâmbio substitutivo que constitui o sujeito. Esta estrutura especular é interiorizada em um texto no qual o autor declara ser ele o sujeito de seu próprio entendimento, mas isto meramente torna explícita a maior reivindicação de autoridade que tem lugar a cada vez que um texto é tido como *de* alguém e assumido como inteligível por esse mesmo motivo. (de MAN, 1984, n.p.).

O que se nota na contestação da definição de autobiografia como gênero literário é a problematização do estatuto e do protocolo autobiográfico tradicional, uma vez que há o reconhecimento da proximidade que a autobiografia estabelece frequentemente com gêneros vizinhos e ao fato de que se mantém “arredia aos modos de enquadramento de designação, definindo-se mais por sua inapreensibilidade e constante reinvenção” (REZENDE, 2014, p. 67). Considera-se, aqui, que as linhas do tempo confirmam essa perspectiva, por não se constituírem como projeto estritamente confessional. Ao contrário, sua forma fragmentária e heterogênea agrupa, “numa espécie de montagem, trechos que não se concluem e sobrevivem em devir, na falta ou na contradição. Essencialmente, *[as linhas do tempo do Facebook]* são textos que

tangenciam em algum ponto a proposta de autodesvelamento, sem com ela se comprometerem primordialmente” (REZENDE, 2014, p. 68; adição minha).

É importante reconhecer a abertura proporcionada pela concepção do momento autobiográfico, porque ela permite afastar questões como a referencialidade “objetiva” ou a essencialidade do sujeito e reordena alguns protocolos de leitura que buscavam, necessariamente, correspondências entre vida “real” e escritura. No entanto, Paul de Man (1984) também atesta a existência de uma instabilidade inerente à sua afirmação, uma vez que ao mesmo tempo em que admite que todos os textos são autobiográficos “nenhum deles o é ou pode ser”. As dificuldades de definição do gênero estão postas justamente na volubilidade de um modelo logo que este é instituído.

Diante da visão de Paul de Man sobre a autobiografia, seria possível o questionamento de falta de categorização para sua apreensão formal: “[s]e o gesto autobiográfico é passível de ser efetuado em momentos de escrita não intencionalmente autobiográficos, qual seria a propriedade da autobiografia?” (ibid.). Ora, os momentos autobiográficos permitem a observação de uma obra não por seu caráter de gênero (literário), mas justamente pelo reconhecimento da “impossibilidade de fechamento e de totalização de sistemas textuais conformados por substituições tropológicas” (De MAN, 1984, n.p.), isto é, substituições que fazem uso do emprego de linguagem figurada. Não necessariamente teremos essa condição concretizada na linha do tempo. Neste caso, as substituições se dão sistematicamente pela apropriação de conteúdos discursivos que servem ao propósito de constituir algum movimento subjetivo do indivíduo.

Acerca do ensaio em questão, Topuzian (2003) busca evidenciar como, ao transformar o autobiográfico em figura geral de todos os textos e retomar algumas posições da teoria tradicional da autobiografia, transpondo-as para uma teoria geral de leitura, geram-se vários problemas. Tais dificuldades se colocam, principalmente, devido ao fato Paul de Man não apresentar uma posição final a respeito da organização do discurso autobiográfico, uma vez que seu enfoque é precisamente o oposto: declarar a impossibilidade de esclarecer os elementos que figuram nesse discurso e, simultaneamente, asseverar sua profunda necessidade. O autor, então, propõe que, a fim de que se faça um estudo crítico da autobiografia, não sejam apagadas as contradições a ela inerentes:

A autobiografia não tem a ver, então, com a possibilidade de acesso privilegiado de um sujeito a suas vivências anteriores, nem com uma gramática de “motivos autobiográficos” enumeráveis: seu estudo só pode constituir-se de maneira verdadeiramente crítica ao não renunciar às contradições das quais justamente surge seu interesse. Na exacerbação dessas

contradições e não em sua resolução aparente a partir de uma hipostatização de algum de seus termos, pode-se encontrar o ponto de partida para uma renovação do estudo da autobiografia (TOPUZIAN, 2003, p. 273-274).⁴⁴

Diante dessas perspectivas e projeções tecidas a respeito do espaço biográfico, cabe dizer que, do mesmo modo que Arfuch compreende a possibilidade de derivação de uma narrativa pessoal nas entrevistas, inclusive quando estas se dão em contextos mais formais – uma vez que se apoiam sobre o momento da enunciação e se ancoram na temporalidade do *aqui* e do *agora*, assim conservando relação com a existência –, acredito que as linhas do tempo engendram uma relação de semelhança com o objeto analisado pela pesquisadora. Arfuch assevera que o espaço biográfico na entrevista se consolidará menos como um território estável e bem demarcado e mais como a reunião de “momentos” autobiográficos, como considerado por Paul de Man em relação à autobiografia.

No caso da entrevista, esses momentos possuem diferentes intensidades e características, de acordo com uma lógica da personalização ou interesse do entrevistador: “centelhas da vida, lembranças, asseverações, experiências. Momentos que, para serem compreendidos como tais, requererão evidentemente a cumplicidade interpretativa do leitor” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 163). Então, parte dessa percepção nosso entendimento de que as linhas do tempo podem ser encaradas como *devir biográfico*, composto desses mesmos momentos autobiográficos aos quais Paul de Man fez alusão. Tentaremos, pois, basear-nos também nessa “cumplicidade interpretativa” em nossa análise, a ser apresentada no Capítulo IV. Vale lembrar que de Man trabalha ainda com a prosopopeia, reconhecida na autobiografia como a figura de linguagem capaz de:

fazer falar e atuar uma pessoa que se evoca, um ausente, um morto, um animal, uma coisa personificada” (*Pétit Robert*), não “traz” ao discurso algo já definido e existente, não restitui uma suposta integridade do eu, mas vem justamente dar face a um vazio, nomear o que não *preexiste como tal*. Nesse umbral sobre o vazio, aquilo que tem de adquirir forma mesmo como resposta estereotípica, sobre esse abismo dos eus – o “atual”, o “passado”...? –, o “momento” autobiográfico na entrevista trabalha como processo especular de substituição/identificação, que fala tanto da incompletude do sujeito quanto correlativamente da impossibilidade de fechamento de toda narrativa pessoal. (ARFUCH, 2010 [2002], p. 163)

⁴⁴ “La autobiografía no tiene que ver entonces con la posibilidad de acceso privilegiado de un sujeto a sus vivencias interiores, ni con una gramática de “motivos autobiográficos” enumerables: su estudio solo puede constituirse de manera verdaderamente crítica al no renunciar a las contradicciones de las que justamente surge su interés. En la exacerbación de énfasis contradicciones y no en su resolución aparente a partir de una hipostatización de alguno de sus términos, se puede encontrar el punto de partida para una renovación del estudio de la autobiografía” (TOPUZIAN, 2003, p. 273-274).

É muito importante a ênfase dada à incompletude do sujeito e à impossibilidade de fechamento de toda narrativa pessoal tanto na entrevista como, analogamente, nas linhas do tempo. Sobretudo pelo fato de a autora utilizar a noção de momento biográfico para tratar da entrevista, entendemos que isso nos habilita a fazer o mesmo com as linhas do tempo. Além de reconhecer o “*biografável* de toda interação”⁴⁵, a pesquisadora identifica a existência de um espaço *biográfico/tecnológico* contemporâneo (ARFUCH, 2010 [2002]). Em uma nota de rodapé muito precisa, Arfuch assevera:

Além do território conquistado pela internet nos recintos mais privados do “refúgio” da intimidade, cada um poderia levantar seu próprio altar biográfico/acadêmico nos *sites*, desenhar sua própria deriva identitária, sua biografia hipertextual, seu Cybersoi, no dizer de Régine Robin (1997) (ARFUCH, 2010 [2002], p.169)

Passando a tratar a entrevista midiática “enquanto devir biográfico”, já que esse gênero discursivo não é frequentemente encarado sob esse domínio, a pesquisadora estabelece um ponto que também nos é teoricamente caro. Para a autora, tal gênero possui como uma de suas qualidades a *virtualidade biográfica* (ARFUCH, 2010 [2002], p.31), caracterizada pela disposição de conduzir-se em direção a temas como a interioridade, a afetividade e a experiência, mesmo que esse não seja seu propósito principal. Assim, no caminho já trilhado pela autora, há a possibilidade de se compreender as linhas do tempo não somente como devir biográfico, como já apontado, mas também em sua virtualidade biográfica, porque apesar de o funcionamento de perfis de redes sociais já terem sido amplamente estudados como formas de autorrepresentação e de deslocamento de identidades⁴⁶ – e inclusive existirem trabalhos que já sugeriram o estudo do Facebook em sua relação com a autobiografia⁴⁷ –, não houve até o momento uma proposta de análise a respeito do entrecruzamento entre auto/biografia, curadoria digital, figuração da memória e arquivo, que enfocasse, especificamente, os elementos apresentados nas linhas do tempo. Por isso, esta tese também indaga acerca do que o conceito de curadoria pode aportar e acrescentar, em termos de análise, à teoria relativa à autobiografia em sua intersecção com as redes sociais, sendo estas responsáveis pela transformação de nossas subjetividades, contemporaneamente.

⁴⁵ Apesar de não nos debruçarmos sobre uma reflexão que engloba a interação nas linhas do tempo, não ignoramos sua importância, principalmente na determinação do que será publicado, para quem e como; todas estas de(cisões) embasadas em processos curatoriais, determinados de acordo com a audiência, neste caso.

⁴⁶ A exemplo da tese de doutorado de Polivanov (2012), intitulada “Dinâmicas de autoapresentação em *sites* de redes sociais: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica.

⁴⁷ Pode-se citar os trabalhos de Lima et al (2015), intitulado “Facebook – um novo espaço autobiográfico?” e o texto de Fanaya (2012) “Eu, Você e Nós Todos: as múltiplas versões do “eu” nos ambientes existenciais das RSIs”, que serão abordados mais adiante ainda neste capítulo, como fonte de nossas reflexões teóricas.

Sem ignorar que a entrevista midiática se insere num campo mais amplo de “gêneros e outras notações culturais de ordem similar”, em que tais formas são “estilizadas, hibridizadas e matizadas por traços (auto)biográficos” (MITIDIERI, 2013, p. 141), a pesquisadora consegue entrever “um processo de reconfiguração da subjetividade contemporânea” (ARFUCH, 2010 [2002], p.31), baseado tanto na complexidade como na contradição:

Assim, o espaço biográfico, tal como o concebemos, não somente alimentará “o mito do eu” como exaltação narcisista ou voyeurismo – tonalidades presentes em muitas de suas formas –, mas operará, prioritariamente, como ordem narrativa e orientação ética nessa modelização de hábitos, costumes, sentimentos e práticas, que é constitutiva da ordem social (ARFUCH, 2010 [2002], p. 31-32).

Tendo em vista a coexistência de várias formas nesse espaço comum – dentre as quais está a entrevista em ciências sociais, também incluída como objeto de sua reflexão –, Leonor Arfuch concebe e persegue, então, uma abordagem integrada que abarque, sem perda das peculiaridades, os “deslocamentos, semelhanças, mutações de formas e de significados” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 37) nos elementos que investiga. Busca, sobretudo, estabelecer uma relação profícua entre o momento de surgimento dos gêneros autobiográficos e a reconfiguração da subjetividade contemporânea. Continuamos, pois, por trazer à nossa argumentação, paralelos que poderão mais adiante ser transpostos para a nossa análise, reconhecendo o itinerário já sugerido pela autora.

Um desses paralelos certamente é o reconhecimento de uma das prerrogativas da autobiografia que é a permissão que se dá ao enunciador de confrontar, de modo rememorativo, o outro em si mesmo (*Soi même comme un autre*, título do famoso livro de Paul Ricouer, 1991). Para isso, faz uso da noção de Mikhail Bakhtin de *valor biográfico*, sobre a qual a autora postula a não existência, na autobiografia, da adequação ou da reprodução de um passado, muito menos da manutenção de uma fidelidade sobre vivências e experiências anteriores do personagem em questão, nem mesmo quando autor e personagem dividem a mesma conjuntura. Existe, particularmente, um empreendimento literário, marcado por um processo de estranhamento, mas também de identificação e valoração – compartilhado inclusive pelo biógrafo – no qual não coincidem a experiência de vida e a “totalidade artística” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 55). Desse modo, segundo a autora, o teórico russo assinala tanto o estranhamento do enunciador frente à sua própria história, quanto põe em foco a problemática da temporalidade, como marca distintiva entre a enunciação e a história, que opera até mesmo nos mecanismos de autorrepresentação.

Nessa linha, e considerando-se a impossibilidade de se chegar a uma definição definitiva da autobiografia, já que irremediavelmente uma acepção final pode sempre favorecer o aparecimento de exceções formais – uma das tentativas infrutíferas de Lejeune já apontadas aqui –, desloca-se a reflexão para um espaço autobiográfico, no qual ao leitor será dada um pouco mais de liberdade para acomodar registros “verídicos” ou ficcionais “num sistema compatível de crenças” (ARFUCH, 2010 [2002], p.56). Essa visão nos promove o pensar nas linhas do tempo como modos particulares de construção discursiva autobiográfica, porque estes põem em primeiro plano a figura do leitor; figura esta que pretendo assumir explicitamente em minha leitura interpretativa do *corpus*, como já aportei aqui. A autora, contudo, continua a reter em seu estudo a função pragmática e intersubjetiva concebida pelo conceito de pacto autobiográfico, em sua concepção um *acordo de leitura*, no que se refere ao conteúdo oferecido ao leitor, como destinatário da obra. Essa estratégia conceberá todo o processo de leitura como abordagem metodológica do *corpus* aqui investigado, portanto.

Importa também, a respeito da problemática de um modelo de autobiografia, a lembrança de Arfuch sobre o que afirma Starobinsky (1974 [1970] p.66 apud ARFUCH, 2010 [2002], p. 57; grifo da autora): “É preciso evitar falar de um estilo ou mesmo de uma forma vinculados à autobiografia [...] mais do que em qualquer outro caso, *o estilo será obra do indivíduo*”. Pois qual seria a importância desta reflexão, para nós, da qual se aproveita a autora? Ora, se nossa hipótese dá ênfase ao lócus de pertencimento das linhas do tempo como expressões auto/biográficas dos indivíduos, não é contraditório pensarmos que a própria constituição de nosso objeto de estudo resguarda um estilo individual, o qual pressupõe a curadoria de conteúdos discursivos que podem, por vezes, repetir-se (já que estão abertas a “todos”), mas com as quais só se entra em contato seletivamente, a depender dos vínculos estabelecidos com páginas e “amigos” na rede social.

Tendo em conta que até mesmo Philippe Lejeune resolveu expandir seu campo de estudos para além dos limites empregados pela literatura e passou a considerar formas midiáticas, testimoniais (a entrevista de rádio e o filme biográfico, por exemplo) e as histórias de vida de pessoas comuns em sua obra *Je est un autre* (1980), Arfuch toma como princípio de sua indagação a sugestão do autor a respeito de um espaço biográfico preenchido pelas variadas maneiras que as vidas humanas encontram para se narrar e circular. Ainda assim, a definição de Lejeune é escassa para a autora no que concerne à delimitação de um “campo conceitual” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 58). Por isso, ela pretende superar a busca exaustiva por exemplos típicos, para fornecer uma proposta interpretativa capaz de abarcar a ênfase biográfica pressuposta na contemporaneidade. Com esse objetivo, a autora propõe o estabelecimento de

correspondências, em presença e em ausência, entre formas vizinhas, sem se ater de forma inflexível a hierarquias, afirmando que tais relações conquistam seu sentido em uma espaço-temporalidade, pela concomitância de sua ocasião, podendo, portanto, constituir “uma leitura compreensiva no âmbito mais amplo de um clima de época” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 58).

Então, com base em um levantamento não exaustivo de formas que compõem o espaço biográfico, sejam elas “canônicas, inovadoras ou novas”, ela aponta seus exemplos empíricos:

biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e, melhor ainda, secretos –, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro autobiográficos, a chamada reality painting, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias, velhas e novas variantes do show (*talk show, reality show*), a videopolítica, os relatos de vida das ciências sociais e as novas ênfases da pesquisa e da escrita acadêmicas (ARFUCH, 2010 [2002], p. 60).

Nessas formas biográficas não impera o privilégio dado ao enunciador, como nos apontamentos de Lejeune, em que o autor instituiria um “pacto” com o seu leitor, gerando um tipo de obrigação por parte deste, que visaria a dar crédito ao conteúdo autobiográfico de certa obra, mas, como assume Arfuch em um aproveitamento da teoria bakhtiniana que também nos é cara, prevalece a ideia do *dialogismo múltiplo* baseado na intersubjetividade e em um acordo harmônico – sem desconsiderar os equívocos dele derivados – entre os participantes da enunciação: “o enunciador e o destinatário são ao mesmo tempo suportes dessas vozes *outras* que alentam na linguagem, fenômeno que concerne igualmente à possibilidade relacional dos discursos, essa deriva das significações que conhecemos como intertextualidade” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 68).

Considerando-se essa última citação, podemos dizer que as linhas do tempo retiram o dialogismo múltiplo do plano exclusivo da abstração e o trazem para um plano mais “concreto”, porque nelas as vozes do(s) outro(s) estão citadas explicitamente – por exemplo, quando se faz um compartilhamento –, inclusive com a possibilidade de recuperação frequente da autoria de algumas das postagens feitas pelo usuário do perfil. Nesse sentido, a noção de intertextualidade também vem brindar nossos interesses analíticos, quando direcionamos nosso olhar para as linhas do tempo, uma vez que essa concepção é, de fato, inerente à linguagem humana e se manifesta de modos particulares no caso das linhas do tempo, como será possível demonstrar na corporificação de nossas análises.

Assim, voltamos novamente à questão do ordenamento das vidas, como fábulas de si próprias, recuperando a noção de valor biográfico em sua relação com a recepção. Nessa

recepção, constituem-se identificações e modelos de referência de vidas que supostamente serviriam de exemplo a ser seguido pelos destinatários dos textos autobiográficos. A vida seria, então, uma ordem, um devir da experiência, “*apoiado na garantia de uma existência ‘real’*” (ARFUCH, 2010 [2002], p.71, grifo da autora). Nesse sentido, mais do que a existência de uma relação “contratual” rigorosa, Arfuch defende a hipótese de que essa garantia – que não pressupõe a correspondência identitária entre autor e personagem como prefigurara Lejeune, ou entre vida e relato, ou ainda a existência de inscrições paratextuais como o “eu” gramatical, o nome próprio ou a atestação – fornece legitimidade e importância à voz que testemunha a experiência pessoal, isto é, à recepção, mesmo que tal experiência seja engendrada por um outro eu (caso da biografia, por exemplo).

Faz-se necessário reconhecer, então, o outro regime de verdade que rege a inscrição narrativa de uma “vida real”; um regime que borra os limites entre os gêneros autobiográficos e a ficção, que coloca em suspenso a verdade absoluta e privilegia a verossimilhança, criando, assim, o que Arfuch vem a chamar de “um outro horizonte de expectativas”. É nessa visão que compreenderei as linhas do tempo como parte integrante desse universo composto por uma referencialidade própria, imbuída de estratégias por vezes incomuns de veridicção, marcas enunciativas e retóricas, ora explicitamente expostas, ora tacitamente apresentadas. Em síntese, é dessa maneira que o relevo da inviabilidade inerente à (re)produção “autêntica” da vida de um indivíduo se delinea.

Importa para nós, em especial, a posição enunciativa do sujeito que dá seu testemunho e, por consequência, a própria constituição do enunciado, essencialmente calcado na pressuposição de um destinatário/de um leitor/ da recepção já mencionada, como o enunciadador o imagina:

Essa consideração do *outro* como fazendo parte de meu enunciado, prévia a toda consumação possível da comunicação, encontra seu correlato na ideia de uma linguagem *outra*, habitada por vozes que deixaram seu rastro com o uso de séculos, uma *palavra alheia* que expressa sentidos, tradições, verdades, crenças, visões do mundo e que o sujeito assume de forma natural, mas da qual deverá *se apropriar* pelo uso combinatório peculiar que dela faça, pelos gêneros discursivos que escolher e, sobretudo, pelas *tonalidades de sua afetividade* (ARFUCH, 2010 [2002], p. 67).

Ainda que fundamentada na teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin, é inegável sua aplicação para nossos propósitos. Como já dito anteriormente, a habitação da linguagem do sujeito por outras vozes, isto é, de sua linguagem *escrita e inscrita* (no caso particular dos conteúdos discursivos compartilhados), é levada ao seu domínio mais profundo em nosso objeto de estudo. Igualmente, a intertextualidade e a hibridização constitutivas da linguagem parecem

apresentar-se no proscênio das linhas do tempo, sem se reservar a nenhum entendimento equivocado de sua conclamação.

Ainda, com o objetivo de estabelecer uma cadeia de equivalências entre formas narrativas dissimilares do espaço biográfico, pensadas dialogicamente nos processos de subjetivação nelas envolvidos, as elaborações de Arfuch apontam para que não se encare esse espaço somente como uma espécie de macrogênero. Com isso, espera que o espaço biográfico não seja entendido como uma extensa coleção de formas e modelos regularmente estabelecidos, mas sim como um “cenário móvel” de incursão de diversos motivos, dentre os quais se colocam também os mais inesperados.

Provém dessa posição da autora o interesse em relação aos momentos biográficos emergentes nas narrativas, em especial as midiáticas, sobre as quais se deposita seu empenho de investigação. Impõe-se a reflexão a respeito da noção de espaço biográfico como coexistência intertextual de diversos gêneros discursivos em torno de posições-sujeito autenticadas por uma existência real, uma vez que Arfuch afirma que apesar e para além de suas diferenças formais, os gêneros pertencentes a esse espaço compartilham traços em comum, tanto em termos relativos à estrutura compositiva, temática e estilística, como também em termos de recepção e interpretação, de acordo com seus pactos/acordos de leitura:

O *espaço*, como configuração maior do que o *gênero*, permite então uma leitura analítica transversal, atenta às modulações de uma trama interdiscursiva que tem um papel cada vez mais preponderante na construção da subjetividade contemporânea. Além disso, essa visão articuladora torna possível apreciar não somente a eficácia simbólica da produção/reprodução dos cânones, mas também seus desvios e infrações, a novidade, o “fora de gênero” (ARFUCH, 2010 [2002], p.132).

As linhas do tempo não podem ser compreendidas como um gênero, mas podem ser compostas por diversos outros gêneros. No entanto, a leitura analítica transversal permitida pelo espaço, como configuração mais ampla, serve adequadamente para compreender a trama interdiscursiva que se dá entre cada uma das publicações que vão sendo realizadas, dia após dia, semana após semana, mês após mês – com ou sem intervalos – por quem possui um perfil na rede social, ao se compreender como é construída a subjetividade contemporânea. Além disso, por meio dessa “visão articuladora”, confirma-se o caráter desviante e “fora de gênero”, por assim dizer, das linhas do tempo, no que diz respeito a uma eficácia simbólica que não pode se prestar somente à (re)produção canônica, em virtude, principalmente, de sua infraestrutura tecnológica.

Vem também para reforçar nosso argumento do lócus reservado às linhas do tempo do Facebook nesse espaço, a obra *Roland Barthes por Roland Barthes* (1978), que quebra, em

muitos aspectos, quaisquer suposições formais que possam ser estabelecidas a respeito do gesto autobiográfico e corrobora, mais uma vez, nossa proposta teórico-metodológica, ao apostarmos na leitura da linhas do tempo como um dos produtos mais recentes – com base no qual se originarão certamente muitos outros – de um processo de subjetivização atrelado às tecnologias digitais. No livro em questão, o autor busca explicar a si mesmo através de fragmentos de sua vida e de sua obra, sem lançar mão, contudo, do costumeiro academicismo para tratar de temas de seu interesse. Apesar de clamar que o texto deve ser lido como se ali estivesse sendo apresentado um personagem, inclusive fazendo uso da terceira pessoa, aprofunda-se na tentativa de conhecer a si mesmo, afastando-se de sua figura pública (mesmo que isso não possa ser efetivamente alcançado, sabemos):

Mas essa biografia nunca será “unipessoal”, embora possa adotar tons narcísicos; envolverá necessariamente a relação do sujeito com seu contexto imediato, aquele que permite se situar no (auto)reconhecimento: a família, a linhagem, a cultura, a nacionalidade. Nenhum autorretrato, então, poderá se desprender da moldura de uma época e, nesse sentido, falará também de uma comunidade. (ARFUCH, 2010 [2002], p. 141)

De qualquer modo, pode-se inferir que existam paralelos e analogismos passíveis de reconhecimento, em se tratando da obra de Roland Barthes e a própria linha do tempo como elemento constitutivo da interface do Facebook, cujas semelhanças podem ser vistas nas Figuras 9, 10 e 11, por exemplo. Além disso, embora seja possível falar de si mesmo, não é possível fazê-lo sem que a narrativa auto/biográfica seja atravessada, influenciada ou tomada de assalto pelo entorno do sujeito, indissociável dele mesmo.



Angustia: la conferencia.

Aburrimiento: la mesa redonda.



33

*La delicia de esas mañanas en U.: el sol, casa, las rosas, el silencio, la música, el café, el trabajo, la quietud insexual, la ausencia de agresiones...**



34

Figura 9 – Páginas 33 e 34 de Roland Barthes por Roland Barthes (1978), traducido para o español

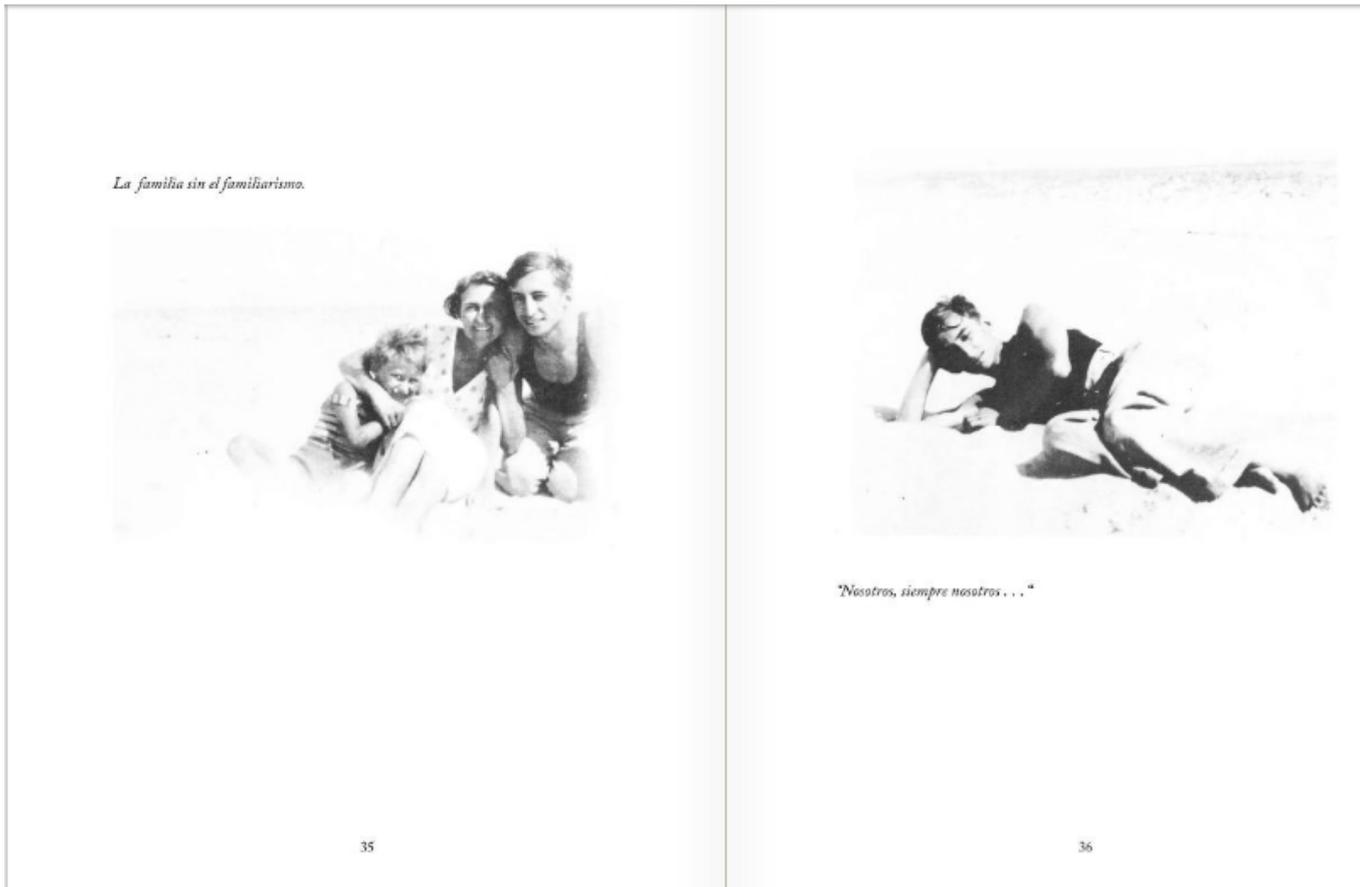


Figura 10 – Páginas 35 e 36 de Roland Barthes por Roland Barthes (1978), traduzido para o espanhol

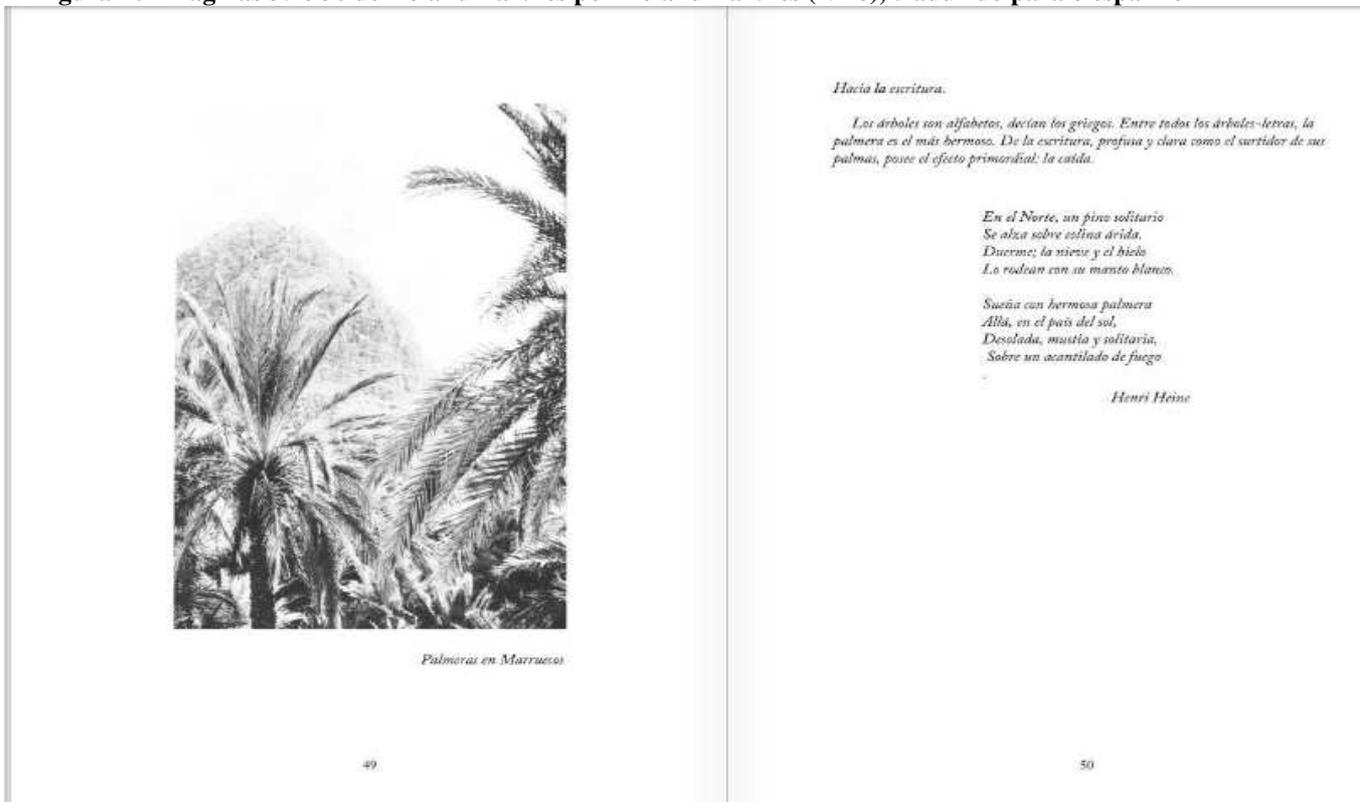


Figura 11 – Páginas 49 e 50 de Roland Barthes por Roland Barthes (1978), traduzido para o espanhol

É preciso ainda diferenciar minha perspectiva da perspectiva midiática da autora que considera primordialmente o rosto, o corpo e a voz como componentes últimos da presença e da existência do eu e de sua singularidade. Embora consideremos o valor dessa chamada à “plenitude da presença” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 74), apoiada na corporeidade, temos que reconhecer que a presença – e até a própria “existência” – se dá, atualmente, pela conexão constante às redes sociais. Não se trata apenas de ter conexão à internet, mas precisamente de estar conectado – postando e atualizando – a perfis do Twitter, Instagram e, como não poderia deixar de ser, do Facebook. A relação com o corpo, neste caso, não se dá diretamente, mas acontece pelo registro de que se está vinculado, conectado, online e de que se é partícipe de uma sociedade hipertecnologizada/conectada/midiatizada, todo o tempo, integralmente.

Retomando, então, nosso encaminhamento argumentativo, é possível dizer que a busca, através de posicionamentos contingentes, no outro, no diferente, de uma imagem para o reconhecimento de si mesmo, sustentado pelo relato inconcluso das linhas do tempo do Facebook, constrói-se com o apoio da perspectiva de um sujeito cindido, incompleto, aberto a diversas identificações, para quem “a dimensão simbólico-narrativa aparece como constituinte: mais do que um simples devir dos relatos, uma necessidade de subjetivação e identificação, uma busca consequente daquilo-outro que permita articular, ainda que temporariamente, uma imagem de autorreconhecimento” (ARFUCH, 2010 [2002], p.80). Assim, a vida se configura como um resultado/produto contingente da narração, considerando as diversas possibilidades de modelização da narrativa.

Deve-se ressaltar que essa visão de sujeito é calcada no que Arfuch chama de *razão dialógica*, definida a partir de um processo histórico de conhecimento e reconhecimento que se instala na trama social e que faz com que o “eu verdadeiro”, íntimo e pessoal, capaz de exprimir convicções, pensamentos, posturas, características de caráter, reações afetivas, seja tão só o resultado das relações sociais nas quais se insere. Isso nos leva a compreender mais um dos fatos relevantes do caminho já traçado por Arfuch e do qual nos encontramos no encaixo, que é a ambiguidade constitutiva do público e do privado ou, em outras palavras, o fato de essas serem esferas indefiníveis, ao menos em um primeiro momento. Desse modo, a autora defende uma pluralidade de pontos de vista, para desestabilizar a ideia de desequilíbrio entre o espaço privado e o público:

Essa pluralidade supõe, em nossa ótica, um enfoque *não dissociativo*, tanto do público/privado como do individual/social, compatível com a concepção bakhtiniana da interdiscursividade, em que **o que ocorre num registro está dialogicamente articulado com outro**, sem que possa se definir, com rigor de verdade, um “princípio” (ARFUCH, 2010 [2002], p.98-99; grifo meu).

Para nós, essa visão interessa, porque nem sempre os usuários do Facebook estarão motivados ou desejosos de demonstrar o âmbito privado de suas vidas publicamente. A incursão no domínio privado vai aparecer muito mais de modo tácito e em construção dialógica com os leitores desse perfil do que de qualquer outra forma. Além disso, essa articulação dialógica de um registro com outro que se dá, no plano mais geral, no espaço biográfico e nas formas a ele pertencentes, produz-se também, em nosso entendimento, no plano mais específico das linhas do tempo, pelo princípio da *coerência individual* e/ou pela recepção. É verdade que as linhas do tempo, como elemento da rede social, foram pensadas para integrar desde o nascimento do indivíduo até a sua morte – haja vista as páginas pessoais transformadas em memoriais –, mas não se pode ao mesmo tempo verificar que essa apropriação se dê absolutamente segundo as prerrogativas da empresa, o que inviabiliza, por consequência, uma origem comum da história de vida ou o seu destino final. O ponto de interesse se coloca, mais uma vez, portanto, em uma aproximação com o diário pessoal, na cotidianidade das posições implicadas nas publicações e nos encaminhamentos que estas insinuam à leitura e à interpretação (ARFUCH, 2010 [2002], p. 102).

Neste ponto, parece claro, a meu ver, que a diversidade de gêneros, suportes e registros do espaço biográfico abarca também as linhas do tempo, valorizando a narrativa em suas mais variadas facetas, como a argumentação até aqui desejou demonstrar (ARFUCH, 2010 [2002], p. 107). Por isso, é importante ressaltar que:

A multiplicidade de formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou uma experiência de vida. Inscrevem-se assim, para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a narrativa, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade. Efetivamente, o que mais a atribuição supõe além da ancoragem imaginária num tempo ido, fantasiado, atual, prefigurado? (ARFUCH, 2010 [2002], p. 111)

O eixo da temporalidade é fundamental para compreender a linha do tempo como componente do Facebook, uma vez que ela foi pensada a partir dessa consideração. Nossa hipótese mais ampla se baseia na possibilidade de reconstituição de um percurso narrativo – em sua eminente especificidade – a partir dos procedimentos compositivos impostos pela interface da rede social, cuja razão de ser está colocada sobre a história (que se presencia, que se vive, que se registra etc.) ou a experiência (de leitura, de interação social, de engajamento político etc.) de uma vida. No entanto, não enfatizamos, com a real importância que lhe cabe, a narrativa ou o que poderíamos pensar, inclusive, ser a antinarrativa de uma vida. Por que uma antinarrativa? Ora, se pensarmos que a curadoria de elementos diversos, destoantes,

consonantes, múltiplos, plurais, distantes, próximos – quantos adjetivos mais poderíamos agregar a tudo que se pode publicar no Facebook? – que visam a, apesar disso, alcançar certa coerência a partir do nome de um indivíduo e de sua figura, temos uma tensão permanente em direção a uma leitura narrativa em seu embate com a possibilidade de leitura antinarrativa.

Apesar de estarmos de acordo com a autora no que diz respeito ao fato de ser a narrativa, por excelência, a forma de estruturação da vida (WHITE, 1992)⁴⁸, não podemos ignorar que as linhas do tempo se baseiam na forma simbólico-cultural concorrente e concomitante que é o banco de dados, como expressou Lev Manovich (2001):

[...] na história da cultura até o presente momento, o banco de dados [...], correspondente ao paradigma a partir do qual uma narrativa é construída, tem sido implícito (guardado no espaço mental, ou no repertório coletivo de uma cultura à qual não temos acesso individual imediato, a menos que nos tenha sido ensinado), enquanto as narrativas, correspondentes a sintagmas, são explicitadas em nossos textos analógicos e performances orais. Porém, as novas mídias [...] subvertem essa relação ao fazer com que ao banco de dados (o paradigma) seja dada existência material, enquanto a narrativa (o sintagma) é desmaterializada, isto é, passa a existir virtualmente nas memórias digitais, mas só se apresenta quando recuperada, em seus diferentes módulos, pela ação do leitor/usuário da internet e/ou de agentes computadorizados (BARROS, 2014, p.48).

Existe ainda a questão dos signos paratextuais como um dos liames entre história e ficção ou, melhor dizendo, como fronteira que separa o relato histórico e o relato ficcional, que nos alerta, sobretudo, para como a verdade é construída na e pela linguagem. Sobre isso, nos interessa apenas dizer que a distinção principal opera sobre os “fatos narrados” e também sobre o “pacto de leitura” sugerido. Os signos paratextuais, então, exibem-se na apresentação da obra, quando esta é rotulada como um romance, uma história, uma autobiografia etc. (WHITE, 1992 apud ARFUCH, 2010 [2002], p.117). No que concerne ao nosso estudo, no entanto, há alguns índices paratextuais que nos orientam para, convencionalmente, tratar a linha do tempo como devir de uma expressão auto/biográfica – sendo a autobiografia amparada pela memória e a biografia apoiada nos documentos. Exemplos desses índices se encontrariam no nome próprio (ou suas equivalências, como no caso de um apelido), na foto do perfil, de capa etc.

Desse modo, é preciso ter em conta que não há nada que possa efetivamente separar o factual do ficcional, a não ser justamente os signos paratextuais. Mesmo assim, Arfuch nos alerta para o fato de que uma vida “real” sofre com algumas restrições narrativas. No espaço biográfico impera, muitas vezes, ao menos com os gêneros não canônicos, um divórcio com o excesso de referencialidade testemunhal a um determinado indivíduo. Nesse sentido, permitem-

⁴⁸ Leonor Arfuch se debruça sobre uma revisão teórica que vai de Benveniste a Ricoeur, para tratar da questão da narrativa e da temporalidade.

se deslizamentos em direção à autoficção, desligada do “‘pacto’ de referencialidade biográfica” (ARFUCH, 2010 [2002], p.127).

Frente a isso, o que se sobressai é o peso do descentramento do sujeito enunciator no percurso narrativo, além do dialogismo bakhtiniano inerente ao espaço biográfico de Leonor Arfuch, ambos aparecendo, vale enfatizar, tanto implícita como explicitamente nas linhas do tempo:

[...] o “retrato” do eu aparece, em suas diversas acentuações, como uma posição enunciativa dialógica, em constante desdobramento em direção à outridade de si mesmo. Não haveria “uma” história do sujeito, tampouco uma posição essencial, originária ou mais “verdadeira”. É a multiplicidade dos relatos, suscetíveis de enunciação diferente, em diversos registros e *coautorias* (a conversa, a história de vida, a entrevista, a relação psicanalítica), que vai construindo uma urdidura reconhecível como “própria”, mas definível só em termos relacionais: *eu sou tal* aqui em relação a certos outros diferentes e exteriores a mim (ARFUCH, 2010 [2002], p.128-129; grifo da autora)

Desse modo, a autora enfatiza a construção mítica do eu – que também é ocidental e moderna – e esclarece de que modo um retrato a seu respeito será sempre contingente e baseado tão somente numa posição enunciativa dialógica, em que o “eu” fala e é falado por outras vozes que o ocupam e que vêm a dar protagonismo também ao receptor/destinatário, tanto da oralidade, como da escrita. Apesar disso, sob a proposta de um perfil individual, garante-se, embora com certa distância da entrevista estudada por Leonor Arfuch (em que se inscrevem voz e corpo), a existência “real” de um autor.

Em nosso contexto, não há a marca aparentemente tão cara à “plenitude da presença”, mas não se pode ignorar que, cada vez mais, o favorecimento da distância dos corpos incitada pela tecnologia vem a ressignificar o próprio “se fazer presente” / “marcar presença”. Quando não se pode ter a presença do corpo, é dada a possibilidade da voz, da transmissão ao vivo (uma das mais recentes e já mencionadas funcionalidades do Facebook, que os nossos participantes de pesquisa nem imaginavam poder usar em 2014), o retrato estático de uma foto de si mesmo. Quando o indivíduo renega essas possibilidades, ainda contamos com uma tênue referência inerente à rede social: “se tem Facebook, é porque existe”.

Vale ainda recuperar a discussão de Arfuch sobre os diários íntimos que permite o reconhecimento de paralelos com as linhas do tempo, alguns dos quais já foram elucidados na seção 2.2 deste capítulo. Para a autora, trata-se de um gênero desprovido de qualquer engessamento relativo aos gêneros e aberto sempre a possibilidade de improvisação, a registros diversos da linguagem e do colecionismo, uma vez que quase tudo pode se acomodar nele: “contas, bilhetes, fotografias, recortes, vestígios, um universo inteiro de ancoragens fetichistas

–, sujeita apenas ao ritmo da cronologia, sem limite de tempo nem lugar” (ARFUCH, 2010 [2002], p.143), garantindo, assim, uma relação mais aprofundada com o eu.

Trata-se de uma forma biográfica especial, porque corresponde a uma liberdade maior de escrita e pode abordar qualquer tema, seja ele trivial e cotidiano; seja ele complexo e filosófico. Além disso, o diário pode preocupar-se em relatar um acontecimento ou iluminar a invenção de um relato. Embora haja a existência de diários produzidos para que seu autor entre em um contato íntimo com sua própria subjetividade, existem outros que são escritos com vistas à publicação. Neste caso, poderão sofrer apagamentos, passar por reescritas, realocando – e até readequando –, o privado ao público, e concretizando o que se considera o espetáculo da interioridade.

Para Arfuch, o diário pessoal apresenta uma vantagem em relação à autobiografia, porque além de reunir acontecimentos memoráveis, pode aprofundar-se em uma intimidade supostamente menos “biográfica”, que envolve sentimentos como a angústia e o medo e até uma tendência ao erotismo. Apesar disso, “e fora da intenção do autor, poderá ser exumado, arqueologicamente, como marca vívida, fragmento, revelação” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 144). A autora ainda sugere que dentre os gêneros biográficos modernos, talvez o diário possa ter sido o precursor da “intimidade midiática”, seguido da câmera – e acrescento das telas de computadores, notebooks e dispositivos móveis –, e deu lugar à consolidação de uma intimidade que é vista mais do que dita.

Se os leitores críticos conseguem identificar, nas “falações” do eu (ARFUCH, 2010 [2002]), os grandes temas, a inquietude existencial ou as tendências do pensamento, é preciso também se questionar qual seria o lugar do interesse da leitura corrente, do leitor comum, por assim dizer, desses diários – e só levantamos esse questionamento, porque não é à toa que se sustenta a figura do *stalker* – obsequioso ou não –, que não deixa de ser um leitor das redes sociais de outrem. A hipótese da autora é a da identificação, assim como costuma acontecer com a motivação de leitura para outras formas pertencentes ao espaço biográfico: leem-se os diários publicados em busca de proximidade, profundidade, o “som” da voz, o indício do íntimo, a marca do autêntico e do cotidiano, o “verdadeiro”, consolidando o diário como, supostamente, a única forma autobiográfica de uso comum e compartilhado. Quanto a esta última consideração, poderíamos, de maneira análoga, pensar que o Facebook e suas linhas do tempo, contemporaneamente, também se constituem como uma forma autobiográfica de uso comum e compartilhado.

Por último, vale ressaltar que Arfuch reconhece o impacto da internet para a totalidade do espaço biográfico, que se abre para a existência virtual:

sites, páginas pessoais, diários íntimos, autobiografias, relatos cotidianos, câmaras perpétuas que olham – e fazem olhar –, experiências *online* em constante movimento, invenções de si, jogos identitários, nada parece vedado à imaginação do corpo e do espírito. No entanto, essa liberdade sem necessidade de legitimação e sem censura, essa possibilidade de desdobrar ao infinito redes inusitadas de interlocução e sociabilidade – ao mesmo tempo anônimas e personalizadas, investidas de afetividade e descorporizadas – não altera em grande medida o esperável – e sem dúvida estereotípico – dos velhos gêneros (ARFUCH, 2010 [2002], p. 149-150).

Assim, os relatos de si promoveriam uma revitalização do escrito e a volta da valorização de formas canônicas que já estariam caindo em certo esquecimento como é o caso dos diários, cartas e relatos pessoais, promovendo o reforço de ideologemas⁴⁹. Em síntese, a internet tornou possível a popularização de novas modalidades de práticas autobiográficas já consolidadas e consideradas canônicas, dispensando a mediação profissional – seja ela jornalística ou científica – e fazendo com que seja possível “expressar livre e publicamente os tons mutantes da subjetividade contemporânea” (ARFUCH, 2010 [2002], p.150).

Tendo em vista o fato de que a dinâmica narrativa é aspecto integrante das elaborações teóricas sobre os gêneros auto/biográficos e também sobre as formas dissimilares que integram o espaço biográfico, torna-se fundamental o aprofundamento acerca das narrativas curatorizadas e fragmentadas, próprias da linha do tempo, considerando suas particularidades. Essa exploração tem como objetivo principal justificar de qual lugar postulamos nossas observações sobre a “narratividade episódica” (PAGE, 2010) que se desenvolve nas publicações pessoais dos indivíduos no Facebook e que ficam, conseqüentemente, armazenadas nas linhas do tempo.

Sob esse ponto de vista, auxilia-nos em nossa justificativa o trabalho de Georgakopoulou (2015) a respeito dos métodos de análise e alcance da pesquisa sob a perspectiva das *small stories*, como paradigma de análise para a narrativa e para as identidades. A pesquisa em *small stories* configura-se, sobretudo, como um movimento contrário aos estudos dominantes sobre a narrativa, que a definem de modo restritivo com base em critérios textuais. Tais estudos privilegiam um tipo específico de narrativa, caracterizado pela sua extensão, pela não ocorrência de maiores interrupções e pelo privilégio dado, na condução

⁴⁹ La vida como conjunto de acciones, acontecimientos y experiencias se convierte en argumento, trama, tema, motivo sólo después de haber sido interpretada a través del prisma del marco ideológico, sólo después de haberse revestido de un cuerpo ideológico concreto. Una realidad de hecho que no haya sido interpretada ideológicamente, que esté, por así decirlo, todavía en bruto, no puede formar parte de un un contenido literario' [...] Ese 'cuerpo ideológico' es el **ideologema**: elemento del horizonte ideológico, por un lado, y del texto, por el otro.[...] **El ideologema es la representación, en la ideología de un sujeto, de una práctica, una experiencia, un sentimiento social.** El ideologema articula los contenidos de la conciencia social, posibilitando su circulación, su comunicación y su manifestación discursiva en, por ejemplo, las obras literarias.” (SARLO, Beatriz y ALTAMIRANO, Carlos. Literatura/Sociedad. Ed. Edicial. Buenos Aires, 1993)

enunciativa, a eventos passados ou à história de vida do enunciador. Essas narrativas são tipicamente obtidas em entrevistas de pesquisa e, frequentemente, excluem:

uma gama de atividades narrativas sub-representadas e “típicas”, tais como relatos de eventos em andamento, eventos futuros ou hipotéticos, eventos compartilhados (conhecidos), mas também alusões a relatos, adiamentos de falas e recusas para contar. (GEORGAKOPOULOU 2006, p. 130 apud GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 255; tradução minha)⁵⁰.

Trata-se, sobretudo, de uma articulação de diversos instrumentos de análise de distintas áreas disciplinares que vão desde a sociolinguística até os estudos biográficos. O alcance desse tipo de pesquisa envolve o reconhecimento do “pluralismo, heterogeneidade e produtiva coexistência das atividades narrativas, grandes e pequenas, no mesmo evento, pelo mesmo enunciador e assim por diante” (GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 256). Essa percepção torna as *small stories* um “termo guarda-chuva” e um dispositivo de comunicação, uma lente de análise narrativa, que tenta desenvolver certos modos de averiguação de atividades discursivas específica. A extensão desse tipo de estudo que nos interessa é, portanto, a sua potencialidade para a investigação da comunicação nas mídias sociais.

Seu contexto mais amplo visa a uma percepção antiessencialista do eu, da sociedade e da cultura, enfatizando, em decorrência disso, a multiplicidade, a fragmentação, a especificidade do contexto e a performatividade das práticas de comunicação. Esse ponto de vista permite expandir a análise narrativa para além das narrativas literárias e das narrativas produzidas em resposta a entrevistas reguladas por propósitos de pesquisa. Nesse sentido, a série de estudos das narrativas conversacionais que proveram evidência sobre a não conformação com o que Labov (1972) classificou como estrutura “narrativa clássica” tem fundamental relevância. Desse modo, a pesquisa em *small stories* é um movimento organizado e direcionado a colocar no mapa de investigações acadêmicas o que se considerou, por muito tempo, “não canônico” ou “atípico”, fazendo dessas histórias parte focal das análises narrativas.

Possuindo influência eclética quanto aos campos disciplinares dos quais obteve benefícios teóricos, destacam-se – em concordância com o interesse pela análise das linhas do tempo do Facebook que culmina nesta tese –, aqueles obtidos dos estudos biográficos que pretendem lançar luz sobre “as formas experienciais, afetivas e subjetivas com as quais as pessoas fazem sentido de si ao longo do tempo” (GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 257; tradução minha).

⁵⁰ “a gamut of under-represented and “a-typical” narrative activities, such as tellings of ongoing events, future or hypothetical events, shared (known) events, but also allusions to tellings, deferrals of tellings, and refusals to tell” (GEORGAKOPOULOU 2006, p. 130 apud GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 255).

Ainda, a pesquisa em *small stories* concebe a linguagem como *performance* de ações específicas em ambientes específicos, isto é, como sendo parte de práticas sociais que moldam e são mutuamente moldadas por essas ações. Assim, Georgakopoulou (2015), com base na concepção de contexto de Bauman e Briggs (1990), assevera que toda a produção de sentido narrativo é contextualizada. Ao mesmo tempo, os sentidos têm o potencial de serem removidos do seu contexto original e de serem recontextualizados, ou seja, de adquirirem novos sentidos em novos contextos. Em consequência disso, tanto a historicidade como a circulação da narrativa são incorporadas à análise. Essa questão da (re)contextualização é particularmente relevante para o entendimento dos conteúdos discursivos que compõem, mais amplamente, as linhas do tempo do Facebook dos indivíduos, por serem trazidos e deslocados de outras partes, para dentro do espaço heterotópico e dialógico que constitui a interface.

Percebe-se, portanto, que o aporte teórico-metodológico provido pelas *small stories* busca deslocar o sentido de narrativa como sendo uma sequência linear, com começo, meio e fim, para considerar toda a gama de narrativas que não se encaixam nessa linearidade, pela consideração própria de que quando se narram histórias, elas frequentemente são inconclusas ou difusas. Assim, Georgakopoulou (2015) lembra que

na pesquisa sobre narrativa biográfica, assim como na autobiografia clássica, a ênfase tem sido posta sobre a forma narrativa como um projeto constante e totalizante, estruturado por preocupações com tempo, desenvolvimento moral e reflexão retrospectiva. Então, tem havido uma inegável propensão em relatar/escrever o eu como um processo que precisa de auto-reflexão e uma consideração da distância temporal dos eventos (ibid., p. 258, tradução minha)

⁵¹.

O destaque metodológico da pesquisadora se debruça sobre uma “heurística para a análise”, que explora três distintos, porém inter-relacionados, níveis de apreciação, a saber: (i) modos de narrar, (ii) lugares e (iii) narradores. Embora nossa proposta de análise não se coadune precisamente com esse enquadramento, entendemos ser importante ressaltar que a consideração de como a narrativa se dá – e é socioculturalmente moldada por escolhas semióticas e verbais particulares (*ways of telling*); pelos espaços sociais nos quais as atividades narrativas têm lugar e pela influência do conglomerado de fatores situacionais e contextuais (*sites*); e pelos enunciadores como entidades complexas e participantes de uma atividade comunicacional,

⁵¹ in narrative-biographical research as well as in classical autobiography, the emphasis has been on the narrative form as a sustained, totalizing project, structured by concerns with time, moral development, and retrospective reflection. So there has been an undeniable bias in telling/writing the self as a process that necessitates self-reflection and a measure of time distance from the events; but as we will see below, breaking news stories, currently proliferating on social media, drastically depart from this idea” (ibid., p. 258).

possuindo “biografias específicas, que incluem hábitos, crenças, desejos, vontades, medos etc.” (ibid.) (*tellers*) – é extremamente relevante e digna de atenção.

As *small stories* até agora documentadas, segundo a autora, incluem desdobramentos não lineares ou multi-lineares na produção narrativa; ênfase no relato de eventos mundanos, cotidianos, ordinários; ênfase na desmontabilidade e recontextualização da narrativa, co-construção de um ponto da narrativa, de eventos e de personagens entre o narrador/enunciador e as audiências, ao invés de deixar a responsabilidade recair exclusivamente sobre o narrador e/enunciador, em uma compreensão da dificuldade em determinar a “posse” da narrativa. Em relação à curadoria digital engendrada na linha do tempo, esta última característica é acentuada, uma vez que, parte das publicações mobiliza recursos de outras páginas, evidenciando a apropriação de outros discursos para a constituição de uma narrativa de si, mais ampla e descentrada.

Assim, percebe-se como

[a] proliferação de *small stories* nas plataformas de novas mídias/mídias sociais não se dá por acidente: as mídias sociais são ambientes que proporcionam oportunidades para compartilhar a vida em uma forma miniaturizada, ao mesmo tempo que restringem a habilidade dos usuários de mergulhar completamente no modo autobiográfico (o Twitter, por exemplo, tem um limite de 140 caracteres). Particularmente, elas oferecem a habilidade de compartilhar experiências à medida que estas acontecem, com vários recursos semióticos (multimodais), de atualizá-las com a frequência necessária e de (re)incorporá-las em várias plataformas sociais. Essa prevalência das *small stories* e a visão largamente sustentada de que as mídias sociais estão ameaçando as formas mais convencionais de autobiografia tornam imperativo que os analistas de narrativa se engajem com esses fenômenos, a partir de questões que concernem tanto ao que a análise narrativa pode oferecer para seu escrutínio quanto ao modo como isso pode responder aos novos desafios que elas estabelecem (GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 266; tradução minha)⁵².

Nesse sentido, cabe também destacar o trabalho de Page (2010), pelo exame específico que realiza do Facebook, ainda que antes de sofrer alteração em sua interface, do mural para a linha do tempo. Assim, a autora analisa as atualizações de status que aconteciam na rede social, mas assinala, tendo em conta a mudança ocorrida no *site*, a necessidade de investigações que considerem a nova interface. De qualquer modo, apontar seu estudo é válido

⁵² “This proliferation of small stories on new/ social media platforms is no accident: social media environments afford opportunities for sharing life in miniaturized form at the same time as constraining the ability of users to plunge into full autobiographical mode (e.g., Twitter’s constraint of 140 characters). In particular, they offer users the ability to share resources, to update it as often as necessary, and to (re)embed it in various social platforms. This prevalence of small stories and the widely held view that social media are endangering more conventional forms of autobiography are making it imperative for narrative analysts to engage with these phenomena with questions that pertain to both what narrative analysis can offer for their scrutiny and how it can respond to the new challenges that they pose” (GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 266).

pelo fato de ser uma investigação sobre o Facebook que considera a temporalidade nas atualizações dos usuários, sua narratividade, além da composição do arquivo, formado em ordem cronológica reversa, na rede social. Por essas razões, pontuamos algumas das observações da autora que podem se aplicar, de maneira semelhante, ao caso da linha do tempo, objeto central de investigação nesta pesquisa.

A primeira observação realizada pela autora que nos é cara é a de que, ao longo do tempo, as atualizações de status do mural, e não da linha do tempo, como ela inicialmente analisou, “compõem um arquivo que documenta uma narrativa contínua das experiências de vida do escritor” (PAGE, 2010, p. 425). Além disso, a pesquisadora considera que as atualizações são moldadas por seu contexto retórico específico. Uma segunda observação relevante é a semelhança com o gênero “história de vida” (LINDE, 1993 apud PAGE, 2010), o que prova a relação das atualizações com as *small stories* e seu afastamento da condição canônica de estudo das narrativas, demonstrando o potencial narrativo dessa forma particular de comunicação online:

Como as histórias de vida, o arquivo em desenvolvimento de atualizações de status é uma unidade necessariamente descontínua e aberta que se desdobra ao longo do tempo e é revisada de acordo com as experiências de vida do escritor. No entanto, os relatórios publicados em atualizações de status não são extensivos, nem se concentram em episódios significativos no histórico do palestrante. Em vez disso, as atualizações de status geralmente se concentram nas minúcias dos eventos cotidianos (PAGE, 2010, p. 426; tradução minha)⁵³.

Ademais, é imprescindível destacar a definição de narrativa apresentada pela autora, que reconhece a problemática de categorizações restritivas, as quais somente levam em conta padrões linguísticos – como é o caso do uso de verbos no pretérito – ou então o demasiado alargamento das categorizações que, essencialmente, não contribui para a apreciação analítica das atualizações de status do Facebook. A partir disso, ela procura assinalar a visão de narrativa como um construto cognitivo, construída em resposta a estímulos que podem ser encontrados em várias mídias e moldada pelo conhecimento de mundo do leitor ou do ouvinte. Desse modo, ela considera três propriedades semânticas que são significativas para a narratividade em seu objeto de investigação, que poderiam ser sintetizadas pela percepção da temporalidade, pelo

⁵³ “Like life histories, the developing archive of status updates is a necessarily discontinuous and open unit that unfolds over time and is revised in keeping with the writer’s life experiences. But the reports posted in status updates are neither extensive in length, nor do they focus on significant episodes in the speaker’s history. Instead, status updates typically focus on the minutiae of everyday events”

enquadramento de consciência e por uma sequência holística. Page (2010) analisa as atualizações de forma individual, reconhecendo suas propriedades narrativas:

a atualização sempre contém referência a um indivíduo que relata suas experiências: o próprio escritor. A articulação de um indivíduo nomeado é gerada automaticamente pelo modelo de atualização da interface do Facebook como o ponto inicial a partir do qual todas e quaisquer atualizações são concluídas. O nome declarado é uma informação crucial para a produção narrativa (auto-representação) e para a recepção (para que o público saiba do que trata a atualização). O modelo do Facebook também gera um registro de data e hora, que aparece no cabeçalho e no rodapé de cada atualização e corrige o relatório de eventos cronologicamente com uma data e hora. Como o tempo de narração é entendido como próximo ao tempo dos eventos relatados, isso permite ao público reconstruir uma posição cronológica para os eventos atualizados. Nas atualizações, os escritores também podem relatar vários eventos que são estruturados em torno de uma sequência temporal (PAGE, 2010, p. 427-428; tradução minha) ⁵⁴.

A autora assinala, ainda, a existência de um “tempo cósmico pessoal” em comparação com o que Paul Ricoeur afirma ser o “tempo humano”, na seleção de eventos específicos que são dignos de ser narrados, enquanto outros não o são. No entanto, a experiência do tempo é sentida no presente, pelo momento da postagem, mas pode recair tanto sobre o futuro como sobre o passado. A possibilidade de interpretação das atualizações como narrativa é concebida, porque essas publicações não são isoladas, mas fazem parte de um arquivo contínuo que se desenrola e se desenvolve ao longo do tempo. Nesse sentido, ainda que as atualizações apresentem estados e não eventos, o contexto retórico do arquivo de atualização permite que as publicações – pensando aqui a interface das linhas do tempo e não o mural – sejam incorporadas a uma narrativa mais ampla de experiências documentadas de vida.

Sobretudo, importa a interpretação da autora sobre o fato de que o Facebook se constitui como um ambiente de banco de dados multifacetado. Observa-se, a partir disso, que a linha do tempo é representativa dessa condição e que o nome do indivíduo é um ponto unificador para a interpretação de episódios individuais que são narrados ou documentados no curso do tempo pela estampa automaticamente exposta nas publicações, imbuídas, portanto, de ordem cronológica. Ressalta-se, nessa direção argumentativa, o fato de que a estrutura

⁵⁴ “the updates always contains reference to an individual who reports their experiences: the writer themselves. The articulation of a named individual is automatically generated in the update template by the Facebook interface as the start point from which any and all updates are completed. The stated name is crucial information for both narrative production (self-representation) and reception (for the audience to know who the up date is about). Facebook’s template also generates a timestamp, which appears at the header and footer of each update and fixes the report of events chronologically with a date and time. As the time of narration is understood to be near simultaneous with the time of reported events, this enables the audience to reconstruct a chronological position for the updated events. Within updates, writers may also report multiple events which are structured around a temporal sequence” (PAGE, 2010, p.427-428).

organizacional da linha do tempo faz com que as postagens apareçam em ordem cronológica reversa. Isso justifica, inclusive, a movimento metodológico desta pesquisa, que é orientado justamente pela reconstrução reversa das publicações, a partir de sua “exumação”. A autora busca representar a dinâmica de publicações no mural, em seu caso, atualizações de status, pela noção bakhtiniana de cronotopo, que pode ser reapropriada para os propósitos da linha do tempo, conforme se apresenta na figura abaixo:

Sequência cronológica das publicações realizadas pelo usuário

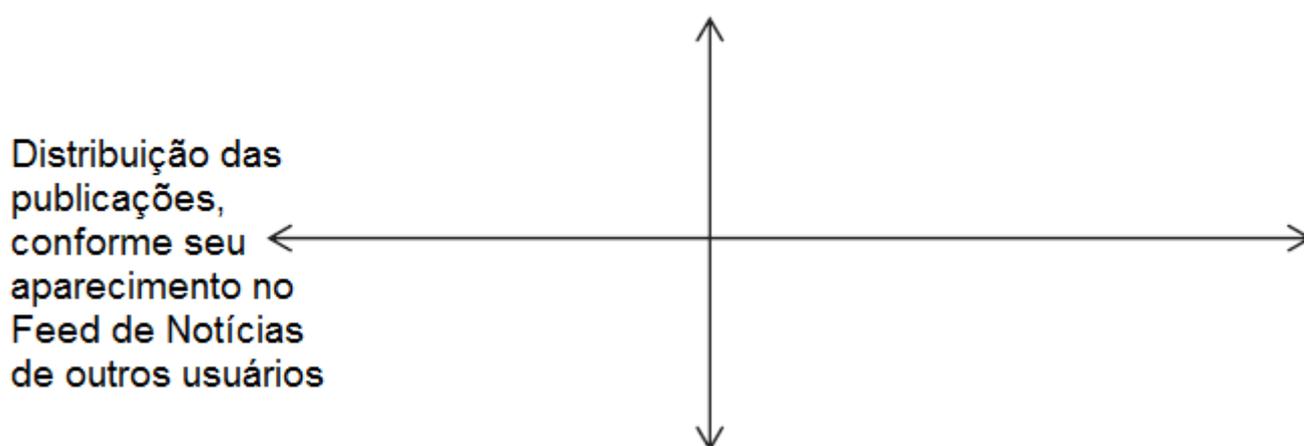


Figura 12 – A s publicações da linha do tempo como cronotopo, com base em Page(2010)

Assim como o cronotopo explica a relação entre tempo e espaço em uma narrativa, com base no que postula a reapropriação do conceito bakhtiniano realizada por Page (2010), podemos, semelhantemente, estabelecer a trama entre a sequência cronológica das publicações realizadas pelo usuário em sua linha do tempo e a sua distribuição no Feed dos outros usuários que com ele se relacionam pela rede social. A Figura 12, portanto, representa, no eixo vertical, a sequência cronológica das publicações que vão se arquivando na linha do tempo, justaposta ao espaço social composto pelo Feed, no eixo horizontal. No eixo vertical, observa-se a narrativa individual constituída por uma série de publicações documentadas à medida que são postadas. No eixo horizontal, emerge a distribuição espacial das publicações, conforme elas aparecem no Feed dos usuários/amigos que aparecem na lista de cada indivíduo, cuja observação detalhada está fora do nosso escopo de pesquisa⁵⁵.

⁵⁵ “Although the examples of update sequences are represented here synchronically, that is not how the updates are experienced within the context of Facebook. Instead, the readers receive the updates diachronically, successively ordered according to the time at which the update is written” (PAGE, 2010, p. 439).

De qualquer modo, não podemos ignorar a “amarração” contida na documentação de vida do indivíduo com sua posição na rede social, que forma um ponto de intersecção entre a linha do tempo do usuário no Facebook e sua distribuição através do contexto da comunidade de amigos com os quais se relaciona por meio do *site*. Contudo, essa posição é continuamente modificada devido à atividade subsequente gerada pelo usuário, uma vez que as atividades mais recentes se sobrepõem às anteriores, tanto na linha do tempo como no Feed de Notícias. Em relação ao Feed, cabe dizer que a distribuição das publicações do indivíduo será feita de diversas maneiras e com distintas combinações, considerando o fato de que as relações de cada indivíduo na rede fazem com que ele estruture para si um Feed específico, influenciado, inclusive, pelos algoritmos do *site*. O espaço da rede social, de modo mais amplo, demonstra-se, assim, multidimensional, enquanto a linha do tempo, de modo específico, permite pensar um arquivo de forma sequencial.

As deixas que permitem a interpretação de sequências díspares como narrativas são encontradas, segundo a autora, no contexto discursivo. É a rede social que gera, automaticamente, a data e o horário de cada atividade de postagem do usuário no Facebook, gerando a estrutura cronológica do arquivo da linha do tempo. Então, dois requisitos mínimos de narratividade podem ser aplicados à linha do tempo: (i) as publicações marcadas por sua ordem temporal e (ii) a referência consistente e constante ligada ao mesmo agente: o usuário/dono/autor/administrador do perfil. Entretanto, a narratividade das publicações arquivadas dos usuários contrasta com “a interdependência lógica entre unidades e estrutura geral única associada com narrativas canônicas” (PAGE, 2010, p.439). Na linha do tempo, assim como para as atualizações de status estudadas pela autora na versão anterior da interface, a dinâmica da narratividade canônica é substituída “narratividade episódica, vagamente conectada pela cronologia gerada pelo ato de criação discursiva em vez de pelo material informado nas próprias atualizações” (PAGE, 2010, p. 439). Em suma, isso significa que se deve enriquecer a compreensão das formas e funções das práticas narrativas contemporâneas, principalmente no que concerne à comunicação mediada por computador.

Finalmente, embora seja possível e necessário interpretar as publicações como unidades independentes, para estabelecer significação global e conjugada, isto é, compreender as publicações para compreender a linha do tempo como um conjunto, é preciso enfatizar o destaque sobre o espectro mais amplo de arquivo. Este não se apresenta exclusivamente como um arquivo da ou sobre a vida do indivíduo, no intento de estabelecer veracidade referencial com um sujeito empírico, mas como agrupamento das coisas lidas, refletidas, incorporadas e

experienciadas de modo mais amplo pelo usuário, sem a inscrição supostamente imprescindível da primeira pessoa.

2.4 A vida como relato na *web*: formas de expressão e temporalidades

Paula Sibilia (2008) oferece um questionamento a respeito do fenômeno contemporâneo que se tornou a exposição da intimidade dos indivíduos na *web* e, mais especificamente, nas redes sociais. Dentro desse espectro específico, a autora avalia em que medida existe uma diferenciação ou uma separação entre a consideração dessas formas de expressão pessoal como retratos da vida dos indivíduos ou como obras – ou, ainda, como algo completamente novo, que acabaria por fazer desaparecer qualquer distinção clássica entre a noção de vida e de obra.

Para o senso comum, já é costume assumir que as pessoas mentem ou inventam ao exporem suas intimidades em redes sociais, montando o que poderia se chamar de “espetáculos de si mesmos” (SIBILIA, 2008, p.36), de modo a faltar com a autenticidade dos fatos sobre a própria vida. Diante disso, nasce a indagação sobre quando é exibida a realidade da vida de alguém comum, por meio de documentos verídicos, como fotos, eventos, check-ins em lugares atrativos ou se tais formas de expressão configuram um gênero de ficção ou forma de arte que produzem personagens fictícios diante do público. Essa indagação não é trivial, mas leva a um ponto importante de aproximação dessas práticas como pertencentes aos gêneros autobiográficos, ponto essencial para a proposta deste trabalho.

Como já mencionado, os gêneros autobiográficos, se entendidos como categoria artística, incorporam cartas, diários íntimos, memórias, álbuns e as próprias autobiografias. Apesar de compartilharem certas características em comum, tais gêneros não possuem traços formais ou de conteúdo que permitam diferenciá-los, com segurança, das obras ficcionais. Em se tratando dessa linha tênue e, por vezes, nebulosa e ambígua, torna-se difícil distinguir as narrações de ficção daquelas que se apoiam em uma existência real (SIBILIA, 2008, p.36). Contudo, isso pode ser feito se considerarmos que essa distinção se insere em um outro regime de verdade, provocando, igualmente, outro horizonte de expectativas.

Nesse ponto é importante retomar, como faz Paula Sibilia, a ideia proposta por Philippe Lejeune de que a particularidade dos gêneros autobiográficos deve ser buscada fora dos textos, no mundo dito real e nas relações entre autores e leitores:

as obras autobiográficas se distinguem das demais, porque estabelecem um “pacto de leitura” que as consagra desse modo. Em que consiste esse pacto? Na crença de que as identidades do *autor*, do *narrador* e do *protagonista* da história coincidem. Em suma, se o leitor crê que o autor, o narrador e o

personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica (SIBILIA, 2008, p. 37; grifo da autora; tradução minha)⁵⁶.

Segundo a autora, os “usos confessionais” da internet se encaixam na definição dos gêneros autobiográficos, deles constituindo-se como manifestações renovadas, sempre perpassadas pela linguagem, que tenta consignar o “eu”:

O *eu* que fala e se mostra incansavelmente na *web* costuma ser triplo: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Mas além disso não deixa de ser uma ficção, já que apesar de sua contundente autoevidência, o estatuto do *eu* é sempre frágil. Ainda que se apresente como “o mais substituível dos seres” e “o mais real, em aparência, das realidades”, o *eu* de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante. Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual (SIBILIA, 2008, p. 37; tradução minha)⁵⁷.

Como ponto de convergência de vários relatos sobre si mesmo, o indivíduo acaba por criar um “efeito-sujeito” no mundo. A linguagem, nesse caso, é a própria substância da qual se apropria o indivíduo para dar consistência particular, pessoal, singular e própria ao cruzamento de narrativas autodenominadas de “eu” (SIBILIA, 2008, p.38), constituindo um tipo especial de ficção sobre um eixo móvel e instável.

Apesar de a condição de narrador do sujeito estar relacionada com a organização da narrativa das experiências pessoais na primeira pessoa do singular gramatical, é necessário perceber que essa formalidade não é sempre seguida. Essa observação é fundamental no que se refere ao objeto desta pesquisa: as linhas do tempo dos perfis do Facebook de indivíduos comuns. Embora a condição de narrador do sujeito não esteja, necessariamente, empregada na primeira pessoa do singular, é possível notar como se apresenta e se representa a subjetividade, sem a pretensão de traduzir nos conteúdos discursivos uma entidade individual que precederia o relato e seria “mais real” que a própria narração:

[n]o lugar disso, a subjetividade se constitui no vértice dessa torrente discursiva, é ali onde o *eu* de fato se realiza. Portanto, usar palavras ou imagens é atuar: graças a elas podemos criar universos e com elas construímos nossas subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações. A linguagem não só ajuda a organizar o tumultuoso fluir da própria experiência e a dar sentido ao mundo, mas também estabiliza o espaço e

⁵⁶ “las obras autobiográficas se distinguen de las demás porque establecen un “pacto de lectura” que las consagra como tales. ¿En qué consiste ese pacto? En la creencia de que coinciden las identidades del *autor*, el *narrador* y el *protagonista* de la historia contada. En suma, si el lector cree que el autor, el narrador y el personaje principal de un relato son la misma persona, entonces se trata de una obra autobiográfica” (SIBILIA, 2008, p. 37).

⁵⁷ “El *yo* que habla y se muestra incansablemente en la *Web* suele ser triple: es al mismo tiempo autor, narrador y personaje. Pero además no deja de ser una ficción, ya que, a pesar de su contundente autoevidencia, el estatuto del *yo* siempre es frágil. Aunque se presente como “el más irremplazable de los seres” y “la más real, en apariencia, de las realidades”, el *yo* de cada uno de nosotros es una entidad compleja y vacilante. Una unidad ilusoria construída en el lenguaje, a partir del flujo caótico y múltiple de cada experiencia individual” (SIBILIA, 2008, p. 37).

ordena o tempo, em diálogo constante com a multidão de outras vozes que também nos modelam, colorem e preenchem (SIBILIA, 2008, p. 38; tradução minha) ⁵⁸.

Ademais, o reconhecimento das outras vozes que habitam a produção de significados acerca de nossa existência é evidenciado e explicitado pela leitura do próprio modo como se organizam as linhas do tempo. Isso se deve ao fato de que nelas estão publicados os conteúdos discursivos que seriam as provas da constituição do sujeito:

Porque tanto o *eu* como seus enunciados são heterogêneos: mais além de qualquer ilusão de identidade, sempre estarão habitados pela alteridade. Toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio e do não-*eu*, por isso todo discurso é dialógico e polifônico, inclusive os monólogos e os diários íntimos: sua natureza é sempre intersubjetiva. Todo relato se insere em um denso tecido intertextual, entrelaçado com outros textos e impregnado de outras vozes; absolutamente todos, sem excluir as mais solipsistas narrativas do *eu* (SIBILIA, 2008, p.38, tradução minha) ⁵⁹.

Apesar de não se tratar de discursos autorreferenciais, em um sentido tradicional, é possível atestar que o conjunto de conteúdos discursivos reunidos em uma linha do tempo de um perfil do Facebook reflete, necessariamente, em algum nível, uma impressão (inter)subjetiva, uma autonarração fragmentária e fragmentada, sempre dialógica, intertextual e interdiscursiva. Desse modo, é possível assinalar que o “eu” é também um “outro” que se narra.

Paula Sibilía atesta que “a experiência vital de cada sujeito é uma narração que só pode pensar-se e estruturar-se como tal quando a linguagem a diseca e a modela” (SIBILIA, 2008, p. 39; tradução minha), o que daria consistência e contorno à história vivida por alguém. Ainda assim, segundo a pesquisadora, a vida somente assume o status da vida de alguém quando incorpora sua natureza narrativa e é relatada na primeira pessoa do singular. Nesse sentido, o objeto desta pesquisa se distancia da visão proposta pela autora e assume que a primeira pessoa gramatical não é necessária para a constituição do relato auto/biográfico de uma linha do tempo. Aqui, o que se busca é fazer uma leitura que retorne aos índices e traços deixados pelo perfil de

⁵⁸ “En cambio, la subjetividad se constituye en el vértigo de ese torrente discursivo, es allí donde el *yo* de hecho se realiza. Por lo tanto, usar palabras o imágenes es actuar: gracias a ellas podemos crear universos y con ellas construimos nuestras subjetividades, nutriendo el mundo con un rico acervo de significaciones. El lenguaje no sólo ayuda a organizar el tumultuoso fluir de la propia experiencia y a dar sentido al mundo, sino que también estabiliza el espacio y ordena el tiempo, en diálogo constante con la multitud de otras voces que también nos modelan, colorean y rellenan” (SIBILIA, 2008, p. 38).

⁵⁹ “Porque tanto el *yo* como sus enunciados son heterogéneos: más allá de cualquier ilusión de identidad, siempre estarán habitados por la alteridad. Toda comunicación requiere la existencia del otro, del mundo, de lo ajeno y lo no-*yo*, por eso todo discurso es dialógico y polifónico, inclusive los monólogos y los diarios íntimos: su naturaleza es siempre intersubjetiva. Todo relato se inserta en un denso tejido intertextual, entramado con otros textos e impregnado de otras voces; absolutamente todos, sin excluir las más solipsistas narrativas del *yo*” (SIBILIA, 2008, p.38).

cada indivíduo, à medida que realiza publicações. Estas podem ser entendidas, assim, como uma forma de reter e arquivar versões e visões pessoais dos acontecimentos. É como se através dessas materialidades textuais houvesse mesmo um testemunho da realidade da experiência de se vivenciar o mundo.

Este trabalho tem como um de seus enfoques – não é demais reiterar – a própria linguagem. Por essa razão: “as escritas de si mesmo constituem objetos privilegiados quando se trata de compreender a conformação do sujeito na linguagem – ou nas linguagens – e a estruturação da própria vida como um relato, seja ele escrito, audiovisual ou multimídia” (SIBILIA, 2008, p.41; tradução minha) ⁶⁰. É com a vida de pessoas não ilustres que também podemos contar nesta pesquisa, seguindo uma tendência geral nos estudos relativos aos relatos biográficos: a predileção e interesse por “gente comum”. Ao mesmo tempo, existe uma preocupação crescente com aspectos da vida íntima, que antes cabiam apenas ao campo privado da vida. Parece cada vez mais evidente que os limites entre o público e o privado estão sendo apagados, o que demanda novas interpretações acerca dessas duas esferas.

Além de pôr em evidência o apagamento das fronteiras entre público e privado na vida dos indivíduos, Sibilia aponta que a cultura letrada e, por conseguinte, a leitura de ficções literárias se encontra igualmente em decadência. Apesar de esse tipo de leitura ter servido para a autoconstrução identitária em séculos anteriores, as imagens cinematográficas, televisivas e publicitárias têm sido privilegiadas nesse aspecto da paisagem contemporânea. A partir disso, a autora se debruça sobre uma discussão a respeito da mudança de hábitos de leitura mundo afora, segundo a qual estaria ocorrendo uma terceira revolução promovida, principalmente, pelo computador e pela internet:

Seria superficial menosprezar a influência que estes novos artefatos cada vez mais utilizados para pensar, escrever, ler e se comunicar estão exercendo nos modos em que pensamos, escrevemos, lemos e nos comunicamos. Os textos eletrônicos, escritos e lidos nas telas dos computadores, muitas vezes misturados com imagens fixas ou em movimento, instalam novos hábitos e práticas, tanto para os autores como para os leitores. Por isso, no suporte tecnológico talvez resida a primeira e mais óbvia diferença entre as novidades que configuram a *Web 2.0* e as velhas artes manuscritas de autoexploração. À materialidade áspera e tangível da folha de papel, do caderno, da tinta, das capas duras e do envelope se opõe a etérea virtualidade da escrita eletrônica (SIBILIA, 2008, p. 44; tradução minha) ⁶¹

⁶⁰ “las escrituras de sí mismo constituyen objetos privilegiados cuando se trata de comprender la conformación del sujeto en el lenguaje - o en los lenguajes - y la estructuración de la propia vida como un relato, ya sea escrito, audiovisual o multimedia” (SIBILIA, 2008, p.41).

⁶¹ “Sería vano menospreciar la influencia que estos nuevos artefactos cada vez más utilizados para pensar, escribir, leer y comunicarse- están ejerciendo en los modos en que pensamos, escribimos, leemos y nos comunicamos. Los textos electrónicos, escritos y lidos en las pantallas de las computadoras, muchas veces entremezclados con imágenes fijas o en movimiento, instalan nuevos hábitos y prácticas, tanto para los autores como para los lectores.

Nesse sentido, a discussão sobre a transição do suporte material para o eletrônico, no que concerne à escrita autorreferencial, lança luz sobre a promoção e a renovação de hábitos e de práticas. Essa percepção é relevante para compreender as influências ocorridas sobre os modos de pensamento, escrita, leitura e comunicação. Além disso, ela permite explorar a exibição e a construção de um “eu”, tanto no que diz respeito à *web* como um todo quanto às redes sociais digitais, em sua especificidade.

Dando continuidade à sua argumentação, a autora, em resposta ao caráter aurático determinado por Walter Benjamin, que supostamente se destinaria apenas às cartas e aos diários íntimos – ancestrais analógicos das escritas autorreferenciais na internet –, caberia, de acordo com a pesquisadora, uma extrapolação:

Com a irrupção das tecnologias digitais e sua insuperável capacidade reprodutiva, extinguiram-se todos os vestígios da aura que ainda poderiam permanecer naqueles ancestrais analógicos. No entanto, as escritas de si parecem exalar uma potência *aurática* sempre latente, ainda que essa qualidade não resida nos objetos criados, senão em sua referência autoral (SIBILIA, 2008, p.45, tradução minha) ⁶².

Por conta do pacto de leitura presente nos gêneros autobiográficos, os fatos neles narrados são considerados verdadeiros, inclusive com a suposição de que são passíveis de verificação. Em razão disso, algum vestígio distante de uma aura poderia se fazer presente nos escritos que circulam pela internet ou se constituir como um anseio frustrado de recuperação da originalidade:

Talvez isso ocorra porque estes relatos estão envolvidos em um círculo autoral que remete, por definição, a uma certa autenticidade – algo que se hospeda no mesmo coração do pacto de leitura – e implica uma referência a alguma verdade, um vínculo com uma vida real e com um *eu* que assina, narra e vive o que conta (SIBILIA, 2008, p.45, tradução minha) ⁶³.

Narrador, autor e personagem seriam, para a autora, o pólo subjetivo dos relatos autobiográficos, enquanto o pólo objetivo recairia sobre os textos e as imagens, as obras criadas

Por eso, en el soporte tecnológico quizá resida la primera y más obvia diferencia entre las novedades que configuran la *Web 2.0* y las viejas artes manuscritas de autoexploración. A la materialidad áspera y tangible de la hoja de papel, del cuaderno, la tinta, las tapas duras y el sobre, se opone la etérea virtualidad de la escritura electrónica” (SIBILIA, 2008, p. 44).

⁶² “Con la irrupción de las tecnologías digitales y su insuperable capacidad reproductiva, se han extinguido todos los vestigios del aura que aún podría permanecer en aquellos ancestros analógicos. Sin embargo, las escrituras de sí parecen exhalar una potencia *aurática* siempre latente, aunque esa cualidad no resida en los objetos creados, sino en su referencia autoral” (SIBILIA, 2008, p.45).

⁶³ “Tal vez eso suceda porque estos relatos están envueltos en un halo autoral que remite, por definición, a una cierta autenticidad -algo que se hospeda en el mismo corazón del pacto de lectura- e implica una referencia a alguna verdad, un vínculo con una vida real y con un *yo* que firma, narra y vive lo que se cuenta” (SIBILIA, 2008, p.45).

pelos sujeitos. Sibilia trata da falta de cuidado com os critérios formais de escrita, relativos ao padrão culto da língua, que parecem permear os breves textos publicados na internet, o que considero, particularmente, uma análise limitada, normativa e um pouco ultrapassada do que se publica na internet. Deve-se levar em conta que, atualmente, é comum que se vincule a veracidade ou a coerência de um discurso individual, ainda que equivocadamente, não ao seu conteúdo, mas sim ao caráter formal de sua escrita. Os famosos “textões” de Facebook, um gênero argumentativo que reflete a opinião pessoal de seu autor nas linhas do tempo da rede social parecem ser a prova disso. Já houve trabalhos que discutiram essas questões sobre a qualidade da escrita da internet, mas não nos interessa, em particular, tratar disso, ainda mais através de uma visão normativa da língua.

Feita essa ressalva, vale destacar como ponto de interesse para nossa discussão a abordagem da questão do *esgotamento da experiência*, condicionado à industrialização que provocou o declínio da narratividade, por conta de uma série de novidades tecnológicas:

com uma enxurrada de dados que, em sua velocidade incessante, não se deixam digerir pela memória nem se recriar pela recordação. Essa aceleração teria levado à míngua as possibilidades de refletir sobre o mundo, um distanciamento em relação às próprias vivências e uma impossibilidade de transformá-las em experiência (SIBILIA, 2008, p.48; tradução minha) ⁶⁴.

Ao tratar da narrativa e de como fomos perdendo a capacidade de narrar, de respeitar e ouvir os mais velhos ao narrarem suas experiências, a autora menciona a “pobreza narrativa” (SIBILIA, 2008, p. 50) com a qual certos blogs confessionais se apresentam na internet:

Talvez seja este o gérmen da declarada “pobreza narrativa” de muitos *blogs* confessionais de hoje em dia, prova da falta de pretensões desses novos narradores interativos. Entretanto, essa honestidade frente à versão mais recente da “barbárie” talvez não afete de igual modo a seu autor nem a seu protagonista: contenta-se com afligir apenas o modesto narrador. Ainda que os três coincidam na mesma pessoa, tal como propõe o pacto de leitura levantado por Philippe Lejeune, que ao confiar nessa tripla coincidência identitária os consagra como gêneros autobiográficos. De todas as maneiras, ainda haverá tempo de examinar com maior atenção as figuras do autor e do protagonista dos gêneros confessionais da Internet; por ora, convém voltar a apontar o foco sobre a figura vacilante do narrador (SIBILIA, 2008, p.50, tradução minha) ⁶⁵.

⁶⁴ “con un aluvión de datos que, en su rapidez incesante, no se dejan digerir por la memoria ni recrear por el recuerdo. Esa aceleración habría generado una merma de las posibilidades de reflexionar sobre el mundo, un distanciamiento con respecto a las propias vivencias y una imposibilidad de transformarlas en experiencia” (SIBILIA, 2008, p.48).

⁶⁵ Quizás sea éste el germen de la declarada "pobreza narrativa" de muchos *blogs* confesionales de hoy en día, prueba de la falta de pretensiones de estos nuevos narradores interactivos. Sin embargo, esa honradez frente a la versión más novedosa de la "barbarie" tal vez no afecte de igual modo a su autor ni a su protagonista: se contenta con afligir apenas al modesto narrador. Aunque los tres coincidan en la misma persona, tal como propone el pacto de lectura planteado por Philippe Lejeune, que al confiar en esa triple coincidencia identitaria los consagra como

Embora o Facebook se distancie e se assemelhe, ao mesmo tempo, a alguns dos aspectos dos blogs da internet, é importante ressaltar que nem sempre ele revela de modo explícito um caráter confessional a respeito do cotidiano do autor de um perfil. O que se vê, muito mais, são textos, imagens, gifs e outros recursos, chamados aqui de conteúdos discursivos, que compõem, frequentemente de forma aberta e errática, o contar de uma história, isto é, uma narrativa fragmentada a respeito daquele indivíduo, que precisa, a partir de uma proposta de leitura, dentre muitas outras possíveis, ser reconstituída. Trata-se, assim, de um acúmulo de referências nem sempre explicitadas que adensa o discurso acerca do “eu” e também o torna opaco. Vale ainda dizer que, como já discutido na seção 2.3 deste capítulo, a visão de “pobreza narrativa” mencionada por Sibilia (2008) pode estar condicionada à visão de narrativa clássica, com a qual não nos alinhamos nos propósitos investigativos desta tese, como consideramos ter deixado claro em nossa discussão sobre a pesquisa em *small stories* (GEORGAKOPOULOU, 2015; PAGE, 2010).

Em contrapartida, as reflexões de Paula Sibilia colocam também em oposição a narração à informação. Esta, de acordo com Walter Benjamin, seria a maior responsável pelo declínio do ato de narrar e se nota, mais claramente, nos relatos autobiográficos da internet:

O saber, que vinha de longe – da distância espacial das terras estrangeiras ou da distância temporal da tradição –, detinha uma autoridade que era válida ainda que não fosse controlável pela experiência”, explica Benjamin. A informação, no entanto, aspira a uma verificação imediata: “deve ser compreensível em si e para si”. Não é difícil entrever que todos estes elementos estejam presentes nos novos gêneros confessionais da Internet, assim como no fenômeno mais amplo de exibição da intimidade que hoje inunda por todas partes: informação, eliminação das distâncias e forte dependência da veracidade; ou seja, de uma ancoragem verificável na vida real. A morte do narrador, pelo menos nesses sentidos benjaminianos, estaria mais que confirmada nos relatos autobiográficos que abarrotam a *Web* e outros meios contemporâneos (SIBILIA, 2008, p.51; tradução minha) ⁶⁶.

A informação deve ser “plausível, verossímil e verificável”. Se não assume essa tríade, deixa de ser considerada informação. Ela mobiliza uma verificação imediata, que deve

gêneros autobiográficos. De todas maneiras, todavía habrá ocasión de examinar con mayor atención las figuras del autor y del protagonista de los nuevos géneros confesionales de Internet; por ahora, conviene volver a apuntar el foco sobre la figura desfalleciente del narrador. (SIBILIA, 2008, p.50)

⁶⁶ "El saber, que venía de lejos -de la lejanía espacial de las tierras extrañas o la lejanía temporal de la tradición-, detentaba una autoridad que era válida aunque no fuera controlable por la experiencia", explica Benjamin. La información, en cambio, aspira a una verificación inmediata: "debe ser comprensible en sí y para sí". No es difícil entrever que todos estos elementos están presentes en los nuevos géneros confesionales de Internet, así como en el fenómeno más amplio de exhibición de la intimidad que hoy desborda por todas partes: información, eliminación de las distancias y fuerte dependencia de la veracidad; o sea, de un anclaje verificable en la vida real. La muerte del narrador, por el menos en estos sentidos benjaminianos, estaría más que confirmada en los relatos autobiográficos que atiborran la *Web* y otros medios contemporáneos. (SIBILIA, 2008, p.51)

ser compreensível em si e para si. Sibilia considera a informação um novo gênero discursivo, caracterizado por um forte vínculo com o presente. Nesse sentido, se afastaria dos antigos gêneros narrativos e atestaria, definitivamente, a destituição do papel do narrador:

A cada manhã recebemos notícias do mundo todo e, entretanto, somos pobres em histórias surpreendentes”, constata Benjamin. “A razão é que os fatos já não chegam acompanhados de explicações; em outras palavras: quase nada do que ocorre está ao serviço da narrativa, e quase tudo está ao serviço da informação (SIBILIA, 2008, p.52; tradução minha) ⁶⁷.

Desse modo, com a constatação de que os fatos nos chegam como informações e não como narrativas, também se atesta uma transformação no papel assumido pelo leitor, que antes era livre para interpretar uma história da maneira que quisesse, fazendo com que o acontecimento narrado alcançasse uma amplitude que não existiria na informação. A autora lembra Umberto Eco, autor que concorda com a pobreza da comunicação audiovisual, em comparação à riqueza da palavra, pois esta exigiria mais de seu público: “Enquanto um livro requer uma leitura cúmplice e responsável, uma leitura interpretativa, um filme ou a televisão nos mostram as coisas já mastigadas” (ECO, 2005, p.98 apud SIBILIA, 2008, p.52; tradução minha).

É possível, igualmente ao que aportamos sobre a visão de empobrecimento narrativo, questionar essa consideração, uma vez que, diante de um conjunto de informações supostamente “mastigadas”, no que concerne à comunicação audiovisual como um todo e, mais especificamente, às informações com as quais nos deparamos na internet, os leitores são convidados a saber selecionar o que é importante ou não, atividade que demanda um esforço interpretativo, por requerer discernimento e apreciação crítica de conteúdos discursivos não verbais. Nesse processo, consolida-se a demanda pela curadoria digital e seus processos.

A volumosa gama de informações e a diversidade de códigos audiovisuais possuem influência sobre os gêneros autobiográficos. Diante desse cenário, confirma-se a morte do narrador benjaminiano. Assim, a explicitação fornecida pelas imagens e pelas informações contrapõe-se ao mundo mais implícito da palavra e da ficção literária na chamada “era da informação”. Em decorrência do privilégio da informação e das imagens, o espetáculo se tornou o principal modo de vida e visão de mundo na forma como nos relacionamos uns com os outros socialmente. Os estímulos sensoriais também passam por mudança. Supostamente, a capacidade de análise estaria mais veloz no contexto das novas mídias, fazendo com que os

⁶⁷ "Cada mañana recibimos noticias de todo el mundo y, sin embargo, somos pobres en historias sorprendentes", constata Benjamín. "La razón es que los hechos ya nos llegan acompañados de explicaciones; en otras palabras: casi nada de lo que ocurre está al servicio de la narrativa, y casi todo está al servicio de la información". (SIBILIA, 2008, p.52)⁶⁷

indivíduos se tornem mais visuais que verbais. Não ignoramos, por exemplo, uma imagem com um pequeno texto ou uma manchete acompanhada de uma fotografia que aparecem em nosso Feed de Notícias, mas frequentemente o fazemos quando se trata de um texto muito longo, escrito por alguém, a menos que esta pessoa ou aquilo que escreveu seja de um interesse mais profundo para nós.

Para a autora, a lógica que impera contemporaneamente é a da espetacularização cotidiana, baseada na visibilidade e no mercado das aparências; fatores fundamentais para a construção de si e da própria vida como um relato. As narrativas existenciais não seguem mais os modelos dos romances clássicos, lidos e desvendados pouco a pouco. Em contrapartida, elas ganham horizontes audiovisuais, aparentados dos videoclipes e publicidades: “Em certas ocasiões, chegam a converterem-se nesses filminhos que se projetam no mundo nas vitrines virtuais do *YouTube*, de um *videolog* ou de uma *webcam*” (SIBILIA, 2008, p.59-60; tradução minha).

As experiências de vida e a própria personalidade passam a ser estilizadas para garantir a espetacularização da intimidade e a estilização da subjetividade como um personagem que se encontra diante da câmera, a todo momento. Os modelos narrativos e estéticos simulados são provenientes das tradições cinematográfica, televisiva e publicitária, cujos modos de organização são aproveitados pelos novos gêneros que circulam pela internet:

A atual abundância de narrativas autobiográficas, que se multiplicam sem cessar, parece sugerir uma comparação fácil com o furor de escrever diários íntimos, um hábito que no século XIX impregnou a sensibilidade burguesa e se popularizou enormemente, conquistando milhões de súditos aplicados. No entanto, um detalhe importante acompanha o trânsito do segredo e do pudor que necessariamente envolviam aquelas experiências de outrora, em direção ao exibicionismo triunfante que essas novas versões irradiam. Ao passar do clássico suporte de papel e tinta para a tela eletrônica, não muda somente o meio: também se transforma a subjetividade que se constrói nesses gêneros autobiográficos. Muda precisamente aquele *eu* que narra, assina e protagoniza os relatos de si. Muda o autor, muda o narrador, muda o personagem (SIBILIA, 2008, p.61; tradução minha) ⁶⁸.

⁶⁸ La actual abundancia de narrativas autobiográficas, que se multiplican sin cesar, parece sugerir una comparación fácil con el furor de escribir diarios íntimos, un hábito que en el siglo XIX impregnó la sensibilidad burguesa y se popularizó enormemente, conquistando millones de hacendosos súbditos. Sin embargo, un detalle importante acompaña el tránsito del secreto y del pudor que necesariamente envolvían a aquellas experiencias de otrora, hacia el exhibicionismo triunfante que irradian estas nuevas versiones. Al pasar del clásico soporte de papel y tinta a la pantalla electrónica, no cambia sólo el medio: también se transforma la subjetividad que se construye en esos géneros autobiográficos. Cambia precisamente aquel *yo* que narra, firma y protagoniza los relatos de sí. Cambia el autor, cambia el narrador, cambia el personaje.

A princípio, as novas narrativas autorreferenciais parecem focalizar a função do protagonista e não a do narrador ou do autor, acentuando o “eu personagem”, o que vem reafirmar a morte do narrador benjaminiano, uma vez que

os sujeitos desses novos relatos publicados na Internet se definem como alguém que *é*, alguém que vive a própria vida como um verdadeiro personagem. Essa definição pesa mais que aquela referida a alguém que faz, um sujeito que realiza uma atividade narrativa ou elabora um relato, alguém que conta uma história sobre acontecimentos “exteriores” a si mesmo, inclusive fictícios, não reais. De modo que não se trata mais de um narrador à moda antiga, tampouco de um autor à moda burguesa. Por isso, apesar das sugestivas semelhanças, há uma imensa distância entre os espetáculos do *eu* que borbulham nas telas contemporâneas e aquelas antigas sessões de autoconhecimento solitário estampadas nos diários íntimos tradicionais (SIBILIA, 2008, p. 62; tradução minha)⁶⁹.

Já discutimos neste capítulo os paralelos que reconhecemos entre diários e linhas do tempo, guardadas as devidas proporções e ressalvas. As “modalidades autobiográficas da *web 2.0*” demonstram uma tendência à autoconstrução dos indivíduos como personagens reais e ao mesmo tempo ficcionalizados, segundo uma linguagem altamente codificada pelas novas mídias, em que se organizam estratégias para manipular a própria exposição diante do outro. Então, cabe aqui um questionamento: somos o que compartilhamos? Essa é uma discussão que pretendemos aprofundar no capítulo em que apresentaremos as análises.

Paula Sibilía segue, em um capítulo intitulado “Yo actual y la subjetividad instantánea”, tratando da exteriorização do “eu” no que concerne tanto aos deslocamentos espaciais como aos temporais. Estes levariam em conta o passado como parte constitutiva do “eu” moderno. Como consequência desses deslocamentos, a primeira pessoa do singular do diário íntimo, que abarca autor, narrador e protagonista, transforma-se, dando lugar a um declínio do olhar retrospectivo. Este tende a se extinguir nas novas práticas autorreferenciais da internet e faz com que o passado histórico individual perca seu peso na definição de cada indivíduo e seja pouco a pouco substituído por um “presente constantemente presentificado”:

Em primeiro lugar, chama a atenção a peculiar inscrição cronológica dos novos relatos de si. Especialmente notória nos blogs e fotologs, ainda que também presente em outras manifestações deste fenômeno, é essa insistência na prioridade da atualização permanente – e sempre recente – das informações, por meio de fragmentos de conteúdo agregados a todo momento. Este procedimento parece confirmar [que] [...]: não só a profundidade

⁶⁹ los sujetos de estos nuevos relatos publicados en Internet se definen como alguien que *es*, alguien que vive la propia vida como un verdadero personaje. Esa definición pesa más que aquella referida a alguien que *hace*, un sujeto que realiza una actividad narrativa o elabora un relato, alguien que cuenta una historia sobre acontecimientos "exteriores" a sí mismo, inclusive ficticios, no reales. De modo que no se trata más de un narrador a la vieja usanza, ni tampoco de un autor a la moda burguesa. Por eso, a pesar de las sugestivas semejanzas, hay una inmensa distancia entre los espectáculos del *yo* que burbujean en las pantallas contemporáneas y aquellas antiguas sesiones de autoconocimiento solitario plasmadas en los diarios íntimos tradicionales. (SIBILIA, 2008, p. 62)

sincrônica do *eu* se vê desafiada nessas novas formas de autoconstrução – isto é, sua interioridade –, senão que também sua coerência diacrônica (SIBILIA, 2008, p.132; tradução minha)⁷⁰.

Os modelos de temporalidade, transformados, fornecem outras formas de experimentação da passagem do tempo, bem como a inscrição temporal das ações individuais. Tal visão é amplamente debatida pelo ideário pós-modernista, refletindo-se na sensação de presente ampliado, expandido e perpetuado. Em compensação aos impulsos de presentificação da contemporaneidade, existe uma obsessão pela memória que se reflete no fato mais elementar de que nada pode cair no esquecimento e que tudo quanto possível ou “adequado” para a autoconstrução individual deve ser fixado no arquivo da linha do tempo do Facebook, por exemplo.

A preocupação atual com o estatuto do passado também tem sua influência sobre a subjetividade. Nessa perspectiva, um procedimento possível de reconstituição da subjetividade envolveria o exame do acúmulo de acontecimentos e experiências significativas que foram se dando ao longo da história de um indivíduo, formando-a gradualmente. Por um lado, tal reconstituição se dá numa espécie de saturação e fragmentação temporal, se vista da perspectiva de tempo que é composta por vestígios a reunir, produzidos por marcas mnêmicas que ficaram para trás e, por outro, encara o tempo como um eixo que captura, atravessa e abarca o instante com intenção totalizadora (DUBOIS, 1995).

A internet está no centro desse ímpeto pela totalização e preservação simultânea de tudo na duração e no instante: “[o] pensamento se articula na linguagem, inclusive nas linguagens não puramente verbais, como as diversas gramáticas audiovisuais e os hipertextos da *Web*, que ainda sendo não lineares em sua fragmentação espacial estilhaçada, só podem ser processados por um pensamento no persistente caráter sucessivo da leitura. (SIBILIA, 2008, p.137, tradução minha)⁷¹. É possível reconstruir o passado como um elemento significativo da história individual, através de uma leitura que se faça sucessiva, como aponta a autora. Apesar disso, o que se nota nas redes sociais é a impressão de começo absoluto, que é a marca mais

⁷⁰ “En primer lugar, llama la atención la peculiar inscripción cronológica de los nuevos relatos de sí. Especialmente notoria en los *blogs* y *photoblogs*, aunque también presente en otras manifestaciones de este fenómeno, es esa insistencia en la prioridad de la actualización permanente -y siempre reciente- de las informaciones, por medio de fragmentos de contenido agregados en todo momento. Este procedimiento parece confirmar la idea rápidamente formulada en los párrafos precedentes: no sólo la profundidad sincrónica del *yo* se ve desafiada en estas nuevas formas de autoconstrucción - es decir, su interioridad -, sino también su coherencia diacrónica” (SIBILIA, 2008, p.132)⁷⁰.

⁷¹ “El pensamiento se articula en el lenguaje, incluso en los lenguajes no puramente verbales, como las diversas gramáticas audiovisuales y los hipertextos de la *Web*, que aún siendo no lineales en su fragmentación espacial astillada, sólo pueden ser procesados por el pensamiento en el pertinaz carácter sucesivo de la lectura” (SIBILIA, 2008, p.137).

generalizada da contemporaneidade. Nesse sentido, vale lembrar que a temporalidade é constitutiva das coisas: “tudo o que é, é também no tempo. Mas convém não esquecer que o tempo é uma categoria sociocultural, e suas características mudam ao sabor da história e de suas diversas perspectivas” (SIBILIA, 2008, p.142; tradução minha)⁷². Os usuários do Facebook raramente voltam na sua linha do tempo. É justamente por essa razão que os gestores da rede social programaram uma funcionalidade que permite ao indivíduo receber notificações relativas a recordações de postagens anteriores. Esse conteúdo, além de resgatado, pode ser compartilhado. A falta de “uso” de uma recordação aumenta a probabilidade de que ela seja esquecida, por completo⁷³.

Ao longo do século XIX e primeira metade do século XX, o impulso por uma conservação total e verídica do que se é e do que se foi sustentou a escrita dos diários íntimos. Sibilia aponta que a excessiva produção de textos intimistas se dava, porque o olhar do indivíduo era ao mesmo tempo introspectivo (para dentro de si mesmo) e retrospectivo (para trás de si mesmo), a fim de alcançar uma totalidade a partir dos vestígios de um tempo perdido. Atualmente, esse projeto estaria severamente comprometido, porque a *destotalização* e *destemporalização* se fazem presentes (SIBILIA, 2008, p. 154). O argumento defendido pela autora pressupõe uma “era desmemoriada”, em que o esquecimento prevalece. Entretanto, existe ainda uma obsessão por criar um substituto tecnológico para a memória orgânica, que seja passível de edição.

Apesar disso, os novos relatos autorreferencias ecoam o impulso por reter o tempo e também por reter a singularidade individual. Essa vontade de ser singular poderia ser vista e apreciada na diferença comparativa entre as linhas do tempo dos sujeitos estudados nesta pesquisa? De fato, essa é uma pergunta para a qual nos cabe esboçar alguma resposta. Quanto a guardar na linha do tempo o que se considera, em alguma medida, importante ou “valioso”, é possível notar que a aceleração provocada pelo Feed de Notícias e pela frequência de postagens acabará por fazer escapar muito à memória ou direcionar ao arquivamento o que se publica. O Facebook, como já foi dito, proporciona isso ao produzir a possibilidade de que se tenha acesso automático à lembrança de uma publicação.

⁷² “todo lo que es, es también en el tiempo. Pero conviene no olvidar que el tiempo es una categoría sociocultural, y sus características cambian al sabor de la historia y de sus diversas perspectivas” (SIBILIA, 2008, p. 142).

⁷³ Além disso, o próprio Facebook adaptou uma funcionalidade que impede o usuário de receber determinadas notificações de recordações que podem ser recepcionadas de modo negativo, como apresenta a matéria do jornal El País (Brasil) disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/15/tecnologia/1444892545_756919.html. Acesso em: 13/06/2017.

A autora menciona, ainda, os fotologs como exemplo do projeto literal de “preservar toda a minúcia que confirma a própria vida: milhões de instantes passados e alinhados em sua duração até o presente” (SIBILIA, 2008, p. 156; tradução minha)⁷⁴. Isso porque nos fotologs são publicadas fotografias cotidianas dos usuários da internet, como uma coleção de uma vida qualquer, em sua expressão densamente semântica. Analogamente, os blogs confessionais também são apontados como o intento de cumprir o mesmo objetivo com o apoio de uma tecnologia ainda mais antiga: a escrita. Esses diários íntimos realizam operações de “congelamento do tempo”, porque cada postagem fotografa, por assim dizer, um momento da vida dos usuários, a fim de fixá-lo na virtualidade global da *web*: “[p]roduzem-se, assim, infinitas cápsulas de tempo congelado e parado, faíscas do próprio presente sempre presentificado, fotografado em palavras e exposto para que todo o mundo o veja. (SIBILIA, 2008, p. 156; tradução minha).⁷⁵ No caso do Facebook, as postagens vão fixar, fundamentalmente, os momentos e experiências de leitura do indivíduo, configurando, concomitantemente, um modelo de autorreferenciação e exibição pessoal. As postagens funcionam, assim, como parte do cultivo daquilo que é breve; são reflexo de um conteúdo que se pode abreviar, característica do homem moderno, já apontada por Walter Benjamin em 1936. A autora prossegue na defesa da fragilidade da memória frente ao excesso de conteúdo. A curadoria digital, da qual tratamos no capítulo anterior, constitui-se com uma reação a isso, portanto.

Como Paula Sibilia escreve em 2008, ela fala da obsolescência dos blogs frente aos nanoblogs ou microblogs, que poderiam ser exemplificados pelo Twitter. Nesta rede social, as mensagens produzidas pelos seus “autores-narradores-personagens” não ultrapassam 140 caracteres, os quais tratam de responder à pergunta *What`s happening?* (O que está acontecendo?), a eles direcionada. Dessa maneira, os relatos tendem a ser cada vez mais instantâneos, presentes, breves e explícitos, como assevera a autora. O mesmo acontece com as publicações do Facebook, que são resultado da resposta às perguntas “*No que você está pensando?*” ou “*O que você deseja compartilhar?*” e são resultado dos conteúdos discursivos que o usuário do perfil decide expor, seja como autor, seja como narrador, seja como personagem ou, inclusive, como síntese dessa tríade.

⁷⁴ “preservar toda la minucia que conforma la propia vida: millones de instantes pasados y alineados en su duración hasta el presente” (SIBILIA, 2008, p.156).

⁷⁵ “Se producen, así, infinitas cápsulas de tiempo congelado y parado, chispazos del propio presente siempre presentificado, fotografiado en palabras y expuesto para que todo el mundo lo vea” (SIBILIA, 2008, p. 156).

A instantaneidade, presentificação, brevidade e explicitação dos relatos se amparam tanto nas possibilidades disponíveis de editar, cortar, colar e apagar, como na organização cronológica da apresentação de informações, tanto para os blogs como para o Facebook, que nos interessa neste trabalho. As últimas atualizações se apresentam no início da página inicial, enquanto as publicações mais antigas ficam cada vez mais abaixo e distantes, ou seja, em ordem cronológica reversa (PAGE, 2010).

Além disso, cada uma das postagens é acompanhada da data de sua publicação, privilegiando a atualização mais recente e mostrando ao visitante-leitor desse perfil se a página pessoal de determinado usuário foi atualizada ou não (cf. RECUERO, 2004). À semelhança dos blogs, cuja estrutura se baseia em dois princípios fundamentais: “atualização frequente e microconteúdo, ou seja, pequenos blocos de texto, atualizados frequentemente, sempre com a última atualização no início do *site*” (RECUERO, 2004, p. 2), o Facebook exhibe uma série de publicações fixas e ordenadas, que ao mesmo tempo são retratos instantâneos de leituras ou de momentos presentes da própria vida, os quais vão pouco a pouco se articulando, a fim de constituir um passado, baseado em uma coleção cronológica.

Não há, no Facebook – no que mais uma vez se distancia de um blog confessional –, necessariamente, episódios da vida cotidiana e de uma suposta intimidade sendo relatados no tempo presente na primeira pessoa do singular, como assevera Sibilia em sua análise da blogosfera. Em contrapartida, há a semelhança do acúmulo cronológico de publicações presentes, o qual não costuma ter um encerramento aparente. Nesse sentido, ao invés de se aproximarem da narrativa épica, os novos gêneros autobiográficos se valem da substância da informação: “[a] informação ‘só tem valor quando é nova’, recorda Benjamin. Por isso, ‘só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele’. Nada mais próximo da descrição de cada uma das breves postagens de um *blog*” (SIBILIA, 2008, p.164, tradução minha).⁷⁶

Percebe-se, dessa maneira, que a fragmentação e a aceleração são constitutivas dos relatos que circulam pelo ciberespaço na contemporaneidade, o que vai de encontro a quaisquer visões totalizantes e às atividades de “ordenar as próprias percepções e recordações, a fim de montar um relato de si” (SIBILIA, 2008, p.164; tradução minha)⁷⁷. Assim, a linha do tempo do Facebook sintetiza e reflete uma nova temporalidade contemporânea, o que aponta inclusive

⁷⁶ “La información “sólo tiene valor cuando es nueva”, recuerda Benjamín. Por eso “sólo vive en ese momento, precisa entregarse enteramente a él y sin pérdida de tiempo tiene que explicarse en él”. Nada más cercano a la descripción de cada uno de los breves *post* de un *blog*” (SIBILIA, 2008, p.164).

⁷⁷ “ordenar las propias percepciones y recuerdos a fin de montar un relato de sí” (SIBILIA, 2008, p. 164).

para a previsão de que as novas temporalidades, de modo geral, mudam os próprios procedimentos de atualização da memória do que foi vivido, bem como as estratégias e mecanismos para construir as narrativas do “eu”.

Ademais, as postagens do Facebook se apoiam em associações subjetivas e arbitrárias. É possível ler a linha do tempo como um *continuum*, somente sob uma pretensa leitura totalizante. No entanto, ao saber que isso não se faz uma tarefa fácil, – tanto pela extensão como pela quantidade de anos que um usuário possui na rede social – é que se recorre à visão parcial nesta investigação, demonstrando não exatamente a coesão interna da linha do tempo de um perfil pessoal, mas justamente sua subjetividade e arbitrariedade, ambas expostas em uma vitrine virtual.

2.5 Facebook, linha do tempo e autobiografia: hibridização e fragmentação na vitrine

Como já mencionado, meu ponto de vista sobre as linhas do tempo será essencialmente o de leitora. Pensar nas possibilidades autobiográficas promovidas pela internet e, especificamente, nas funcionalidades fornecidas pelo Facebook, é também a tentativa de reconstituir narrativas implícitas que se dão pelos conteúdos discursivos elencados pelos sujeitos na composição de suas linhas do tempo. Os traços autobiográficos se organizam de modo a criar pistas identificatórias de uma autoconstrução individual. É justamente sobre essas pistas e marcas que o estilo da linha do tempo se configurará como obra do indivíduo. Nela, incorpora-se uma “diversidade interna em detrimento de uma unidade global do campo” (ARFUCH, 2010, p. 57), uma vez que as autobiografias, de maneira geral e apesar de certos traços compartilhados, não mantêm entre si os mesmos modelos. Então, torna-se necessário ler cuidadosamente os registros apresentados nas linhas do tempo para perceber o que neles existe de auto/biográfico.

Dois artigos, em particular, vão ao encontro da temática desta tese: o texto de Lima et al (2015), intitulado “*Facebook – um novo espaço autobiográfico?*”, em que os autores têm por objetivo investigar como as perspectivas autobiográfica e biográfica se configuram na rede social, e o texto de Fanaya (2012), “*Eu, Você e Nós Todos: as múltiplas versões do “eu” nos ambientes existenciais das RSIs*”, em que a autora discute especificamente *o eu autobiográfico no Facebook*. Para tal discussão, ela lança mão da elaboração conceitual do eu autobiográfico dada pelo neurocientista António Damásio:

As autobiografias são compostas por recordações pessoais, a totalidade das nossas experiências, incluindo as experiências dos planos que fizemos para o futuro, sejam eles precisos ou vagos. O eu autobiográfico é uma autobiografia feita consciente. Faz uso de toda a história que memorizamos, tanto recente

como remota. Estão incluídas nessa história as experiências sociais das quais fizemos parte, ou das quais gostaríamos de ter feito parte, bem como as recordações que descrevem as nossas mais refinadas experiências emocionais, nomeadamente as que possam ser classificadas de espirituais (DAMÁSIO, 2010, p. 263).

Para a autora, o Facebook deu um grande passo em direção à organização temporal e espacial de registros individuais e coletivos – compostos por múltiplas linguagens –, o que comprovaria o fato de as redes sociais digitais estarem caminhando para fornecer ambientes apropriados à visibilidade de versões autobiográficas do “eu”, às quais outros indivíduos podem ter acesso visual e imediato, “inclusive colaborando na sua construção” (FANAYA, 2012, p. 29). Dentro dessa colaboração, destaca-se a participação e a conjugação de atores/mediadores humanos e não humanos para a construção de versões do “eu” que emergem das redes sociais, isto é, a realização coletiva que constrói esse *ambiente existencial*, como quer a autora, que é o Facebook. Essas versões não seriam “necessariamente falsas, mas sim reconfiguradas/recriadas em perfis transitórios, como verdadeiras versões traduzidas dele próprio” (FANAYA, 2012, p. 27), por meio do agrupamento de conteúdos discursivos diversos, como textos, fotos, vídeos, hiperlinks, desenhos etc.:

O modelo de rede social que o Facebook oferece parece adequado a dar visibilidade às narrativas autobiográficas de seus usuários mais assíduos. Essas narrativas são versões de identidades moventes, que vão se configurando, não como fruto de ações totalmente intencionais e/ou deliberadas e objetivas dos usuários, mas sim a partir das complexas negociações invisíveis entre os agentes humanos (usuários, seus amigos, os amigos dos amigos, os técnicos que criam as funcionalidades e aplicativos para a rede, etc.) e não humanos (hardware, software e aplicativos). Elas vão se configurando aos poucos, emergindo das inúmeras instâncias de mediação e dos inúmeros arranjos semióticos à medida que o tempo passa e as publicações e compartilhamentos se avolumam (FANAYA, 2012, p.123).

Lima et al (2015), por sua vez, propõem-se a verificar em sua investigação até que ponto as perspectivas autobiográfica e biográfica se configuram no Facebook e em que medida a postagem de diversos fragmentos textuais narram a história de um indivíduo. Para isso, uma série de questionamentos norteadores, que se assemelham demasiadamente às nossas indagações, são levantados:

Quais textos são postados? O que foi escolhido e o que foi excluído desse perfil? O autor trava um pacto de leitura com o leitor? Se levarmos em consideração que os textos postados nessa rede social são textos produzidos pelo próprio autor do perfil e de autores diversos, como configuraremos esses espaços virtuais? Autobiográficos e biográficos? Quem escreve a página virtual é o próprio autor do perfil ou múltiplos autores? Com as redes sociais, surge um novo modelo de autobiografia e de biógrafo? (LIMA et al, 2015, p.282).

Embora o artigo dos autores não se aprofunde nas questões que levanta em seu resumo, uma vez que um único perfil é analisado, é importante destacá-lo como precursor, tal qual o artigo de Fanaya (2012), do levantamento seminal do que é em parte hipótese e em parte pressuposto fundamental desta pesquisa: as postagens das linhas do tempo revelam alguns procedimentos, estruturas e convenções que podem ser consideradas formas de um fazer auto/biográfico, a partir da curadoria digital.

O texto de Lima et al (2015) é particularmente importante por fundamentar a operação de leitura de um perfil do Facebook como sendo uma narrativa, baseando-se tanto na semiótica peirceana como na concepção de rizoma de Deleuze e Guattari (2004), além de tocar no conceito de hipertexto. Cabe dizer que a análise do perfil mencionado no artigo se dá pela consideração de todas as suas partes, por assim dizer, e não somente da linha do tempo:

Muitas reflexões contemporâneas permitem-nos enxergar os diversos gêneros textuais postados em uma rede social como um texto, ou melhor, como uma narrativa. Tempos atrás, um compósito cheio de cacos, fragmentos e pedaços de textos não era lido como uma narrativa. As histórias não se faziam com “retalhos” de diferentes gêneros textuais produzidos por diversos autores. Geralmente, somente as palavras que percorriam linearmente as folhas de papel e que preenchiam as páginas escritas por um único autor eram consideradas uma narrativa (LIMA ET AL, 2015, p. 286).

A partir dessas considerações sobre novas formas de narrativa, a leitura das linhas do tempo é viabilizada não só como reconstituição do universo de conteúdos com os quais entra em contato o indivíduo que constrói sua página pessoal, mas também como um modo de *se narrar*, de modo associativo. Este modo associativo vai se estabelecendo nas entrelinhas da composição da linha do tempo do usuário da rede social, em um percurso auto/biográfico, que só pode assim ser entendido pela repetição de preferências, pensamentos, desejos, interesses, sentimentos, críticas, posicionamentos e gostos que nela aparecem. Trata-se de verdadeiras pistas e índices de alguém que ali se apresenta e se re(a)presenta.

Além disso, faz-se importante ponderar que os termos delimitadores das diferenças entre autobiográfico e biográfico, ao menos no caso de uma rede social como o Facebook, parecem ser bastante contingentes e transitórios, uma vez que os conteúdos discursivos podem ser fruto tanto da produção do próprio “autor” do perfil como de outras fontes e “autores”. Esse é um apontamento um tanto quanto relevante, quando se trata do aspecto da curadoria digital engendrada pela linha do tempo, porque

estamos lidando com lugares híbridos, que abarcam textos diversos, móveis, oriundos dos mais distantes e próximos espaços, produzidos pelo próprio autor do perfil, por um amigo ou por uma pessoa desconhecida. Estamos lidando com espaços intervalares, que são autobiográficos e também biográficos, que narram a história de vida do autor da página, mas narram também muitas

outras histórias de muitas outras vidas. Espaços que são escritos e narrados pelo administrador do perfil, mas que são escritos e narrados também por tantas outras pessoas (LIMA ET AL, 2015, p. 291).

O sentido de uma fronteira dentro do auto/biográfico de uma rede social – que assim como permite o trânsito, também demarca limites – exposto pelos autores, poderia ser estendida também para a linha do tempo. Isso se deve ao fato de que, no interior de uma proposta de leitura que tende mais ao auto/biográfico, considera-se que as operações de seleção (e de exclusão) daquilo que será compartilhado no perfil, por parte de seu possuinte, caracterizam autoridade e independência de escolha dos conteúdos discursivos que compõem essa página virtual, focalizando a vida do autor do perfil e, portanto, delineando “a tendência autobiográfica do Facebook” (LIMA et al, 2015, p. 292). No entanto, se consideramos que a biografia é fruto da narração da vida de um indivíduo por outro, seria permitido considerar que os fragmentos dos quais se apropria o autor do perfil para a elaboração momentânea de sua linha tempo fariam parte de uma constituição biográfica, com a participação indireta de tantos outros. É por essas razões que optamos pela grafia *auto/biográfico* na abordagem da linha do tempo do Facebook como forma integrante desse horizonte midiaticizado que propicia as curadorias digitais de si.

CAPÍTULO III

Aspectos metodológicos da pesquisa

“O ato do pesquisador consiste em construir um objeto que seria, na verdade, apenas um dos objetos possíveis a serem construídos. Seu problema é menos traçar limites do que identificar um centro: assim, é preciso que ele tenha em mente que se escolhesse outro centro, os limites se deslocariam”

Philippe Lejeune (2014 [2008], p.59)

Como é possível captar as tendências auto/biográficas das linhas do tempo na variedade que contêm as suas ocorrências? Como realizar a leitura dos pontos de emergência de tais tendências? Antes de expor quaisquer métodos para a análise do *corpus* aqui estudado, faz-se necessária a observação de que a produção de conhecimento, em algumas ocasiões, pauta-se em modelos metodológicos pré-fixados, obrigando o encaixe do objeto investigado nos limites do próprio método, sem levar em conta as especificidades que frequentemente escapam a alguns procedimentos preestabelecidos. Isso promove a problemática do engessamento do processo investigativo nos estudos da linguagem, principalmente no que concerne às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, porque dificulta o movimento dinâmico de escolha do pesquisador sobre quais procedimentos são os mais adequados para o tipo de pesquisa efetuada e para a natureza dos dados. Além disso, essa dinâmica desconsidera a natureza transitória e contingente de contextos, ambientes, plataformas e redes sociais digitais. Desse modo, acredito que uma metodologia deve se constituir como um caminho e não como um alvo ou um ponto de partida, uma vez que a determinação de uma fórmula metodológica pode se tornar um obstáculo ao invés de se mostrar como um auxílio no desenvolvimento de uma pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

No caso particular dos dados compostos pelas linhas do tempo dos sujeitos que se propuseram a participar desta investigação, é possível partir do olhar sobre os múltiplos conteúdos discursivos publicados de forma individual, mas não se deve ignorar que a prática deve ser observada como um todo e, mais do que isso, que essas composições têm sentido próprio se notadas em conjunto, uma vez que os significados são produzidos justamente por sua reunião, isto é, pelas próprias operações curatoriais das quais tais significados emergem, ainda mais quando se sugere que elas são reflexo de uma expressão auto/biográfica contemporânea. Por essa razão, explicarei quais serão os protocolos seguidos para a análise do *corpus* em uma sequência que possa determinar algum rigor analítico para esta pesquisa, sem partir, contudo,

dos procedimentos metodológicos cuja apropriação já se consolidou em certa instância nos estudos da linguagem, em especial no campo de estudos da Linguística Aplicada. Apesar disso, e ainda que soe paradoxal, estabelecerei diálogo com tais procedimentos, já que o próprio encaminhamento da investigação é atravessado por eles. Em suma, meu objetivo é explicitar e esclarecer as etapas pelas quais passou a abordagem e a interpretação dos dados, pois esse deve ser o pressuposto ético de qualquer pesquisa acadêmica.

Vale enfatizar que o objetivo principal deste trabalho é, como já apresentado anteriormente, discutir e entender em que medida as linhas do tempo do Facebook constituem-se como expressões auto/biográficas contemporâneas, executados por meio das práticas curatoriais digitais nos perfis dessa mesma rede social. As publicações das linhas do tempo no Facebook são objetos de difícil recorte metodológico, por serem de natureza instável e temporária, podendo ser excluídas e reconfiguradas constantemente pelos usuários. Por isso é tão importante explicitar os procedimentos e estratégias de pesquisa, principalmente em relação à coleta, seleção e organização dos dados.

3.1 Algumas considerações sobre a propriedade qualitativa da metodologia

Martins (2004) compreende a metodologia, a partir da visão de Demo (1989), isto é, “como conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, indagando e questionando acerca de seus limites e possibilidades”. Em outras palavras, trata-se de uma discussão sobre maneiras de se fazer ciência, na qual as questões de ordem técnica implicam discussões teóricas. Segundo essa visão da metodologia, uma das diferenciações importantes está no que, por um lado, são os “métodos técnicos” ou de investigação e, por outro, os “métodos de interpretação” ou lógicos. Os primeiros contemplam “as manipulações analíticas através das quais o investigador procura assegurar para si condições vantajosas de observação dos fenômenos” (FERNANDES, 1959, p. 13). Os segundos dizem respeito “aos processos de formação de inferências e de explicação da realidade” (MARTINS, 2004, p. 291).

Já aludimos na introdução desta tese que nossos métodos técnicos consideram o olhar da pesquisadora que lê a linha do tempo como arquivo, tendo em vista os elementos reunidos nela pelo expediente da curadoria digital. Desse modo, procuro perscrutar esses elementos tecnicamente públicos, porque para seu exame recebi autorização e, ao lê-los em linha, atento-me às justaposições e às sobreposições desses componentes, navego por links, busco relações entre enunciados que fazem parte das cadeias dialógicas postas em evidência pelos sujeitos. Já nossos métodos de interpretação buscam construir inferências e explicações para a mecânica de funcionamento da curadoria digital, arquivamento e produção de sentidos,

tomando como paradigma, principalmente, os ordenamentos e dinâmicas espaço-temporais, uma vez que é sobre as condições do arquivo e da memória que se consolida o espaço biográfico (ARFUCH, 2010 [2002]), no qual se inserem as linhas do tempo, a nosso ver.

Embora Martins (2004) trate, essencialmente, da metodologia qualitativa para as investigações da disciplina de Sociologia, acreditamos que muito pode ser adotado, igualmente, pelos estudos em Linguística Aplicada, área inserida também no espectro mais amplo das Ciências Humanas e Sociais. Dito isso, interessa-nos a lembrança da autora sobre o fato de que o ser humano é inapreensível como objeto estático, reagindo a “qualquer tentativa de caracterização e previsão” (MARTINS, 2004, p. 291). Além disso, existe uma interação complexa entre pesquisador e sujeito pesquisado, uma vez que ambos dividem um mesmo universo de experiências humanas (da MATTA apud MARTINS, 2004, p. 291). Nas ciências sociais em geral, isso é o que constitui sua diferenciação das chamadas ciências naturais, porque as investigações se debruçam sobre “fenômenos complexos, não sendo fácil separar causas e motivações isoladas e exclusivas” (MARTINS, 2004, p. 291), o que torna as reconstruções “sempre parciais, dependendo de documentos, observações, sensibilidades e perspectivas (da MATTA, 1991, p.21). Então, minha intenção, ao trazer à baila deste capítulo essas discussões sobre aspectos metodológicos, é demarcar que não ignoro o fato de que a objetividade é sempre relativa e que a neutralidade não existe. Assim, “a objetividade, portanto, provém de critérios que serão definidos pelo pesquisador em relação aos problemas que ele está investigando” (MARTINS, 2004, p. 292).

Em síntese, pode-se afirmar que

as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador (MARTINS, 2004, p. 292).

Apesar do caráter amplo e intensivo, os métodos qualitativos se caracterizam, igualmente, por sua flexibilidade, com destaque para as formas de coleta de dados, que se adequam à investigação e à observação que estão sendo feitas. Além disso, a heterodoxia na etapa de análise dos dados fica demonstrada, porque “a variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva” (MARTINS, 2004, p. 292). Dessa capacidade de criação e intuição decorre uma grande dificuldade – que nenhuma disciplina de metodologia em pesquisa ensina, de fato, porque seu enfoque se dá, normalmente, sobre a teorização de concepções e metodologias diversas –, a qual se assenta sobre o ensino

da análise de dados, ou seja, sobre a atribuição de significado a eles, em privilégio, por exemplo, da orientação sobre sua coleta ou da feitura de um trabalho de campo.

É necessário enfatizar, no entanto, que a capacidade criativa e intuitiva da qual fala Martins (2004) não é um dom, mas a combinação entre formação teórica e exercícios práticos do pesquisador. Consequentemente, há abertura para certa ingerência e expressão de subjetividade do pesquisador, levando em conta, contudo, um trabalho que combine harmoniosamente responsabilidade e liberdade intelectual, a fim de estabelecer condições básicas para o aprofundamento da análise. Cabe dizer que, no caso desta pesquisa, o fato de eu estar inserida na prática de fixação e de produção de uma linha do tempo, como usuária do Facebook permite que o meu olhar seja capturado por determinadas questões e dados que se põem em relevo, as quais são, ao mesmo tempo, envolvidas pelo devido tratamento teórico.

Por fim, sabendo que as principais críticas dirigidas às metodologias qualitativas se concentram sobre quatro aspectos – (i) representatividade; subjetividade; problemas técnicos relativos à coleta, processamento e análise dos dados, além da suposta impossibilidade de uma pesquisa baseada na metodologia qualitativa servir a generalizações –, Martins (2004) avalia que a garantia de um estudo qualitativo reside em sua amplitude e profundidade, cujos objetivos são a construção de explicações válidas para o(s) caso(s) em investigação, sem ignorar que as observações serão sempre parciais. Em outras palavras, a sustentação de uma pesquisa dessa natureza metodológica está na solidez dos laços estabelecidos entre as interpretações teóricas e os dados empíricos (LAPERRIÈRE, 1997 apud MARTINS, 2004); ponto de vista que corrobora as intenções do presente estudo.

3.2 Contexto de pesquisa: alguns dados sobre o Facebook e o recurso “linha do tempo”

Apesar de o Facebook ser considerado o *site* de rede social mais popular do mundo desde seu lançamento em 4 de fevereiro de 2004, é razoável, nesta tese, introduzir algumas informações a seu respeito, uma vez que os dados de pesquisa foram coletados a partir de um de seus recursos principais: a linha do tempo. A empresa foi fundada por Mark Zuckerberg, que hoje atua como seu presidente e *Chief Executive Officer* (CEO). De acordo com informações da página *Newsroom* da corporação⁷⁸: “Ele é responsável por definir a direção geral e a estratégia de produto da empresa. Ele também lidera o planejamento dos serviços do Facebook e o desenvolvimento da infraestrutura e de tecnologias principais. Mark estudou Ciências da

⁷⁸ Disponível em: <https://br.newsroom.fb.com/company-info/>. Acesso em 17/06/2018..

Computação na Universidade de Harvard antes de mudar a empresa para Palo Alto, na Califórnia”.

Inicialmente, a rede social só esteve disponível para a Universidade de Harvard, sendo expandida em 1º de março de 2004 para Stanford, Columbia e Yale. Desde então, seu alargamento agregou outras instituições de ensino superior, inclusive internacionais, além de atender também a redes de Ensino Médio. Finalmente, em 26 de setembro de 2006, seu cadastro foi ampliado para que qualquer pessoa pudesse participar do Facebook de forma gratuita. Anos mais tarde, em 27 de agosto de 2015, a empresa alcançou, pela primeira vez, a marca de um bilhão de usuários conectados em um único dia à rede social, o que corresponderia ao fato de que um a cada sete habitantes da Terra se conectava ao Facebook naquele dia. Dados referentes a novembro de 2016 comprovam que a média diária de pessoas ativas no *site* é de 1,19 bilhão. Em relação ao Brasil, as estatísticas da empresa comprovam uma média diária de 82 milhões de usuários ativos em novembro de 2016, demonstrando seu grande alcance em nosso país.

Valendo-se dos dizeres da empresa em sua apresentação, sua “missão” é fornecer às pessoas “*o poder de compartilhar e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado*”, a partir do uso que fazem do Facebook para manter contato com amigos e parentes, além de descobrir o que está acontecendo no mundo e compartilhar e expressar o que é importante para elas. Objetivamente, o que se nota nessa exposição é um privilégio pela interação entre as pessoas, pela obtenção de informação e pela exibição de interesses pessoais. Neste ponto, já se deve começar a reflexão sobre a visão que a empresa reserva para as apropriações que seus usuários fazem da rede e se considera que, dentre elas, está o imperativo por um modo contemporâneo de exteriorizar a própria subjetividade. Seria possível dizer que a empresa percorre, nesse sentido, um caminho tácito sobre o delineamento da própria vida do autor do perfil, até a realização do lançamento da linha do tempo⁷⁹, em 22 de setembro de 2011, como demonstra a Figura 13. Importa observar que a página *Newsroom*, que concentra informações gerais sobre a empresa, já sugere o propósito da linha do tempo, ao afirmar que se trata de “um jeito de compartilhar a história da sua vida”, orientando, assim, os usuários a uma apropriação possível para esse novo recurso.

⁷⁹ Uma curiosidade a ser compartilhada é o fato de que, na versão em espanhol, com a qual entrei em contato no período de março a junho de 2017, no qual estive em estágio sanduíche em Buenos Aires, Argentina, é que à mesma funcionalidade é dado o nome de “Biografía”.



Figura 13 – Captura de tela da seção “Nossa História” da página Newsroom do Facebook. Disponível em: <http://br.newsroom.fb.com/company-info/>. Acesso em 13/04/2017

Apesar de em cada perfil pessoal existirem diferentes componentes, o mais popular, inevitavelmente, é a linha do tempo. De caráter “infinito”, ela pode se expandir o quanto for possível, sem que haja um limite aparente para o número de publicações diárias. É importante destacar que a introdução desse recurso visava à ampliação dos lucros da empresa, ao proporcionar uma melhor escolha sobre o tipo de anúncios comerciais a serem expostos na rede social, responsáveis por 85% de sua receita em 2012⁸⁰. Ao induzir seus usuários a adicionar uma extensiva gama de metadados às suas atualizações, o Facebook facilita a mineração desse conteúdo. Ademais, o design da linha do tempo “encoraja os usuários a revisitarem suas antigas atualizações e adicionar novas informações a elas ou adicionar retroativamente informação biográfica completamente nova (GREENWALD, 2012, p.52; tradução minha)⁸¹.

É importante entender que, se trata de uma estratégia de marketing da empresa para compreender o “perfil” de seus usuários e poder direcioná-los para propagandas mais sensíveis aos seus interesses, ao impeli-los a categorizarem uma coleção de eventos de sua vida cotidiana. Assim, o Facebook é capaz “ligar os pontos” e determinar alguns fatos sobre a vida do indivíduo, como gênero, faixa salarial, nível educacional e profissão, que o levam a comprar determinados tipos de produtos e não outros. Em contrapartida, a mesma estratégia torna evidente o conceito de “registro permanente”:

⁸⁰Dados da revista *MIT Technology Review*, maio/junho 2012. Disponível em: <http://www2.technologyreview.com/news/427678/facebook-timeline/>. Acesso em: 27/05/2018.

⁸¹ “it encourages users to revisit and add more information to old updates, or retroactively add completely new biographical information” (GREENWALD, 2012, p.52).

A Linha do Tempo está tornando real o conceito de "registro permanente", na forma de uma autobiografia assistida por computador – um diário multimídia pesquisável de nossas vidas que paira na nuvem. Mas ela também pode ter um efeito não intencional ao chamar a atenção dos usuários para o quanto o Facebook sabe sobre eles. Normalmente, "quando as pessoas compartilham informações sobre si mesmas, elas veem um retrato instantâneo", diz Deirdre Mulligan, professora da UC Berkeley School of Information. "Quando as pessoas veem a Linha do Tempo, elas se tornam conscientes de que todos esses pedaços são mais do que a soma das partes. Eles de repente entendem a grandeza de seus próprios dados (GREENWALD, 2012, p.52; tradução minha)⁸² .

Embora o texto de Greenwald para a revista *MIT Technology Review* tenha feito uso da expressão “autobiografia assistida por computador”, definindo-a como um diário multimídia da vida dos usuários alocada no terreno da computação em nuvem (*cloud computing*), não é possível afirmar que esse termo tenha sido empregado com base nos pressupostos teóricos do que significa autobiografia, ao menos em seus termos canônicos. Apesar disso, o apontamento do autor do artigo fortalece e favorece tanto nossa hipótese em relação à construção de uma autobiografia constituída por pedaços (publicações de natureza diversa) que juntos são mais que a soma de suas partes, remetendo, desse modo, à prática curatorial, como também fornece uma orientação metodológica para entender justamente que a soma de tais partes tem a propriedade de inaugurar um modo de subjetivação contemporâneo, que vamos perseguir em nossa análise.

3.3 Implicações do Comitê de Ética em Pesquisa para a seleção dos participantes

Os aspectos éticos desta pesquisa tiveram influência direta sobre a seleção dos participantes, realizada em consulta pública em minha página pessoal do Facebook, por meio de um convite para encontrar voluntários, em 16 de novembro de 2015. Os sujeitos que puderam visualizar a publicação se propuseram a participar voluntariamente da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1)⁸³, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Campinas. A postagem recebeu 21

⁸² “Timeline is making real the concept of the "permanent record," in the form of a computer-assisted autobiography—a searchable multimedia diary of our lives that hovers in the cloud. But it may also have an unintended effect of calling users' attention to just how much Facebook knows about them. Normally, "when people share information about themselves, they see a snapshot," says Deirdre Mulligan, a professor at the UC Berkeley School of Information. "When people see Timeline, they become aware that all those bits and pieces are more than the sum of the parts. They suddenly understand the bigness of their own data" (GREENWALD, 2012, p.52).

⁸³ Tendo em vista as mudanças ocorridas no decorrer do desenvolvimento da investigação, alguns dos apontamentos e procedimentos de pesquisa apresentados no TCLE podem diferir dos que estão descritos neste capítulo. CAAE: 49939115.0.0000.5404. Aprovado em: 09/11/2015.

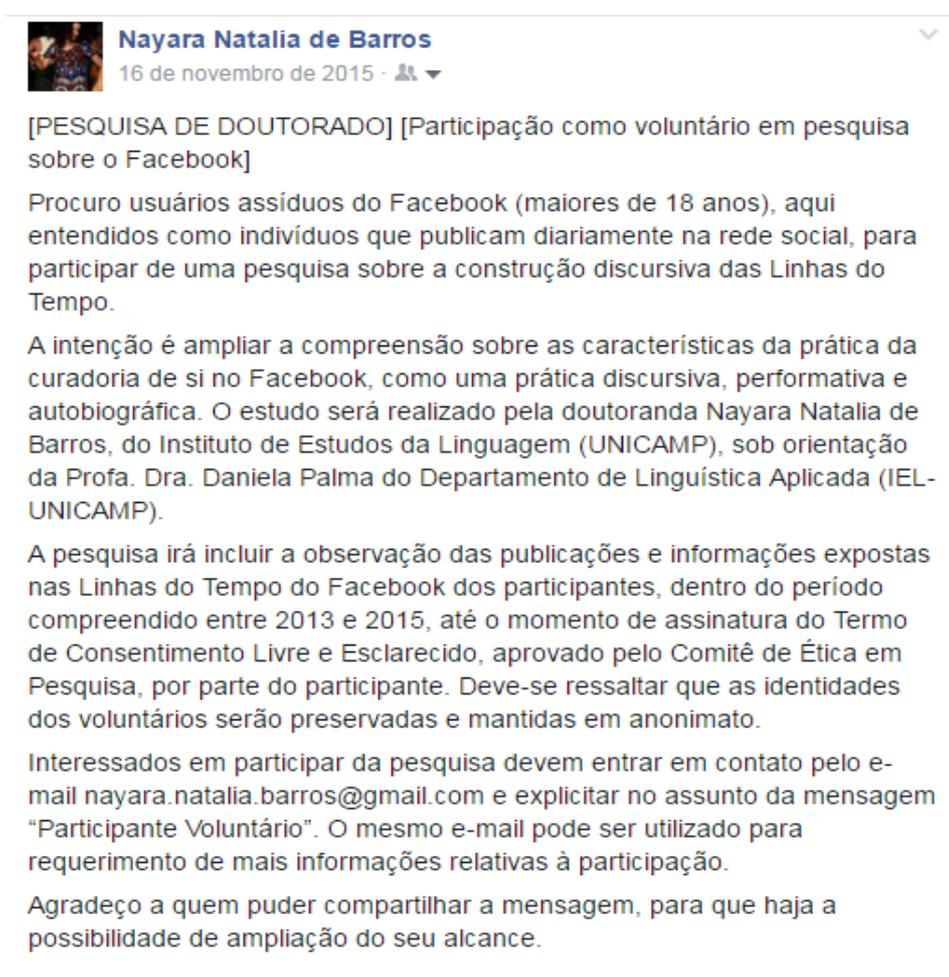
compartilhamentos (Figura 14)⁸⁴, o que possibilitou, em alguma medida, um maior número de visualizações e, por consequência, maior variedade na seleção de perfis a serem analisados mais tarde.

Ao final desse processo, conseguimos reunir um grupo de 25 indivíduos, composto por usuários assíduos da rede social, para os quais o Facebook possui certo grau de importância nas interações que realizam com seu círculo social. Tendo em vista a forma de seleção dos perfis de rede social dos sujeitos, é preciso considerar que o *corpus* se constituiu a partir de linhas do tempo às quais tive acesso por meio da candidatura voluntária dos participantes de pesquisa, os quais entraram em contato, de algum modo, com a publicação-convite apresentada em minha página pessoal. Desse modo, não fui exatamente eu, como pesquisadora, quem selecionou os participantes por sua representatividade, por exemplo, senão eles que se dispuseram a fazer parte da amostragem que pode, em alguma medida, viabilizar a comprovação da minha hipótese de pesquisa. Em se tratando de um estudo qualitativo, essa aplicação se faz possível, embora não seja considerada um método rigoroso de construção de amostras (GIL, 2008 [1991]).

Cabe ainda assinalar que, em quase sua totalidade, os participantes eram pessoas por mim conhecidas, uma vez que já antes da pesquisa mantinha com elas algum tipo de relação, seja ela acadêmica, profissional ou de amizade. Sabendo que essa questão, em particular, pode ser motivo de dúvidas ou de um “mal-estar positivista” “a respeito do caráter científico do conhecimento produzido”, em que a relação entre “pesquisador e pesquisado é marcada por sentimentos” (MARTINS, 2004, p.294), quero apontar a provável impossibilidade de obtenção ampla de dados caso os participantes não me conhecessem de alguma forma, uma vez que considero que, em parte, o desejo de ajudar desses voluntários foi o que tornou possível a execução deste trabalho. Todos esses sujeitos assinaram, logo no início do processo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cuja finalidade era explicitar as condições específicas para a cessão de dados pessoais. Por fim, acreditamos que uma hipótese cabível só se confirma na aleatoriedade, de modo que a partir dessa concepção podemos garantir a relevância de nosso *corpus* e rebater os possíveis questionamentos advindos de sua falta de unidade, coerência ou homogeneidade, dada a forma como os participantes voluntários de pesquisa vieram a participar deste estudo.

⁸⁴ É preciso esclarecer que os objetivos descritos na publicação de chamada de voluntários de pesquisa em minha página pessoal, também foram sendo modificados no decorrer do processo investigativo, como se faz notar pela própria leitura desta tese.

A apresentação do TCLE tinha por objetivo esclarecer aos informantes da pesquisa as finalidades e a metodologia do estudo a ser realizado, garantir o anonimato, bem como assegurar a eles os direitos e deveres como participantes. Pretendeu-se também que eles tomassem conhecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta pudesse, eventualmente, acarretar. Apesar de a pesquisa não apresentar riscos previsíveis, desejou-se desde seu início que nenhum dos participantes fosse exposto a situações de caráter invasivo, nem fisicamente, nem moralmente. Vale ainda ressaltar que este estudo apresenta benefícios potenciais para a sociedade no que diz respeito à elucidação de formas contemporâneas de curadoria digital como modos elaboração auto/biográfica nas redes sociais. Além disso, o relato e a interpretação das linhas do tempo do Facebook, como sendo autobiográficas, poderá fornecer uma aparato teórico-metodológico a estudos posteriores que visem ao trabalho com os dados em redes sociais digitais semelhantes, nas quais também ocorre a publicização do “eu”.



Nayara Natalia de Barros
16 de novembro de 2015 · 1

[PESQUISA DE DOUTORADO] [Participação como voluntário em pesquisa sobre o Facebook]

Procuro usuários assíduos do Facebook (maiores de 18 anos), aqui entendidos como indivíduos que publicam diariamente na rede social, para participar de uma pesquisa sobre a construção discursiva das Linhas do Tempo.

A intenção é ampliar a compreensão sobre as características da prática da curadoria de si no Facebook, como uma prática discursiva, performativa e autobiográfica. O estudo será realizado pela doutoranda Nayara Natalia de Barros, do Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), sob orientação da Profa. Dra. Daniela Palma do Departamento de Linguística Aplicada (IEL-UNICAMP).

A pesquisa irá incluir a observação das publicações e informações expostas nas Linhas do Tempo do Facebook dos participantes, dentro do período compreendido entre 2013 e 2015, até o momento de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, por parte do participante. Deve-se ressaltar que as identidades dos voluntários serão preservadas e mantidas em anonimato.

Interessados em participar da pesquisa devem entrar em contato pelo e-mail nayara.natalia.barros@gmail.com e explicitar no assunto da mensagem “Participante Voluntário”. O mesmo e-mail pode ser utilizado para requerimento de mais informações relativas à participação.

Agradeço a quem puder compartilhar a mensagem, para que haja a possibilidade de ampliação do seu alcance.

Figura 14 – Convite aos participantes de pesquisa. Acesso em 29 abr. 2016

Em relação às medidas implementadas para que não houvesse a exposição dos sujeitos de pesquisa, a principal foi a garantia de sigilo e privacidade de suas identidades e também dos materiais coletados para o *corpus* de pesquisa, embora isso tivesse um contraditório contraponto. Como o TCLE previa a segurança do anonimato dos participantes, que é uma das questões sensíveis da ética em pesquisa, o não aparecimento de seus nomes se fez imprescindível nesse caso⁸⁵. Entretanto, temos aqui um paradoxo próprio do nome, como elemento constitutivo dos gêneros autobiográficos, ao menos em se tratando de suas formas canônicas. Apesar de paradoxal, entendemos que prevalece o respeito ao TCLE, no caso desta investigação, que também se dá nos limites, interstícios e/ou desvios do cânone auto/biográfico.

No Facebook, o sujeito pode criar um perfil e construir, a partir dele, uma linha do tempo por meio de suas publicações. Por essa razão, embora tenha ficado acordado com os participantes, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que haveria a cessão dos dados dos anos de 2013, 2014 e 2015, optou-se pelo recorte das publicações referentes ao segundo semestre do ano de 2014. Este período foi determinado por contemplar a ocorrência da Copa do Mundo – realizada entre junho e julho de 2014, no Brasil – e também o acontecimento das eleições presidenciais brasileiras – realizadas em outubro de 2014. No planejamento da pesquisa, supôs-se que esses eventos ocasionariam um volume e frequência maiores de postagens, por parte dos indivíduos. Desse modo, a escolha se deu pela consideração de dois eventos importantes para o país, que podem servir como base de comparação para os perfis dos 25 participantes desta pesquisa, que mantêm perfis pessoais privados e compartilham entre si à vinculação ao espaço universitário, por serem ou terem sido estudantes universitários ou por serem professores de universidades públicas. Desse conjunto, 5 perfis serão analisados mais detidamente. Nesse sentido, cabe enfatizar que não houve a preocupação de representar questões identitárias e posicionamentos políticos nas escolhas dos participantes, pois o objetivo é analisar a mecânica auto/biográfica nas linhas do tempo. Assim, a escolha da eleição como um tema demarcado, por exemplo, não implica a exposição da diversidade de posicionamentos ideológicos, porque isso não é interesse da pesquisa.

A justificativa para a escolha desses 5 perfis específicos, dentre os 25, deu-se porque havia neles o que considero ser uma densidade auto/biográfica mais deliberada, marcante e presente, ao mesmo tempo denotada por certa singularidade de estilo. Essa

⁸⁵ Sendo assim, somente os envolvidos diretamente na pesquisa, eu, como pesquisadora responsável, e Profa. Dra. Daniela Palma, como orientadora do trabalho, tivemos acesso direto às informações coletadas. No momento de elaboração do texto final da tese, bem como em possíveis relatórios de pesquisa e outras publicações acadêmicas posteriores, os nomes dos participantes não serão citados e, quando necessário, iniciais ou nomes fictícios serão atribuídos aos indivíduos.

consideração fundamenta-se, igualmente, pelo fato de que a eleição é influenciada pelo meu olhar de pesquisadora-*insider* (HODKINSON, 2005 apud AMARAL, 2009), cujo papel é de conhecedora das práticas circulantes no Facebook. Como usuária da rede social, aquilo que se sobressai e é capturado em minha observação é também uma razão para a seleção do material analisado.

3.4 Procedimentos de geração de dados a partir das linhas do tempo dos sujeitos

Como procedimento de segurança e *backup* na coleta dos dados das linhas do tempo foram gerados documentos em extensão PDF, recolhidos manualmente. Essa opção foi eleita, porque permite que se olhe para a linha do tempo de 2014 de cada um dos sujeitos como documentos já estabilizados e evita a perda de mais dados, por conta de links “quebrados” ou alterações decorrentes da fluidez constitutiva do meio digital ao longo do tempo. Destaco, porém, que voltei às linhas do tempo de 2014 dos participantes, por meio de suas páginas online, para realizar a captura de tela das postagens que serão analisadas e localizá-las de acordo com os meses em que foram publicadas, uma vez que a navegabilidade do Facebook proporciona alguma facilidade em relação a esse tipo de acesso específico.

Além disso, foram recolhidos dados quantitativos acerca do número de publicações em cada mês – julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2014 – de cada um dos participantes, a partir de um *bot*, programa de computador criado com o propósito de executar essa tarefa. Trata-se, especificamente, de um robô desenvolvido em Python, uma linguagem de programação que, através do acesso da conta da pesquisadora, mimetiza ações humanas e navega na plataforma. Para cada conta dos participantes da pesquisa, o robô buscou as publicações realizadas nos intervalos de julho a dezembro de 2014, interpretando seu conteúdo e classificando-as em pessoais/próprias ou de terceiros. Por fim, a contabilização foi exportada para um arquivo texto e importada para Excel, a fim de os resultados fossem mais facilmente interpretados.

O Quadro 1 apresenta a quantidade de postagens, mês a mês, dos voluntários. Destaca-se, nele, a variação de frequência e quantidade dentre os participantes. Faz-se necessário, também, levar em conta que tomamos como dados apenas o que consideramos como publicações próprias, isto é, publicações realizadas pelos próprios usuários ou replicações de outras redes sociais, como o Twitter, que aparecem em sua linha do tempo. Em relação às

marcações⁸⁶, só foram consideradas as publicações em que o administrador do perfil marcava outras pessoas e não o contrário, porque, a nossa ver, este procedimento não se configuraria claramente como uma escolha pessoal do dono do perfil. Apesar disso, reconhecemos que as marcações de outros usuários, que fazem uso do nome do usuário do perfil e que aparecem em sua linha do tempo, também são fruto de uma escolha, pois as configurações de privacidade da rede social levam em conta a avaliação do administrador do perfil para permitir ou não que sejam replicadas em sua linha do tempo. Isso evita, por exemplo, que fotos das quais o usuário do perfil não goste ou postagens que sejam, de algum modo, constrangedoras ou vexatórias não apareçam em sua linha do tempo, ampliando a sua divulgação. Contudo, é comum que usuários não tenham conhecimento ou domínio desse recurso, por isso é difícil interpretar o grau de agenciamento do dono do perfil nesse tipo de publicação.

Quadro 1 - Quantidade de publicações postadas pelos participantes de pesquisa de julho a agosto de 2014

PARTICIPANTES	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
DP	4	10	5	25	7	6	57
AC	28	11	15	32	24	21	131
AR	25	15	22	43	14	24	143
AP	175	66	40	120	86	155	642
CP	8	2	4	5	6	12	37
CH	76	127	96	104	76	114	593
DS	18	12	19	21	21	13	104
EB	23	12	21	14	1	34	105
FP	58	71	48				177
SB	14	18	19	29	18	25	123
GC	8	10	6	11	17	8	60
GG	8	10	16	30	20	19	103
GR	70	68	83	198	42	60	521
FC	34	20	25	19	28	28	154
IM	62	54	59	145	64	77	461
JZ	42	54	56	57	43	26	278
LH	75	40	62	22	63	76	338
MR	23	27	28	34	27	35	174
MG	63	69	61	128	57	64	442
NG	56	38	31	61	55	57	298
PS	55	44	32	31	33	28	223

⁸⁶ “Ao marcar alguém, você cria um link para o perfil dessa pessoa. A publicação em que você marcar a pessoa também pode ser adicionada à Linha do tempo dela. Por exemplo, você pode marcar uma foto para mostrar quem está nela ou publicar uma atualização de status e dizer quem está com você. Se você marcar um amigo na sua atualização de status, quem visualizar essa atualização poderá clicar no nome do seu amigo e ir para o perfil dele. Sua atualização de status também pode aparecer na Linha do Tempo desse amigo”. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/124970597582337/>. Acesso em: 17/06/2018.

PN	120	101	84	119	86	109	619
RR	15	2		12	9	17	55
TG	11	17	21	30	8	14	101
VT	42	42	43	97	19	19	262
TOTAL GERAL	1113	940	896	1387	824	1041	6201

Além dos dados fornecidos pelas linhas do tempo, também se optou por uma fonte acessória de dados, composta por questionários abertos autoaplicados. A escolha por esse tipo de questionário se relaciona ao fato de que a partir dele é possível fazer com que apareçam informações de maneira mais livre, com respostas não condicionadas por uma padronização prévia. Assim, configura-se o que podemos apontar como a possibilidade de “democratização” da pesquisa, engendrada pela conferência de um lugar mais equitativo aos sujeitos investigados (ARFUCH, 2008 [2010], p. 246).

3.5 Questionários abertos autoaplicados como fonte acessória de dados

Os questionários com perguntas abertas também foram escolhidos como instrumento de coleta de dados secundários. Assim, faz-se importante situá-los metodologicamente enquanto “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.” (GIL, 2008 [1991], p. 121).

A partir dessa conceituação, é possível afirmar que, como qualquer outro instrumento de coleta de dados, existem, por um lado, limitações e desvantagens em relação a essa técnica e, por outro, alcances e vantagens para a sua eleição como forma de obtenção de dados de pesquisa, ainda que estes sejam secundários, como no caso do presente trabalho. Entre os pontos negativos listados por GIL (2008 [1991], p.121), estão: a) a exclusão de pessoas que não sabem ler e escrever; b) a dificuldade em auxiliar o informante quando este não entende adequadamente as instruções ou perguntas; c) o desconhecimento das condições em que o questionário foi respondido, o que pode influenciar na qualidade das respostas; d) a falta de garantia de devolução do questionário devidamente preenchido; implicando diminuição na representatividade da amostra; e) número pequeno de perguntas, porque se sabe que questionários muito extensos tendem a não ser respondidos pelos participantes e f) resultados críticos em relação à objetividade das respostas, porque as perguntas podem ter significados distintos para cada um dos informantes de pesquisa.

Em síntese, percebe-se que os dados obtidos a partir de questionários abertos podem ser em alguma medida ambíguos e até confusos. No entanto, algumas das limitações listadas podem ser rebatidas para o caso específico da presente investigação, uma vez que a) todos os participantes sabem ler e escrever, o que evita deformações mais graves nos resultados da investigação; b) na introdução do questionário, houve o destaque para a minha disponibilidade, como pesquisadora, para auxiliar os participantes, caso tivessem alguma dúvida; c) era um pressuposto do TCLE, inicialmente elaborado para a realização de entrevistas semiestruturadas, que os participantes respondessem às perguntas em dia e horário que lhes fossem mais convenientes, fato que não poderia ser alterado com a mudança do instrumento de coleta de dados para um questionário aberto; d) os participantes tiveram um mês para responder ao questionário e mesmo aqueles que não responderam às perguntas dentro do prazo previsto, entregaram, depois de solicitação minha, seus questionários devidamente preenchidos, com mais ou menos detalhes; e) como já explicitado no item (d), apesar de o questionário ser composto por 23 perguntas abertas – a serem apresentadas adiante – houve um período razoável para que os participantes o respondessem: um mês; f) considero que os significados distintos das perguntas para cada um dos informantes pode ser entendido como um reflexo dos seus próprios processos de subjetivação na rede social, embasados nos usos que fazem dela. Apesar disso, importa mais refletir sobre a complexidade dessas distinções e significados do que apagá-las ou reduzi-las a uma objetividade artificial.

Já a partir dos pontos positivos listados por GIL (2008 [1991]) para o uso dessa técnica de coleta de dados, estão os seguintes alcances, transpostos e adaptados para nossos propósitos de investigação, os quais podem ser sinteticamente expostos pelos seguintes itens: a) possibilidade de atingir pessoas que estejam em uma área geográfica distante e/ou extensa, uma vez que se pode enviar o questionário pelo correio (eletrônico); b) economia de gastos em sua aplicação; c) garantia de anonimato nas respostas; d) concessão para que as pessoas respondam às perguntas no momento que julgarem ser o mais propício e e) não exposição dos pesquisados à influência direta do pesquisador. Assim, os questionários abertos podem ser destacados pela sua fácil aplicação e pela flexibilização das respostas dos participantes voluntários. Além disso, possibilitam um primeiro contato com os investigados para se começar a análise efetiva de suas linhas do tempo, com base em suas formulações pessoais. Ademais, sendo um instrumento de coleta de dados menos diretivo, serve para subsidiar reflexões iniciais que podem vir a compor a análise dos sentidos produzidos e circulantes no *corpus*, além de se constituir como uma fonte complementar de dados.

Como procedimento de aplicação desse instrumento de coleta de dados, a seguinte mensagem, com a função de introduzir o questionário, foi enviada aos participantes no dia 22 de outubro de 2016:

Olá,

Escrevo para pedir que você, participante voluntário(a) da pesquisa de doutorado **“Linhas do Tempo do Facebook como curadorias de si: uma construção autobiográfica”** responda ao questionário aberto a seguir, da maneira mais detalhada que puder. As respostas devem ser entregues até o dia 23 de novembro de 2016, neste mesmo documento, abaixo de cada uma das questões correspondentes. O objetivo do questionário é obter informações sobre pontos específicos que possam ser interessantes para a pesquisa no que concerne à interpretação prévia dos dados de sua linha do tempo, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado anteriormente. Esclareço que, com as respostas detalhadas fornecidas neste questionário, serão dispensadas as entrevistas semi-estruturadas descritas no TCLE. Em caso de dúvida, basta escrever para nayara.natalia.barros@gmail.com ou me contatar pelo inbox do Facebook.

Atenciosamente,

Nayara Natalia de Barros

Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas

P

Pode-se dizer que o questionário se reparte em dois conjuntos de perguntas, embora não tenha havido divisão explícita para os participantes. As perguntas de 1 a 10 servem ao propósito de obter um panorama geral sobre os usos que os participantes voluntários da pesquisa fazem do Facebook, a fim de estabelecer se tais usos propiciam e subsidiam as operações discursivas de curadoria digital bem como a exposição de traços auto/biográficos na rede social que, por sua vez, são inquiridos em um segundo conjunto de questões, concretizado nas perguntas abertas de 11 a 23.

Para subsidiar a interpretação dos questionários, procedeu-se com uma análise temática. As respostas a cada uma das 23 perguntas abertas do questionário foram listadas em um quadro e a partir dessa listagem foram destacadas as palavras-chave das respostas, para que, então, fosse possível passar à comparação entre elas. Em uma etapa seguinte, tratamos de verificar em que medida as respostas dadas pelos participantes se refletiram em suas linhas do tempo. Em suma, a interpretação dos dados obtidos com o questionário prestou-se à formalização teórica sobre o processo de construção auto/biográfica como curadoria de si nas linhas do tempo dos participantes e sobre suas percepções pessoais em relação aos usos que realizam da rede social em questão. A seguir, são apresentadas as perguntas, seguidas de seus respectivos objetivos específicos:

1) Qual é a frequência com a qual você acessa o *Facebook*?

Objetivo da pergunta: Verificar em que medida o participante da pesquisa é um usuário assíduo da rede social.

2) Qual é a frequência com que realiza suas postagens?

Objetivo da pergunta: Verificar se, apesar de ser um usuário assíduo, o participante mantém ou não uma constância no ritmo de publicações.

3) Em relação a 2014, você considera que sua frequência de acesso e de publicações mudou de lá para cá?

Objetivo da pergunta: Averiguar se houve ou não mudança na periodicidade das postagens desde o ano de 2014 – recortado para a pesquisa devido ao evento esportivo da Copa do Mundo no Brasil e das eleições presidenciais – até o momento de resposta.

4) Qual é a motivação para que você utilize a rede social?

Objetivo da pergunta: Descobrir se existe entre os participantes a percepção consciente sobre as razões que o levam a usar essa rede social, em caráter específico.

5) Você se preocupa com a recepção de outros usuários em relação ao conteúdo que você publica?

Objetivo da pergunta: Descobrir se existem considerações práticas a respeito do conteúdo publicado, tendo em vista o público que pode ter acesso às postagens do perfil.

6) Você seleciona as configurações de privacidade em relação às pessoas que verão o conteúdo publicado, a depender do conteúdo da postagem?

Objetivo da pergunta: Saber se os participantes tomam decisões conscientes em relação às ações que visam a restringir o público de suas postagens.

7) Você consegue identificar o teor das temáticas que publica com mais frequência?

Objetivo da pergunta: Averiguar a “autociência” sobre o teor dos conteúdos publicados pelos participantes e de sua regularidade, identificando, assim, um padrão de ações.

8) Em 2014, você esteve interessado em expressar posicionamentos ideológicos na rede social?

Objetivo da pergunta: Averiguar se, em consonância com minha motivação para recortar as linhas do tempo em 2014, havia também a percepção sobre os eventos do país no mesmo ano, já que os participantes são privilegiados nesse sentido, porque têm uma noção mais ampla de seus próprios comportamentos, tanto passados como presentes.

9) Os conteúdos que lhe são fornecidos pela rede social através do Feed geralmente correspondem aos seus interesses? Por quê?

Objetivo da pergunta: Verificar se os participantes sabem da existência dos algoritmos que operam no Feed e se os conteúdos selecionados pela empresa Facebook são adequados aos interesses dos participantes. Pretendeu-se, assim, observar se o fluxo de postagens de repasse e compartilhamento está ligado também ao que aparece de interessante no Feed, na visão dos participantes.

10) Os conteúdos visualizados por você e publicados por seus amigos na rede social geralmente

correspondem aos seus interesses?

Objetivo da pergunta: Assim como na pergunta anterior, procurou-se com essa pergunta verificar se o fluxo de postagens de repasse e compartilhamento está ligado também ao que aparece de interessante para os participantes, por parte dos amigos que mantêm na rede social.

11) Em relação às atividades e possibilidades fornecidas pelo *Facebook*, quais são, frequentemente, utilizadas por você? (publicações próprias, compartilhamentos, compartilhamentos com posicionamentos, isto é, com comentários pessoais etc.)

Objetivo da pergunta: Listar a regularidade de possíveis operações curatoriais empregadas pelos participantes de pesquisa para cruzá-las com as respostas dadas à questão seguinte.

12) Você considera que as suas postagens conteriam traços autobiográficos? Você acha que elas correspondem àquilo que você é?

Objetivo da pergunta: Testar as crenças dos participantes sobre o próprio objeto de pesquisa, explicado antecipadamente a eles, principalmente com base na leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

13) Você seleciona opções de “não visualização” quando algum conteúdo que lhe é apresentado por meio do Feed causa incômodo?

Objetivo da pergunta: Verificar se os participantes eliminam de suas relações de visualização algum conteúdo que poderia vir a fazer parte da sua linha do tempo, por meio de uma operação curatorial.

14) Você procura apresentar-se, conscientemente, de uma maneira agradável, curiosa ou interessante, para os outros usuários com os quais se relaciona na rede social?

Objetivo da pergunta: Verificar as atitudes e crenças dos participantes em relação à maneira como se autorrefenciam e se autorrepresentam na rede social.

15) Você se preocupa com a cronologia de suas publicações? Já voltou na linha do tempo para visualizar publicações passadas?

Objetivo da pergunta: Averiguar se existem tentativas ativas de recuperação de lembranças e memórias e de que modo a navegabilidade se dá nesse caso, uma vez que não é fácil recobrar recordações pela bala de rolagem, quando as publicações são constantes por parte dos usuários.

16) Nas interações com outros usuários da rede social, alguma situação levou-o(a) a apagar uma publicação? Se sim, por quê?

Objetivo da pergunta: Verificar em que medida a recepção de outros usuários que interagem com os participantes da pesquisa influenciam suas escolhas curatoriais seguintes.

17) Suas publicações já geraram polêmica? Como essa polêmica foi encarada e compreendida por você?

Objetivo da pergunta: Assim como na pergunta anterior, pretendeu-se verificar em que medida a recepção das publicações influenciam as escolhas curatoriais dos participantes de pesquisa e quais são suas atitudes diante de questões vistas pelo senso comum como polêmicas.

18) De que maneira os outros usuários demonstram interesse acerca das suas publicações? Como você consegue perceber isso?

Objetivo da pergunta: Compreender as percepções dos participantes de pesquisa em relação à recepção de suas publicações e as marcas que contribuem, concretamente, para isso.

19) Você conseguiria descrever situações prazerosas e de desconforto provocados pelas suas publicações e pelas publicações de terceiros?

Objetivo da pergunta: Verificar possíveis reações emocionais dos participantes perante as próprias publicações e as publicações de terceiros.

20) Que tipo de publicação você prioriza e qual é a sua motivação para isso?

Objetivo da pergunta: Verificar os padrões de ação relativos às ações práticas dos participantes quando publicam determinados conteúdos. Além disso, descobrir se existe um padrão comportamental entre os participantes quanto às suas publicações e, por fim, listar os tipos mais recorrentes de temáticas postadas.

21) Que tipo de publicação você descarta ou nunca faz e por qual razão?

Objetivo da pergunta: Verificar os padrões de ação relativos às omissões ou apagamentos das linhas do tempo, por escolhas curatoriais que optam pela exclusão de determinados conteúdos e temáticas, além de traçar padrões que se referem a esses comportamentos.

22) Que tipo de publicação você julga como desinteressante e por qual razão?

Objetivo da pergunta: Notou-se, a partir das respostas dos participantes, que a pergunta

contém ambiguidade, por ser possível entender que se fala aqui tanto das publicações pessoais como de publicações de terceiros. Apesar disso, atinge-se o objetivo de identificar as publicações de terceiros que provavelmente não serão apreciadas ou compartilhadas e também temáticas da própria linha do tempo do participante, que não serão reproduzidas ou encontradas.

23) Você considera que seria possível reconstituir uma narrativa sobre sua personalidade a partir da leitura de sua linha do tempo por terceiros?

Objetivo da pergunta: Averiguar as crenças dos participantes em relação ao próprio conteúdo da pesquisa da qual aceitaram participar voluntariamente e se tais crenças convergem, em alguma medida, com as expectativas e hipóteses de investigação que elaborei no planejamento deste estudo.

Como é possível observar, a curiosidade por saber sobre as práticas envolvidas na produção das linhas do tempo do Facebook norteou as perguntas feitas no questionário, o qual conforma um instrumento empírico em que os participantes de pesquisa são indagados sobre o tema da investigação. Ainda que esse questionário possa parecer, a princípio, demasiadamente indutivo, pode expandir o olhar crítico e analítico para pontos importantes do contexto de pesquisa não notados antes. Assim, com as respostas recebidas, espera-se chegar a uma cartografia do imaginário esperado em relação à manutenção de um perfil na rede social.⁸⁷ Além disso, acredito que as perguntas que os participantes foram convidados a responder, levam-nos a restituir algumas lembranças relativas às publicações que realizaram e, por consequência, a envolverem-se com um trabalho narrativo (e também argumentativo), por escrito, como se pode notar em algumas das respostas (Anexo 1).

3.6 Uma proposta de análise: ler as linhas do tempo como “textos” auto/biográficos

Considerando que a análise de dados não é uma mera descrição do que foi observado ou gerado a partir de sua coleta, é fundamental que eles sejam interpretados à luz das reflexões anunciadas nos capítulos teóricos, em uma análise que dialogue diretamente com a

⁸⁷ Leonor Arfuch lembra que Philippe Lejeune fez algo parecido com estudantes do ensino médio da França a respeito da prática de manter um diário pessoal, cujas respostas foram publicadas na revista *Magazine Littéraire*, traçando o que ela chamou de “verdadeira cartografia do imaginário esperável” (ARFUCH, 2010 [2008], p.146), ao indicar que se tratava de um instrumento que servia a propósitos como fixar o presente, deixar marca, guiar a vida, expressar-se, classificar-se, ler o diário para os filhos, suportar a solidão, acalmar a ansiedade, além de ser um espaço para a manifestação da “vida interior”.

teoria. Desse modo, nesta seção, busca-se discutir mais detidamente alguns pontos considerados importantes para a apreciação que será apresentada no Capítulo IV.

Antes da intervenção do pesquisador, as narrativas de vida existem apenas em estado *virtual*, isto é, não estão devidamente materializadas e explicitadas em suas minúcias passíveis de percepção, para serem, em seguida, apresentadas. É necessário compreender que os elementos de informação presentes nas linhas do tempo são “peças de um quebra-cabeça a ser *reconstituído*, como se existisse um modelo virtual ideal (uma ordem) do qual esses elementos seriam os indícios dispersos e misturados” (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 185). Dentro dessa perspectiva, é tarefa metodológica desta investigação a proposição de uma leitura das linhas do tempo dos perfis dos informantes que seja capaz de evidenciar os processos de reconstituição de uma suposta narrativa de vida construída a partir de suas publicações.

Toma-se, aqui, o conjunto de conteúdos discursivos publicados nas linhas do tempo analisadas como um *discurso*. Entendendo a própria leitura como método de investigação, a primeira preocupação que se impõe e se faz digna de explicitação é a orientação que seguirá essa leitura. Baseando-me, a princípio, nas estratégias expostas por Philippe Lejeune a respeito do trabalho do autobiógrafo, procurarei situar o exame das linhas do tempo em *eixos de coordenadas*, a fim de constituir uma indexação que sirva de apoio para montar uma narrativa fragmentada de cada um dos perfis na análise. A proposição desses eixos se sustenta na assertiva de que “o discurso da memória é um labirinto” (LEJEUNE, 2014 [2008], p.187).

O primeiro desses eixos é o eixo cronológico. Embora a nomenclatura da linha do tempo nos remeta a uma descrição, visualização ou registro de eventos e personagens organizados de acordo com sua ocorrência em ordem cronológica e ela se exiba formalmente dessa maneira no Facebook, é preciso compreender que o procedimento natural da memória, que inclui a perspectiva que um indivíduo tem de sua própria vida, não é unitário; ele inclui lacunas e defasagens. Analogamente, a linha do tempo também demonstra sua semelhança com o discurso da memória, em termos de fragmentação e dispersão. O segundo eixo de orientação da leitura, por sua vez, é o eixo temático. Neste eixo se evocam as experiências de trabalho, da vida familiar, do cotidiano, de visão de mundo, de mentalidade, de opinião pessoal etc., circunscritas nas publicações e associadas ao indivíduo possuinte de um perfil e produtor de uma linha do tempo.

Apesar de esses dois eixos guiarem a emissão e a recepção do discurso das linhas do tempo, eles não são suficientes para captar seu sentido. Como explicita Philippe Lejeune:

Eles definem o espaço no qual vai se inscrever uma figura e não as leis de construção dessa figura. Pode ocorrer que narrativas de vida não “funcionem”,

permaneçam em estado de coleção de informações, classificáveis cronológica e tematicamente (portanto eventualmente exploráveis, no âmbito de uma enquete, tendo como objeto séries de modelos), mas desprovidas, à primeira vista, de uma forma ou de uma significação global (LEJEUNE, 2014 [2008], p.188).

Construir uma significação global para a coleção de informações classificáveis cronológica e tematicamente se constitui como uma das etapas analíticas das linhas do tempo, conforme apostamos nesta pesquisa. Todo ser que se pensa como sujeito tem mais ou menos como base uma “ideologia (auto)biográfica” (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 188). Quando tal ideologia se estabelecer mais para menos do que para mais, estaremos diante de algo que dificilmente se configurará como uma narrativa. De acordo com os dois eixos mencionados, cronológico e temático, averiguaremos o que diz respeito ao implícito, às associações e derivações passíveis de interpretação. A ordem de valores, a organização no plano temporal e as relações estabelecidas em uma linha do tempo pessoal no Facebook podem indicar uma estruturação ligada a marcações na vida de cada usuário, a acontecimentos individuais e, inclusive, a mudanças sociais e externas. A partir desse tipo de indicação, é possível definir um trabalho de análise mais fecundo, que dê conta de reconstituir os elementos representativos de formas de vida observáveis no discurso dos participantes da pesquisa (LEJEUNE, 2014 [2008], p.189).

Visto que partimos da hipótese de que podemos perceber as linhas do tempo como construções auto/biográficas, é importante que uma série delas sejam analisadas. Uma das limitações metodológicas desta investigação é a impossibilidade de dar atenção sistemática a tudo o que diz respeito a um único indivíduo, ao conjunto de sua experiência e exposição pessoal na rede social, quando se trata das publicações de sua linha do tempo, desde sua primeira postagem até sua última. Considerando essa limitação, faz-se necessário o enriquecimento dado à análise por meio da leitura de algumas linhas do tempo, pertencentes a diferentes indivíduos e da escolha de publicações feitas nelas que possam ilustrar nossos argumentos. Desse modo, pretendemos assumir a posição de que “cada vida é relativizada e posta em perspectiva pelas outras” (LEJEUNE, 2014 [2008], p. 215). Mais detalhada e detidamente, como já foi explicitado, serão analisadas cinco linhas do tempo de indivíduos que aceitaram participar da pesquisa, voluntariamente.

Em resumo, trata-se de um exercício de leitura analítica e interpretativa das linhas do tempo, que coloca em evidência a instância da recepção⁸⁸. Baseada em Paul Ricoeur, Arfuch

⁸⁸ Sabemos que a interação na rede social estudada e, por conseguinte, a recepção, dá-se por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos, por exemplo. No entanto, não é nosso objetivo, ao menos não nesta investigação,

afirma que o olhar hermenêutico é incumbido de articular o *mundo do texto* e o *mundo do leitor*, uma vez que a posição enunciativa do espaço biográfico leva em consideração sempre e, por outra parte, um “você”.

A modelização que opera no relato só ganhará forma no ato da leitura, como conjugação possível de ambos os mundos, mas o transcende em direção a outros contextos possíveis, entre eles o horizonte da “ação afetiva”. É que a leitura implica um momento de *envio*, no qual se torna uma provocação “a ser e atuar de outra maneira”. Assim, a prática do relato não somente fará viver diante de nós as transformações de suas personagens, mas também mobilizará uma experiência do pensamento pelo qual “nos exercitamos em habitar outros mundos estrangeiros a nós” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 121).

Além disso, Arfuch, em sua análise das entrevistas, utiliza a expressão “vida a várias vozes” para tratar de um pressuposto de toda narração autobiográfica. Da mesma maneira que a autora acredita que em seu objeto de investigação tal pressuposição se dá explicitamente, observamos o mesmo desígnio nas linhas do tempo, como iremos tratar de apontar em nossa análise, tendo em vista sua natureza dialógica e a consideração de que aprendemos a viver por meio do contato com o relato da experiência alheia (ARFUCH, 2010 [2002], p. 185).

Ademais, Arfuch (2010 [2002]) nos alerta sobre a consideração de que não existe uma única metodologia privilegiada de análise:

Como acontece com outros gêneros e discursos, o tipo de material textual, o *corpus* construído e o objetivo a alcançar impõem – ou sugerem – a forma e os caminhos de análise. O que talvez seja possível definir *a priori* seja aquilo que *não deveria se fazer* no trabalho com os relatos de vida produzidos em entrevistas: assumir sem precauções, à maneira da “mão de Deus”, o privilégio de aplanar, reduzir, elidir, glosar, cortar a palavra. Ainda que todo uso da citação, do fragmento, do enunciado faça dizer, e toda interpretação seja arbitrária, há graus dessa manipulação. A outra questão, já aludida, é a de considerar uma história como emblemática e autossuficiente para retratar todo o universo. Isso implicaria o risco de estereotipar no “caso” a multiplicidade do social. O relativo esgotamento da história de vida e sua substituição pelos relatos cruzados produzidos em entrevistas dão conta desse limite. Também não parece recomendável exercitar uma leitura translativa de imediata conclusividade, pela qual os casos se tornem simplesmente *provas* para uma demonstração (ARFUCH, 2010 [2002], p. 267; grifos da autora).

Podemos adaptar o que assevera a autora a respeito das entrevistas para o caso das linhas do tempo, que constituem um material textual bastante diverso e multifacetado. Apesar das bases teóricas às quais nos referenciamos, certamente nosso objeto de estudo impõe percursos de análise que vão se desenhando no decorrer de um processo, sem que seja completamente possível capturar o que nos aportarão as considerações finais a respeito dele.

estudar o desenvolvimento desses processos no Facebook, o que seria certamente objeto de apreciação para outro(s) trabalho(s). Por isso, destacamos o protagonismo do “mundo do leitor” / “da leitura”, como aquele que desejamos habitar em nossa análise.

Em suma, nossos procedimentos e protocolos de análise são realizados com base em interpretações feitas à luz das teorias apresentadas nos Capítulos I e II. Assim, colocamo-nos ao lado dos dizeres arfuchianos que asseveram: “Não renunciar ao dom da leitura é crucial como atitude diante de um *corpus*. Atitude literária por natureza, mas que às vezes se esquece nas ciências sociais, sob a pressão da grade, do marcador, do dado, da urgência classificatória” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 278). Nesse sentido, será tomado o devido cuidado – cuidado este que é ao mesmo tempo um desafio – para que se mantenha uma distância crítica na corporificação analítica. O objetivo de nossa proposta é, portanto, confrontar significados que sejam passíveis de ser empiricamente demonstrados e apontados com base em marcos teóricos anteriormente explicitados, ao evitar e prescindir de uma imposição exterior e arbitrária (ARFUCH, 2010 [2002], p. 266).

3.7 Objetivos gerais e específicos de pesquisa

O objetivo geral e empírico de pesquisa é verificar como a curadoria digital no Facebook constitui-se como uma prática que mobiliza conteúdos discursivos das linhas do tempo de usuários ativos dessa rede ⁸⁹, possuintes de perfis privados. Como objetivo geral teórico, desejo demonstrar a prática da curadoria digital de si no Facebook, como um pressuposto da prática discursiva auto/biográfica na contemporaneidade, para a expressão das subjetividades dos usuários dessa rede social. A meta pretendida é conhecer, compreender e analisar os discursos veiculados e as apreciações valorativas exibidas pelo conjunto desses conteúdos discursivos curatoriais pelos indivíduos.

São objetivos específicos do escopo empírico:

- Caracterizar as linhas do tempo como formas contemporâneas de auto/biografia, exibição e publicização do “eu”;
- Investigar as operações curatoriais utilizadas pelos sujeitos de pesquisa.

São objetivos específicos do escopo teórico:

- Articular as relações possíveis entre auto/biografia na internet e curadoria digital;
- Instrumentalizar o estudo da curadoria digital em Linguística Aplicada, como consequência da pesquisa.

⁸⁹ O Facebook considera “membro ativo” aquele que efetuou o *login* no sistema pelo menos uma vez nos últimos 30 dias.

Para isso, estudaremos as respostas dadas aos questionários autoaplicados, constituídos por perguntas abertas por parte dos participantes e as linhas do tempo dos perfis selecionados, cujo período de recorte e referência é o segundo semestre de 2014. Esse recorte foi realizado com base na percepção bakhtiniana de que não é possível separar-se valorativamente do mundo dos outros, sem perceber-se como parte de uma coletividade, em que estão incluídas a família, a nação, a humanidade, a cultura, e que faz com que os gêneros biográficos abarquem sempre algo mais amplo que aquilo que o próprio narrador fala sobre si mesmo. Nas palavras de Arfuch:

Essa relação é a tal ponto constitutiva, que todo relato biográfico só conseguirá se estabelecer [...] a partir desse contexto: como aceder à própria biografia em seus momentos precoces (o nascimento, a origem, a primeira infância), se não for por palavras alheias dos meus próximos, por uma trama de lembranças de outros que fazem uma unidade biográfica valorizável? Por sua vez, e nessa trama de genealogias e gerações, a contemplação de nossa vida será somente “uma antecipação da lembrança de outros “acerca dessa vida”, lembrança de descendentes, parentes e conhecidos. Ampliando a mira ao espaço da coletividade, os valores em jogo serão indissociáveis da peculiar inscrição do sujeito em seu contexto sócio-histórico e cultural – que inclusive pode assumir o caráter de uma épica coletiva – tanto o *atual*, do momento enunciativo, como o que é objeto de rememoração (ARFUCH, 2010 [2002], p.141).

Desse modo, voltamos a enfatizar como as “palavras alheias” têm papel fundamental na constituição da “unidade auto/biográfica” do indivíduo na linha do tempo do Facebook, já que com frequência ele é convidado a *apropriar-se de dizeres não próprios*.

3.8 Respostas a perseguir, perguntas a responder

A partir de algumas interrogações que prometem delinear um caminho possível para esta investigação, ambiciono, em um percurso metodológico arfuchiano, “a recusa por limites prefixados” (ARFUCH, 2013, p.14). Com essa disposição a uma trajetória heteroclita de pesquisa e diante dos objetivos anteriormente apresentados, buscarei responder às seguintes questões:

- 1) Quais traços auto/biográficos são passíveis de identificação nas linhas do tempo dos indivíduos estudados?
- 2) Como se dá o funcionamento dos procedimentos curatoriais para a mobilização dos conteúdos discursivos na constituição das linhas do tempo?
- 3) Como o discurso auto/biográfico opera nas linhas do tempo dos perfis pessoais selecionados, com o suporte da curadoria digital?

CAPÍTULO IV

Análise e discussão dos dados

“Procura-se construir o melhor personagem de si mesmo – uma encenação conveniente.

“Procuro compartilhar minhas melhores coisas (pelo menos no meu ponto de vista). Não sou tão feliz, tão maravilhosa como publico. Mas aquelas partes publicadas são absolutamente verdadeiras. E é proposital. No dia-a-dia, tenho chateações que dificilmente compartilho. Gosto de ver as melhores fotos. As melhores histórias.”, diz R.

Estamos sempre encenando, representando um papel que convém e que a gente acha que esperam da gente. O Facebook faz perceber isso de uma maneira assombrosa e muitas vezes surpreendente. É a opinião da professora de cinema P., que não tem pudor para admitir que gosta de ser querida e admirada. Mas preocupa-se em não se tornar escrava do personagem construído.

“Somos o que somos a partir daquilo que dizemos que somos”, diz.

A publicitária F. diz que somos todos, afinal de contas, contadores de histórias, e mesmo nossas memórias narramos de acordo com nossa versão da história.

“Portanto, é sempre ficção”, conclui.

Mais uma diferença importante entre a própria vida e a narrativa nas redes talvez seja a característica, desta segunda, de instantaneidade, fragilidade e finitude – antítese do memorável. A “narrativa de si” nas redes é pensada para consumo instantâneo, rápido, eficiente. Nada para a posteridade. Afinal, tudo, um dia, pode ser deletado.

(Trecho da matéria “Aparência x realidade nas redes sociais, por Claudia Penteadó”⁹⁰)

Neste capítulo, procura-se analisar, de acordo com as estratégias anteriormente explicitadas e com reflexões que venham a somar para as nossas considerações críticas, os modos pelos quais o indivíduo, como curador de si, torna-se um dos principais agentes de sua expressão auto/biográfica. Observaremos, principalmente, de que forma os significados vão sendo constituídos sob o espectro de uma temporalidade cronológica, para um conjunto de conteúdos discursivos reunidos no arranjo expositivo da linha do tempo pessoal. O sentido auto/biográfico é assim determinado pelo conjunto e também pela singularidade de suas

⁹⁰ Disponível em: <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2013/10/baparenciab-x-brealidadeb-nas-redes-sociais-por-claudia-penteadó.html>. Acesso em 04/10/2017.

publicações. Do lado da recepção, a narrativização auto/biográfica é formulada quando se percorrem os elementos então publicados e, a posteriori, fazem-se perceber as regularidades, associadas a repetições e rotinas individuais; as temporalidades, associadas à datação instituída pela interface da rede social; as fragmentações, associadas às (des)continuidades das publicações e de seus temas e, por fim, as (re)contextualizações, associadas aos compartilhamentos e combinações de dizeres pessoais a publicações de outras páginas. Deve-se ressaltar que toda análise parte sempre de um recorte. O próprio recorte encaminha e determina certas elaborações e não outras. O movimento de “curadoria” é assim também próprio da análise, já que é papel do analista selecionar o material mais produtivo, do ponto de vista do empreendimento analítico, para exemplificar os argumentos que sustentam e fundamentam sua tese.

4.1 Linhas do tempo de perfis pessoais privados

Os participantes de pesquisa não foram identificados, a fim de que sua privacidade e anonimato fossem preservados, conforme foi acordado previamente pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido desta pesquisa. Por essa razão, foram atribuídas aos voluntários de investigação somente as iniciais de seus nomes, quando nos referenciamos a cada um deles. Além disso, seus rostos e outras informações que pudessem infringir a salvaguarda de sua identidade foram intencionalmente ocultados nas imagens e/ou excertos obtidos a partir de suas respectivas páginas no Facebook.

A seguir, apresenta-se a análise focalizada de cinco dos vinte e cinco perfis considerados nesta pesquisa, selecionados dentro do *corpus* integral, com o objetivo de demonstrar, em suas singularidades, a qualidade memorialística, em que coexistem “categorias pessoais, profissionais, entre outras ainda mais detalhadas” (CUNHA, 2011, p. 102), quanto à organização, registro e armazenamento das lembranças. É válido ressaltar que, para além da justificativa das singularidades capturadas pelo meu olhar de usuária do Facebook, inserida e envolvida na prática de elaboração de minha própria linha do tempo quanto ao recorte das postagens analisadas, há a ênfase naquilo que Paul de Man assinala como “momento autobiográfico”. Parte-se, desse modo, do pressuposto de que a linha do tempo se constitui como a reunião de momentos autobiográficos, como devir, como fluxo e como virtualidade biográfica (ARFUCH, 2010 [2002], p.31), a fim de argumentar em favor da ideia de que a linha do tempo tende continuamente ao auto/biográfico.

4.1.1 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de MR

MAS NÃO TENHO DÚVIDAS, aliás, acho que é mesmo isso daí, do título, curadoria de si, acredito super nessa ideia, super mesmo: acho que a vida hoje se dá pelo campo da socialização online, eu sou o que eu compartilho numa versão moderna de Descartes.
(Resposta à pergunta 23 do questionário, MR)

Nesta seção foram elencadas 29 publicações de MR, do total de 174, do segundo semestre de 2014, mais especificamente de dezembro a julho, para fins analíticos. Não representando mero recorte quantitativo, as publicações selecionadas para a análise são apresentadas por retratarem situações típicas da vida pessoal de MR, como formatura de alunos, Natal, viagens e fotografias junto da família. Apresenta-se, a seguir, um exame mais verticalizado da linha do tempo da participante, que busca englobar postagens, cujo conjunto, ainda que recortado para os fins desta pesquisa, pode ser considerado parte de um projeto auto/biográfico mais amplo, o qual revela características comuns a outras formas pertencentes ao espaço biográfico (ARFUCH, 2010 [2002]), além de marcas auto/biográficas do indivíduo na rede social.

Interessa notar a crença de MR a respeito da exposição de traços auto/biográficos em sua linha do tempo, quando afirma que é aquilo que compartilha, em uma versão moderna de Descartes, em referência intertextual à proposição “Penso, logo existo”. Além disso, ao considerar que hoje a vida se dá no campo da socialização online, parece reconhecer a influência das redes sociais nas relações interpessoais e no jogo de composição auto/biográfica. Embora se saiba que as próprias condições de produção de uma autobiografia ou biografia em suas versões impressas em formato de livro, por exemplo, partem do apoio no substrato da memória, que é falível e não permite uma reconstituição completa e totalizante da experiência, na socialização online evidencia-se a demanda por uma seleção indexada de momentos a partir dos quais se possa arquivar a própria vida.

As Figuras 15 e 16 mostram publicações dos dias 31 e 24 de dezembro de 2014, vésperas de Ano Novo e Natal, respectivamente. Tais postagens são relevantes para demonstrar como se manifestam datas reconhecidas e celebradas por sua importância dentro do calendário anual ocidental e também pela demarcação de um ritual cujas origens são cristãs. A dimensão auto/biográfica de MR se faz perceptível, assim, nas marcas e nas tonalidades inscritas no modo como suas publicações tematizam a sucessão de eventos em sua própria vida e também na maneira como o discurso dessas publicações interpela quem lê sua linha do tempo. No caso de outra publicação feita, igualmente, no dia 24 de dezembro (Figura 17), MR expõe, através de um texto bem-humorado, o tempo que tem dedicado ao trabalho final de poesia, a ser entregue no fim do semestre daquele ano. Nessa publicação, evidenciam-se dois temas aos quais se pode

atribuir valorção auto/biográfica: a relação de MR com a escrita e também com a pós-graduação. Nota-se, ainda, que as publicações reproduzidas nessas referidas datas de dezembro movimentam o tratamento literário que MR confere à parte de suas publicações com textos de autoria própria; elemento que voltará a aparecer no conjunto de suas postagens na linha do tempo, como veremos adiante.

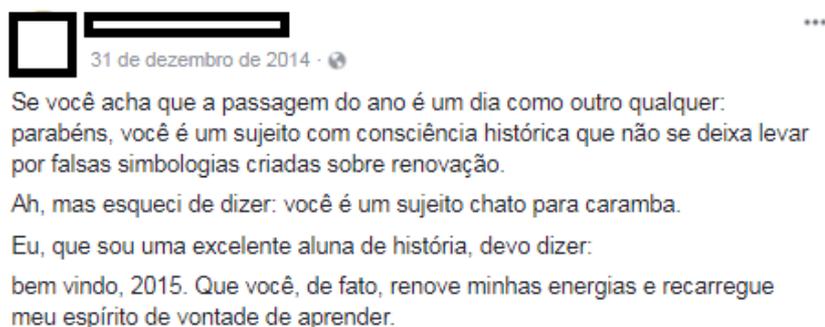


Figura 15 – Publicação de MR (31/12/2014)

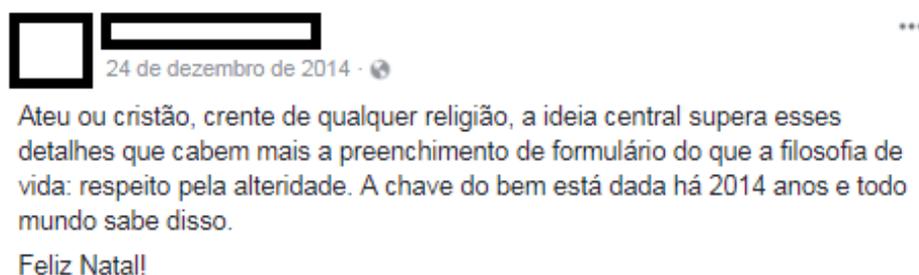


Figura 16 – Publicação de MR (I) (24/12/2014)

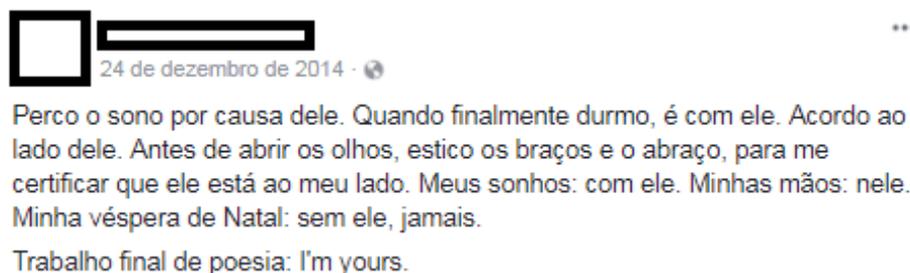


Figura 17 – Publicação de MR (II) (24/12/2014)

O gosto pela escrita também se notabiliza pelo compartilhamento do dia 22 de dezembro (Figura 18) que traz um link para o seu blog pessoal. O enunciado que contextualiza o compartilhamento, “Como 2014 carregou mais adeus do que olá.”, é uma sugestão para o que se pode esperar da leitura do texto publicado no blog. Sabemos que o compartilhamento é realizado de sua cidade natal, Batatais, porque o Facebook faz o destaque automático da localização de MR nessa postagem. Em relação aos procedimentos curatoriais discutidos no Capítulo I, nesse caso se concretiza um exemplo. Trata-se de um link que aponta para “fora” da

linha do tempo, mas que é encaixado em seu acúmulo de fragmentos, em um deslocamento espacial, de um *site* de criação de conteúdo pessoal para um *site* de rede social. Assim, tem-se confirmada a característica heterotópica da linha do tempo, isto é, espaço que concentra outros espaços, como uma das bases para a aglomeração de memórias e produção auto/biográfica.



Figura 18 – Publicação de MR (22/12/2014)

Pode-se estabelecer para a atribuição dos significados produzidos pelos participantes em suas linhas do tempo, como já asseverado, um paralelo com os diários íntimos ou como alude o jogo de palavras sugerido por Paula Sibilia (2008), *diário íntimo*, expressão esta cunhada para dar conta dos paradoxos de exposição da intimidade na internet⁹¹. Na Figura 19, MR faz uma colagem eletrônica de duas fotos pessoais. Em ambas as fotografias, ela está sentada diante de presépios que, pela leitura do enunciado em que ela própria contextualiza essas imagens, foram feitos por seu pai. Na primeira foto, percebe-se que MR se encontra ainda na infância, embora não consigamos saber com exatidão o ano em que ocorreu o registro visual. Na segunda imagem, já adulta, MR procura repetir a pose da primeira fotografia. Conseguimos saber, assim, que se trata da tentativa simultânea de reprodução e repetição de uma lembrança natalina anterior, motivada pelo fato de o pai de MR conseguir construir um presépio sempre maior do que ela para o Natal, o que se pode afirmar com base no enunciado de contextualização das fotografias.

A partir dessa publicação, também se observa que o passado se torna presente, em um investimento memorialístico gerado pelo próprio indivíduo, com base no expediente da curadoria digital. Esta se estabelece pela escolha das fotos a serem publicadas, articulando elementos díspares do ponto de vista espaço-temporal e produzindo, assim, um efeito de sentido comparativo entre momentos distintos, apesar de análogos. Em relação aos procedimentos

⁹¹ Embora a autora se refira aos *vlogs*, *blogs* e *fotologs* nessa consideração específica, acreditamos que é possível, neste caso, expandir essa atribuição às linhas do tempo do Facebook.

técnicos, é mobilizado de um arquivo pessoal de fotografias um elemento – caso da primeira fotografia – que digitalizada permite a montagem feita por MR dentro do PicCollage (editor de fotos), como vemos pela marca d'água no canto inferior direito da imagem. Em termos mais amplos, podemos afirmar que se trata de uma categoria *pessoal* de publicação, dentro de todas as categorias que coexistem na linha do tempo e que revelam sua densidade auto/biográfica. Neste caso, ainda, a apropriação de M.R para a composição dessa publicação não provém de arquivos outros ou de publicações de terceiros, mas de um acervo próprio.

Em suma, é importante enfatizar dois movimentos produzidos por essa publicação, sendo o primeiro no plano da imagem e o segundo no plano da constituição de fios narrativos de caráter memorialístico. Quanto ao primeiro movimento, há a montagem de duas imagens que se repetem em sua diferença, uma vez que possuem a mesma estrutura – são retratos de MR em poses semelhantes em frente a um presépio – apesar de comportarem algumas alterações. Estas alterações são representadas, por exemplo, por um momento da infância e outro da vida adulta, por um presépio pequeno e outro grande, e pela própria circunscrição da passagem do tempo. Quanto ao segundo movimento, embora os presépios não sejam o mesmo objeto concreto, tanto conceitualmente como afetivamente se instituem tal qual um elemento de repetição. Trata-se do presépio familiar, um elo de um tipo de afetividade entre MR e seu pai, que tende à sua apreensão como objeto biográfico (BOSI, 2003, p. 26). Ainda que não exista uma relação concreta de contiguidade entre os presépios das duas imagens, cria-se um *efeito de contiguidade*; efeito de sentido este proporcionado pela justaposição e pelos paralelismos entre “a menina” e “a adulta”, o “presépio pequeno/velho” e “presépio grande/novo”.

Cabe trazer à análise o exemplo da Figura 20 para apontar o fato de que se trata de uma publicação datada do mesmo dia, 8 de dezembro de 2014, sobre uma temática completamente diferente e que remete à outra categoria, que poderíamos chamar de *profissional*. Como professora, M.R relata nessa postagem o planejamento de sua última aula do ano no curso pré-vestibular no qual trabalha. Em seu texto, os interlocutores principais são seus alunos, para os quais expõe o desejo de dar uma aula aprofundada com o respaldo de filósofos como Giorgio Agamben e Michel Foucault. Além disso, por se tratar da última aula do ano, um registro a seu respeito parece ser considerado necessário por parte de MR, porque determina, frente às aulas anteriores, a demarcação do fechamento do ano letivo.



Figura 19 – Publicação de MR (I) (08/12/2014)



Figura 20 – Publicação de MR (II) (08/12/2014)

Se seguimos pela barra de rolagem de MR, encontramos uma publicação do dia anterior, 7 de dezembro de 2014 (Figura 21), cuja função é a divulgação do trabalho artístico e artesanal de seu pai na produção de acessórios: “Artes batatenses do papi”. Neste caso, trata-se de um registro fotográfico de algumas das peças manufaturadas por ele. A partir da leitura do enunciado que contextualiza a fotografia, é possível saber qual a cidade de origem de M.R., Batatais, aspecto relevante em termos de vestígio auto/biográfico ou de projeto auto/biográfico, uma vez que se revela nesse dado o lugar onde MR passou sua infância e adolescência e para onde retorna, quando não está em Campinas, cidade onde estuda e trabalha.



Figura 21 – Publicação de MR (07/12/2014)

Na Figura 22, outro tipo de procedimento curatorial é mobilizado: o compartilhamento. Deve-se destacar, neste caso, que ao compartilhar um link do *site* Brasil Post, vinculado a uma matéria intitulada “22 livros escritos por mulheres que todo homem deveria ler”, MR apresenta uma indicação que corresponde a um interesse pessoal e também se dirige a interlocutores específicos: os homens com quem tem vínculo de amizade, nos moldes como esta relação é entendida dentro de uma rede social como o Facebook. Além disso, pode-se relacionar essa publicação à temática do feminismo, reconhecidamente um tema que MR costuma publicar com mais frequência, conforme explicita em uma de suas respostas ao questionário proposto aos participantes da investigação: “Sem dúvidas: **feminismo**, coisas

relativas à **educação e humor**, bem ruim inclusive.” (Resposta à pergunta 7 do questionário, MR; grifo meu)

Ainda nesse mesmo caso, podemos observar de que modo é realizada a apropriação de um enunciado que se reflete no horizonte de expectativas imposto pelo espaço biográfico, isto é, dentro de uma leitura que corresponde a certa densidade biográfica. Para embasar este aspecto da análise, mobiliza-se a noção bakhtiniana de presumido. Se compreendermos e assumirmos de forma genérica a publicação como um “enunciado concreto” dentro da cadeia dialógica formada pela linha do tempo, podemos, por extensão, entender que ele compreende tanto o elemento daquilo que é percebido e, portanto, realizado verbalmente, como aquilo que é presumido, isto é, “o não-dito, mas que está lá, sustentando, constituindo e sendo constituído pelo dito” (CORRÊA; RIBEIRO, 2012). Assim, o não-dito nos “fala” acerca da expressão do feminismo de MR, que se concretiza a partir de uma *escolha* própria da atividade curatorial engendrada pela linha do tempo, de uma indicação, dirigida aos homens, de uma lista de livros escritos por mulheres



Figura 22 – Publicação de MR (02/12/2014)

Na Figura 23, observa-se uma publicação de 29 de novembro de 2014, que nos permite notar um mecanismo de recontextualização caracterizado pela associação entre uma imagem do calendário do mês de dezembro, em que há destaque para o dia 19, quando as férias de MR se iniciariam e o trecho da música “Amor perfeito”, na qual o eu lírico se dirige a alguém

por quem está apaixonado. Ao realizar essa associação inesperada com o trecho em questão, o sentido produzido é outro: aquele de uma ansiosa espera pelas férias escolares que estão por vir. Nesse caso, o paralelo com o diário fica estabelecido, uma vez que se expressa um sentimento sobre uma ocasião futura naquele momento.



Figura 23 – Publicação de MR (I) (29/11/2014)

Seguindo com um registro diferente da mesma data (Figura 24), observa-se uma publicação que incorpora um fechamento de ciclo a um relato pessoal. Em termos temáticos, trata-se tanto de uma categoria *pessoal* quanto *profissional* de postagem. O relato pessoal diz respeito ao final de semestre atribulado e à falta de tempo para entrar na rede social, enquanto expressa seu papel como paraninfa da primeira turma de terceiro ano formada no colégio onde trabalha. Em posição de homenageada na formatura desses alunos, ela dirige um texto a eles, seus interlocutores diretos, acompanhado de duas fotografias em que ela aparece junto deles, de quem anuncia que sentirá saudade. Destaca-se, nesta publicação, o caráter emotivo relacionado ao campo profissional e ao vínculo que construiu com a turma de alunos daquele ano. A realização dessa postagem pode ser justificada também pela própria seleção de público que MR faz, em termos profissionais, e pela sua preocupação em relação à recepção que suas publicações terão, como se comprova nas falas reproduzidas a seguir:

Não, minhas postagens geralmente são públicas: é a ideia de que meu facebook é uma vitrine do meu trabalho (Resposta à pergunta 6 do questionário, MR; grifo meu)

Sim e cada vez mais, haja vista que tenho muitos alunos nas minhas redes sociais e imagino que eu deva ser sempre um exemplo pra eles (Resposta à pergunta 5 do questionário, MR; grifo meu)



Figura 24 – Publicação de MR (II) (29/11/2014).

Um episódio aparentemente banal, tal qual uma aula de zumba, também é relatado de um modo particular por MR (Figura 25), quando estabelece uma narrativa do seu dia em que várias nacionalidades se encontram. Algo a se destacar, nessa postagem de 25 de novembro, é o fato de ela marcar um amigo, funcionalidade promovida pela própria rede social, para realizar a postagem. Essa é uma forma de vincular o perfil da amiga, por meio do seu nome, que também é um link para o seu perfil, aos eventos do dia relatado; procedimento curatorial também listado no Capítulo I. Já a publicação de 28 de outubro (Figura 26) remete a uma reflexão sobre a

própria participação no Facebook, na qual uma postura diferente é exposta, porque não se privilegia a argumentação, mas a ruptura com vozes discordantes, como aquelas que expressam “xenofobia” e “burrice”, de acordo com MR A Figura 27, por sua vez, apresenta a publicação de um episódio da vida cotidiana, nos moldes de um relato, cujo procedimento curatorial também listado no Capítulo I. Esse episódio parece refletir uma característica de MR, herdada de seu pai: “errar, até quando acha que acerta”. Em se tratando de um pequeno diálogo, trata-se também, do que poderíamos considerar como uma *small storie* (GEORGAKOPOULOU, 2015; PAGE, 2010).

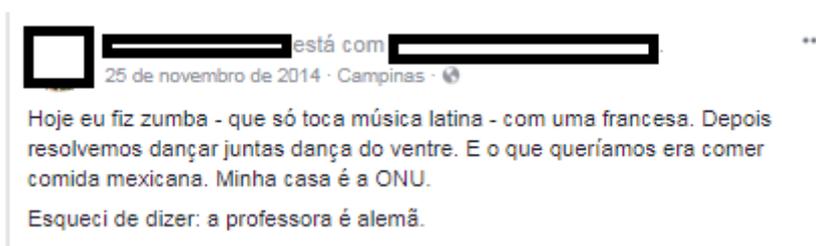


Figura 25 – Publicação de MR (25/11/2014)



Figura 26 – Publicação de MR (28/10/2014)

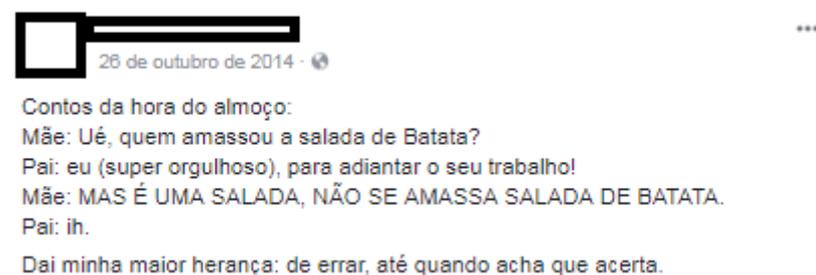


Figura 27 – Publicação de MR (26/10/2014)

A Figura 28 é ilustrativa de uma publicação que engloba outro procedimento curatorial: publicar pensamentos ou citações de autores de áreas diversas. Nesse caso específico, trata-se de um desenho de Orlando Pedroso, acompanhado dos dizeres “Já fui fofo, já fui rude. Em cada situação fiz o melhor que pude”. Há, nessa publicação, um procedimento de contextualização interessante, que se dá a partir do *enunciado contextualizador*, podemos

chamá-lo assim, de MR, quando se apropria dessa imagem para dizer que Orlando Pedroso a representa. Trata-se, pois, de emprestar uma voz outra para que esta componha e seja incorporada à sua própria voz. Isso é realizado com base em um procedimento de colagem que se assemelha àquele do *scrapbook*, como livro de recortes e também como técnica de personalização dos mais diversos materiais que possam ser colados e guardados/arquivados no interior de um livro, que neste caso se reconfigura na linha do tempo.



Figura 28 – Publicação de MR (23/10/2014)

Nas Figuras 29, 30 e 31, que destacam publicações do mês de outubro de 2014, há o privilégio de textos de autoria própria. Diferentemente do que ocorre em um compartilhamento, quando há apropriação de conteúdo alheio, existe a configuração de uma prática de escrita semelhante a dos diários íntimos que, neste caso, como já dito, tornam-se *éxtimos* e tratam dos mais diversos e variados assuntos, com a singularidade dos estilos individuais.

Na publicação do dia 20 de outubro (Figura 29), aparece uma referência explícita ao contexto sócio-político da época. Em 2014, a disputa entre Dilma Rousseff e Aécio Neves, a falta d' água no estado de São Paulo sob o governo de Geraldo Alckmin, a seca que provocava

incêndios e outras situações mais triviais como o calor excessivo e o horário de verão se misturam como numa entrada datada de diário, para subsidiar também uma crítica possível à distribuição de opiniões sobre esses assuntos que se dava, àquela época, dentro e fora da internet. Assim, em um jogo de palavras, que consiste em misturar os termos ignorância e ego, MR dá sentido à “egonorância”, termo cunhado a partir de um processo de composição por aglutinação na formação da palavra, que poderia ser interpretado como ignorância provocada pelos egos.

Voltando ao dia 8 de outubro (Figura 30), percebe-se como a publicação do dia 20 do mesmo mês representa, mais tarde, sua continuidade, uma vez que lidas em conjunto referem-se à mesma temática dos egos, das eleições e da ignorância⁹². Para além dessa repetição de caráter ideológico, deve-se observar também que a paisagem social mais ampla, promovida pelas eleições⁹³, motiva reflexões individuais no mês em que ocorreram os dois turnos das eleições presidenciais. Nessas eleições, teve relevo o uso das redes sociais tanto por parte dos cidadãos brasileiros como por parte dos candidatos, em termos de apropriação para fins de discussão e debate político. O Facebook, por exemplo, passou a ser instrumento de disputa de “narrativas eleitorais” em uma paisagem ocupada, predominantemente, pela televisão na arena das campanhas⁹⁴. Entre as considerações, misturam-se os relatos sobre a tela de computador quebrada e o vestibular dos alunos de MR, que se aproxima, além de uma opinião sobre a própria rede social e sua capacidade de se tornar um espaço de reverberação da ignorância alheia. Este fato leva MR a formalizar sua posição a respeito da importância da argumentação, o que remete ao mesmo tempo ao que espera de seus alunos, como professora.

Com uma função distinta, a postagem do dia 4 de outubro (Figura 31) combina um enunciado que poderia ser lido como uma não aceitação presumida que MR tinha do tamanho de seu pé, algo muito pessoal e particular e, ao mesmo tempo, um anúncio de venda de seus sapatos apertados. É possível perceber como essa não aceitação já está superada e demonstrada pela ação de se desfazer desses calçados. Embora aparentemente trivial, trata-se, mais uma vez,

⁹² Pontuo aqui o fato de que a leitura de algumas palavras como termos-chave, embora não usadas pela autora como hashtags, por exemplo, acabam funcionando, em minha análise, como indexadoras.

⁹³ A propaganda eleitoral teve início em 6 de julho de 2014, o primeiro turno ocorreu no dia 5 de outubro e o segundo turno no dia 26 de outubro. Esse período também justifica o recorte dos dados, considerando o segundo semestre de 2014.

⁹⁴ “Até 2010, as redes sociais eram, na melhor das hipóteses, apenas complementares nas campanhas, que estavam focadas basicamente na televisão. Mas agora há uma campanha sendo realizada nas redes sociais, que se tornaram um espaço fundamental”, afirma o sociólogo Leonardo Avritzer, da Universidade Federal de Minas Gerais.” Trecho da matéria “Redes sociais crescem, mas não definem eleição”. Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/redes-sociais-ganham-importancia-mas-ainda-nao-definem-eleicao-5440.html>. Acesso em 21/02/2014.

de um acontecimento que deixa um vestígio escrito e permite saber um pouco mais sobre MR, devido às escolhas que faz dos rastros digitais que busca tornar permanentes.

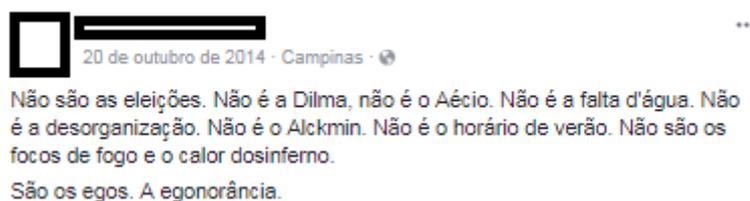


Figura 29 – Publicação de MR (20/10/2014)

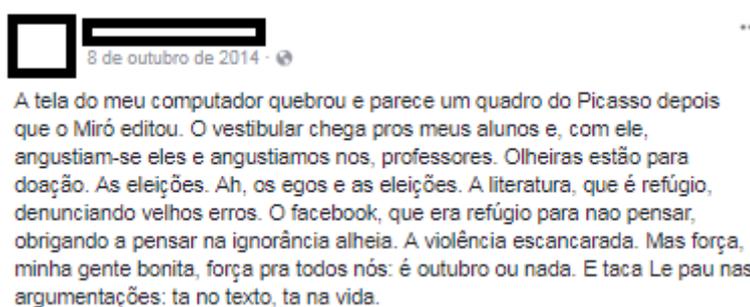


Figura 30 – Publicação de MR (08/10/2014)

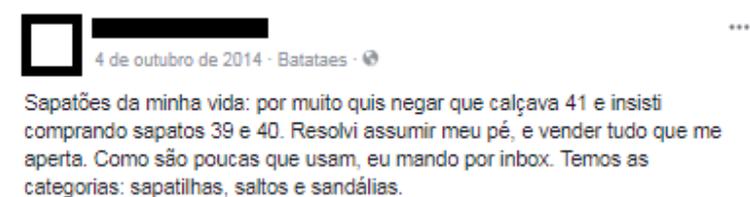


Figura 31 – Publicação de MR (04/10/2014)

As publicações de 2 de outubro (Figura 32), 25 de setembro (Figura 33) e 15 de setembro (Figura 34) encaixam-se na categoria temática *profissional*, porque têm em comum relatos de experiência de MR como professora. A postagem do dia 2 de outubro caracteriza um dia de aula difícil que se transforma em grata surpresa pela postura dos alunos. Além disso, o texto funciona também como um aviso aos alunos que lhe enviaram mensagens para dizer que no dia seguinte responderá a todos. Outro elemento a se apontar é o fato de que MR dá aula em Piracicaba, algo que só nos é permitido identificar, porque ela escolhe assinalar o nome da cidade onde leciona. Já a postagem do dia 25 de setembro, acompanhada de um conjunto de fotografias do livro com as melhores redações do vestibular Unicamp 2013 é uma entrada que mobiliza a memória de um de seus alunos, o qual, em 2014, mostra-lhe que sua redação foi selecionada para a publicação nesse caderno. Ao mesmo tempo, essa postagem produz o sentido

de gratidão pelo reconhecimento do ex-aluno e uma maneira de parabenizá-lo por alcançar esse feito. A publicação do dia 15 de setembro, por sua vez, apresenta uma reflexão sobre os alunos. Interessa perceber que, se lidas em conjunto, estabelecem uma relação de consistência e de repetição sobre acontecimentos significativos na vida profissional de MR e funcionam como um modo de expressão ao mesmo tempo subjetivo e auto/biográfico dessa parte importante de sua vida. Nesse *falar sobre/de si*, MR vai construindo algumas confidências a respeito dos percalços e dos prazeres de se lecionar.

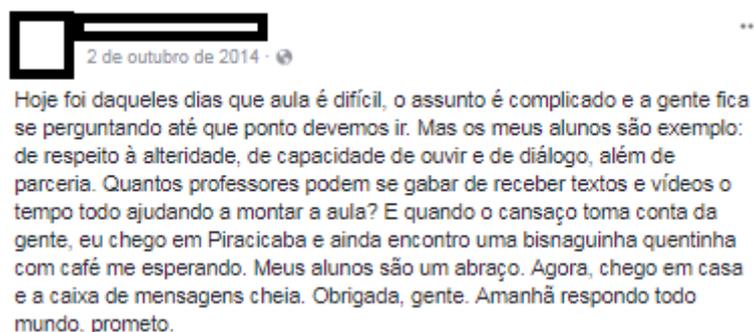


Figura 32 – Publicação de MR (02/10/2014)

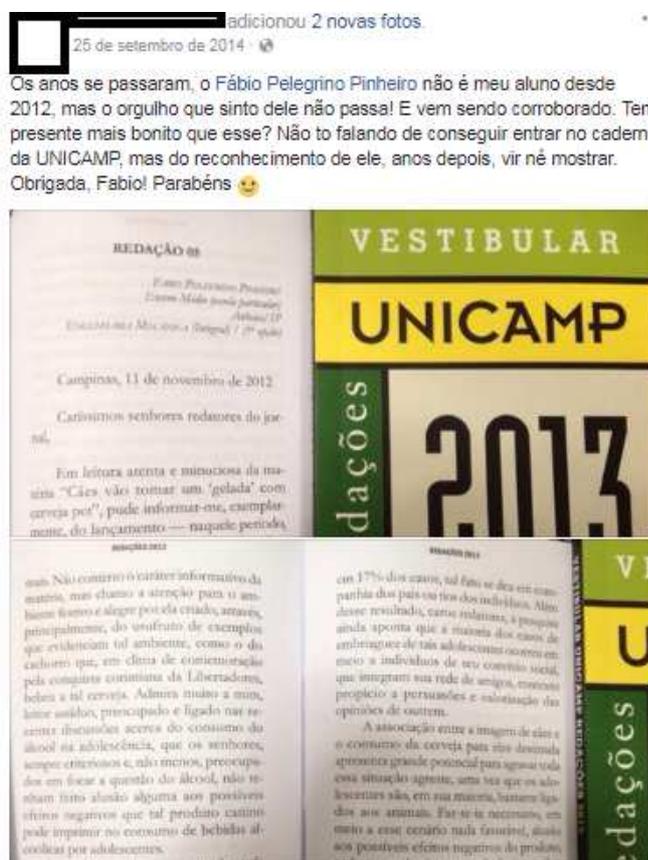


Figura 33 – Publicação de MR (25/09/2014)

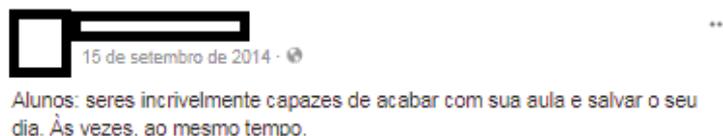


Figura 34 – Publicação de MR (15/09/2014)

A publicação de 10 de setembro (Figura 35), como mais um dos fragmentos da linha do tempo de MR, reserva um relato que se assemelha a uma pequena crônica de teor político, porque é motivada pelo fato cotidiano de se dirigir na Anhanguera, quando se encaminha ao trabalho. MR manifesta, nesse exemplo, sua perspectiva subjetiva e oferece ao leitor dessa publicação algo que não é percebido *a priori*, revelando, por meio de uma metáfora, aquilo que parece invisível, para levar as pessoas a interpretarem aquilo que está à sua volta. Quanto à paisagem social mais geral, é possível perceber também como um registro de memória individual é influenciado e, pode-se afirmar, motivado, pelo momento sócio-político de 2014, no que tange à menção da candidata à presidência nas eleições daquele ano, Marina Silva.

De modo análogo, a publicação do dia 9 de setembro (Figura 36) aparenta ser motivada pelo que MR visualiza em seu Feed: o compartilhamento de postagens relativas às classificações de determinadas universidades públicas brasileiras. A proliferação de postagens dessa natureza leva MR a publicar uma crítica e uma reflexão. A crítica se dirige ao fato de que esse tipo de ranqueamento não traz nenhuma espécie de conquista material a quem estuda nas universidades mais bem ranqueadas. Aproveitando-se disso, ela também apresenta uma reflexão sobre o mérito individual de quem estuda nas universidades mencionadas, a partir da escolha do candidato na votação do mês seguinte, escolha esta que poderia influenciar efetivamente o futuro das universidades públicas brasileiras, muito mais do que um ranking.

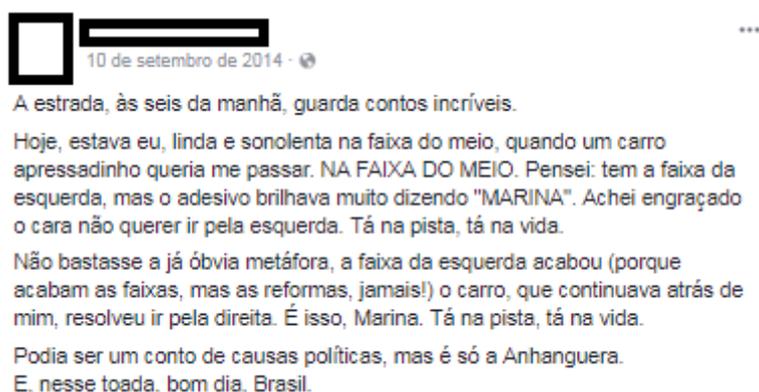


Figura 35 – Publicação de MR (10/09/2014)

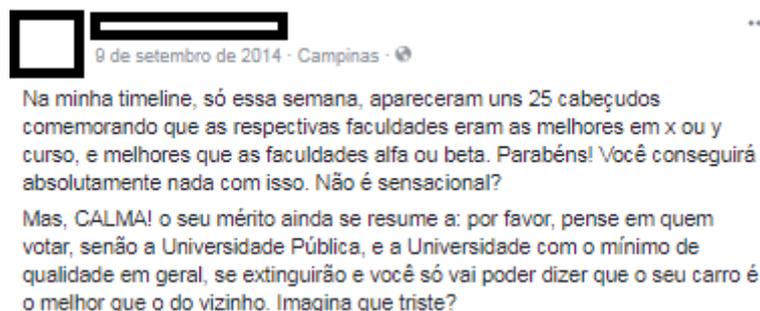


Figura 36 – Publicação de MR (09/09/2014)

A publicação do dia 8 de setembro (Figura 37) é fruto de um compartilhamento, que já apontamos aqui como um dos procedimentos de curadoria digital da linha do tempo para a composição e reflexo da dimensão subjetiva e auto/biográfica do indivíduo. A operação curatorial mobilizada nesse exemplo é o compartilhamento de links de vídeos, notícias, memes e gifs. Por meio dela, MR compartilha um vídeo do canal “Porta dos Fundos”, cujo conteúdo humorístico se refere aos pedidos que Deus atende dos fiéis. No entanto, o ponto que interessa à análise é o fato de que MR se utiliza do enunciado “Teu corpo, tuas regras”, frase final do vídeo em questão, destacando-o do contexto do vídeo e apropriando-se dele. Ademais, ao elogiar a genialidade do vídeo e trazê-lo para sua linha do tempo, MR demonstra concordância com seu conteúdo, uma vez que registra seu conteúdo em iniciar a semana depois de assisti-lo. Ressalta-se, assim, os movimentos que MR faz, em relação a uma das temáticas relevantes em seu perfil, o feminismo, trazendo isso para o seu cotidiano pelo compartilhamento de um vídeo, cujo link cria a ligação entre o que está *fora* e *dentro* da linha do tempo.



Figura 37 – Publicação de MR (08/09/2014)

A Figura 38 apresenta uma publicação do dia 5 de setembro de 2014, em que MR posta uma foto sua acompanhada de seu irmão, cujo primeiro nome é Georges. A fim de manifestar sua saudade, ela apresenta uma lista de outros Georges famosos, para dizer que

trocaria todos por seu irmão. Pode-se dizer que é uma maneira de equipará-lo ou colocá-lo acima de todos os outros listados. Se pensarmos em uma categoria temática, trata-se novamente de uma publicação de natureza *pessoal*, mais especificamente relacionada ao núcleo familiar de MR.

A publicação de autoria própria do dia 13 de agosto de 2014 (Figura 39) faz referência a um dos eventos políticos daquele ano eleitoral: a morte de Eduardo Campos, presidenciável do PSB, após queda de avião no litoral paulista. É possível, então, perceber que se trata da expressão de uma visão de mundo, do ponto de vista da questão tematizada, porque nela MR afirma que fazer piada de qualquer natureza com uma tragédia fará com que ela duvide do caráter de quem, podemos supor pela interpelação, relaciona-se com ela por meio da rede social. Novamente, trata-se de um exemplo que reflete a memória social e o contexto sócio-político da época e a maneira como ambos são subjetivados pelos indivíduos e podem contar um pouco de quem são e de como se posicionam, revelando, assim, disposições auto/biográficas.

A publicação de 10 de agosto de 2014 (Figura 40) também se enquadra na categoria temática *pessoal*. Por ocasião da data comemorativa do Dia dos Pais, MR publica uma foto dela junto de seu pai para homenageá-lo. Além da homenagem proposta pelo texto que escreve para postar junto com a foto, ela também se aproveita do procedimento curatorial que tem por base marcar amigos em uma publicação.

Por sua vez, a publicação de 2 de agosto de 2014 (Figura 41) ilustra um processo de entextualização (BLOMMAERT, 2008), em que um trecho da música de Janis Joplin compartilhada por meio de um vídeo da plataforma YouTube é destacado por MR. Destituído de seu contexto completo, pode-se assim dizer da letra integral da música, acaba por funcionar como uma citação, como escolha da parte mais significativa para MR e que, por essa razão, merece destaque. Para Blommaert (2008), essas movimentações de textos por diferentes contextos constituem-se como práticas contínuas de entextualização. Em termos estritamente ligados ao âmbito desta pesquisa, pode-se dizer que a curadoria digital permite a efetuação de recontextualizações de naturezas diversas, dentre as quais a mais geral se situa no movimento de *fora para dentro* da linha do tempo individual. O compartilhamento de link, uma das atividades elementares da curadoria, promove e favorece essa movimentação de ir para fora do *site* e voltar para comentar. Além do mais, outras sub-operações curatoriais tendem a concretizações mais específicas, ligadas a deslocamentos de extratos textuais, para dar ênfase à parte extraída e apresentada em destaque, como é o caso do trecho da música posto em evidência junto do compartilhamento do vídeo com a música de Janis Joplin.

A publicação do dia 23 de julho de 2014 (Figura 42) é particularmente interessante à análise porque se vale, de novo, do procedimento de colagem, para reconstituir uma trajetória da infância à vida adulta, em poses que MR faz questão de repetir. As imagens em sequência criam o efeito de mudança temporal em termos narrativos e de passagem do tempo em termos emocionais e afetivos. Ademais, ocorre nessa publicação a inversão do tempo cronológico, em um jogo que aponta para uma temporalidade mais memorialística, do presente para o passado; observa-se, assim, um movimento de rememoração, porque o ponto de partida é o presente. Vale, neste caso, lembrar a Figura 15 que abre esta seção de análise e que nos permite identificar também a repetição, porque esse tipo de procedimento, de colocar lado a lado fotos da infância e repetir as poses empregadas antes, é algo que MR reitera, o que pode se configurar como um modo de lembrar, de rememorar. Seu enunciado, “Aos 25, aos 13, aos 3”, contextualiza-nos para os momentos em que as fotos foram tiradas; sem ele, não poderíamos chegar a essa informação. Assim como os objetos visualizados em uma exposição, legendados para dar aos visitantes o contexto necessário para um entendimento mais amplo dos elementos e para uma ingerência sobre seu olhar, o enunciado de MR fornece-nos esse direcionamento.

[Redacted] [Redacted]
5 de setembro de 2014 · 🌐

Georges Bataille,
George Orwell,
George B. Shaw,
George Harrison,
Giorgio Agamben,
George Berkeley,
Georg W. F. Hegel,
Georges Méliès,
George Clooney
George Foreman Grill,
Giorgio Armani.

Troco todos pelo Georges [Redacted] Saudades, irmão.



Figura 38 – Publicação de MR (05/09/2014)

[Redacted] [Redacted]
13 de agosto de 2014 · 🌐

Qualquer tipo de relação feita entre uma tragédia e uma piada - cair, etc e tal - vai me fazer desconfiar do seu caráter.

Figura 39 – Publicação de MR (13/08/2014)

[Redacted] [Redacted] está com [Redacted]
10 de agosto de 2014 · 🌐

As melhores coisa da minha vida acontecem ao lado dele. Meu pai é foda. ❤️
E o dia dele é todos os dias em que tiver pôquer, charuto, churrasco e muito amor. Te amo, pipones.



Figura 40 – Publicação de MR (10/08/2014)

[Redacted] [Redacted] está com [Redacted]
2 de agosto de 2014 · 🌐

A man and a woman have each other, baby,
To find their way in this world.
I need you, darling, like the fish needs the sea.



Call on Me - Janis Joplin

Disponível em HD

YOUTUBE.COM

Figura 41 – Publicação de MR (02/08/2014)

[Redacted] [Redacted]
23 de julho de 2014 · 🌐

Aos 25, aos 15, aos 3.



Figura 42 – Publicação de MR (23/07/2014)

As publicações de 14 e 5 de julho (Figuras 43 e 44, respectivamente) se enquadram na categoria temática pessoal, mais especificamente em uma categoria que se poderia classificar como “*viagens*”. Na Figura 43, podemos notar que a publicação mobiliza certos procedimentos curatoriais, porque marca outras pessoas (seus familiares), publica foto de sua família e faz check-in no Parque da Ferradura, na cidade de Canela, Rio Grande do Sul. Já na Figura 44, podemos observar uma fotografia das malas de MR, que por ocasião das férias de julho voltará à casa de seus pais. O texto se dirige à sua mãe, pedindo que ela prepare o café, porque há um doutorado para escrever.



Figura 43 – Publicação de MR (14/07/2014)



Figura 44 – Publicação de MR (05/07/2014)

A partir da análise da linha do tempo de MR, podemos inferir de que modo a natureza intersubjetiva e dialógica do discurso se materializa. Como memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas (FOUCAULT, 1992), as publicações discutidas nesta seção também evidenciam sua aproximação com os *hypomnemata*. Pode-se asseverar, portanto, que esse conjunto de publicações sempre tenderá ao auto/biográfico e, *auto*, aqui, não se trata de uma imaginação consciente do indivíduo, como se vem buscando defender ao longo do texto desta tese. Em outras palavras, esse conjunto de publicações não representa um programa planejado, por parte de MR, a fim de propor sua auto/biografia, mas de um desenrolar de materiais que têm como sua constância a fixação de um ponto de vista sob a instituição do nome próprio (BORDIEU, 1986) ou, mais recentemente, sob a designação de um perfil individual: um ponto estável em uma interface sempre passível de acúmulo como é a linha do tempo.

Assim, a linha do tempo põe em relevo alguns mecanismos curatoriais específicos, como o compartilhamento de textos de autoria própria, dentre os quais se faz perceber algumas intenções literárias de MR. Alguns temas também se movem em direção à repetição. É o caso, por exemplo, da questão profissional, que aparece como um dos motes recorrentes e, além disso,

da dimensão familiar e do registro de viagens, seja com a família ou para casa dos pais, em Batatais. Há, ainda, o uso de fotografias e de montagens fotográficas. Alguns termos-chave, que em minha leitura servem como índices da projeção biográfica construída. Por fim, deve-se ressaltar a alternância de interlocutores (alunos, homens, pai, mãe, geral/universal), em um movimento que, diferentemente da intimidade pressuposta por um diário íntimo, cujo interlocutor seria o próprio autor do diário, acontece em direção ao exterior.

4.1.2 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de AP

Uma narrativa sim, embora em meu caso não imagine que seja das mais organizadas: há núcleos que se repetem muito, e isso pode produzir “narrativa”. Agora, sobre minha “personalidade”... isso não sei e, na verdade, eu achava que esse conceito já estava em desuso. O que isso quer dizer mesmo? Persona, representação social de si/do self?(Resposta à pergunta 23 do questionário, AP)

O perfil de AP, no segundo semestre de 2014, destaca-se por uma particularidade: o uso de uma espécie de *tagging* para organizar suas publicações. Por *tagging*, entendo o emprego de enunciados que funcionam como rótulos e/ou etiquetas. No entanto, em seu sentido mais usual, *tagging* é uma forma de organização e classificação de informações na *Web 2.0*, que utiliza palavras-chave – também chamadas de *tags* ou metadados – para relacionar informações semelhantes. Essa organização é significativa, porque esses enunciados vêm a repetir-se, tratando, sob seu domínio, o mesmo conteúdo e/ou componente temático, fato que confere certa sistematização à expressão de si na linha do tempo de AP. Devido a essa característica distintiva e singular encontrada na primeira verificação dos dados desse perfil, optei por incursionar nesta análise a partir dela. Foram analisadas 51 publicações, do total de 642 conteúdos discursivos presentes na linha do tempo de AP, no período de julho a agosto de 2014.

Embora não deixemos de considerar o eixo cronológico para a análise da linha do tempo de AP, em suas relações com datas reconhecidas e celebradas socialmente, por exemplo, acreditamos ser igualmente importante evidenciar a formação de determinados agrupamentos, isto é, de conjuntos temáticos de tags ou temas, como representação de algumas das repetições enunciativas e rotinas que se estabelecem no segundo semestre de 2014. Isso se deve ao fato de que as inclinações de leitura foram demandadas pela própria singularidade desse perfil específico e conduziram, assim, esse caminho analítico, que se tornará claro, conforme o que se espera, a seguir.

Ao observar a linha do tempo de AP no segundo semestre do ano referido, encontram-se algumas repetições enunciativas, como já mencionado. A título de exemplificação, dentre elas, pode-se citar: “Atenção, alunos de Letras”; “Na foto, posso ser visto [...]”; “Gás Hilariante”; “Happy New Ear”; “#COPADASCOPAS”; “#DILMA2014”, entre outras. Existe, ainda, a recorrência de fotos que expressam erotismo, sexualidade e nudez. Nesse sentido, pode-se constatar a exemplificação do que o próprio participante assinala como “núcleos que se repetem muito” e que podem, conseqüentemente, produzir “narrativa”. Além dessas repetições, apresentadas e comentadas a seguir, também se visualiza o que aqui escolho chamar de vestígios auto/biográficos, por estabelecerem alguma relação com o fio da memória ou com o cotidiano do usuário do perfil.

Ainda, em relação à perspectiva do participante acerca da organização narrativa, é interessante observar que ele não considera que essa narrativa seja das mais organizadas. Sua concepção de narrativa a partir da pergunta do questionário, assim, parece pressupor uma possibilidade mais tradicional de narrativa, sem que esta invoque outros e complexos meios de narrar, como aqueles das *small stories* (GEOGAKOPOULOU, 2015; PAGE, 2010), por exemplo. Ora, realizar uma curadoria é também uma maneira de narrar, ainda que, de início, nosso olhar possa pensar em uma antinarrativa, considerando esta como “narrativa sem encadeamento lógico aparente, que não segue o fluxo do raciocínio linear”⁹⁵.

O primeiro conjunto de publicações descrito nesta análise configura-se, por si só, como um núcleo de repetição (Figuras 45, 46, 47, 48 e 49). As três publicações de 26 de dezembro apresentam a tag “Happy New Ear”, que demarca o fechamento do ano de 2014. Além disso, são três fotos que compartilham a temática do erotismo, da sexualidade e da nudez, todas elas imagens em branco e preto, com estética bastante semelhante. Dentre as temáticas que AP identifica no questionário autoaplicado como sendo mais frequentes em suas postagens estão “arte, literatura e política” – conforme resposta à pergunta 7 –, assim, pode-se relacionar esse conjunto de fotografias como pertencentes ao domínio artístico. A publicação de 25 de dezembro, por sua vez, tem estética distinta, mas ainda se associa à mesma tag proposta por AP, sendo angariada pela mesma rotina de repetição. As outras duas publicações de 25 de dezembro são classificadas sob a mesma tag: “HOHOHO É Natal Aniversário de Jesus Filho de Deus” (Figuras 49 e 50). Ambas fazem referência à celebração social de uma data cristã, mas têm a tônica da ironia, compondo esse traço da subjetividade e, por que não dizer, da personalidade de AP. A imagem que aborda a nudez feminina, é recontextualizada e desviada

⁹⁵ <http://www.aulete.com.br/antinarrativa>. Acesso em: 13/05/2018.

para demarcar o Natal. Nota-se, ainda, uma intersecção nesse conjunto, entre as imagens de nudez que compõem o primeiro conjunto aqui analisado, em termos de estética, e a sua classificação com a tag sobre o Natal. *Damaged*, por sua vez, é o primeiro álbum da banda estadunidense de hardcore punk, o que confere, do mesmo modo, distanciamento da celebração cristã e uma maneira de subverter seu contexto “original”, ressignificando-o como forma de ironia.



Figura 45 – Publicação de AP (I) (26/12/2014)



Figura 46 – Publicação de AP (II) (26/12/2014)



Figura 47 – Publicação de AP (III) (26/12/2014)



Figura 48 – Publicação de AP (I) (25/12/2014)



Figura 49 – Publicação de AP (II) (25/12/2014)



Figura 50 – Publicação de AP (III) (25/12/2014)

A fotografia que aparece na publicação de 20 de dezembro (Figura 51) contém a tag “Na foto, posso ser visto”, que em um processo de automusealização (RENDEIRO; RIBEIRO, 2017, n.p), funciona como enunciado classificatório, em uma dinâmica de indexação criada por AP, para organizar sua linha do tempo. No caso, uma máscara cobre seu rosto e a fotografia foi registrada por um amigo, que é marcado na postagem. As tatuagens de AP, que se fazem notar na fotografia, podem ser apontadas como marcas identitárias do indivíduo, ainda que seu rosto esteja coberto, configurando-se como inscrições corporais singulares que podem ter caráter auto/biográfico por serem essas e não outras as marcas escolhidas em sua trajetória existencial para se acomodarem em seu suporte-corpo.

Fazendo uso da mesma tag, “Na foto, posso ser visto”, AP elenca uma fotografia em preto e branco, que não é uma imagem pessoal ou própria, mas da qual se apropria para enunciar o momento do dia anterior, data de seu aniversário, em que relata que um de seus amigos desistiu de lhe presentear com um livro depois de começar a lê-lo (Figura 52). A postagem do dia 19 de dezembro serve também ao propósito de agradecer àqueles que, por diferentes meios, parabenizaram AP pelo seu aniversário. A sugestiva frase “todos seremos esquecidos, é muito bom ser lembrado”, com a qual sintetiza seu agradecimento, também pode ser aproveitada como metáfora de sustentação de uma análise mais ampla sobre a linha do tempo de uma rede social como o Facebook, no que diz respeito à tentativa de fixação da existência que representa para os indivíduos que nela expõem os mais variados tipos de fragmentos.



Figura 51 – Publicação de AP (20/12/2014)



Figura 52 – Publicação de AP (19/12/2014)

A Figura 53 representa a aparição da tag “GÁS HILARIANTE”, que fundamenta um núcleo da curadoria realizada por AP em sua linha do tempo, segundo sua classificação pessoal. Sob essa tag, ele reúne notícias que considera, de alguma forma engraçadas. É possível fazer essa inferência justamente pela qualidade da repetição e do teor temático das notícias que agrupa sob o enunciado “gás hilariante”. Veremos, no conjunto de publicações de novembro, a reiteração dessa mesma tag em uma das postagens. No caso da publicação de 13 de dezembro de 2014, observa-se o compartilhamento de uma matéria do jornal El País Brasil, que mostra cinco jovens que compõem o que se chama de “vanguarda anti-Dilma”. Novamente, em termos de clima de época (ARFUCH, 2010 [2002]), vê-se a imagem de Kim Kataguirí, um dos líderes do chamado Movimento Brasil Livre (MBL), à esquerda, na imagem, que esteve à frente do que veio a se constituir como um movimento conservador contemporâneo no país. Nesse sentido, o fato de a notícia ser alvo de deboche por parte de AP demonstra tanto uma categorização temática de sua ideologia como o teor irônico proporcionado pela própria manchete, ao assinalar que não se trata de uma banda de Indie Rock.



Figura 53 – Publicação de AP (13/12/2014)

Em repetição à tag “Na foto, posso ser visto”, a publicação do dia 10 de dezembro (Figura 54) apresenta o seguinte enunciado: “Na foto, posso ser visto charlando na excelsa companhia do Sr Final de Semestre”. Considerando que uma das acepções de “charlar” é

usufruir, a imagem sugere que a companhia do final de semestre deixa a vida de AP de ponta cabeça. Ainda que não diga explicitamente nada a esse respeito, a fotografia tende a indicar isso. Como professor universitário e tendo em vista as atribuições e responsabilidades desse cargo, é plausível supor essa interpretação, a partir da leitura da imagem, em conjunto com o enunciado a ela associado. É importante também fazer menção à estética fotográfica, que se assemelha àquela da publicação do dia 19 de dezembro (Figura 52).

Em 11 de dezembro (Figura 55), apresenta-se uma gravura, que associada a um enunciado classificatório, também indexa um aporte subjetivo à expressão de si de AP, já que novamente lança mão da tag “Na foto, posso ser visto [escrevendo]”. A gravura apresenta a imagem de um demônio com as mãos elevadas à altura das têmporas, sendo perseguido por um homem que realiza a leitura de um livro. Não é possível inferir com qual das personagens da imagem AP se identifica, mas deduz-se que o ato de escrever é para ele uma tarefa penosa e/ou difícil. Ainda no mesmo núcleo organizado por AP, de acordo com o que convencionamos chamar de tag, a publicação de 4 de dezembro (Figura 56) demonstra mais uma vez o modo como ele se apropria de imagens alhures para expor pequenos eventos e sensações experienciadas em seu cotidiano. Nesse caso, descreve em primeira pessoa como poderia ser visto de um púlpito, discursando sobre suas conquistas “morais, estéticas, materiais e espirituais todas”. Quem acompanha o conjunto global de publicações de AP, nota o tom escrachado com o qual produz esse tipo de texto, ao zombar repetidamente de si mesmo e da condição humana.

Semelhantemente, trazer a publicação de 1º de dezembro de 2014 (Figura 57) para a análise é interessante por duas razões: percebe-se, pelo teor da postagem, que não se trata de uma foto de AP, *verdadeiramente*. E, mesmo que fosse originalmente uma foto dele quando criança, acompanhado de seu pai, existe ainda um processo de entextualização atuando na mobilização dessa fotografia. Ao combinar o enunciado “Na foto, vemos meu pai me preparando para a vida de professor universitário no séc XXI”, um homem segura um cabide no qual se pendura um bebê. É possível ler, a partir da imagem, por exemplo, como seria frágil a tentativa de se manter nessa profissão. Portanto, trata-se, ao mesmo tempo, de temática profissional e pessoal, no ordenamento da linha do tempo de AP.



Figura 54 – Publicação de AP (10/12/2014)



Figura 55 – Publicação de AP (11/12/2014)

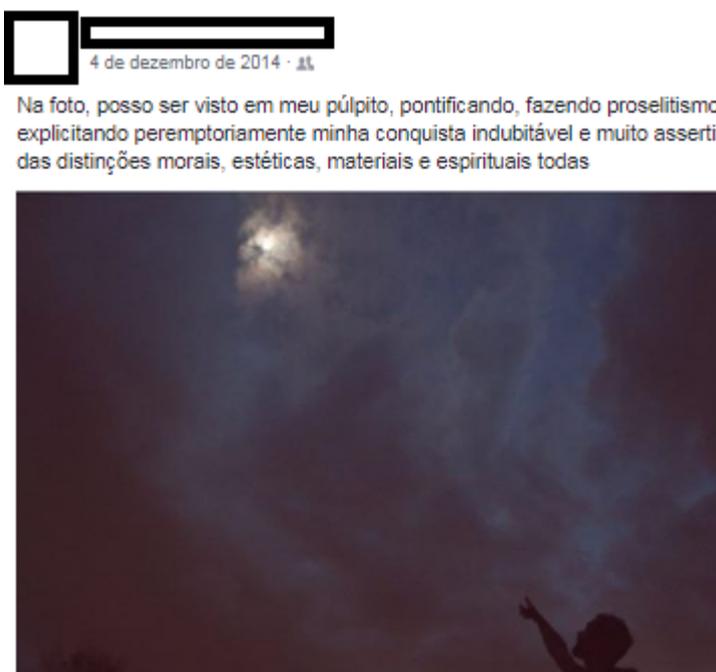


Figura 56 – Publicação de AP (04/12/2014)



Figura 57 – Publicação de AP (1º/12/2014)

Passando ao conjunto de publicações de novembro, identificamos a recorrência de postagens que são, teoricamente, censuradas pelo Facebook, por conta de seu conteúdo erótico, como se vê na Figura 58. Notamos, no entanto, que esse tipo de conteúdo é publicado de forma repetida na linha do tempo de AP, pelas postagens já apresentadas no mês de dezembro. Para que os conteúdos sejam removidos pela rede social a recepção importa, uma vez que são outros usuários os responsáveis pela denúncia de determinada publicação e consequente retirada de um conteúdo discursivo que é selecionado para ser exposto no plano amplo da linha do tempo de AP. Desse modo, reconhece-se uma interferência à expressão de si representada pelas escolhas que partem do usuário do perfil. O participante reconhece essa dinâmica, ao responder à seguinte questão 17 do questionário autoaplicado: “Suas publicações já geraram polêmica? Como essa polêmica foi encarada e compreendida por você?”:

Não. O que rola é **denúncia: já denunciaram** coisas sobre/ pró-PT e **conteúdos eróticos que postei** (Resposta à pergunta 17 do questionário, AP; grifo meu)

Além da questão da nudez, é importante dar atenção ao enunciado de AP associado à fotografia: “Fim de ano, tempo de reavaliação das prioridades e de reflexões meditabundas”. Em se tratando de uma publicação de 30 de novembro, marcam-se, com esse enunciado, as sensações provocadas pela chegada do fim do ano e pelas reavaliações e resoluções que essa época suscita em AP ou que ele reconhece serem suscitadas nas pessoas, de modo geral, representado, neste último caso, uma impressão pessoal.

Na Figura 59, em publicação de 24 de novembro, há o emprego do procedimento curatorial de compartilhamento de um conteúdo discursivo da página de outra pessoa. No caso dessa postagem, AP não associa nenhum enunciado, a não ser a inscrição “\o/”, que representa uma pessoa com as mãos para cima, expressando comemoração. Trata-se novamente, de tom irônico relacionado ao fato de em 24 de novembro de 2013, no ano anterior, ter sido descoberto um helicóptero com grande quantidade de cocaína, cuja posse foi atribuída, à época, ao senador Aécio Neves. Essa questão fica mais clara, pelas hashtags que acompanham a publicação original, que foi compartilhada por AP: “#helicoca #AécioNever #quatrocentosecinquentaquilosdecocaina #po”.

Na Figura 60, em publicação de 16 de novembro de 2014, é possível observar a frase “Esse era eu aos 40 anos”. Trata-se de uma atualização da foto de perfil de AP, que aparentemente remete a uma memória. Nesse dado, observa-se a operação de escolha de uma determinada foto e a sua associação com uma legenda específica que atesta um expediente de recontextualização temporal, uma vez que, embora se trate de uma atualização, esta é feita com uma foto antiga, em que AP aparece com uma idade que já não mais teria, como forma de cuidado à ativação de uma memória. Na Figura 61, aparece outra publicação da mesma data, que repete a tag “Gás Hilariante”. Como já foi dito, sob essa tag são reunidos conteúdos que AP considera engraçados ou dignos de escracho, de algum modo. No caso em questão, ele compartilha uma notícia do *site* <modaparahomens.com.br>, cujo título é “A nova tendência masculina é ser ‘Lambersexual’”. Sob a repetição dessa tag, pode-se, então, notar as nuances do humor do participante e dos elementos que são objeto de riso para AP. Na Figura 62, também da mesma data, AP compartilha um texto do *site* da Carta Capital, intitulado “O abismo entre ricos e pobres cresce”, endossando-o a partir do seguinte enunciado que associa ao compartilhamento: “Sim, corretíssimo, e “desigualdade natural” é o caralho: é só música do acaso o que lhe separa do fudido ao lado. Venha mais e melhor, Welfare State 2.0”. Em uma

interlocução que pode se referir ao público mais amplo de outros usuários que acompanham suas publicações por meio do Feed de Notícias, é possível dizer que ele apoia as considerações tecidas no texto, alinhando-se a elas para tecer sua opinião pessoal.



Figura 58 – Publicação de AP (30/11/2014)



Figura 59 – Publicação de AP (24/11/2014)



Figura 60 – Publicação de AP (I) (16/11/2014)



Figura 61 – Publicação de AP (II) (16/11/2014)



Figura 62 – Publicação de AP (III) (16/11/2014)

É importante notar que o conjunto total de publicações do mês de outubro de 2014 na linha do tempo de AP foi feita com base em replicações de postagens realizadas a partir de outra rede social, o Twitter. O procedimento de integração entre o microblog e o Facebook permite que fotos, vídeos, mensagens, mudanças de status etc., publicados no primeiro, sejam automaticamente replicados na linha do tempo dos usuários que optaram por esse processo, atualizando ambas as redes sociais ao mesmo tempo. A publicação de 28 de outubro de 2014 (Figura 63) apresenta a prática de reblogagem, que permite aos usuários do Twitter republicar o conteúdo da postagem de outro usuário. Esse será o principal procedimento utilizado por AP nas publicações do mês. Na postagem em questão, observamos uma pequena enumeração dos acontecimentos de destaque do ano de 2014, replicados, então, por AP. Como Cunha (2011, p. 109) assinala:

Guardadas as proporções, as narrativas e a construção da memória por intermédio das redes sociais proporcionam na mesma medida, mas por metodologia diferente, a reconstrução da história por intermédio das falas de qualquer um que tenha acesso a uma tecnologia para compartilhar a sua narrativa e deixá-la para que outro venha a acessá-la. É um repositório em desordem, capaz de ser acionado por mecanismos de busca. A narração da história passa a ser a soma de todos esses conteúdos depositados por anônimo que podem compartilhar suas memórias ou percepções presentes.

Assim, nota-se que a replicação e a “viagem” de conteúdos discursivos de uma rede social para outra, com vistas à apropriação de determinados enunciados, seja para expressar concordância, como é o caso da publicação em questão, seja para denotar discordância, é

sempre uma possibilidade dos processos de desvio que constituem as recontextualizações nas linhas do tempo do Facebook.

As Figuras 64 e 65 apresentam três publicações do dia 26 de outubro de 2014, data do segundo turno das eleições, sendo que somente a que aparece na Figura 64 é efetivamente produzida por AP no Twitter, uma vez que as reproduzidas na Figura 65 são fruto de reblogagem. Na Figura 64, vemos a apresentação da hashtag “#SomosTodosDilma”, junto de uma associação de enunciados que exprimem o apoio a essa candidata na época, funcionando, ainda, como uma atitude responsiva em relação à matéria que relata o fato de que houve um eleitor em Goiás que tentou colar uma das teclas da urna eletrônica para impedir a votação em Dilma Rousseff. Na mesma data, entram igualmente como registros em sua linha do tempo dois tuítes que demonstram o momento da apuração, que indicava a vitória da candidata e, em seguida, um tuíte que já denotava sua vitória. Nesse caso, vale ressaltar a ordem cronológica reversa, que faz a publicação a respeito da porcentagem de votos apurados aparecer mais abaixo daquela que declara as hashtags “#DilmaNovamente” e “#SomosTodosDilma”.

Tratando de uma publicação de dias anteriores, realizada no dia 19 de outubro, a Figura 66 apresenta uma fotografia do candidato ao segundo turno Aécio Neves no Pelourinho, em Salvador, em campanha eleitoral. Nela, lê-se um enunciado que destaca a ausência de pessoas negras na imagem, em uma capital de maioria populacional negra⁹⁶. É importante, neste ponto, a lembrança de que AP é professor universitário em Salvador, na Bahia, o que constitui dado relevante para pensar a influência que a seleção dessa imagem tem diante de sua trajetória profissional, da cidade onde reside e da posição político-ideológica que assume, ou seja, que tem proeminência para pensar sua expressão auto/biográfica na linha do tempo do Facebook.

A Figura 67 reproduz uma publicação que contém um link para a página de blog na qual AP reúne seus escritos mais acadêmicos. Por essa publicação, é possível ler as primeiras palavras do texto completo apresentado no *site* de gerenciamento de conteúdo WordPress, em que se diz: “Vi que saiu nos anais de um evento um ensaio que escrevi faz um tempo. O ensaio persegue coisas que escrevi há mais tempo ainda, numa resenha sobre Verão de Coetzee. Sei que o ensaio é ruim, falha...”. Evidencia-se, nessa publicação, um movimento memorialístico incentivado pela releitura e reavaliação de um ensaio que escreveu antes e que foi publicado nos anais de um evento acadêmico. A partir dessa revisita a um texto escrito anteriormente, AP é levado a escrever e a compartilhar o resultado dessa escrita com o leitor de suas postagens no Twitter e no Facebook, reunidas na linha do tempo.

⁹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2011/11/salvador-e-capital-mais-negra-do-pais-aponta-ibge.html>. Acesso em: 30/05/2014.

A Figura 68, que apresenta uma publicação de 9 de outubro, cujo conteúdo é fruto da operação de reblogagem de um tuíte que, por sua vez, traz um compartilhamento de uma matéria intitulada “Cresce a chance de aprovação da redução da maioria penal”, assinala a dinâmica de recontextualização das linhas do tempo. Na replicação dessa matéria, AP acrescenta enunciado próprio: “É o Brasil dos Aécios aí”. No entanto, é preciso notar que o perfil do jornal El País publicou inicialmente o título, o qual foi, em seguida, publicado pelo perfil @alexpitta, sendo só então publicado no perfil do Twitter de AP e replicado em sua linha do tempo no Facebook. Na Figura 69, uma publicação do dia 2 de outubro, uma quinta-feira, antecipa o primeiro turno das eleições, que aconteceria no dia 5 de outubro, um domingo. A postagem apresenta uma imagem da campanha oficial da candidata Dilma Rousseff, acompanhada da hashtag “Dilma13MudaMais”. Novamente, fica ressaltado o posicionamento político de AP.

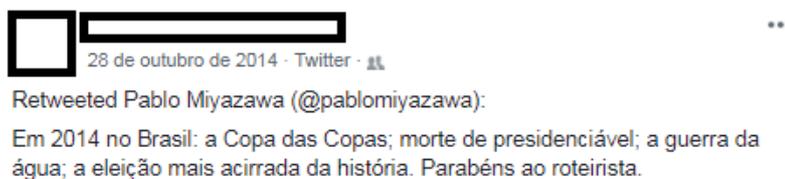


Figura 63 – Publicação de AP (28/10/2014)



Figura 64 – Publicação de AP (I) (26/10/2014)

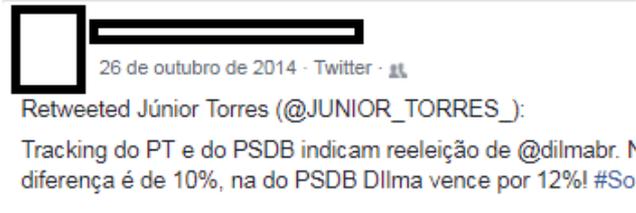
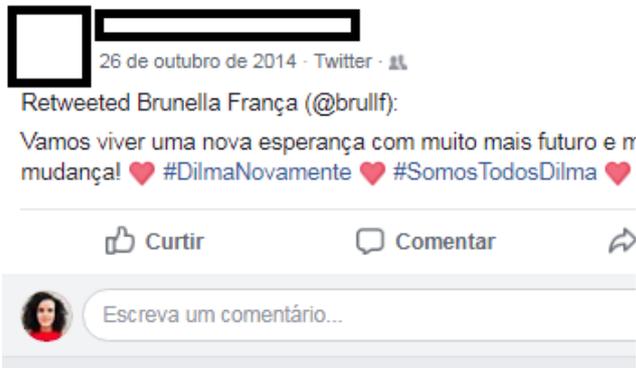


Figura 65 – Publicação de AP (II) (26/10/2014)



Figura 66 – Publicação de AP (19/10/2014)



Figura 67 – Publicação de AP (18/10/2014)



Figura 68 – Publicação de AP (09/10/2014)



Figura 69 – Publicação de AP (02/10/2014)

Passando ao conjunto de publicações de setembro, a Figura 70 mostra uma postagem que é fruto da reblogagem de um tuíte de outra página. Nesse caso, é relevante notar o efeito de sentido produzido pelo fato de o enunciado em primeira pessoa ser de outro indivíduo, mas estar “revozeado” no perfil de AP, o que promove a corroboração daquilo que expressa um terceiro. A figura do pintor Romero Britto, como veremos mais adiante, em outro perfil analisado mais detidamente, tem ampla circulação em 2014, o que pode justificar a distribuição de opiniões a seu respeito, sejam elas positivas ou negativas. É importante apontar,

no entanto, que no conjunto de outra linha do tempo, a menção pode ter outro efeito, porque se trata de outra curadoria, realizada por outro indivíduo.

A Figura 71 apresenta uma publicação de 20 de setembro de 2014 que traz a apresentação de uma resenha de AP publicada na página de O Globo, a respeito do livro “O Brasil é bom”, de André Sant`Anna. Nesse caso, a postagem serve para a divulgação de seu próprio texto. De um modo mais amplo, pelos escritos de teor acadêmico que publica em seu blog ou em jornais como O Globo, é possível reconstituir sua trajetória de envolvimento com a crítica literária.

A publicação de 18 de setembro, apresentada na Figura 72, refere-se de maneira metalinguística ao Facebook, mas essa metalinguagem só se faz perceber pela replicação da postagem na linha do tempo de AP, porque inicialmente foi exposta no Twitter. O processo de apropriação de outras vozes também se faz evidente nesse caso, porque a leitura dessa publicação tem o efeito de fazer com que atribuamos a opinião sobre a rede social em questão a AP, como se ele mesmo tivesse dito que o Facebook é a mistura de salão de beleza, clínica de reabilitação e pátio da escola, em metáfora às práticas que se dão na rede social.



Figura 70 – Publicação de AP (21/09/2014)



Figura 71 – Publicação de AP (20/09/2014)

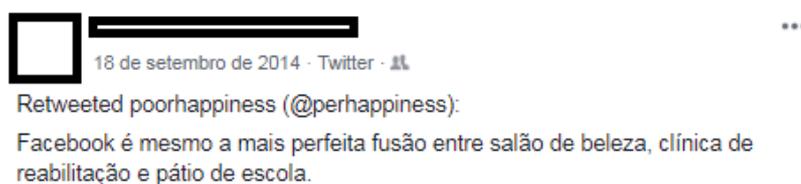


Figura 72 – Publicação de AP (18/09/2014)

A Figura 73, que expõe postagem de 14 de setembro de 2014, apresenta uma indicação para quem acompanha as suas publicações na linha do tempo, uma apreciação a respeito de uma leitura realizada, o que aponta um gosto específico. A Figura 74 apresenta o compartilhamento, datado de 9 de setembro, de uma matéria que trata do investimento nos alunos, em comparação entre o Brasil e países desenvolvidos. Embora não tenha nenhum enunciado associado a essa publicação, o fato de que essa matéria seja escolhida para ser compartilhada, já pode ser considerado em si como um movimento que visa a colocar em evidência esse conteúdo discursivo, frente a tantos outros, pela importância tem para AP. Constitui-se, assim, como base do processo mais amplo da curadoria digital. A Figura 75, por sua vez, datada de 31 de agosto de 2014, apresenta uma publicação cujo conteúdo é publicado, pela primeira vez no Facebook – “Do FB” – e que torna a voltar para a linha do tempo de AP, no Facebook, quando ele rebloga o tuíte de @alexaraujoc. Há nesse processo de replicação da

postagem, novamente, a (re)apropriação de um enunciado que foi, primeira, apropriado pelo usuário @alexaraujoc e que, em seguida, foi mobilizado por AP. A leitura possível para esse processo é de que AP expressa concordância em relação ao teor opinativo da postagem acerca de Marina Silva.



Figura 73 – Publicação de AP (14/09/2014)



Figura 74 – Publicação de AP (09/09/2014)

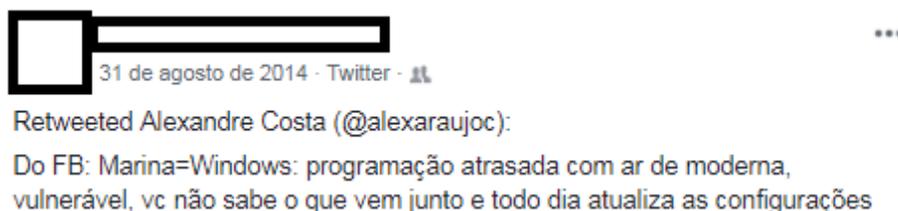


Figura 75 – Publicação de AP (31/08/2014)

O que notamos apenas como indício implícito na publicação reproduzida na Figura 75 fica explicitado na postagem da Figura 76, porque AP não só compartilha um link, mas também escreve “Subscrivo respeitosamente”. Nesse caso, a concordância com o conteúdo do texto compartilhado se evidencia. Em semelhança com a publicação apresentada Figura 73, a postagem reproduzida na Figura 77 também apresenta uma indicação de blog. Assim, constitui-se tanto uma apreciação dos gostos de AP, como aquilo que ele vai arquivando como considerado “bom”. Nesse processo de arquivamento, que poderia ser para consulta própria e posterior, AP reconhece a dificuldade de voltar a publicações passadas, como assinala na resposta à pergunta 15 do questionário: “Você se preocupa com a cronologia de suas publicações? Já voltou na linha do tempo para visualizar publicações passadas?”

Fiz isso uma vez pra nunca mais, e lamentei o fim do orkut mais uma vez: **o Facebook é o anarquivo**, é uma merda de labor pra encontrar o fato passado no seu conteúdo. (Resposta à pergunta 15, AP; grifo meu)

A colocação de AP sobre o Facebook, chamando o seu processo de arquivamento de *anarquivo* faz com que seja notada a característica paradoxal da linha do tempo. Ao mesmo tempo que confere uma dinâmica de ordenamento cronológico reverso das publicações individuais, a linha do tempo dificulta o processo de recuperação de postagens feitas no passado. Com a funcionalidade Neste Dia, tentou-se fazer com que algumas memórias fossem presentificadas, mas caso seja o usuário a demonstrar interesse por determinados eventos anteriores, a sua recuperação é dificultada.

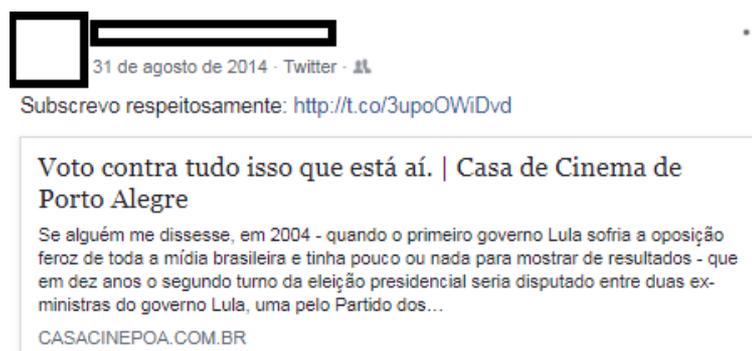


Figura 76 – Publicação de AP (31/08/2014)



Figura 77 – Publicação de AP (I) (26/08/2014)

A Figura 78 apresenta uma publicação de 26 de agosto de 2014 que aponta, mais uma vez, para a página na qual AP reúne seus escritos. É possível, por esse fragmento que aparece na linha do tempo do participante compreender, pela rotina de compartilhar links para outra página pessoal, um dos traços auto/biográficos dele: o de escritor. Além disso, nota-se a constituição heterotópica da linha do tempo, como espaço que reúne todos os espaços, neste caso espaços digitais, com textos digitalizados, que são vinculados por hiperlinks, os quais constroem caminhos possíveis para quem procura um modo de apreender a expressão de si de AP. A Figura 80 apresenta uma publicação que também faz parte do mesmo movimento, porque com o enunciado “Escrevi ontem” aponta para um texto de autoria de AP. Embora tenha sido postada em 10 de agosto de 2014, a indicação temporal faz com que saibamos que a produção textual se efetivou no dia anterior, 9 de agosto de 2014.

As duas publicações da linha do tempo de AP reproduzidas na Figura 79, ambas datadas de 26 de agosto de 2014, assemelham-se, em termos de conteúdo discursivo metalinguístico, àquela de 18 de setembro, reproduzida na Figura 72, uma vez que tratam de qualificações a respeito do Facebook. Em uma delas, há a reblogagem de uma postagem do desenhista André Dahmer – “Facebook, a rede social da SUA MÃE – e na outra, embora não se trate explicitamente de uma referência à rede social, há a reprodução de um texto de caráter reflexivo e opinativo sobre as redes sociais em geral, no apontamento da possibilidade de existência de uma rede social cuja única proibição fosse falar de si próprio.

Na Figura 81, em publicação datada de 3 de agosto de 2014, é apresentada uma das tags que se repetem na linha do tempo de AP “Oh Internet I’m gonna miss you when I’m gone”, junto de uma fotografia provavelmente retirada do domínio mais amplo da internet, associada à citação do poema “So long”, de Walt Whitman (1819–1892). Nessa publicação, faz-se

perceber a semelhanças entre as linhas do tempo e os *hypomnemata*, que permitiam a reunião das “coisas lidas”.



Figura 78 – Publicação de AP (II) (26/08/2014)



Figura 79 – Publicação de AP (III) (26/08/2014)



Figura 80 – Publicação de AP (10/08/2014)



Figura 81 – Publicação de AP (03/08/2014)

A publicação do dia 2 de agosto (Figura 82), que apresenta uma atualização da foto de perfil, demonstra um registro anterior de AP. Essa leitura pode ser inferida pelo fato de o enunciado de AP assinalar o preterido da fotografia: “Tava frio em Divinópolis nesse dia”. À semelhança de um álbum de fotografias, que conta com pequenas legendas para contextualizar o momento em que foram feitas as fotos que o compõem, essa publicação implica a possibilidade de leitura das memórias de AP. Da mesma data, a publicação apresentada na Figura 83, dirige-se diretamente aos alunos da disciplina de cânone, ministrada por AP, para

ironizar uma edição do livro “O Alquimista”, de Paulo Coelho, em inglês, o que revela a condição de professor, bem como situa a que se direciona seu humor.



Figura 82 – Publicação de AP (I) (02/08/2014)

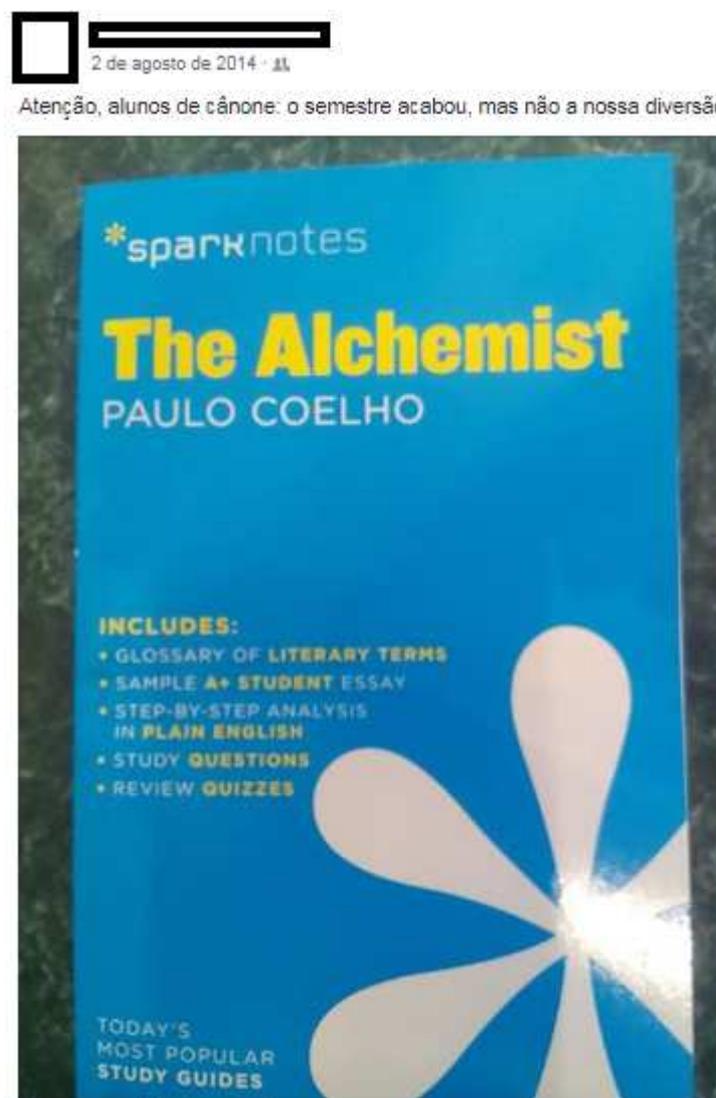


Figura 83 – Publicação de AP (II) (02/08/2014)

Em mais de uma repetição da tag “Na foto, posso ser visto [...], acompanhado das gravuras medievais que se repetem em sua linha do tempo, o enunciado de AP na publicação do dia 31 de julho (Figura 84) revela, também, em repetição às suas considerações metalinguísticas a respeito do Facebook, a maneira como ele tenta lidar com os outros indivíduos na de rede social. É possível inferir que ele se apropria da gravura, para dizer algo a respeito de si mesmo e de como se sente em relação ao Facebook.



Figura 84 – Publicação de AP (31/07/2014)

Na Figura 85 apresenta um retrato de si mesmo, segurando um livro que lhe foi presenteado por um amigo, que é marcado na foto. A postagem trata de um momento de agradecimento pelo presente e também de uma indicação para o futuro, prometendo que dará aula, um dia, sobre Boswell, o que fala da sua trajetória como professor. Na Figura 86, notam-se outros índices da autobiografia de AP. Ele destaca a lembrança de uma publicação advinda

de outra rede social. O resgate dos “escombros” do Orkut indica que a foto de 2005 está, novamente, reposta e presentificada em sua linha do tempo, nove anos mais tarde. O gosto pelo cigarro também é componente que faz parte de como AP se apresenta no Facebook, embora seja possível inferir que não segue sendo fumante. A publicação de 21 de julho de 2014 (Figura 87) mostra um aspecto identitário relativo ao lugar de origem de AP: Bahia, Salvador; ainda inda que, novamente, sustentada no deboche, tanto pelo compartilhamento da publicação da página “Guia de Sobrevivência do Soteropobretano” como pelo enunciado produzido por AP “REUTERS BREAKING NEWS: Vou gastar meu cardigan \o/”.

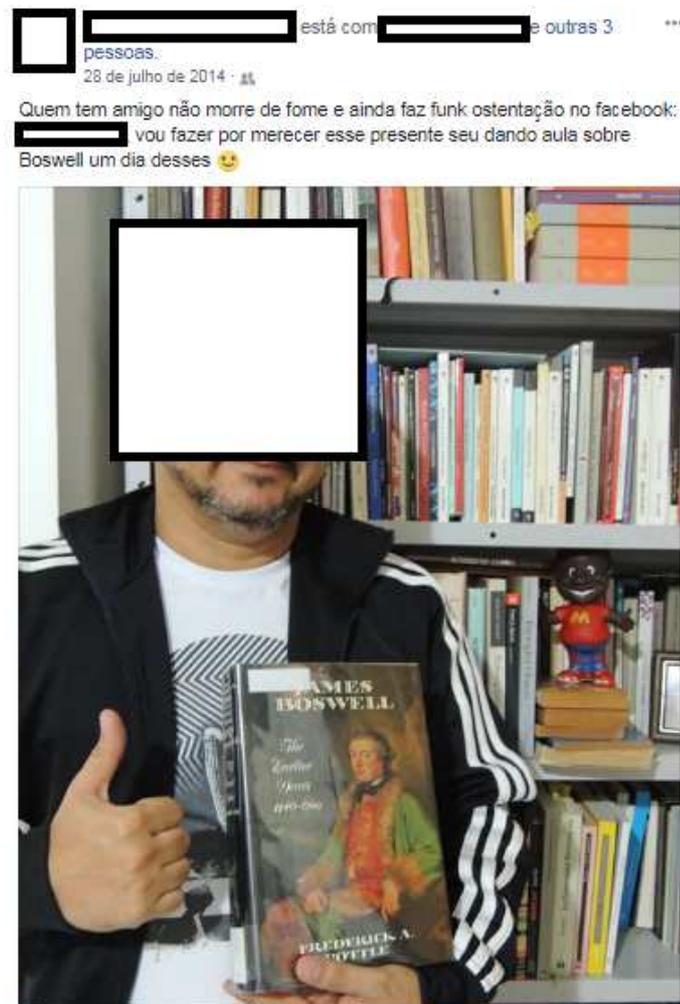


Figura 85 – Publicação de AP (28/07/2014)



Figura 86 – Publicação de AP (02/07/2014)



Figura 87 – Publicação de AP (22/07/2014)

[Redacted] compartilhou a foto de Humans of New York.
15 de julho de 2014 · 🌐

So do I



Humans of New York
15 de julho de 2014 · 🌐

"I just want to stop working."

Figura 88 – Publicação de AP (15/07/2014)

[Redacted] compartilhou a foto de Dilma Rousseff.
8 de julho de 2014 · 🌐
#COPADASCOPAS #DILMA2014



Dilma Rousseff
8 de julho de 2014 · 🌐

#FACEDADILMA

Figura 89 – Publicação de AP (I) (08/07/2014)

[Redacted]
8 de julho de 2014 · 🌐

Abdicarei de prosseguir assistindo, e serei demonizado pelo resto da vida por não ter visto a virada com os sete gols do Fred!

#COPADASCOPAS #PRIMEIROCOMOTRAGÉDIA #DILMA2014

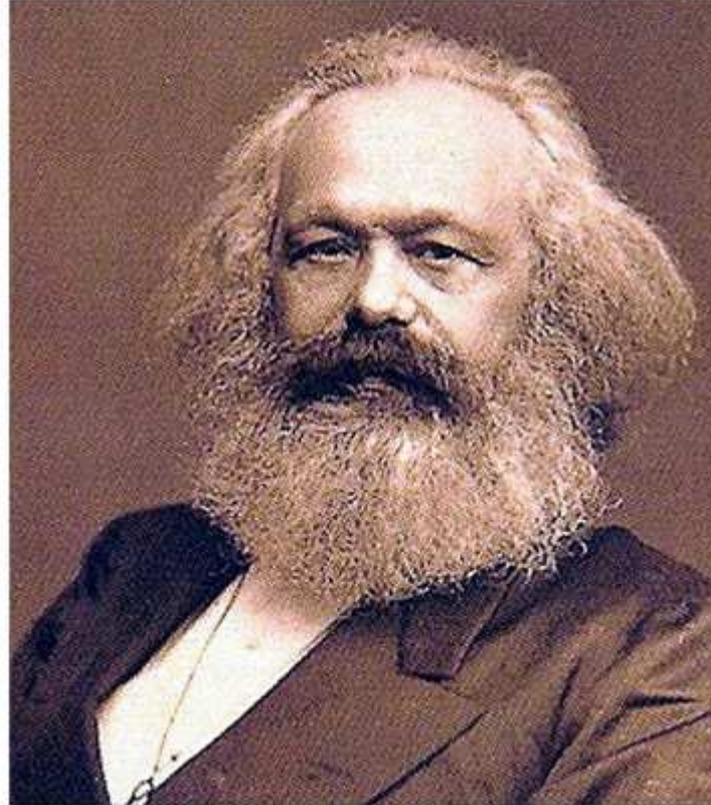


Figura 90 – Publicação de AP (II) (08/07/2014)

[Redacted]
8 de julho de 2014 · 🌐

#COPADASCOPAS #CINCOAZERO #OLHAACARADOBENJAMIN #DILMA2014



Figura 91 – Publicação de AP (III) (08/07/2014)



Figura 92 – Publicação de AP (IV) (08/07/2014)



Figura 94 – Publicação de AP (VI) (08/07/2014)



Figura 93 – Publicação de AP (V) (08/07/2014)

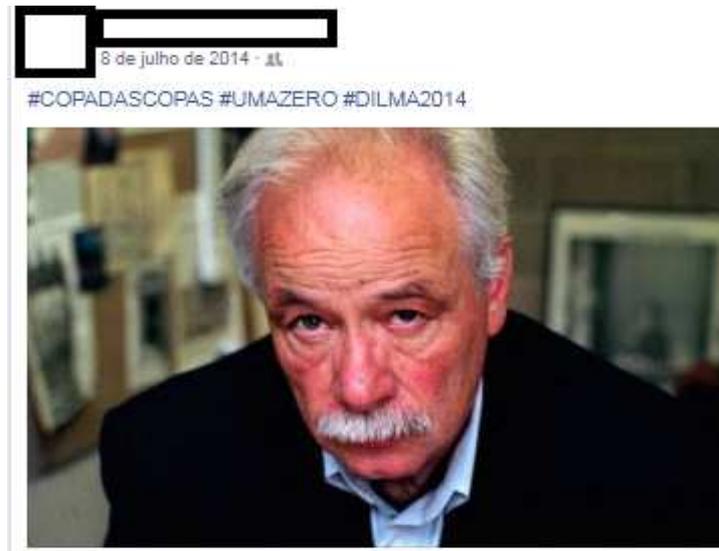


Figura 95 – Publicação de AP (VII) (08/07/2014)

A publicação apresentada na Figura 88, datada de 15 de julho, é fruto de um compartilhamento da página Humans of New York. Essa página é conhecida por entrevistar pessoas e reproduzir suas falas junto de suas fotografias. A pessoa que aparece na imagem compartilhada tem a seguinte fala atribuída a ela: “I want to stop working” (Eu quero parar de trabalhar). Ao compartilhar essa postagem, AP acrescenta: “So do I” (Eu também), em apresentação da sua vontade de parar de trabalhar, igualmente. Nesse caso, a apropriação de outras vozes, na revelação de um sentimento próprio se evidencia.

As publicações do dia 8 de julho de 2014 (Figuras 89, 90, 91, 92, 93, 94 e 95) podem ser lidas como um agrupamento resultante da cobertura do jogo entre Brasil e Alemanha, em que a seleção brasileira perdeu de 7X1. É possível, pela leitura, perceber que AP foi publicando cada uma das imagens associadas a hashtags repetidas #COPADASCOPAS e #DILMA2014, conforme os gols iam acontecendo. Na última imagem postada (Figura89), compartilhada da página oficial da então presidenta Dilma Rousseff, tem-se a única diferenciação da sequência. Uma série de imagens é publicada em sequência como forma de narrar os sentimentos relacionados aos gols sucessivos tomados pelo Brasil.

Por fim, a publicação de 4 de julho (Figura 96), repete as hashtags #COPADASCOPAS” e #DILMA2014, ao mesmo tempo que acrescenta a especificação a um interlocutor: Atenção, alunos de Letras, chamando a atenção para a leitura da matéria publicada

por ele e também agrega a hashtag #BEÓCIONEVER, em alusão a outra hashtag que volta a aparecer em sua linha do tempo: #AécioNever.



Figura 96 – Publicação de AP (04/07/2014)

Em suma, podemos ver que os vestígios auto/biográficos de AP não se revelam tão abertamente, como é próprio dos rastros, dos índices que devem ser perseguidos, buscados e analisados. Destacam-se, contudo, as recontextualizações temporais, imagéticas e de links, em um movimento de tendência auto/biográfica cuja tônica está na apropriação de vozes outras para a construção do discurso em direção a si mesmo.

4.1.3 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de GR

Certamente tem muitos traços biográficos, pois quando expresse opiniões ou comentários sobre assuntos em alta no momento, registro o contexto no qual estou inserida. Quando publico sobre meus pensamentos, emoções, vivências, registro-os de maneira autobiográfica. A possibilidade de publicar fotografias e vídeos também registra de maneira visual o que vejo a meu respeito ou ao mundo no qual estou. (Resposta à pergunta 12 do questionário, GR)

A resposta à pergunta 12 do questionário dada por GR atesta sua visão a respeito de como o arranjo auto/biográfico de seu perfil vai se formando, a partir de diversos elementos. Ela destaca os vários componentes que integram essa formação: opiniões; comentários; pensamentos; emoções; vivências; fotografias e vídeos. Em sua resposta, destaca-se também o fato de que, apesar de se tratar de componentes que nem sempre são produzidos por ela, eles são emprestados para a produção de um discurso auto/biográfico. Desse modo, a experiência

própria se organiza como núcleo essencial tematizado (ARFUCH, 2010 [2002]) e, desse núcleo, ramificam-se outros temas relativos à subjetividade. Nesse sentido, o fato de a subjetividade se constituir na linguagem – na atuação promovida pelo uso de palavras e imagens – é corroborado pela multiplicidade de outras vozes capazes de modelar, preencher e colorir o indivíduo (SIBILIA, 2008). Essa “modelagem” se materializa de modo bastante contundente nas linhas do tempo, dada a possibilidade de recuperar cada um dos fragmentos que as compõem. Foram analisadas 36 publicações, do total de 521.



2014 foi pequeno pra caber tanta coisa. Ia fazer uma lista pra contabilizar perdas e ganhos, mas já perdi a conta. O que realmente importa não são família, amizades verdadeiras e fé no que existe de melhor.

Figura 97 – Publicação de GR (26/12/2014)



Mudou-se para Barão De Geraldo, Sao Paulo, Brazil

22 de dezembro de 2014

Figura 99 – Publicação de GR (II) (22/12/2014)



Desvantagem de se aparentar frágil: sempre o tratarão como incapaz quando você der conta sozinho.

Desvantagem de se aparentar forte: sempre o tratarão como auto suficiente mesmo quando você precisar de apoio.

Figura 98 – Publicação de GR (I) (22/12/2014)

Nas postagens de 26 e 22 de dezembro (Figuras 97, 98 e 99), podemos observar uma reflexão sobre o ano de 2014, devido à proximidade do seu fim, em relação a perdas e ganhos e ao que realmente importa para GR: família, amizades verdadeiras e fé no que há de melhor. Além disso, apesar de aparentar ser uma postagem autodirigida sobre como se dá a alternância entre aparentar ser forte ou frágil, a publicação serve também a quem lê o seu perfil, como uma espécie de advertência sobre assumir uma ou outra posição no mundo. Por fim, temos um marco em sua trajetória de vida, assinalado pela mudança de casa. Cabe lembrar que uma das funções dos *hypomnemata* (FOUCAULT, 1992) era promover a possibilidade de reflexão posterior, a partir das notações escritas, para a adequação de certos comportamentos ou para a superação de circunstâncias específicas. A partir dessa função dos cadernos, é possível estabelecer analogia com o que GR publica em 22 de dezembro em relação às desvantagens de aparentar ser forte ou fraca. É possível supor que se trata de uma reflexão dirigida tanto a si

mesma como às pessoas que leem sua linha do tempo, como já dito, o que demarca uma dissimilaridade com os cadernos de notas.

Ainda no campo das reflexões sobre sua experiência pessoal, em ano de eleição, que demonstra mais amplamente o horizonte cultural do segundo semestre do ano de 2014 no Brasil, existe em sua formulação de 7 de dezembro, reproduzida abaixo (Figura 100), a abordagem sobre a política e as amizades e também o interdiscurso que habita seu intradiscurso (ORLANDI, 2012), pelo já-dito do embate de opiniões políticas polarizadas que se arraigou, fundamentalmente, nesse ano de eleições, em especial em torno do cargo de presidente da República. Como reflexo do que já faz parte do discurso vigente e instaurado à época, aparece, por exemplo, o termo “cozinha”, que de gíria pejorativa para designar “mauricinho”, “pessoa arrumadinha ou certinha”, passou a ser apropriado por manifestantes antigoverno em 2015⁹⁷.

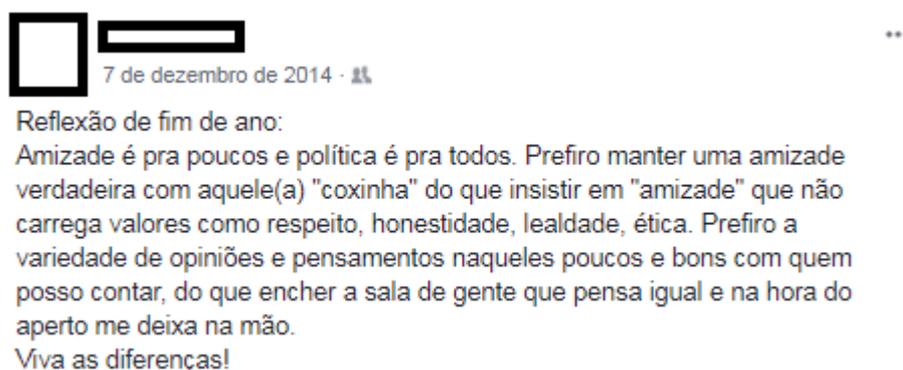


Figura 100 – Publicação de GR (I) (07/12/2014)

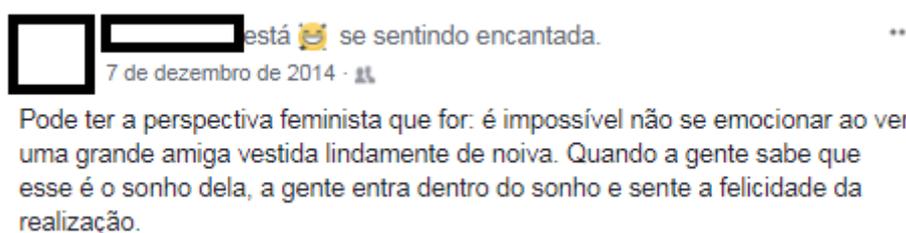


Figura 101 – Publicação de GR (II) (07/12/2014)

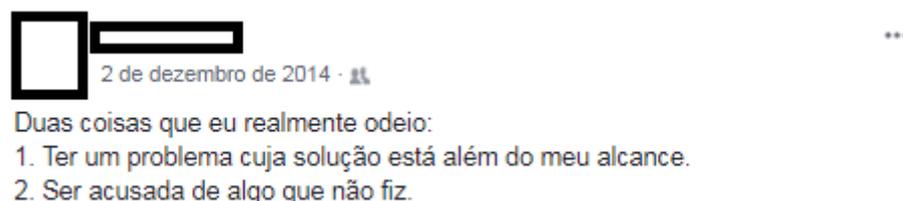


Figura 102 – Publicação de GR (02/12/2014)

⁹⁷ Sobre esse termo, ver matéria do jornal Folha de S. Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/03/1605686-cozinha-e-apelido-assumido-por-manifestantes-anti-governo.shtml>. Acesso em 30/09/2017.

Além do mais, nota-se o privilégio de publicações autorais na linha do tempo de GR, provenientes de escritos, de fato, pessoais. Ainda quanto ao dia 7 de dezembro (Figura 101), percebe-se a vinculação de GR com o feminismo, parte da ideologia que se expressa, discursivamente, em seu perfil. Além disso, nota-se a operação curatorial de compartilhamento de sentimentos, propriedade específica do *site*, uma vez que o texto de GR expõe que ela “está se sentindo encantada”. Quanto aos seus gostos, na publicação de 2 de dezembro (Figura 102), é possível perceber uma expressão sobre situações que a incomodam, que têm a ver com sua pessoalidade. A valorização da amizade, por sua vez, parece ser um tema recorrente na linha do tempo de GR, já que sustenta o expediente de repetição mencionado na abertura deste capítulo, sendo, portanto, uma regularidade dentro dessa linha do tempo, como demonstra o registro de 19 de novembro (Figura 103).

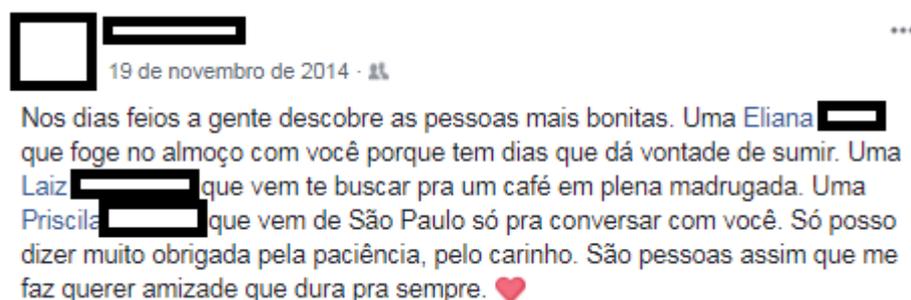


Figura 103 – Publicação de GR (19/11/2014)

Outro tema do espectro auto/biográfico recorrente na linha do tempo de GR é a família. Arfuch (2010 [2002]) já mencionava a maneira como a família serve para situar o sujeito em seu (auto)reconhecimento, estabelecendo a relação dele com seu contexto mais imediato. Na publicação de 9 de novembro (Figura 104), observa-se como GR reconhece na família o seu porto seguro, vinculando a sua mãe à publicação. Outra operação curatorial se revela nessa postagem, uma vez que ela marca sua mãe. No eixo temático, notamos a questão da família sendo repetida também na publicação do dia 6 de novembro (Figura 106), sob diferente aspecto. Desta vez, trata-se da demarcação de uma opinião pessoal relativa à votação na câmara legislativa acerca do conceito de família nuclear, ponto de interesse dos debates políticos de 2014. Além de investir no compartilhamento da página em que se dava a consulta pública a esse respeito, GR evoca sua visão de mundo, sua mentalidade, sua opinião; experiências estas que compõem o eixo temático que ajuda a definir o espaço no qual se inscreve a figura perseguida na reconstituição e montagem de uma narrativa, a priori,

fragmentada. Em termos de curadoria digital, ela associa texto próprio com a página da câmara, o que desvia e reordena o direcionamento da leitura que GR deseja para a votação. Como asseveram Santos e Lima (2013):

O conceito bakhtiniano de dialogismo está estritamente ligado ao de compreensão responsiva ativa. Nesse processo de compreensão, mobiliza-se uma gama de experiências históricas e socialmente construídas que são ativados para emitir-se uma resposta a determinado discurso, demarcando uma posição, um juízo de valor do locutor, numa dada esfera da comunicação verbal, para a qual ele prevê uma resposta ou uma compreensão ativa do interlocutor, de um auditório social (SANTOS; LIMA, 2013, n.p).

Em termos que podem ser estendidos a publicações de outros participantes de pesquisa, mas que são claramente exemplificados por essa postagem de GR, pode-se afirmar que se faz presente uma resposta ao discurso de família nuclear, por parte de GR, em que fica demarcada sua posição e seu juízo de valor como enunciadora, no enunciado elaborado para acompanhar o compartilhamento da votação. A partir de seu texto, nota-se que uma determinada resposta daqueles que leem sua publicação é esperada para a pergunta proposta pelo *site*: “Você concorda com a definição de família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, prevista no projeto que cria o Estatuto da Família?": *não*.

Ainda sobre a curadoria, observa-se a citação do livro “Mulheres que correm com lobos”, de Clarissa Pinkola Estes (Figura 105). Assim, compartilha-se uma experiência de leitura e também uma identificação de GR. Novamente, nota-se, em meio a inúmeras eventualidades, a escolha por compartilhar esse fragmento, de livro e de vida. Trazer uma citação, de outra parte, desviá-la para dentro da linha do tempo; este é um procedimento curatorial esperado para a constituição de si. O questionamento, em relação a essa dinâmica, então, é o seguinte: a citação de um trecho de livro se configura também como auto/biográfica? Ora, se se trata de uma identificação do indivíduo, de uma expressão de seu interesse, o empréstimo de outras vozes, na cadeia dialógica bakhtiniana, não pode ser outra coisa, senão indício biográfico.

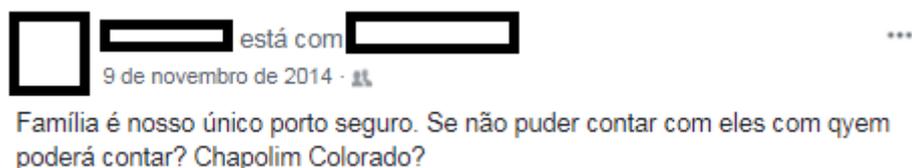


Figura 104 – Publicação de GR (09/11/2014)

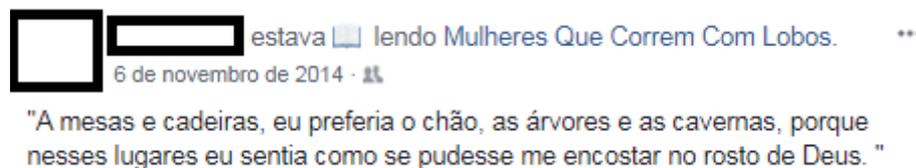


Figura 105 – Publicação de GR (I) (06/11/2014)

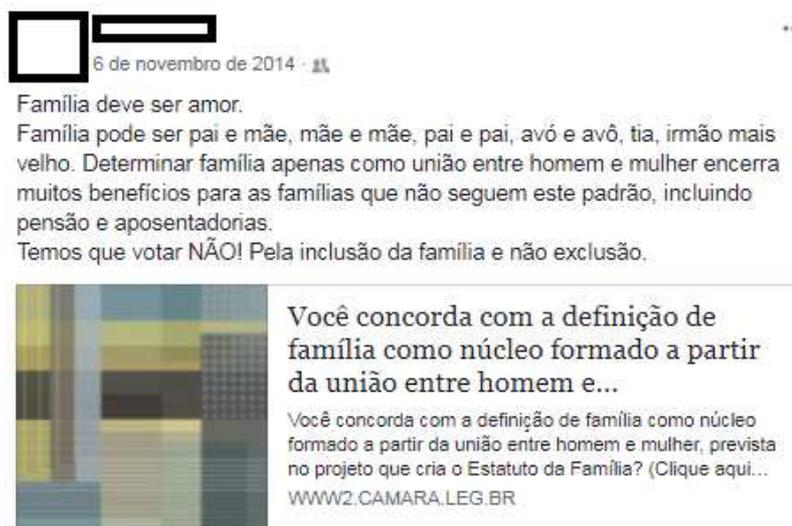


Figura 106 – Publicação de GR (II) (06/11/2014)

A publicação do dia 2 de novembro (Figura 107) apresenta um texto de autoria própria de GR, escrito em primeira pessoa do singular, que evidencia uma linguagem literária e subjetiva. Nesse texto, entrelaçam-se ficção, reivindicação e reafirmação de um eu, cuja elaboração discursiva se apresenta entre personagem real e ao mesmo tempo ficcionalizado, com o gerenciamento e administração da linguagem das novas mídias, com vistas a influenciar e manobrar os olhares alheios (SIBILIA, 2009, p.62). De algum modo, assim, tornamo-nos aquilo que provocam as impressões causadas por aquilo que compartilhamos. Essas impressões de leitura permitem inferir certas condições subjetivas, que expressam “a fragilidade e a instabilidade desse eu visível, exteriorizado e alterdirigido” (SIBILIA, 2008, p.312; tradução minha).

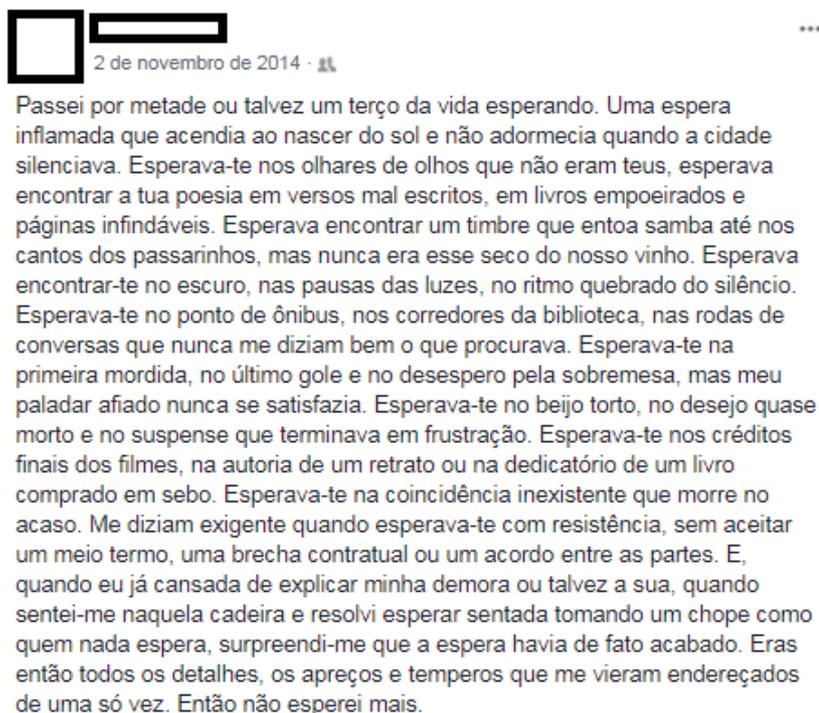


Figura 107 – Publicação de GR (02/11/2014)

Passando ao conjunto de publicações relativo ao mês de outubro, nota-se como relatos em primeira pessoa do singular, indicativos de experiências cotidianas banais, parecem se aproximar mais da “existência real” de GR. É o caso da postagem de 30 de outubro (Figura 108), que dá destaque para atividades como “tomar banho”, “ver filmes” e “comer”, demonstrando certos aspectos da subjetividade de GR, que é particularizada por uma atividade menos comum diante das enumeradas: a produção de colagens artísticas. Demonstra-se, assim, que “a vida real torna-se irresistível, mesmo que tal vida seja absolutamente banal – ou melhor: especialmente se ela for banal; ou melhor ainda: sublinhando especialmente aquilo que toda vida tem de banal” (SIBILIA, 2008, p.144-145; tradução minha).

Também lançando mão da estratégia discursiva de se colocar textualmente em primeira pessoa, a postagem de 28 de outubro (Figura 109) combina a temática do feminismo, já mencionada, por exemplo, na data de 7 de dezembro, o que vem a torná-la parte integrante do eixo temático que determina a inscrição das coordenadas que permitem analisar sua linha do tempo em suas tendências auto/biográficas. Ao mesmo tempo, faz-se importante notar como a própria publicação já é em si uma recordação, porque seleciona o que GR nomeia de “primeiras aulas de feminismo” como sendo fruto de seu contato com o grupo pop Spice Girls, na quarta série, e cujo álbum, lançado em 1996, ela compartilha em sua linha do tempo, a partir da plataforma do YouTube. Essa postagem exemplifica, pois, a tipificação dos compartilhamentos de outras páginas que recontextualizam o conteúdo discursivo compartilhado. A priori, o link

para o álbum do grupo pop não poderia ser associado ao feminismo, por si só. No entanto, o enunciado de GR não só apresenta uma recontextualização desse link, quando o traz para sua linha do tempo, como também enfatiza o aspecto memorial ligado às Spice Girls, quando estava na quarta série.

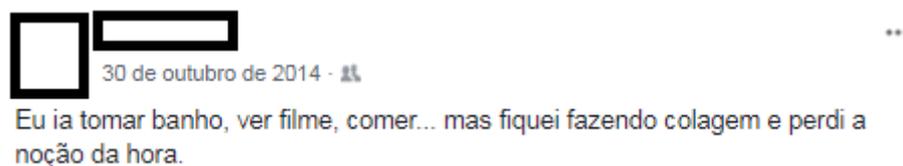


Figura 108 – Publicação de GR (30/10/2014)



Figura 109 – Publicação de GR (28/10/2014)

Temos ainda em relação às identificações, ideologias e interesses políticos, também um componente auto/biográfico, como já foi advertido na abertura do gesto analítico em relação à linha do tempo de GR. É possível observá-lo nas publicações de 25, 24, 22 e 6 de outubro, respectivamente, mês das eleições presidenciais de 2014. Estas não são as únicas publicações que tratarão desse domínio temático, mas são postas em evidência neste momento da análise, por estarem apresentadas em sequência cronológica reversa. Mais adiante, será notada a mesma temática relativa à esfera política. A publicação do dia 25 de outubro (Figura 110) aponta a opinião de GR acerca das pessoas que sustentam seu voto a partir do discurso de ódio e do preconceito, além de demarcar, explicitamente, sua opção de voto, na véspera do segundo turno

da eleição presidencial entre Aécio Neves e Dilma Rousseff, por esta candidata. As hashtags, por sua vez, funcionam como palavras-chave para o conteúdo da sua postagem, lembrando que Coração Valente foi jingle da campanha da presidenta, em 2014. Novamente, na publicação de 24 de outubro (Figura 111), o conteúdo temático trata do respeito à decisão da maioria pelo voto, como forma democrática de eleger um representante. No caso da postagem, o texto reafirma a opção de GR por não votar em Aécio Neves, esclarecendo, ainda, que caso ele vencesse, apesar de lamentar e ficar triste, ela respeitaria a decisão da maioria.

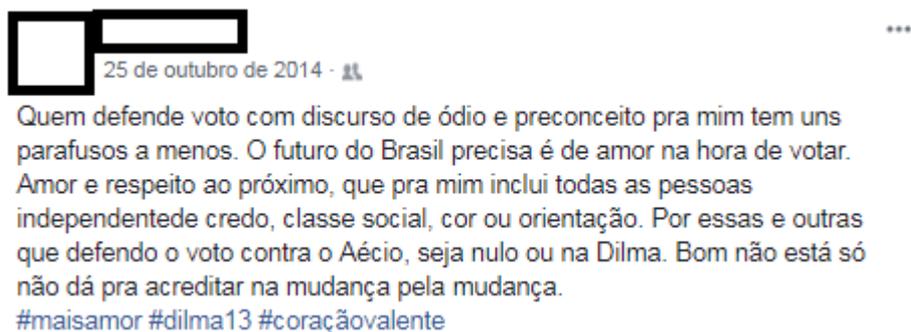


Figura 110 – Publicação de GR (25/10/2014)

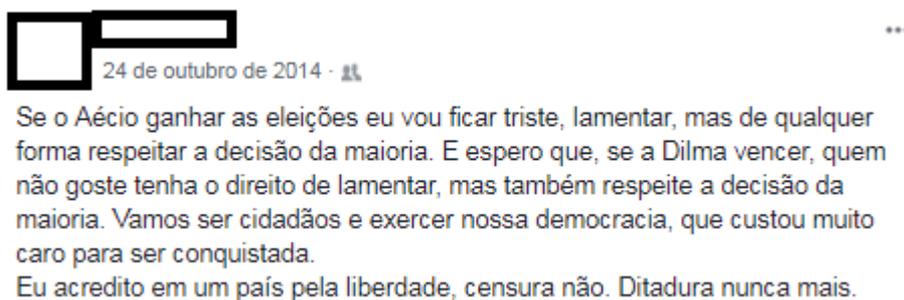


Figura 111 – Publicação de GR (24/10/2014)

Na publicação de 23 de outubro (Figura 112), reproduzida abaixo, percebe-se a identificação com o trabalho, outro dos eixos temáticos que vêm para subsidiar sua expressão auto/biográfica. Além disso, ela expressa uma quebra na sequência de postagens a respeito da política, ainda que se trate de expressão de teor político-ideológico. Como funcionária pública, ela aponta para o dia 28 de outubro, tido como Dia do Funcionário Público. Nessa postagem, GR relata o fato de que o feriado na Unicamp, onde trabalha, foi cancelado. Apesar disso, o reitor José Tadeu Jorge viajaria no feriado e seu texto demonstra indignação em relação a esse fato. A pergunta “E adivinha quem vai pagar?”, possivelmente, dirige-se ao interlocutor que é pagante de impostos que se configuram como dinheiro público, o qual financiaria essa viagem. Não fica claro, no entanto, se se trata de uma viagem de trabalho ou de lazer, informação que justificaria a crítica de GR. Em pesquisa no Diário Oficial, é possível esclarecer que se trata de

viagem de trabalho⁹⁸. É importante notar aqui, o deslocamento dos enunciados. Sem deslegitimar a opinião de GR a respeito do cancelamento do feriado, é preciso perceber como a leitura de enunciados que partem de uma opinião pessoal, desviam-se em relação a determinados fatos, ocultando-os ou omitindo-os, o que é tanto um movimento de curadoria como um expediente próprio da auto/biografia relacionado, essencialmente, à subjetivação das experiências e acontecimentos externos.

A publicação do dia 22 de outubro (Figura 113), por sua vez, é dirigida, diretamente, aos leitores de sua linha do tempo, de modo mais específico àqueles que reclamam das discussões políticas apresentadas no Facebook. Em uma sequência de perguntas que demonstra sua exaltação diante daqueles que não compreendem o sentido da época em que se dão as eleições e que consideram as discussões políticas realizadas na rede social como algo que provoca incômodo. Além disso, GR retoma um meme em seu texto “Se reclamar, vou encher o saco duas vezes”.

Ademais, é registrado o esgotamento sentido e proporcionado pelo trabalho na publicação de 16 de outubro de 2014 (Figura 114). Em termos de procedimento curatorial, GR se vale de uma das propriedades do *site* para expressar que está se sentindo esgotada. Nota-se ainda, como o texto da postagem se configura de forma a expressar uma reflexão e uma espécie de exame de consciência a respeito do sentimento de vazio e de estar no lugar errado, provocado pelo trabalho.

Voltando ao domínio da esfera política, ambas as publicações do dia 6 de outubro (Figuras 115 e 116) abordam essa temática. Em uma delas, GR orienta os interlocutores que se sentem incomodados com o fato de ela só falar de política a deixarem de segui-la na rede social, o que faria com que suas postagens não mais aparecessem no Feed desses indivíduos. Na segunda postagem, GR declara que, embora respeite quem decida por votar nulo, prefere não se omitir. Junto dessa declaração, associa ao seu enunciado as hashtags “#Voto13 #Dilmais #AécioNever”. As três hashtags têm valor declarativo, mais do que classificatório em relação às informações, uma vez que expõem de modo explícito a quem seu voto será dirigido e a rejeição ao candidato oponente.

⁹⁸ Diário Oficial Poder Executivo Seção II, sexta-feira, 17 de outubro de 2014: Decretos de 16-10-2014 Autorizando: o afastamento de José Tadeu Jorge, RG 5.462.890, Reitor da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, para, no período de 27-10 a 8-11-2014, empreender viagem à Cidade do México - México, a fim de participar do evento de empreendedorismo universitário “Spin 2014”, e do Congresso “La Autonomía Universitaria em La América Latina Del Siglo XXI”, a realizar-se na Universidade Nacional Autónoma do México, onde tratará de assuntos relacionados a atividades de colaboração em ensino e pesquisa de interesse da referida Universidade.

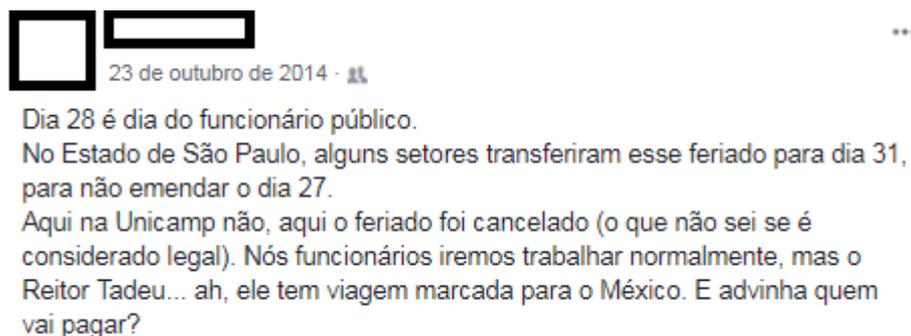


Figura 112 – Publicação de GR (25/10/2014)

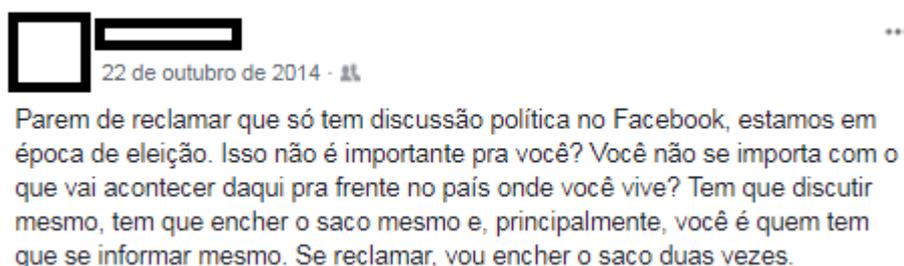


Figura 113 – Publicação de GR (22/10/2014)

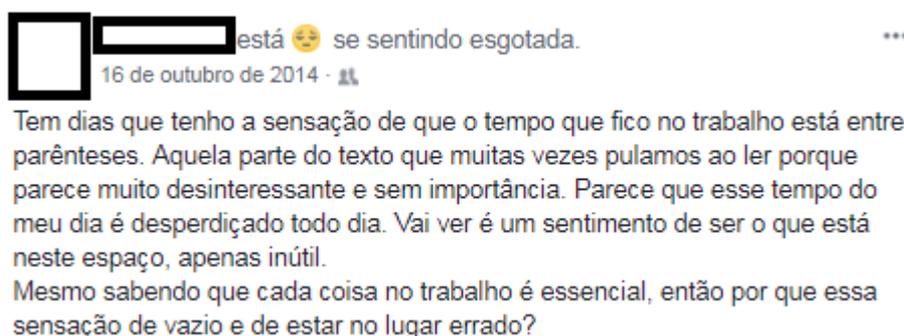


Figura 114 – Publicação de GR (16/10/2014)

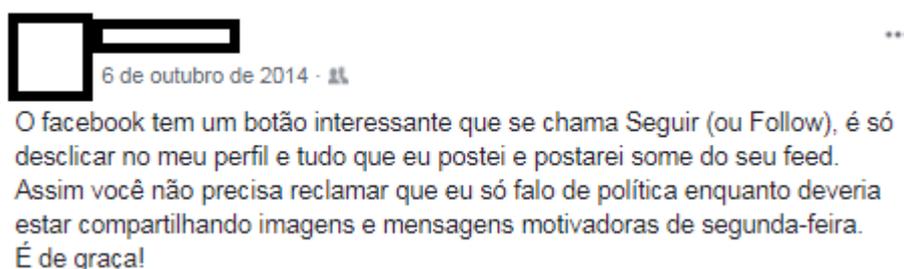


Figura 115 – Publicação de GR (I) (06/10/2014)

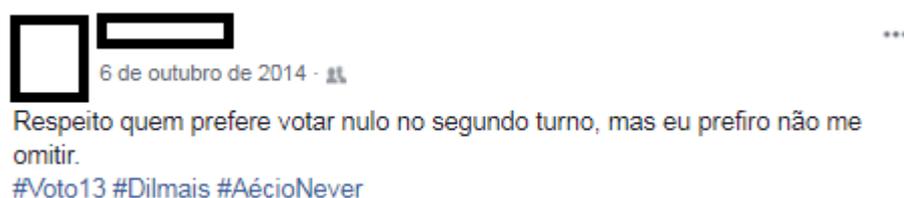


Figura 116 – Publicação de GR (II) (06/10/2014)

É relevante destacar a publicação de 1º de outubro de GR (Figura 117), porque se trata da mesma postagem compartilhada por AR, também na mesma data, que será revisitada no item 4.1.5 desta análise. Em relação aos mecanismos próprios da curadoria digital, cabe apontar a possibilidade inerente à linguagem das novas mídias, a qual permite as reproduções em massa de arquivos que podem ser compartilhados inúmeras vezes e, assim, apropriados por parte dos usuários e amplamente distribuídos em uma rede social como o Facebook. Mesmo se tratando de usuárias distintas, tanto GR como AR mobilizam o mesmo item da página “Fora Alckmin”, para agregá-lo cada uma à sua linha do tempo pessoal. Nesse sentido, é possível afirmar, quanto ao expediente de recontextualização, de que modo um dos mecanismos permitidos pela curadoria digital de um elemento no Facebook funciona e confere sentidos diferentes ao arranjo geral da linha do tempo de cada uma das usuárias. No caso em questão, um mesmo elemento é deslocado para contemplar especificidades auto/biográficas distintas. Mesmo assim, tais especificidades demonstram, concomitantemente, que existe um horizonte cultural imediato ao qual ambas as usuárias se referem e em relação ao qual compartilham a mesma opinião.



Figura 117 – Publicação de GR (1º/10/2014)

Pensando, a partir deste momento da análise da linha do tempo de GR, o mês de setembro, nota-se a predominância de textos de autoria própria, fator exemplificado na publicação do dia 29 de setembro (Figura 118). A postagem em questão demonstra o modo como “a divergência moderna entre a aparência do homem e a sua interioridade faz com que a subjetividade se torne via para o conhecimento e a experiência do mundo exterior” (REZENDE, 2014, p.68). A partir da experiência de estar presente no debate de uma das candidatas à presidência no primeiro turno das eleições de 2014, Luciana Genro, que esteve no Pavilhão Básico da Unicamp no dia 29 de setembro de 2014, o que nos é permitido inferir pelo uso do dêitico “hoje”, como marcador temporal associado à geração automática da data de postagem pelo Facebook, ficamos sabendo dos efeitos que esse evento teve sobre os processos de reflexão de GR. Além disso, pode-se inferir a possibilidade de que seu voto tenha sido dirigido a essa candidata no primeiro turno, já que o teor do seu texto é, em certa medida, de recomendação em relação ao perfil de Luciana Genro, principalmente no que diz respeito à crença em suas propostas, assumida verbalmente na postagem.

Em uma das publicações do dia 26 de setembro (Figura 119), temos a figuração da memória, por meio do apontamento para o fato de que GR participa do movimento escoteiro desde 1997, embora somente em 2014 tenha realizado seu primeiro trabalho como chefe escoteira. A temática do escotismo, pertinente aos traços auto/biográficos explicitados e repetidos em sua linha do tempo, demonstra-se como um movimento que a acompanha desde a infância. Em relação à curadoria digital, em outra publicação de 26 de setembro de 2014 (Figura 120), é possível notar a explicitação das escolhas curatoriais que GR faz em relação ao que visualiza em seu Feed. A pergunta 9 do questionário fornecido aos participantes – “Os conteúdos que lhe são fornecidos pela rede social através do Feed geralmente correspondem aos seus interesses? Por quê?” – é respondida por GR da seguinte forma: “Sim, correspondem, no geral, porque provavelmente o próprio aplicativo do facebook filtre os meus interesses. Porém não gosto de postagens publicitárias”. Essa resposta demonstra que há consciência sobre como operam os algoritmos do Facebook. Para além disso, a postagem em questão atesta o que GR exclui de suas visualizações.

A expressão de si, relativamente à menção a ritos vivenciais, como é o caso do aniversário de nascimento, é um traço reconhecido por se apresentar em gêneros autobiográficos e passível de se registrar em um diário pessoal, por exemplo. Embora GR não revele explicitamente, na postagem do dia 25 de setembro (Figura 121), dirigida a todos os interlocutores-leitores de seu perfil, uma reflexão sobre a data do seu aniversário e o que ela representa, como poderia se esperar de alguém que tende a publicar muitos textos de autoria

própria em sua linha do tempo, trata-se, mesmo assim, de um registro temporal sobre a celebração do seu aniversário, junto a quem queira estar presente, na localidade de um bar de Barão Geraldo, onde reside, para comemorar a data com ela.

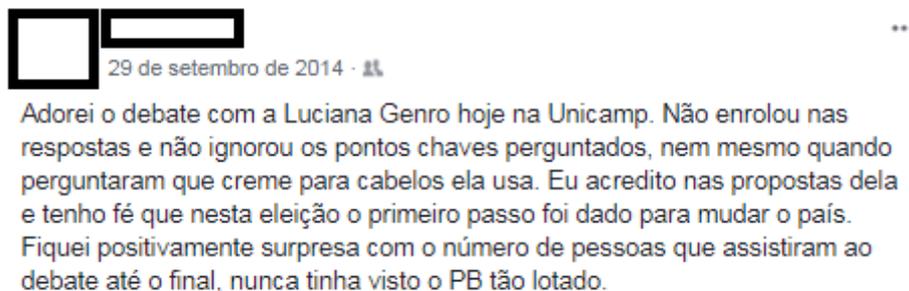


Figura 118 – Publicação de GR (29/09/2014)



Figura 119 – Publicação de GR (I) (26/09/2014)

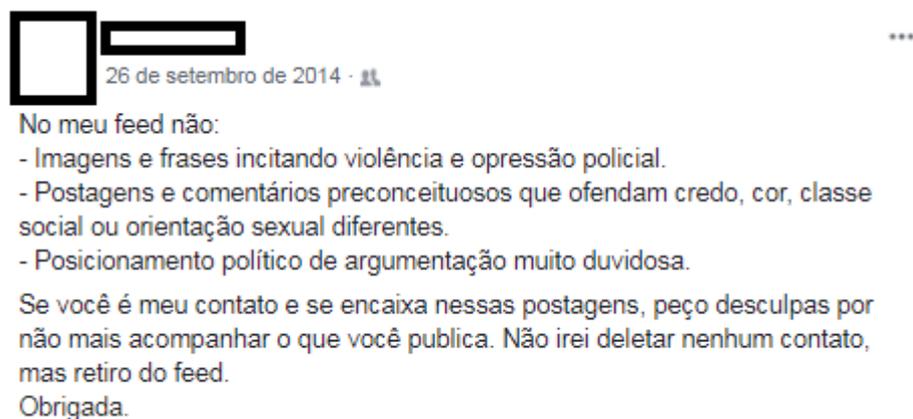


Figura 120 – Publicação e GR (II) (26/09/2014)

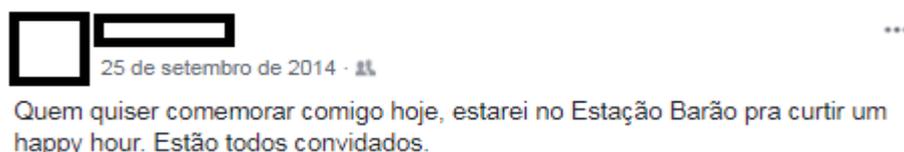


Figura 121 – Publicação de GR (25/09/2014)

Passemos agora a uma publicação de 24 de setembro que (Figura 122), em termos de procedimento curatorial, mostra-se como fruto de empréstimo; de desvio para dentro da linha do tempo. A postagem traz uma imagem do filme “Juno”, legendada com o enunciado “I’m

just, like, losing my faith with humanity”, acompanhada de um enunciado produzido por GR, no qual se lê “Como estou me sentindo ultimamente”, o que endossa o enunciado do filme, que remete à perda de fé na humanidade. É possível, captar, nesse caso, os textos “no trânsito de um contexto a outro” (SILVA, 2014, p. 68), em mais uma dinâmica de entextualização.

Há também escritos ficcionais que chamam a atenção sobre até que ponto é possível delimitar o que é registro verídico e o que é registro ficcional, quando se propõe uma leitura da linha do tempo de pessoas tão diversas. A questão é que a linha do tempo, inserida no âmbito da internet, mobiliza outro horizonte de expectativas (ARFUCH, 2010 [2002]). Por essa razão, ainda que os escritos sejam ficcionais, eles são auto/biográficos em alguma medida, se pensarmos da perspectiva demaniana ou ainda se nos lembrarmos do livro *Roland Barthes por Roland Barthes*, como produto analógico de uma possível linha do tempo do autor, em que tudo caberia, tal qual nos *hypomnemata*. Outra publicação de 24 de setembro (Figura 123) – que traz um texto escrito de julho de 2013, de autoria de GR – exemplifica a impossibilidade inerente ao encontro de algum traço de diferenciação entre uma obra de ficção e uma autobiografia.

Além disso, a publicação de 24 de setembro permite explorar um mecanismo que nos é caro na análise: o expediente da recontextualização temporal. O que era registro diário na postagem original transforma-se em “memória” na recontextualização cronológica na linha do tempo e reatualização no Feed para quem a acompanha, considerando ainda que muitas das postagens originais já são em si recordações, depois que o Facebook instaurou a possibilidade de que os usuários entrassem em contato com publicações da mesma data de anos anteriores, em forma de lembranças. Especificamente em relação à postagem de GR, apesar de não se tratar de um caso em que essa funcionalidade do Facebook é utilizada, o fato de haver a remissão temporal a julho de 2013 faz pensar que um texto escrito por ela foi reencontrado e que GR decidiu publicá-lo em sua linha do tempo, muito embora isso tenha se dado mais de um ano depois do momento em que se elaborou a produção escrita. Esses movimentos e entrecruzamentos de temporalidades fazem parte do discurso labiríntico da memória, que não se dá de modo unitário e essencialmente linear, mas inclui defasagens e lacunas, o que nos remete à elucidação e ao esclarecimento do eixo cronológico de análise, no plano geral das linhas do tempo observadas.



Figura 122 – Publicação de GR (I) (24/09/2014)

Estava dentro da garrafa: eu. Completamente sozinha e livre de qualquer turbulência, isenta de caos e alheia às guerras que se travam do lado de fora. Ali era o mundo, onde tudo acontecia, até mesmo ódio, rancor e talvez vingança. Eu não sei mais como é o amargo deles. O gosto se foi e o aroma de fel aos poucos se tornou doce e leve. Evaporou junto comigo, eu virei uma bolha. Comecei do tamanho de uma bolinha de gude e fui inchando. Cresci mais até que percebi que ia encostar nas paredes da garrafa e quando me dei conta disso tive medo, algo tremendo ia acontecer. Eu nunca tinha explodido antes, mas desta vez era impossível evitar, ia explodir. O que acontece com você depois que se explode? eu pensei. Será que se morria ou nunca mais poderia pensar em nada no mundo? Eu nunca mais ia poder odiar nem me vingar e nem guardar nenhum tipo de rancor porque a garrafa ficou tão cheia mas tão cheia de mim que não sobrou espaço pra mais nada. Eu estava ocupando todos os milímetros quadrados e iam acabando os últimos deles por toda a garrafa até que explodi mos.

Eu e a garrafa. Voaram estilhaços em todos os sentidos. Eu havia me libertado e agora estava em todo lugar. Eu me encontrava em tudo, até naquelas coisas que ficaram por mundo tempo fora do meu alcance. Agora elas também eram um pouco de mim. O mundo tinha incorporado todos os meus estilhaços e eu nunca mais poderia montá-los todos da mesma forma. Talvez jamais encontrasse todos os cacos. Pouco importava se ficassem perdidos, agora nada mais me segurava. Eu era grande demais pra ficar ali dentro e agora era tão pequena que não cabia em qualquer lugar, eu precisava de todos.

(julho/2013)

Figura 123 – Publicação de GR (II) (24/09/2014)

Quanto ao campo laboral, o fato de ser funcionária pública também teve especial importância na temática de suas publicações, uma vez que os funcionários da UNICAMP,

universidade onde trabalha, e das outras duas universidades paulistas, entraram em greve em 2014. Em 11 de setembro, a publicação (Figura 124) espelha a participação de GR no movimento de greve trabalhista. Novamente, nota-se a repetição enunciativa do uso do meme “se reclamar...” e também o apontamento temporal da duração da greve: 112 dias para conseguir um reajuste salarial.

Em um núcleo distinto, a postagem de 5 de setembro (Figura 125) mostra como têm importância auto/biográfica as fotografias publicadas na linha do tempo dos usuários do Facebook, o que não é uma afirmação inesperada. Se nossa opção metodológica tivesse sido a de contar somente com as fotografias pessoais que aparecessem nas linhas do tempo dos participantes, teríamos, muito provavelmente, o que em uma composição conjunta poderia se chamar de “fotobiografia” (BRUNO, 2010). Mesmo assim, fica claro o privilégio e o impulso curatorial de GR pelo núcleo temático da família, notado na postagem em questão, em celebração ao Dia do Irmão, na qual aparece com sua irmã e seu irmão, a quem dirige a publicação, ao marcá-los na postagem. No que diz respeito à recontextualização temporal, vale também observar o fato de que se trata do compartilhamento de foto própria, isto é, já contida em álbum de fotos de GR e datada de 28 de julho de 2013, mas reatualizada com nova roupagem semântica, proporcionada por uma data específica, em que se comemora o Dia do Irmão. Nesse sentido, a postagem em questão assemelha-se muito àquela publicada em 24 de setembro (Figura 123), já abordada nesta análise.

Assim como a publicação do dia 11 de setembro (Figura 124), a postagem do dia 3 de setembro (Figura 126) faz menção à greve trabalhista pelo reajuste salarial, da qual participaram três universidades públicas paulistas, UNICAMP, USP e UNESP. Interessa perceber a operação curatorial classificatória promovida pela realização do check-in no Parque Trianon-MASP, onde se deu a manifestação. Além disso, se se acompanha a cronologia que compõe essas duas postagens, notamos que em 3 de setembro completaram-se 100 dias sem o alcance do reajuste, enquanto oito dias depois, na data de 11 de setembro, a correção salarial foi finalmente obtida.

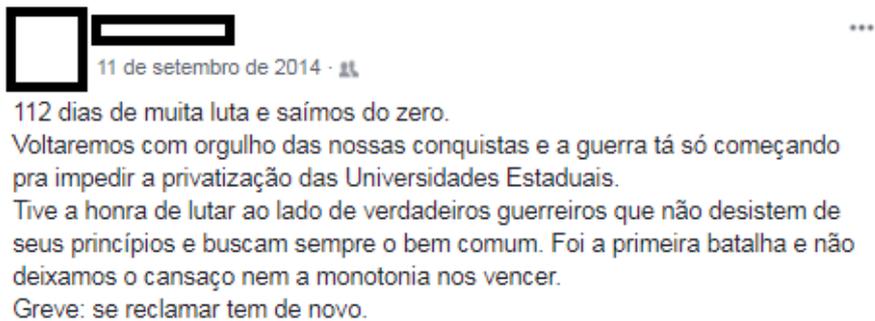


Figura 124 – Publicação de GR (11/09/2014)

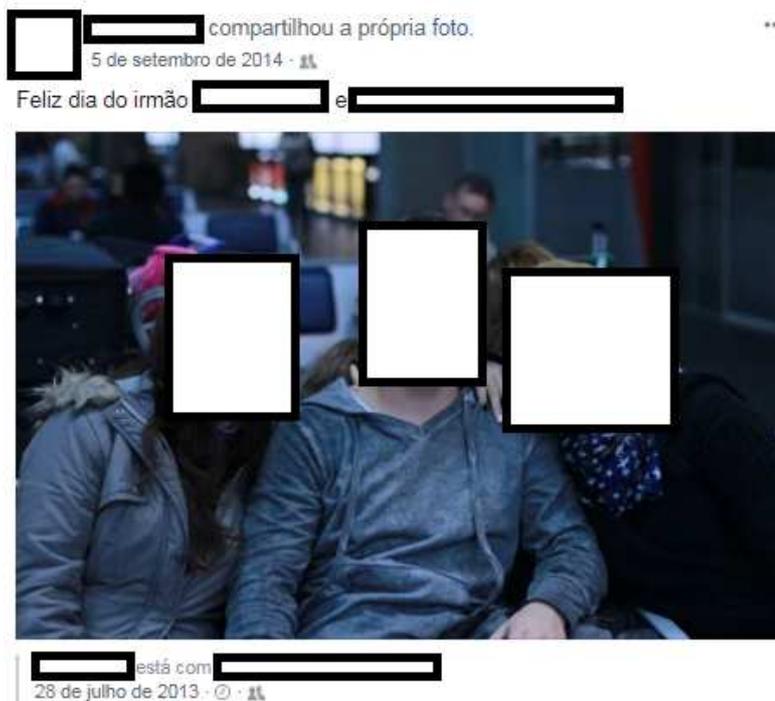


Figura 125 – Publicação de GR (05/09/2014)

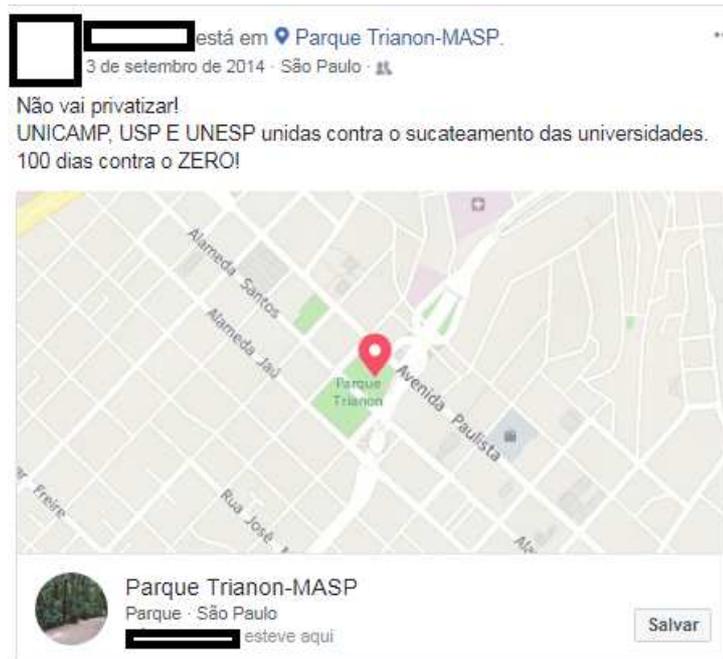


Figura 126 – Publicação de GR (03/09/2014)

Passemos agora ao conjunto de publicações do mês de agosto, a começar pela postagem do dia 28 (Figura 127), que apresenta uma foto tirada por GR de uma parede do banheiro público feminino do Ciclo Básico II, da Unicamp, o que novamente nos é permitido identificar por conta do check-in realizado por ela. Importa perceber o processo de entextualização, justamente no que concerne à metáfora da viagem (SILVA, 2014), para a compreensão do movimento de deslocamento de um trecho ou excerto para além de seu suposto contexto de origem. Neste caso, o texto da parede do banheiro é registrado em fotografia e, assim, transporta-se para dentro da linha do tempo de GR, uma vez que foi ela quem o “capturou”. É possível, ainda, associar a postagem à condição heterotópica da linha do tempo, em sua reunião de “todos” espaços e tempos: o tempo da escrita do enunciado na parede do banheiro, o tempo da fotografia da parede que contém o enunciado, o tempo de publicação da fotografia na linha do tempo, como fios temporais que se entrelaçam. Paralelamente a essas temporalidades, o espaço da parede onde fica registrado o enunciado, o espaço da matéria digital que comporta a fotografia tomada e guardada no celular de GR e, por fim, a própria configuração de espaço que é a linha do tempo, ao comportar essa fotografia. Quanto ao aspecto classificatório das curadorias, o enunciado de GR ainda classifica e indexa o enunciado contido na parede: “Gosto do que dizem os banheiros públicos”, para saber do que gosta de fato GR, nesse caso, é necessário completar a leitura da fotografia: “Nos chamam/ de feia para nos/ vender merda/ azar do patriarcado/somos/todas lindas!”. Nota-se, então, o aspecto de identificação com o que está escrito na parede do banheiro, o que provavelmente motiva o

registro fotográfico. Por último, é válido observar a dupla publicação, que se dá tanto no Instagram, como no Facebook, pelo mecanismo de replicação da mesma postagem entre as redes sociais.

Finalmente, é relevante apontar a manifestação constitutiva da linguagem, mas concretizada de modo explícito na linha do tempo, o que pode ser exemplificado pela publicação em questão, do dialogismo bakhtiniano. Isso porque há um fluxo dialógico mais amplo entre todas as publicações da linha do tempo de um indivíduo, e mais especificamente, no caso da postagem do dia 28 de agosto, entre aquilo que GR enuncia e aquilo que está enunciado por um interlocutor que existe só enquanto discurso. Como nos lembra Marcuzzo (2008):

esse conceito define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro (ibid., p. 122). Assim, para Bakhtin, a alteridade é a condição da identidade: os outros constituem dialogicamente o eu que se transforma dialogicamente num outro de novos eus (ibid., p. 125), no sentido de que uma pessoa deve passar pela consciência do outro para se constituir (id., 2008, p. 43) (MARCUIZZO, 2008, p.4).

Desse modo, podemos realizar uma aproximação plausível entre a concepção de dialogismo e aquilo que compõe o espectro auto/biográfico da linha do tempo, uma vez que muitos textos, fotos, notícias, menção a lugares e a acontecimentos do mundo externo e das alteridades são apropriadas significativamente para a constituição de uma tendência auto/biográfica que se faz imanente: a “condição da identidade”.

Seguindo para a análise da postagem do dia 9 de agosto (Figura 128), GR faz uso da funcionalidade do *site* que permite a expressão de sentimentos e/ou atividades. No caso em questão, ela indica que está viajando para sua cidade natal, Atibaia. Junto ao uso dessa funcionalidade, GR ainda associa o seguinte enunciado: “Vai ser muito bom reunir a família toda de novo. Gratidão pelos meus pais e irmãos!”. Percebe-se, a partir desse texto, a manifestação do campo dos afetos de GR, no qual se inclui sua família. Lembremos, aqui, a publicação do dia 5 de setembro (Figura 125), em comemoração ao Dia do Irmão, que também remete ao núcleo temático da família, junto à postagem do dia 9 de agosto. Portanto, associadas, constituem-se como rotina/repetição de um mesmo conjunto temático.

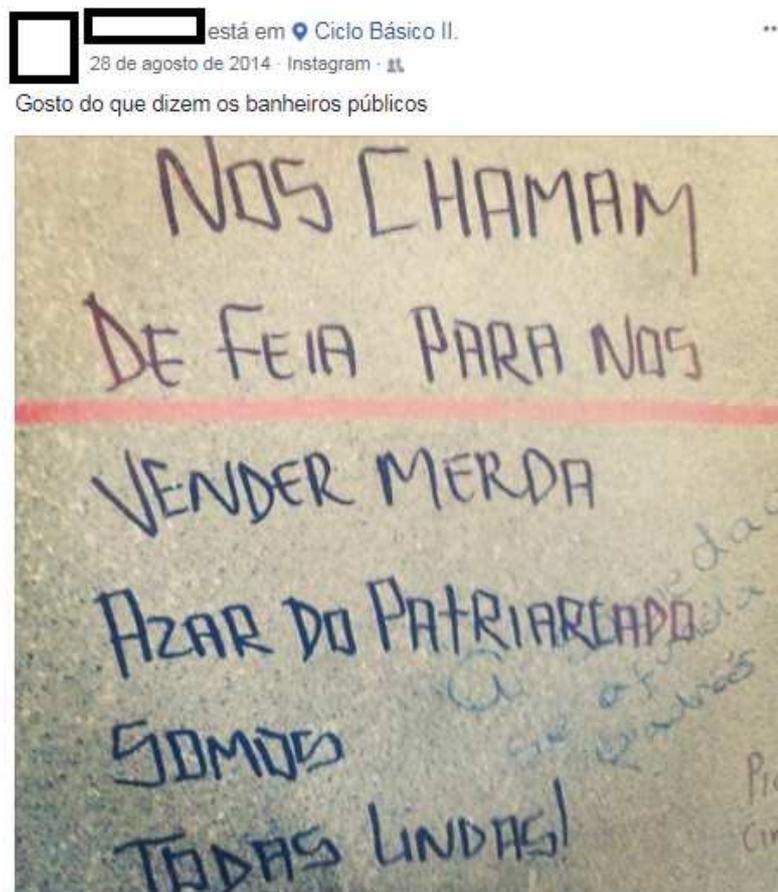


Figura 127 – Publicação de GR (28/08/2014)



Figura 128 – Publicação de GR (09/08/2014)

Já na publicação de 7 agosto de 2014 (Figura 129), em que GR compartilha uma publicação de 6 de agosto, dia anterior, da página “Artes da Depressão”, é possível observar

como a própria temporalidade é recontextualizada no procedimento curatorial de compartilhamento. Diferentemente da publicação do dia 24 de setembro (Figura 122), o compartilhamento não acompanha nenhum texto produzido por GR, de modo “autoral”. No entanto, fica evidente a ideia de que “viajar é de fato o destino dos textos” (SILVA, 2014, p. 68), uma vez que na página da qual GR compartilha a imagem, a obra de Franz Kupka sofre uma alteração, por ser acompanhada do enunciado “Posso ser tudo o que dizem por aí, mas se tem uma coisa nessa vida que eu não sou, é obrigado(a)”. Este enunciado, por sua vez, é apropriado por GR, sendo tomado em primeira pessoa, podendo ser entendido como se tivesse sido emitido por ela, ao ser transportado para sua linha do tempo.



Figura 129 – Publicação de GR (07/08/2014)

Como já mencionado, um agrupamento temático que se permite identificar na linha do tempo de GR é o escotismo. Tendo participado do Movimento Escoteiro desde bastante jovem, em 2014, sua linha do tempo conta com publicações que remetem à lembrança relativa

à sua experiência anterior e que demarcam, em sua trajetória de vida, a volta e o reencontro com o escotismo. Em 26 de setembro, sua postagem (Figura 119) remete tanto a um novo marco – tornar-se chefe escoteira pela primeira vez – como a uma recordação da iniciação no movimento, do qual participa, segundo a publicação, desde 1997, como já foi mencionado. A postagem de 2 de agosto (Figura 130), por sua vez, estando em destaque em sua linha do tempo, registra o início de seu trabalho voluntário no Grupo Escoteiro Dom Bosco 122 – SP. Se voltarmos um pouco mais, em postagem de 25 de julho (Figura 131), GR já registra o prenúncio de sua volta ao movimento, em que aproveita da funcionalidade do *site* que permite a expressão de sentimentos, revelando que GR se sente animada com esse retorno.

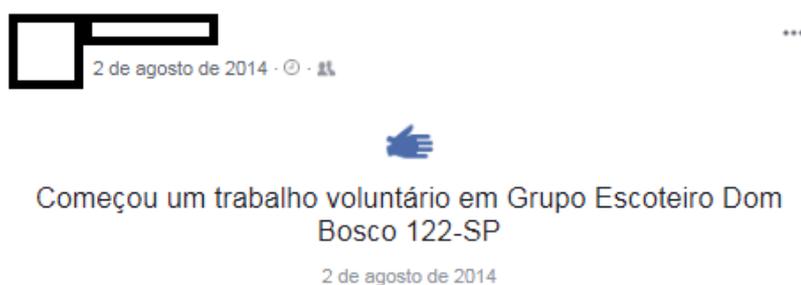


Figura 130 – Publicação de GR (02/08/2014)

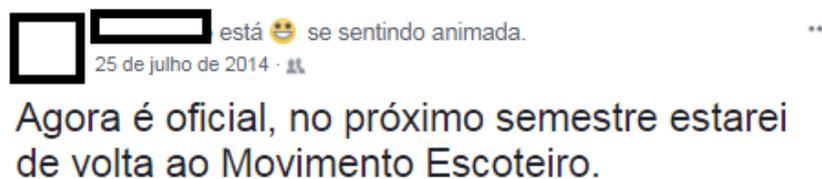


Figura 131 – Publicação de GR (25/07/2014)

O tema do feminismo aparece igualmente como regularidade e rotina de GR, em termos de tema, no segundo semestre de 2014. Embora haja certa variedade nas acepções destinadas a definir o feminismo, pode-se tentar explicá-lo como movimento de luta pela igualdade de gênero. Nesse sentido, no eixo de coordenada temática (LEJEUNE, 2014 [2008]) das narrativas de vida, o agrupamento de publicações na linha do tempo de GR a respeito do feminismo atesta sua mentalidade e sua visão de mundo acerca desse movimento social. As publicações a seguir exemplificam algumas das operações curatoriais possíveis nas linhas do tempo. As postagens são frutos de compartilhamentos, sem a adição de enunciados próprios produzidos por GR ou de compartilhamentos de outras páginas, com algum enunciado que recontextualiza o conteúdo discursivo compartilhado ou que serve ao propósito de enfatizar o conteúdo discursivo compartilhado.

Como exemplo de compartilhamento sem a adição de enunciados próprios produzidos por GR, há as postagens de 13 e 12 de julho (Figuras 132 e 133), reproduzidas abaixo. A postagem de 12 de julho resulta de um compartilhamento da página da UNICEF, em campanha contra a mutilação genital feminina e contra o casamento de meninas. Pode-se interpretar que, ao publicar essa campanha em sua linha do tempo, GR endossa a enunciação primeiramente atribuída à campanha da UNICEF, sem a necessidade de promover algum tipo de desvio lançado sobre a própria enunciação. Analogamente, acontece tal movimento na postagem de 13 de julho, com o compartilhamento de publicação feita originalmente pela página “Arte feminista”, na qual há a fotografia de dois lambe-lambes, que reproduzem os dizeres “Eu me nego a imitar os costumes sexistas” e “Eu quero os homens, não os machos! Facão ao machão!”. Pode-se interpretar, neste caso, o interesse por esse tipo de produção artística e também a corroboração dos enunciados ali presentes. Assim, é possível inferir como enunciados compartilhados de outras páginas passam a poder ser atribuídos, na cadeia dialógica, ao indivíduo que os compartilhou e, conseqüentemente, passam a configurar sua própria auto/biografia. Dessa maneira, nessa postagem se coadunam autobiografia e biografia, o que leva à preferência já justificada pela grafia auto/biografia, para realçar o entrelaçamento entre o “auto” da biografia, quando escrita em primeira pessoa.

Vale lembrar que o que é exibido no Feed de Notícias é influenciado pelas conexões/vínculos/associações e atividades do usuário, o que o ajuda, supostamente, a ver mais histórias de seu interesse, compartilhadas por amigos com quem tem mais interação. Além disso, o usuário pode optar pelo ajuste das configurações pessoais para a escolha do que deseja, ou não, visualizar em seu Feed de Notícias, o que inclui as atualizações de *status* de seus amigos na rede social. Essas dinâmicas acabam por propiciar que GR entre em contato com publicações da página Arte Feminista e da página da UNICEF, motivando-a a replicá-las em sua linha do tempo.



Figura 132 – Publicação de GR (13/07/2014)



Figura 133 – Publicação de GR (12/07/2014)

A linha do tempo fornece um quadro geral de importâncias do e para o indivíduo. Ao mesmo tempo em que venho tentando estabelecer com o indivíduo um pacto de leitura, às

vezes incorro em pequenas quebras de contrato. As temáticas que apareceram na linha do tempo de GR podem ser da enumeradas da seguinte maneira: saudade, família, amizade, escotismo, ficção, greve, política, feminismo, trabalho. Vimos também que, em alguns momentos, existem intersecções entre um e outro tema, como é o caso da política e da amizade, por exemplo. Ademais, fica caracterizada as fronteiras borradas do ficcional e do real, que constituem essa forma de expressão auto/biográfica que é a linha do tempo do Facebook.

4.1.4 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de DS

Sim, podem conter. Nos textos, chego a fazer referências a pessoas reais. Em alguns casos, no entanto, essas pessoas reais são apenas ponto de partida para algo mais ficcional. Não sei se correspondem ao que sou. Há quem reaja às postagens reconhecendo ou estranhando minha personalidade construída nos textos. (Resposta à pergunta 12 do questionário, DS)

É importante notar, em uma das respostas de DS ao questionário autoaplicado que abre esta seção de análise, o reconhecimento dos limites tênues entre a referência a pessoas reais que participam de sua vida e a proposta de, a partir delas, criar textos mais ficcionais, atividade que aparece com regularidade em sua linha do tempo e, portanto, configura-se como uma das rotinas de seu perfil. Trata-se de percepção relevante, porque põe em questão o regime de verdade das formas autobiográficas, demonstrando a possibilidade de transgressão entre “real” e “ficcional” como dimensões imaginárias, nas quais se dão movimento e ruptura, atestando o quão inapreensível é o valor de veracidade do discurso para a captura do sujeito, dentro do debate mais amplo sobre a escrita autobiográfica (CAMARGO, 2010).

Em relação à singularidade da linha do tempo de DS, o que se nota como fruto do estilo individual, vinculado à noção de autobiografia, são os textos de autoria própria aos quais ele dá certo tratamento literário, misturando, na constituição fragmentária e própria da *timeline*, análise social, ficção e narrativa, calcadas em uma perspectiva pessoal diante dos acontecimentos e experiências do cotidiano. Para ilustrar essa singularidade, foram analisadas, nesta seção, 22 publicações, do total de 104 postagens feitas por DS de julho a dezembro de 2014. Vale notar que a constituição de textos de autoria própria é transportada da linha do tempo para outro arquivo, como DS assevera em uma das respostas do questionário à pergunta *Você se preocupa com a cronologia de suas publicações? Já voltou na linha do tempo para visualizar publicações passadas?* Trata-se, assim, de um movimento de consulta posterior:

Em parte. **Tenho o costume de guardar os textos autorais num arquivo do Word.** Mas em geral não faço isso assim que os escrevo. De dois em dois meses, mais ou menos, **faço uma varredura na minha linha do tempo para garimpar e salvar o que escrevi naquele período** (Resposta à pergunta 15 do questionário, DS; grifo meu).

Na publicação de 22 de dezembro (Figura 134), DS apresenta o que chama de “inventário dos apelidos de amigos e conhecidos” de seu pai, empreendimento que vai se repetir na postagem de 7 de dezembro (Figura 136), na qual ele enumera os apelidos de algumas salas do primeiro ano para as quais dá aulas à época. Ao repetir essa textualização, na forma de levantamento dos apelidos desses dois diferentes grupos que menciona, temos o apontamento de uma rede de relações cultivadas por seu pai, cuja associação não poderia ser outra, dado o uso da primeira pessoa na designação enunciativa. Nesse mesmo sentido, apesar de não existir a presença da primeira pessoa no enunciado, há a enumeração de uma série de apelidos atribuídos aos seus alunos, o que registra “a questão indiferenciada da primeira e da terceira pessoa na biografia (também indiferenciada da autobiografia) em que o autor é sempre *outro*” (CAMARGO, 2010, p. 18).

A publicação de 11 de dezembro (Figura 135), por sua vez, apresenta uma atualização da foto de perfil de DS, em que ele tira uma foto de si mesmo, que poderia se classificar como uma *selfie* diante de espelhos. O diferencial desse autorretrato está, no entanto, no fato de que ele não mostra seu rosto, apenas parte dos braços e pernas. Soma-se a essa atualização da foto de perfil o seguinte texto:

P [ra botar no Faceboo]k

P [ra não facebook]k

Nesse texto, há uma espécie de jogo poético e formal de palavras, que parece imitar, com o uso dos colchetes, a própria estrutura do pilar que esconde a identidade de DS. Ao mesmo tempo, portanto, delimita-se aquilo que deve ser mostrado no Facebook e aquilo que não é revelado, na imagem. Assim, esconde-se entre colchetes a maior parte das frases, assim como a maior parte do corpo de DS está escondida sob o pilar.

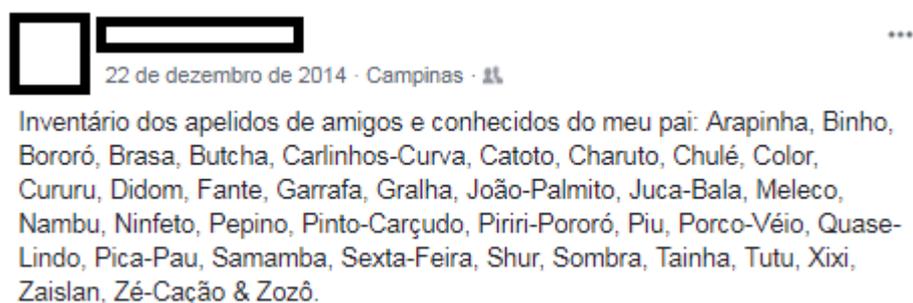


Figura 134 –Publicação de DS (22/12/2014)



Figura 135 – Publicação de DS (11/12/2014)

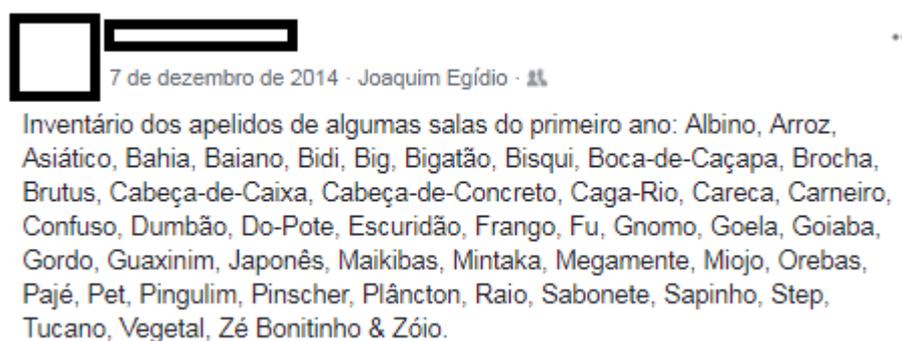


Figura 136 – Publicação de DS (07/12/2014)

A publicação de 30 de novembro (Figura 137) contém uma narrativa que centraliza um fato à época atual: o fechamento do Cine Topázio, em Campinas. A leitura da notícia é o gatilho para que DS se lembre do terceiro ano de sua graduação em jornalismo, profissão que nunca chegou a exercer. Em retrospectiva, realiza uma autocrítica sobre o estudante que foi e o trabalho que executou durante o curso, ao fazer a cobertura do encerramento do cinema

Paradiso, último cinema de rua da cidade de Campinas. Nessa narrativa, com nuances literárias que fazem lembrar a crônica, DS traz à memória algo que ocorreu 5 anos antes e analisa em tom crítico a sua atuação na telerreportagem realizada para o curso. Nessa mesma linha, PAGE (2010) também já apontava a semelhança com traços textuais da crônica, nas atualizações de status, da antiga interface do Facebook:

Embora o arquivo de status possa não se assemelhar à narrativa canônica, ele compartilha certas características com outras formas de história, especialmente a crônica. A crônica é geralmente distinta de outros subgêneros narrativos (mesmo em alguns casos excluídos da categoria de narrativa), porque enquanto a crônica contém eventos relatados conectados por sequência cronológica, eles não são organizados em torno de um tema unificador ou de um único foco avaliativo (LINDE, 1993, p. 85 apud PAGE, 2010, p. 440)⁹⁹.

Nesse fragmento, evidencia-se o caráter autobiográfico, uma vez que ao tomar contato com a notícia a respeito do Cine Topázio, o acontecimento desperta uma lembrança que é, finalmente, narrada e publicada em sua linha do tempo, o que acaba por caracterizar também o fato de que as “redes sociais possibilitam o registro coletivo e o compartilhamento de imagens, percepções, pensamentos, opiniões e sugestões a respeito de lugares os mais impensados. Muitos espaços transformam-se em lugares, a partir da narração sobre eles e passam a ter sua memória construída pela narração coletiva” (CUNHA, 2011, p. 440).

⁹⁹ “While the status archive may not resemble canonical narrative, it does share certain characteristics with other story forms, especially the chronicle. The chronicle is usually distinguished from other narrative subgenres (even in some cases excluded from the category of narrative altogether) because while the chronicle contains reported events connected by chronological sequence, they are not organized around a unifying theme or single evaluative focus” (LINDE, 1993, p. 85 apud PAGE, 2010, p. 440).

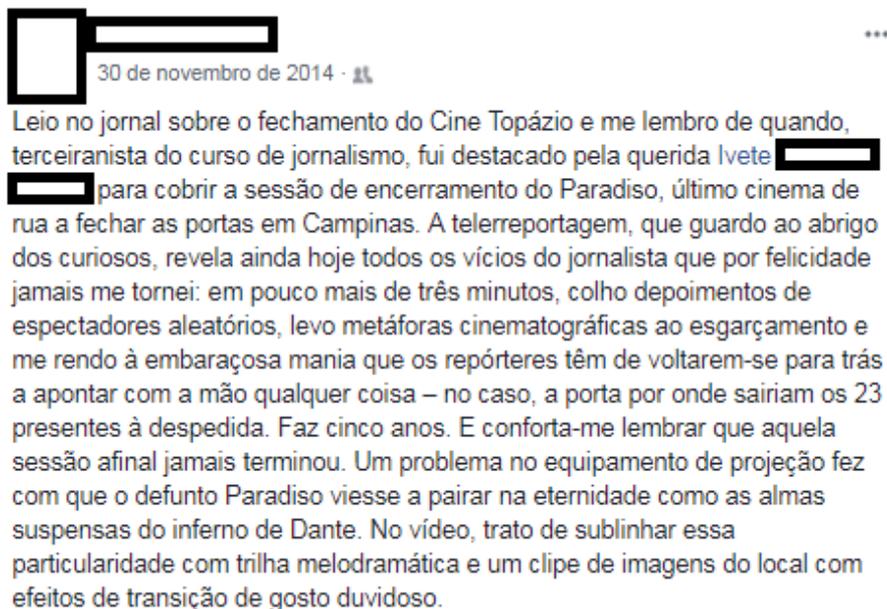


Figura 137 – Publicação de DS (30/11/2014)

A publicação do dia 29 de novembro (Figura 138) é destacada, porque revela um rito de passagem que se relaciona à cerimônia de encerramento do ano letivo na escola estadual E.E. Maria do Carmo Ricci von Zuben, em Vinhedo, na qual DS trabalhava. A postagem registra, como atesta o trecho textual em colchetes, o cordel lido por DS durante a cerimônia. Novamente, trata-se de um texto literário e poético, de autoria própria, que se insere, essencialmente, no conjunto de uma “escrita autobiográfica propriamente dita”, isto é, “aquela onde está presente a noção de indivíduo moderno, que marca a especificidade da literatura autobiográfica da modernidade: a noção de autor e o emprego autorreferencial e literário da primeira pessoa” (FRAIZ, 1998, p.61). O cordel, de autoria de DS, escrito em primeira pessoa, conta com um expediente auto/biográfico mais explícito, já que fala da relação com os alunos, além de ser concluído com seu próprio nome. A análise discursiva do cordel se desdobra também para a recorrência, na linha do tempo de DS, de escritos pessoais e autorais, os quais se desenvolvem como um núcleo de repetição.

  29 de novembro de 2014 ·  

[Registro abaixo o cordel que li hoje na cerimônia de encerramento do ano letivo na E. E. Maria do Carmo Ricci von Zuben, em Vinhedo]

·

Estes versos eu dedico
Para o povo da Capela
Molecada muito boa
Apesar de tagarela
Pois falar é da idade
E professor de verdade
É o que entende a clientela

·

Espero que neste ano
De convívio dia a dia
Tenha sido um bom garçom
Para a minha freguesia
E servido em verso e prosa
Iguarias saborosas
Com doses de fantasia

·

Certo dia li num livro
Que não canso de reler
Uma frase que dizia:
"A poesia é pra comer"
Por isso deixo uma lista
Com o nome dos artistas
Que fritamos no dendê

·

Neste ano que passou
Só lidamos com filé
Nós tivemos Gil Vicente
À moda de Baudelaire

Figura 138 – Publicação de DS (29/11/2014)

.
 Neste ano que passou
 Só lidamos com filé
 Nós tivemos Gil Vicente
 À moda de Baudelaire
 Tudo isso temperado
 Com pitada de Machado
 E do poeta de Assaré

.
 Também teve Dias Gomes
 Misturado com Drummond
 Seu parceiro Rubem Braga
 Rende um caldo muito bom
 E até mesmo os estrangeiros
 Nós metemos no salseiro
 Mandamos pro "barrigón"

.
 Mas já chega dessa história
 Fecho a lista por aqui
 Pra poder falar um pouco
 Daquilo que eu aprendi
 Tanta coisa pra lembrar
 Que se fosse detalhar
 Não saía mais daqui

.
 Com vocês eu aprendi
 Todo um novo linguajar
 Compreendi como se usa
 Esse verbo "chaviar"
 E no fim saquei também
 Que ao invés de "tudo bem"
 Vocês dizem "pode pá"

.
 "Menina" agora é "novinha"
 "Passear" é "dar pião"
 "Parça" é aquele companheiro
 Que pra gente é quase irmão
 E se a coisa tá bonita
 Se ficou charmosa a fita

.
 Com vocês eu aprendi
 Todo um novo linguajar
 Compreendi como se usa
 Esse verbo "chaviar"
 E no fim saquei também
 Que ao invés de "tudo bem"
 Vocês dizem "pode pá"

.
 "Menina" agora é "novinha"
 "Passear" é "dar pião"
 "Parça" é aquele companheiro
 Que pra gente é quase irmão
 E se a coisa tá bonita
 Se ficou charmosa a fita
 Vocês dizem: "tá chavão!"

.
 Eu podia ficar horas
 A cantar nessa toada
 Mas eu acho que a plateia
 Talvez já esteja cansada
 Pelo que será melhor
 Que este vosso professor
 Encerre logo a parada

.
 Ilustríssimos alunos
 Aceitai este cordel
 (Escrito na correria
 Neste naco de papel)
 Como um agradecimento
 – É o que temos no momento! –
 Do professor ████████



Figura 139 – Publicação de DS (22/11/2014)

Na publicação do dia 22 de novembro (Figura 139), repete-se a temática do cordel, gênero literário popular trabalhado em sala de aula com a turma, para quem ele dirige também o cordel por ele produzido no encerramento do ano letivo. O registro em questão tem como interlocutores diretos os próprios alunos, em uma declaração sobre como DS se sente privilegiado por ser professor deles. Além disso, há também uma crítica em relação à ocupação do espaço público, no caso da venda de cordéis com o objetivo de arrecadar fundos para a biblioteca da escola. Junto a esse texto, DS associa uma fotografia da turma e marca os alunos que têm página no Facebook, para registrar quem esteve com ele nesse momento.

Na publicação de 18 de novembro (Figura 140), é possível perceber como a referência a pessoas reais, no caso uma de suas alunas do sexto ano, é trazida para dentro de uma reflexão narrativa sobre sua idade. Ao mesmo tempo, como discurso organizado em primeira pessoa, a postagem enfatiza o núcleo temático da sua profissão. Também em tom de crônica, porque parte de um acontecimento específico – o fato de uma aluna trazer um *discman* para que ele visse – para uma ponderação mais ampla com a qual um número maior de leitores de sua linha do tempo pode se identificar, DS demonstra uma espécie de conflito de gerações,

porque a palavra da qual ele desejava se lembrar era “antichoque” e não “antigo”, o que lhe pôs pensativo acerca dos seus vinte e seis anos.

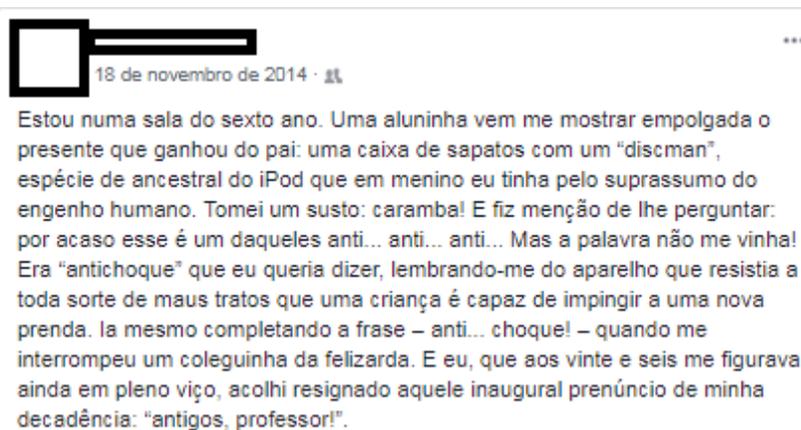


Figura 140 – Publicação de DS (18/11/2014)

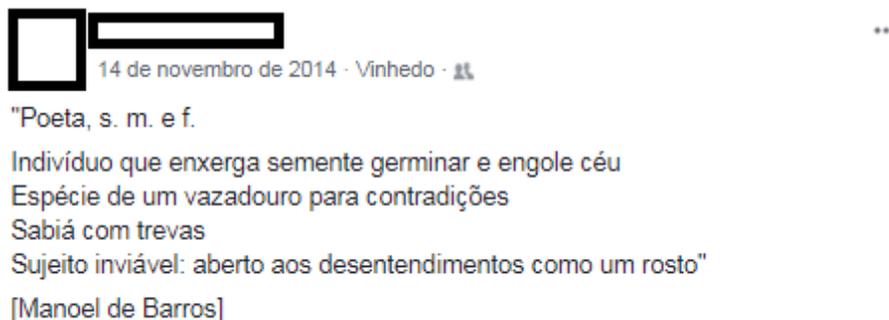


Figura 141 – Publicação de DS (14/11/2014)

A publicação do dia 14 de novembro (Figura 141), postada de Vinhedo, como se pode perceber pela marcação ao lado da geração automática da data pela interface – fato que só é permitido caso o usuário habilite essa opção, em um procedimento que também é curatorial – , remete à prática textual dos *hypomnemata*, que são fonte profícua para uma análise que os compare e aproxime das linhas do tempo, considerando-se estas últimas como formas contemporâneas as quais se prestam a propósitos, por vezes, muito semelhantes, como podemos notar no conjunto de dados que compõe o *corpus*.

Lembremos que “os *hypomnemata* se constituíam em cadernos pessoais de notas onde eram registrados citações, fragmentos de obras, ações e exemplos testemunhados ou lidos, reflexões e debates ouvidos ou rememorados” (FRAIZ, 1998, p. 68). Tendo em vista a definição desses cadernos, podemos dizer que a operação realizada por DS é a de registrar uma citação lida de um poema de Manoel de Barros, dentro do conjunto de acúmulo da linha do tempo, constituindo, assim, um “arquivo-memória”, termo utilizado por Fraiz (1998) para designar a

composição do arquivo de Capanema, no processo de construção do eu, com vistas à fixação de uma identidade. No caso da menção ao poema de Manoel de Barros, também é possível apontar a constituição “do sujeito escritor”, poeta, literato, que aparece no investimento e na insistência de DS em compartilhar seus escritos de caráter autoral.

Essa escrita autoral configura-se como repetição e rotina na linha do tempo de DS. Em publicação de 9 de novembro (Figura 142), notam-se as imbricações entre real e ficcional. Embora faça referência a um evento que pode ser lido como verdadeiro, DS acrescenta a ele tons de crônica. Nesse pequeno registro, é possível ler e identificar algo sobre seu gosto musical. Vale lembrar, assim, as condições estabelecidas pelo pacto de leitura (no caso, comigo como pesquisadora, mas em sentido amplo, com qualquer pessoa que chegue a ler sua linha do tempo em retrospectiva):

Mesmo que as recentes técnicas estilísticas tentem jogar com a duplicidade ficção-não ficção (narração na terceira pessoa, nome do personagem distinto do nome do autor, alterações no tempo cronológico da narrativa, conteúdos ficcionais), a chancela do sujeito que escreve sobre ele mesmo será garantida, porque ele estará sempre atualizando o pacto com o leitor, de tal forma que este sempre reconheça que está lendo uma autobiografia. A autobiografia se move permanentemente entre os discursos histórico e ficcional, não importando, em primeira instância, se o relato é "verídico" ou não; a noção de "pacto autobiográfico" fornece uma definição estrutural, independente das fronteiras entre falso e verdadeiro, facultando que se trabalhe com a ideia de discurso expressivo autorreferencial, sob forma e estilos os mais variados (FRAIZ, 1998, p. 75).

Lembremo-nos, mais uma vez, do fato de que em outubro de 2014 ocorreram as eleições presidenciais, as quais se caracterizam como um dos pontos da memória coletiva (HALBWACHS, 2006) do país. Assim, ao dar pistas sobre a paisagem da época relativa às eleições, ainda que em tom debochado, as publicações de 28 de outubro (Figura 143) e 6 de outubro (Figura 148) contam com comentários políticos que delineiam o que poderíamos chamar de “composição temático-cronológica” (FRAIZ, 1998, p.76), em termos de conteúdo. Em ambas, há que se destacar a profissão, que volta a ser mencionada, novamente com a turma do sexto ano e a partir da lembrança de uma viagem a Portugal, que se deixa perceber na publicação do dia 6 de outubro.

Ainda no conjunto de publicações do mês de outubro, pode-se notar a presença de duas postagens autorais, datadas de 27 de outubro (Figuras 144 e 145), que remetem à experimentação da poesia concreta e têm relação com o evento do segundo turno eleitoral, ocorrido no dia anterior, 26 de outubro. Os poemas concretos se utilizam, em ambos os casos, do primeiro nome do candidato Aécio Neves, para expressar a derrota nas urnas. No primeiro deles, postado como uma foto, lê-se “e o aécio cai”, no qual se aproveita a transposição das

letras do nome do candidato para formar o restante da frase “e [aécio] o cai”, como anagrama de Aécio. Na postagem que contém o segundo poema concreto, é preciso agregar à interpretação o enunciado que só aparentemente está “de fora”, no caso, “meia palavra bosta”, porque está apresentado em associação com a imagem do poema, em um trocadilho com o dito popular “meia palavra basta”. Juntos, enunciado externo e poema concreto permitem perceber a sequência de vogais do alfabeto de língua portuguesa (a e i o u), que ao prescindirem da consoante “c” e considerando a vogal faltante do poema “u”, forma a palavra “cu”, que mesmo na ausência concreta se faz presente. Indiretamente, na textualização desses poemas, é possível entrever o provável posicionamento político de DS.



Figura 142 – Publicação de DS (09/11/2014)

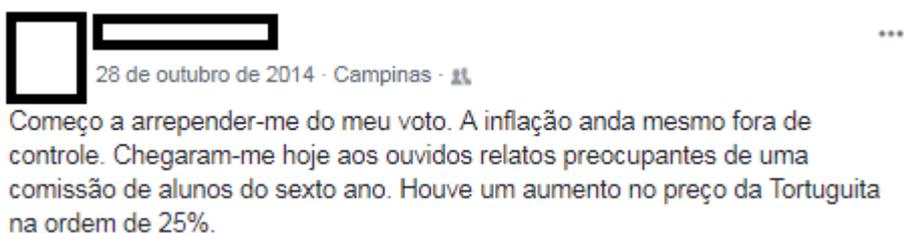


Figura 143 – Publicação de DS (28/10/2014)



Figura 144 – Publicação de DS (I) (27/10/2014)

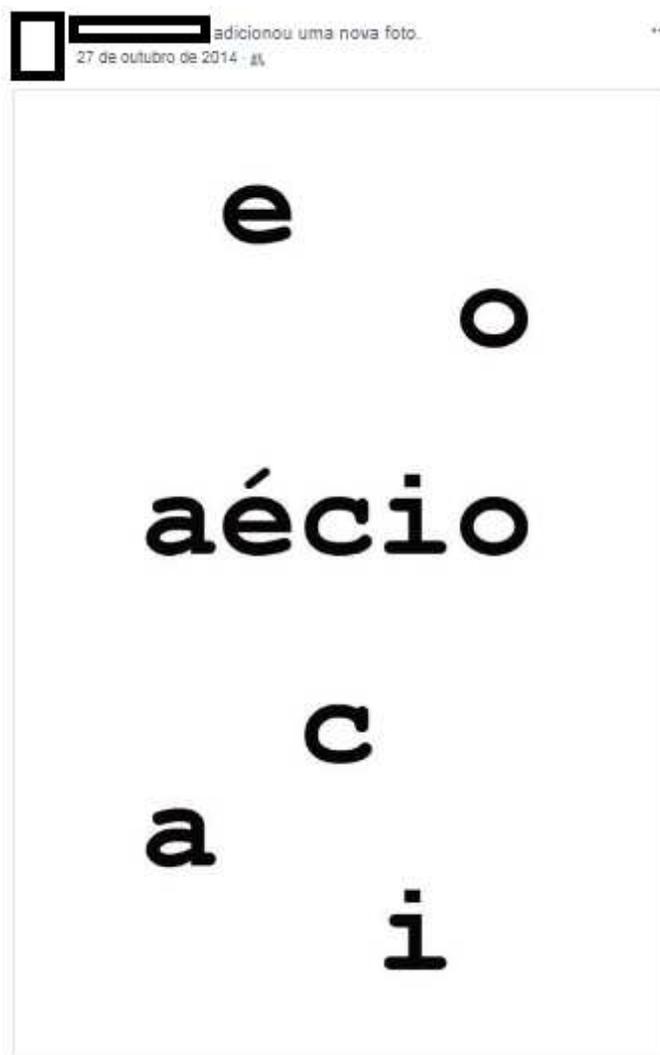


Figura 145 – Publicação de DS (II) (27/10/2014)

As Figuras 146 e 147 apresentam publicações do dia 27 e 16 de outubro, respectivamente. Ambas partem do mesmo procedimento curatorial que consiste no compartilhamento de textos escritos por outras pessoas. Esse tipo de operação, quando não associada a um enunciado próprio que visa a contestar o conteúdo discursivo compartilhado remete à concordância do usuário do perfil o conteúdo divulgado. No caso da publicação do dia 27 de outubro, feita após as eleições de segundo turno e quando já dada a vitória de Dilma Rousseff, visa a criticar alguns dos posicionamentos do espectro político e a determinar que a esquerda radical continuará nas ruas, uma vez que a eleição da presidenta não deve ser objeto de celebração. Essa publicação, além disso, é escrita pelo irmão de DS. A publicação do dia 16 de outubro, por sua vez, trata dos discursos demagógicos dos candidatos a cargos políticos, geralmente proferidos na data em que se comemora o Dia do Professor, 15 de outubro. Neste caso, o compartilhamento por parte de DS ocorre no dia seguinte à publicação original, mas evidencia, contudo, sua concordância com o fato de que sua profissão não é sinônimo de sacerdócio.

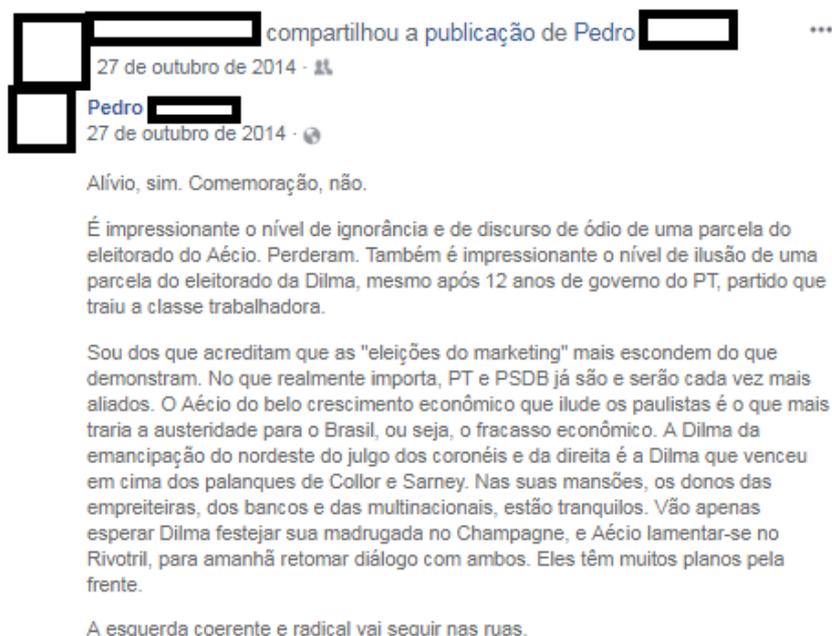


Figura 146 – Publicação de DS (III) (27/10/2014)

  compartilhou a publicação de Luiz Antonio Simas. ...
16 de outubro de 2014 · 

 **Luiz Antonio Simas**
15 de outubro de 2014 · 

Candidatos, cuidado com a papagaiada das mensagens pelo dia dos professores. Vamos combinar o seguinte: o magistério não é sacerdócio, ok? Com esse discurso de sacerdócio justifica-se o salário de fome da educação pública e as condições adversas de trabalho, em nome da famosa "missão de ensinar". Missão coisa nenhuma. O magistério precisa de salário, condições de trabalho e tempo para capacitação constante. E ensinar, antes de ser um ato de amor, é um ato político. Só quero ver o que os (as) distintos falarão no horário eleitoral. Professor não é sacerdote da educação, sala de aula não é igreja e missão é coisa de jesuíta.

Figura 147 – Publicação de DS (16/10/2014)

  ...
6 de outubro de 2014 · 

Estava em Portugal nas últimas eleições. Lembro de descer um dia até o Snack Bar do Zé Figueiredo, na Baixa de Coimbra, para tomar um copo de vinho e ouvir resmungar a velhada do balcão. Falavam do ridículo que era existir por aqui um candidato como o Tiririca. "O Brasil é um país muito atrasado", cutucou-me o dono da birosca. Ofendido, pedi que se explicasse. "Pois então veja: só agora é que elegeram um palhaço. Portugal os elege há mais de cem anos!"

Figura 148 – Publicação de DS (06/10/2014)



Figura 149 – Publicação de DS (13/09/2014)

A publicação do dia 13 de setembro (Figura 149) é fruto da adição de uma nova foto à sua linha do tempo, que exhibe a imagem de um manifesto, do time de futebol do Corinthians, contrário a atos homofóbicos de sua torcida. Dessa publicação, inferem-se dois posicionamentos e pensamentos que podem ser atribuídos a DS. O primeiro deles diz respeito ao fato de que o Corinthians é o seu time de futebol do coração. O segundo diz respeito ao fato de que a publicação endossa o posicionamento desfavorável à homofobia expressa pelo grito de “bicha” no tiro de meta do goleiro adversário. É por meio da apropriação de outra voz que esse movimento argumentativo se apresenta, ou seja, é também pelo acúmulo de discursos produzidos por terceiros que um indivíduo busca construir sua identidade, ao efetivar um

movimento concomitante, no qual “produz seu próprio discurso mediante a apropriação, pela escrita, de outros discursos, ao mesmo tempo que acumula organizadamente tantos outros que lhe servirão para a mesma finalidade” (FRAIZ, 1998, p. 69). Explicita-se, assim, uma das dinâmicas de construção de um arquivo pessoal, que se dá não só pela produção de discursos do titular, mas também pela “acumulação de discursos de outros” (ibidem).

Na publicação de 18 de agosto (Figura 150), tem-se o compartilhamento de uma imagem do então governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, a partir da página de outro usuário, com os seguintes dizeres sobrepostos: “zerou água e educação: não deixe o zeraldo **alckmin**istrar SP!”. Faz-se necessário lembrar que, em 2014, Alckmin concorria à reeleição ao cargo de governador do estado e, em agosto já se sabia de sua candidatura e também circulava a campanha e propaganda política a seu respeito. A imagem que DS compartilha remete a dois acontecimentos: a crise hídrica do estado e a má administração da educação estadual. Trata-se, em termos de curadoria do conteúdo exposto na linha do tempo, de alinhamento com a posição expressa pelo enunciado que se sobrepõe à fotografia. Não há a adição de nenhum enunciado próprio de DS, mas há a apropriação de um enunciado alheio para legitimar uma posição política contrária à reeleição do governador. Essa remissão sobre o contexto sócio-político, na minha leitura do arquivo pessoal, organizado automaticamente na linha do tempo de DS, só se faz possível, porque

Guardadas as proporções, as narrativas e a construção da memória por intermédio das redes sociais proporcionam na mesma medida, mas por metodologia diferente, a reconstrução da história por intermédio das falas de qualquer um que tenha acesso a uma tecnologia para compartilhar a sua narrativa e deixá-la para que outro venha a acessá-la. É um repositório em desordem, capaz de ser acionado por mecanismos de busca. A narração da história passa a ser a soma de todos esses conteúdos depositados por anônimos que podem compartilhar suas memórias ou percepções presentes (CUNHA, 2011, p.109).

Assim, pode-se afirmar que se organiza na linha do tempo uma das partes da narração da história de um determinado período, que no caso desta pesquisa se recorta no segundo semestre de 2014, a qual permite recapturar alguns acontecimentos a partir dos conteúdos depositados no Facebook pelos usuários. Ademais, essa dinâmica permite justamente apreender memórias ou percepções do presente. Se tomarmos como exemplo esse compartilhamento de DS, o que temos é seu juízo e opinião acerca da figura de Alckmin como administrador do estado de São Paulo.



Figura 150 – Publicação de DS (18/08/2014)

A publicação de 9 de agosto de DS (Figura 151) mobiliza uma análise dos acontecimentos em relação ao funk ostentação, que veio a circular com frequência como produção da indústria fonográfica no ano de 2014. Para apoiar sua crítica, em operação curatorial, DS traz na publicação de 9 de agosto um link do YouTube: “Resposta ao funk ostentação”. O leitor do perfil de DS que é convidado a clicar no link, por esse compartilhamento, encontra uma canção tocada ao som de violão pelo artista Edu Krieger, com a qual DS parece compactuar ou, ao menos, que DS demonstra apreciar e cuja transcrição se apresenta a seguir:



Figura 151 – Publicação de DS (09/08/2014)

Você ostenta o que não tem
 Pra tentar parecer mais feliz
 Mas não sabe que pra ser alguém
 Tem que agir ao contrário do que você diz
 Você pensa que tem liberdade
 Exibindo riqueza e poder
 Mas não vê que na realidade
 O sistema é que lucra usando você

E o sistema tem a cor
 Do racismo e da escravidão
 Cada vez que você dá valor
 À roupinha de marca e à ostentação
 A elite burguesa e branca
 Que é dona das lojas de grife
 Se dá bem, pois você bota banca
 Mas é o sistema que aumenta o cacife

Clipe norte-americano
 De artista que faz hip hop
 Você quer imitar por engano
 Pensando que assim vai ganhar mais ibope
 É a regra do capitalismo
 Eles querem que a gente consuma
 Pra vivermos à beira do abismo
 A gente pra eles é p*rra nenhuma

Você pensa que é modelo
 Pras crianças da comunidade
 Sinto muito, mas devo dizê-lo
 Que o que você faz é uma puta maldade
 Se o moleque não tem condição
 De entrar nesse mundo grã-fino
 Isso pode virar frustração
 E você vai f*der com o pobre menino

Que pra ter um tênis foda
 Pode até assaltar um playboy
 Pois se fica excluído da moda
 Recebe desprezo e isso lhe dói
 E as mulheres que dão atenção
 Que te cobrem de beijo e afeto
 Valem menos do que seu cordão
 Pois você trata elas pior que objeto

Quem batalha pra viver
 E botar a comida na mesa
 De repente te vê na Tv
 Dirigindo carrão e exibindo riqueza
 Ostentando pra ter atenção
 E achando que isso é maneiro
 Sem saber que essa ostentação
 Faz do branco do banco ganhar mais dinheiro

Negro tem que ter poder
 Negro tem que ser protagonista
 Tem que estar no jornal, na Tv
 No outdoor e na capa de toda revista
 Mas não tem a menor coerência
 Ostentar um anel de brilhante

Isso só vai gerar violência
Inveja e recalque no seu semelhante

Que legal sua conquista
Sua história de vida também
Mas seu papo é tão consumista
Que faz de você um artista refém
Dessa pose fajuta e falida
Que só finge aumentar autoestima
Infeliz de quem sobe na vida
E não sabe o que faz quando chega lá em

cima

Em mais uma demonstração de seus escritos autorais, a publicação de 4 de agosto (Figura 152) apresenta um poema redigido por DS. Apesar de não se assemelhar em termos formais àqueles poemas concretos publicados em 27 de outubro, trata-se ainda de um tratamento poético que focaliza o jogo de palavras. Identifica-se, assim, um estilo literário que se repete e que pode ser atribuído a DS. Na publicação, percebe-se a associação entre “suicida” e “felícida”, este sendo aquele que se mata de alegre, como assinala o poema.



Figura 152 – Publicação de DS (04/08/2014)

A publicação do dia 21 de julho (Figura 153) apresenta um relato do cotidiano, retratando um episódio que ocorreu em sala de aula, o qual coloca em relevo aquilo que chama a atenção de DS, quanto à interpretação de um aluno a respeito do texto “A passante”, de Baudelaire. De acordo com a percepção de professor, DS avalia a leitura do aluno como a formulação de uma paráfrase do poema.

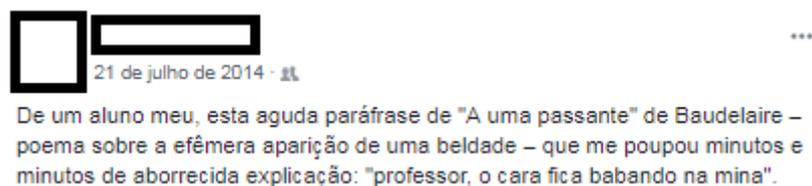


Figura 153 – Publicação de DS (21/07/2014)

O último núcleo de composição temático-cronológica da linha do tempo de DS a ser apontado nesta seção de análise se concentra em três publicações de julho, que fazem remissão aos jogos da Copa do Mundo. Nas duas publicações de 13 de julho (Figuras 154 e 155), data da final do mundial de 2014 entre Argentina e Alemanha. O tratamento literário dado

as publicações se evidencia, em uma das postagens, pela indecisão relativa ao time pelo qual torcer: empunhar as cores da Alemanha ou reforçar o coro dos platinos. Na outra, repete-se o estilo de publicação em que se demonstra a inclinação de DS, em seus escritos autorais, a fazer jogos de palavras, com as abreviações dos nomes de cada um dos países: ALE i(e) ARG, em um anagrama que produz (=) a palavra “alergia”. Por fim, a publicação de 1º de julho (Figura 156), trata ainda de outro jogo da Copa do Mundo de 2014, contendo um poema que identifica a quais seleções se dirige a torcida de DS.



Figura 154 – Publicação de DS (I) (13/07/2014)

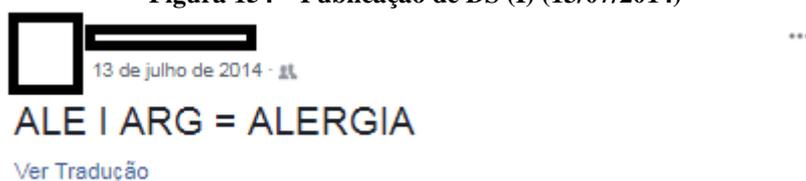


Figura 155 – Publicação de DS (II) (13/07/2014)

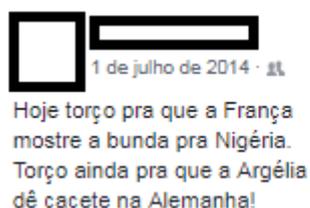


Figura 156 – Publicação de DS (1º/07/2014)

Em síntese, o que se observa na linha do tempo de DS é a predileção por textos de autoria própria de caráter literário, pela evidência de sua profissão como professor e por compartilhamento de opiniões de terceiros com as quais ele se alinha ideologicamente.

4.1.5 Vestígios auto/biográficos na linha do tempo de AR

Com certeza. Eu sempre procuro postar coisas que dizem respeito ao que eu sou, acredito ou gosto. Acho que essa é uma forma de autobiografia, pois nela há traços de momentos importantes da minha vida. Observo muito isso no “Neste dia”, pois a partir dali recupero memórias que eu já não tinha ou as renovo. (Resposta à questão 12 do questionário)

A análise, nesta seção, contraria o movimento próprio de navegação da linha do tempo, para quem a lê, porque destaca a ordem cronológica das publicações e não a ordem de

investigação do arquivo global de postagens do indivíduo. Em outras palavras, há o respeito pela ordem original do arquivo (FRAIZ, 1998). Foram selecionados 35 conteúdos discursivos do total de 143 publicações realizadas por AR no período de julho a dezembro de 2014, para esta seção de análise.

Em julho de 2014, ocorria a Copa do Mundo no Brasil. Como já aludido no Capítulo 3, esse evento justifica, em parte, o recorte dos dados de pesquisa. O contexto cultural produzido pelo desenrolar desse evento esportivo foi motivo para a exploração de algumas publicações a ele relacionadas, como é o caso das atualizações da foto de perfil de AR, em 8 de julho de 2014, data que ficou conhecida pela partida entre Brasil e Alemanha, na qual a Seleção Brasileira foi derrotada pela Seleção Alemã, com um placar de 7x1, notável por se tratar da maior perda sofrida pelo Brasil em um mundial de futebol. A Figura 157 materializa esse horizonte cultural mais amplo. É possível perceber que a atualização da foto de perfil se conjuga à data da semifinal, com um avatar que remete à estética de produção de obras de Romero Britto, nas cores verde e amarelo, montada a partir de uma foto pessoal, provavelmente, a partir de um programa de edição. A expressão que acompanha a atualização – “VAI BRASIL OLE OLA” – expressa e celebra a torcida pelo Brasil.

A sequência de imagens representada pelas Figuras 158, 159 e 160, todas da mesma data, indicam que as atualizações tenham sido feitas à medida que os gols contra o Brasil foram acontecendo. Apesar de não serem imagens produzidas por AR, sendo apenas recontextualizadas em sua linha do tempo, em um movimento de seleção e montagem, funcionam como forma de evocar a passagem do tempo durante esse episódio. Essas imagens são apropriadas para distinguir os sentimentos e emoções de AR quanto à partida de futebol. Desse modo, infere-se que há uma dimensão afetiva exposta nessa sequência de atualizações de imagens. A Figura 158, imagem de Galvão Bueno, remonta a uma expressão de surpresa, já a Figura 159, em que Neymar aparece de olhos fechados, chorando, remete à tristeza apontada pela derrota do Brasil, estendida também pela Figura 160, com a imagem de um senhor que segura uma cópia da taça da vitória da Copa, com uma expressão de desolação no rosto.

Por sua vez, a Figura 161 representa, com uma temática distinta, uma consideração sobre a entrada de Ariano Suassuna no hospital, a partir do compartilhamento da publicação de Valter Hugo Mãe, escritor português. Esse tipo de compartilhamento é um exemplo de como se apropria a voz de outra pessoa, para endossá-la; ratificação esta que se dá a partir do enunciado de AR “tempos tristes pra literatura brasileira”. Embora não se trate de uma publicação do dia do falecimento do autor brasileira, ela antecipa sua morte, que se deu no dia seguinte, 23 de julho de 2014. É importante notar, nesse exemplo, como esse mecanismo

curatorial assinala, ao trazer para o arquivo de AR um autor importante da literatura brasileira, não só sua memória individual, mas a evocação da constituição social da memória, porque nos narra o encerramento de uma vida apreciada durante a vida de AR, na tradução do seu gosto literário.



Figura 157 – Publicação de AR (I) (08/07/2014)



Figura 158 – Publicação de AR (II) (08/07/2014)



Figura 159 – Publicação de AR (III) (08/07/2014)



Figura 160 – Publicação de AR (IV) (08/07/2014)



Figura 161 – Publicação de AR (22/07/2014)



Figura 162 – Publicação de AR (09/08/2014)

A Figura 162 traz a imagem de AR junto de uma amiga, que usa roupa de formatura. Além da fotografia, tem-se também um pequeno relato memorialístico, que se presentifica pela publicação, na data de 9 de agosto de 2014. Existe, nesse caso, como se nota igualmente no estilo individual dos textos de autoria própria de outros participantes de pesquisa, um tratamento literário dado ao relato, que se assemelha tanto a uma entrada datada de diário íntimo como à narrativa própria das autobiografias literárias. Desse modo, “a tendência autobiográfica do Facebook” (LIMA et al, 2015, p. 292) se faz notar.

Em 26 de agosto de 2014, ocorreu um dos debates entre os candidatos à presidência da república do Brasil, transmitido pela Rede Bandeirantes de televisão. Na mesma data, AR publicou uma citação de uma fala atribuída a Eduardo Jorge, um dos presidenciáveis que participava do debate (Figura 163). É possível, assim, inferir que talvez se trate de uma fala proferida durante o debate, pela coincidência entre o evento e a publicação. De qualquer maneira, importa dizer que ao usar letras maiúsculas e enfatizar o tom da pergunta do candidato com o enunciado “SERÁ?”, há uma apropriação que visa à corroboração do questionamento levantado por Eduardo Jorge. Um enunciado disperso no mundo exterior é transportado para o interior da linha do tempo de AR e, assim, consolida-se como tendência do seu pensamento como indivíduo, do ponto de vista político-ideológico.

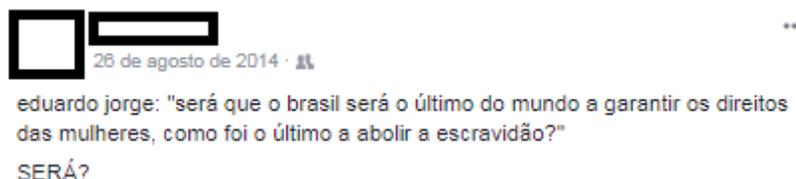


Figura 163 – Publicação de AR (26/08/2014)

A publicação de 29 de agosto de 2014 (Figura 164) nos revela a fotografia de um documento importante como arquivo da vida de AR. Isso porque funciona como cópia do registro efetivo do certificado de colação de grau no curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto, emitido na mesma data da publicação no perfil de AR Assim, existe a inscrição do fechamento do ciclo representado pelo término da graduação. Além do mais, a fotografia é acompanhada da interjeição “EITA”, que indica admiração, felicidade, espanto e, ao mesmo tempo, surpresa por esse encerramento que tem importância significativa, a ponto de ser reunido como nota de documentação de vida.

A Figura 165 representa um dos procedimentos curatoriais possibilitados pela interface do Facebook, porque AR faz um check-in no lugar onde se encontra, o Santuário da Coração, em 31 de agosto de 2014. A fotografia mostra seus pés sobre o chão de azulejos com o mesmo padrão, embora de cores diferentes, o que parece motivar o enunciado que acompanha a imagem “transtorno obsessivo compulsivo.”

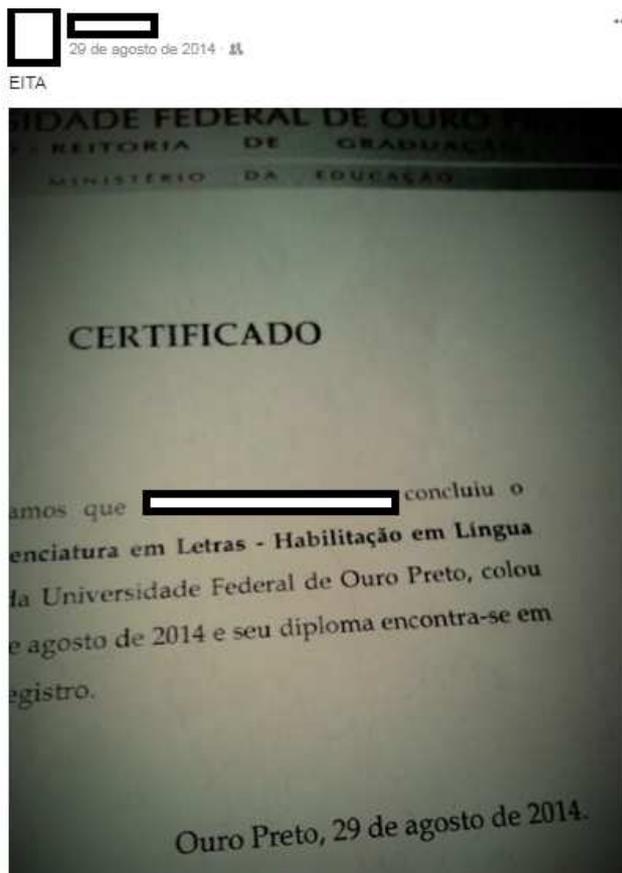


Figura 164 – Publicação de AR (29/08/2014)



Figura 165 – Publicação de AR (31/08/2014)

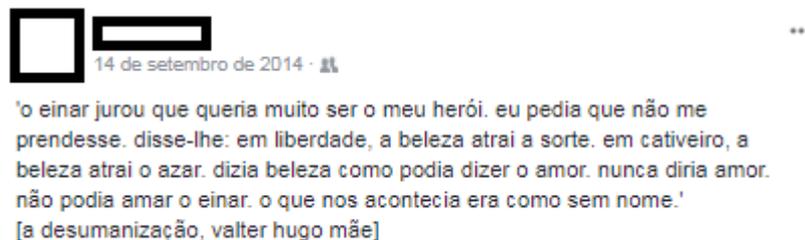


Figura 166 – Publicação de AR (14/09/2014)

A Figura 166 traz um trecho do livro *A Desumanização* do escritor português Valter Hugo Mãe, cuja incorporação na linha do tempo já apareceu na publicação apresentada na Figura 161 e é um recorte que funciona como citação de um fragmento que se demonstra significativo para AR, a ponto de ela decidir por sua postagem, em 14 de setembro de 2014. O fragmento transmite, assim, a ideia de liberdade em oposição ao cativo, a beleza como sinonímia do amor. Desse modo, a postagem pode ser lida como gosto literário de AR, quanto à sua apreciação pelos escritos de Valter Hugo Mãe, tendo em vista sua repetição. Ademais, pode ser lida como apropriação de uma voz outra, de um “argumento de autoridade” de um autor já consagrado para legitimar uma visão própria de mundo. Novamente, nota-se, assim, a analogia possível com os *hypomnemata*, como reunião de fragmentos dispersos cujo propósito era a reflexão interior e a elaboração do pensamento do indivíduo em relação à própria conduta.

A Figura 167 representa outro movimento dentre os possíveis na linha do tempo de AR: aquele dirigido a um interlocutor externo, dinâmica possibilitada pelo direcionamento público das postagens. Deixando o campo íntimo dos registros em diários pessoais, por exemplo, há a possibilidade de falar de si ao se dirigir a outro. Em 17 de setembro de 2014, AR tem como interlocutor seu amigo Ricardo, quando o parabeniza pela data do seu aniversário. Embora a foto que acompanha a mensagem seja de um momento anterior, o cruzamento de temporalidades se evidencia, uma vez que o registro fotográfico se presentifica na data do aniversário de Ricardo e mobiliza a lembrança de um encontro anterior e feliz, como expressa o texto da publicação, na companhia de uma outra amiga de AR, Letícia.

A Figura 168 apresenta uma publicação de 21 de setembro de 2014. Trata-se do compartilhamento do vídeo da palestra de Chimamanda Adichie na plataforma TED Talks, a partir do Youtube. O próprio título da palestra, “Nós deveríamos todos ser feministas”, aponta para a coincidência de posicionamento e pensamento que AR tem com a autora. O coração atribuído à publicação reforça essa identificação. A postagem desse vídeo, também se alinha às temáticas principais que AR assume publicar em sua linha do tempo, no que se refere à

igualdade de gênero conforme resposta à questão 7 do questionário :*Você consegue identificar o teor das temáticas que publica com mais frequência?*

Sim. Política, **questões de igualdade de gênero**, diversidade sexual, racismo (Resposta à questão 7, AR; grifo meu).



Figura 167 – Publicação de AR (17/09/2014)



Figura 168 – Publicação de AR (21/09/2014)

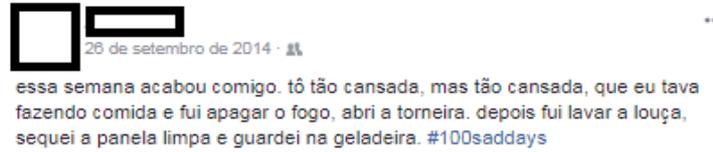


Figura 169 – Publicação de AR (26/09/2014)

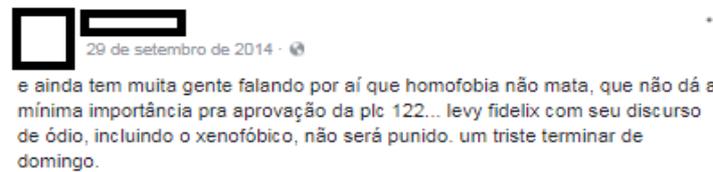


Figura 170 – Publicação de AR (I) (29/09/2014)

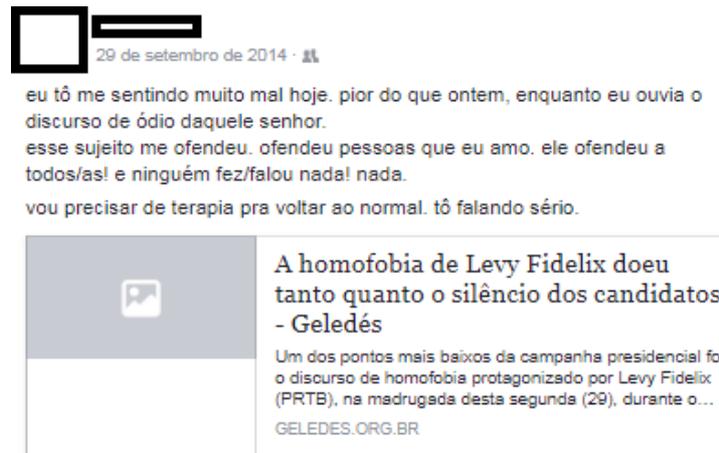


Figura 171 – Publicação de AR (II) (29/09/2014)



Figura 172 – Publicação de AR (1º/10/2014)



Figura 173 – Publicação de AR (05/10/2014)

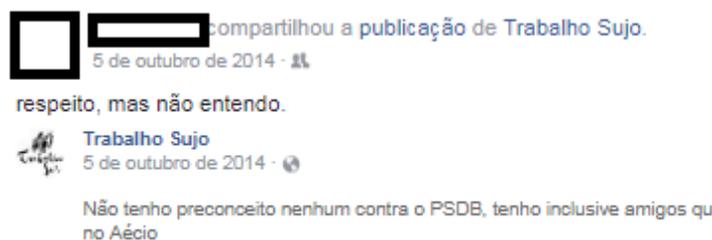


Figura 174 – Publicação de AR (II) (05/10/2014)

A Figura 169 é um pequeno relato cotidiano conclusivo sobre a semana cansativa de AR. Embora se trate de uma narrativa aparentemente banal, ela está ligada à hashtag #100saddays, que indexa a dinâmica de postagem de 100 episódios “tristes” do dia a dia, ao longo de 100 dias, identificando, assim, o conteúdo compartilhado em redes sociais, mais popularmente no Twitter. Desse modo, o funcionamento da hashtag é uma forma de catalogação, para posterior filtragem de mensagens, uma vez que nas redes sociais, os usuários podem compartilhar o que estão pensando, ouvindo, assistindo e sentindo.

A Figura 170 traz um texto de autoria própria de AR, publicado em 29 de setembro, o qual expressa uma opinião política acerca do discurso disseminado por Levy Fidelix, um dos

candidatos à presidência em 2014, no dia anterior, 28 de setembro (domingo), em debate dos presidenciáveis promovido pela TV Record. O debate ficou conhecido pelas declarações preconceituosas do candidato, ao afirmar que preferia perder votos a apoiar a causa gay. É a partir desse episódio que AR dá entrada em um registro que expressa novamente a dimensão político-ideológica de sua auto/biografia, uma vez que se propõe a falar da impunidade diante do discurso homofóbico e xenofóbico do candidato, além de comentar o PLC 122/2006, projeto de lei que visava a criminalizar a homofobia.

Da mesma data, 29 de setembro de 2014, a publicação de AR (Figura 171) também comenta o discurso de Levy Fidelix, o que pela repetição mensura o impacto que teve sobre sua subjetividade. O compartilhamento de uma notícia do *site* Geledés Instituto da Mulher Negra – que se descreve como “uma organização que tem como missão combater o racismo, sexismo, a violência contra a mulher e a homofobia” –, intitulada “A homofobia de Levy Fidelix doeu tanto quanto o silêncio dos candidatos”, junto do texto que demonstra o mal-estar provocado pelo discurso, tomado como ofensa direta a si mesma e a pessoas de seu círculo social mais íntimo, além do inconformismo com a impunidade e com o silêncio dos outros candidatos diante daquele momento do debate.

A Figura 172 apresenta um compartilhamento de AR feito a partir da página “Fora Alckimin”, no dia 1º de outubro. Trata-se de outro procedimento curatorial possível na linha do tempo, cujo elemento principal é um meme dos Simpsons, com os dizeres “Deus ta vendo você ir para a seção eleitoral votar no Alckmin sem tomar banho”, apoiado pela expressão escrita por AR: “tá vendo e anotando tudo no caderninho”. A postagem remete à crise hídrica sofrida pelo estado de São Paulo, em 2014 e também às eleições, outro acontecimento sócio-político que motivou, em parte, o recorte do período temporal das linhas do tempo dos participantes de pesquisa entre julho e dezembro do ano de 2014, como já foi apontado na discussão dos aspectos metodológicos da investigação, porque acaba por materializar na memória individual a memória social e coletiva do período. Vale lembrar ainda que o mesmo conteúdo discursivo é publicado na linha do tempo de GR (Figura 117), como já mencionado.

Na Figura 173 apresenta-se uma publicação do dia 5 de outubro de 2014, mesma data em que ocorreu o primeiro turno das eleições daquele ano, e faz alusão a esse acontecimento sócio-político, tanto a partir da imagem compartilhada da página “HAHA”, que apresenta uma pessoa tropeçando em santinhos de candidatos com o enunciado “eu andando nas ruas nesse final de semana”, quanto a partir do enunciado de AR, que acompanha o compartilhamento: “não sei o que foi mais difícil, se foi escolher os candidatos ou chegar na

escola sem tropeçar, driblando os boca de urna. ô lugar!”. Configura-se, nessa publicação, uma pequena modalização narrativa de como foi o dia de votação para AR

Da mesma data, 5 de outubro de 2014, na Figura 174 apresenta-se um compartilhamento da página “Trabalho Sujo”, com os dizeres “não tenho preconceito nenhum com o PSDB, tenho até amigos que votam no Aécio”. AR acrescenta um enunciado pessoal à postagem: “respeito, mas não entendo”, em um movimento de recontextualização do texto da página, que, por sua vez, estabelece relação de intertextualidade com o uso corrente e preconceituoso que carregam, por exemplo, as frases “não tenho preconceito contra gays, tenho até amigos que são” ou “não tenho preconceito contra negros, tenho até amigos que são”. Em termos de operações curatoriais, a Figura 173 e a Figura 174 exemplificam postagens que dividem o mesmo procedimento: compartilhamento + texto de autoria própria.

A Figura 175 se faz notar porque exemplifica, na postagem reproduzida, outra especificidade relativa ao procedimento curatorial. Trata-se do compartilhamento de uma tirinha, enfatizada apenas pelo enunciado de AR: “sdds”/saudades. A sequência de enunciados dos quadrinhos da tirinha expressa a saudade de um outro tempo, representado pela lembrança de como era a apreciação de uma música e sua recomendação a alguém, saudade que também se expressa na textualização de AR. Assim, a palavra da tira é incorporada à linha do tempo de AR, como se se tratasse de sua própria voz, para narrar uma saudade que é sua, sem que ela escreva um texto de autoria própria.

Na Figura 176, apresenta-se uma atualização de perfil realizada em 12 de outubro de 2014, data em que se celebra o Dia das Crianças. É uma prática habitual que, nesse dia específico, os usuários do Facebook troquem as fotos de perfil por suas fotos de criança, como forma de demarcação da data. Nessa publicação, o enunciado de AR funciona com uma espécie de “balão” de pensamento para aquilo que ela estaria arrazoando naquele momento de registro da fotografia, a partir da expressão que tem no rosto, segurando um copo com canudo e tendo os lábios retorcidos: “aff (refrigerante bolado)”.

No mesmo exercício de brevidade de enunciado notado na publicação da Figura 176, a postagem apresentada na Figura 177 traz o enunciado “por favor”, incluído por AR, em tom de reforço à solicitação exposta no cartaz do manifestante mineiro “Se é saudade dos anos 90, então traga de volta só o Nirvana #Aécionão”. Para além da recontextualização produzida pela ênfase do enunciado de AR, há também a delimitação criada pela legenda da imagem na página em que é publicada “BH, Praça 7, Manifestação do Mineiros contra o legado de Aécio Neves #AécioNever”. Tem-se aqui o deslocamento de um enunciado para outro(s) contexto(s), isto é, o enunciado do manifestante, que está na rua, que é transmitido para a página de Cláudio

Paixão, que, por sua vez, é incorporado, por meio do compartilhamento, à linha do tempo de AR. É necessário observar, para além disso, a dinâmica das temporalidades, uma vez que a publicação compartilhada, datada de 11 de outubro de 2014, aparece na linha do tempo de AR em 12 de outubro de 2014. Em relação a um contexto ainda mais amplo, o que se tem são as vésperas do segundo turno das eleições presidenciais, principalmente, que aconteceriam no dia 26 de outubro daquele ano, entre Dilma Rousseff e Aécio Neves. Frente a isso, pode-se afirmar que AR expressa, por meio dessa publicação, posicionamento político-ideológico quanto à paisagem eleitoral daquele momento.

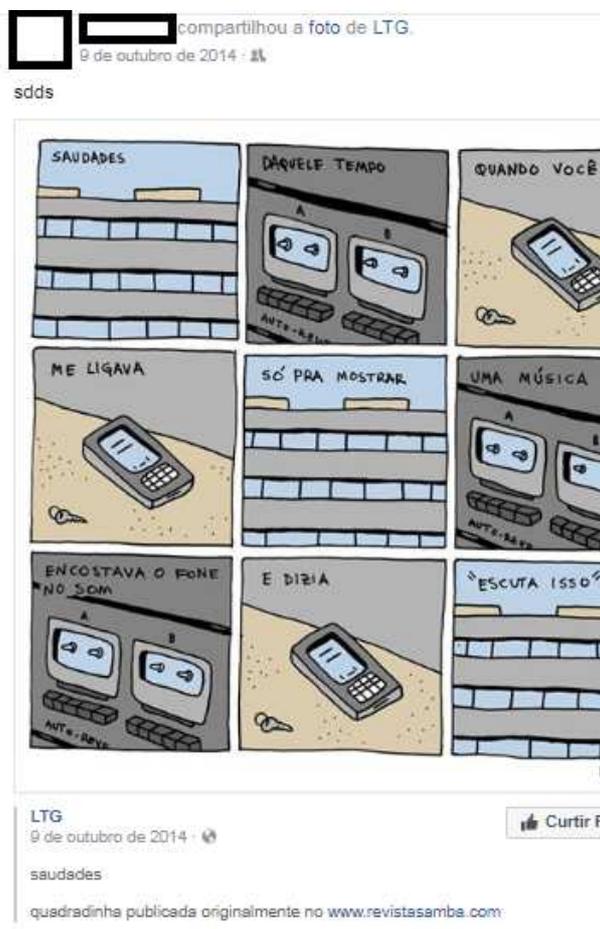


Figura 175 - Publicação de AR (09/10/2014)



Figura 176 – Publicação de AR (I) (12/10/2014)

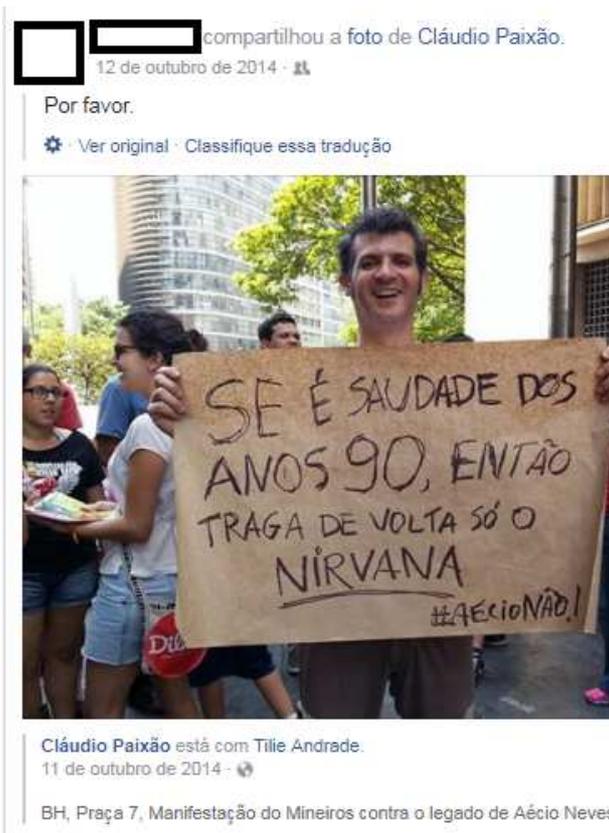


Figura 177 – Publicação de AR (II) (12/10/2014)

Devemos nos perguntar, também, como o compartilhamento de uma notícia – ou de uma tirinha, ou do cartaz de um manifestante – pode refletir a tendência auto/biográfica da linha do tempo, uma vez que não é o indivíduo a falar em primeira pessoa. Ora, isso já foi argumentado nos capítulos teóricos anteriores, mas neste momento, a partir dos dados exemplificados nesta discussão, é possível perceber de que modo isso se dá, efetivamente. Na Figura 178, apresenta-se uma matéria do jornal *El País*, que é utilizada para tratar de uma opinião mais significativa acerca da xenofobia e de sua relação com o vírus ebola. AR dirige um questionamento aos interlocutores que leem as suas publicações, além de destacar um trecho da matéria, que serve de resposta à pergunta levantada por ela.

Na mesma toada política está a publicação do dia 15 de outubro, apresentada na Figura 179, que traz um texto intitulado “Guia Aécio Neves para iniciantes”, junto do enunciado de AR “depois não vá dizer que não sabia...”, o qual se direciona a uma interlocução mais geral. Ainda sobre o cenário político das eleições, na postagem do dia 20 de outubro (Figura 180), fruto de um compartilhamento público de outro perfil pessoal, AR reforça o fechamento do relato compartilhado, “eu não sei vocês, mas eu também não quero”. Assim, ressignifica, ao se apropriar de um relato de outra pessoa, de outra voz, de outro contexto físico de troca

sociointeracional e discursiva, um trecho que faz alusão a sua não compactuação com a eleição do candidato Aécio Neves.



13 de outubro de 2014 · 🌐

cada vez que algum de vocês pergunta: mas por que até hoje não descobriram uma cura pro ebola?
é essa a resposta que temos "O ebola só é problema, como escreveu o pesquisador francês Bruno Canard, porque o vírus saiu do lugar em que o Ocidente gostaria que ele ficasse".

E

BRASIL

O vírus letal da xenofobia

O primeiro teste no Brasil deu negativo para ebola, mas positivo para racismo

BRASILELPAIS.COM

Figura 178 – Publicação de AR (13/10/2014)



15 de outubro de 2014 · 🌐

depois não vá dizer que não sabia...

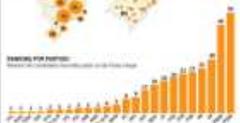
MAPA DA BRASILIA PARA O BRASIL

Um mapa interativo para mostrar a distribuição e a geografia dos dados de participação eleitoral em todo o Brasil.



BRASILIA PARA O BRASIL

Um gráfico de barras para mostrar a distribuição dos dados de participação eleitoral em todo o Brasil.



WAYFINDER.JS

Guia Aécio Neves para iniciantes

Quando você vota em Aécio, está votando na imã dele. Se não sabia, fique sabendo. Em Minas Gerais, todo mundo já sabe. Não a toa ele perdeu no Estado e seu candidato foi derrotado ainda no primeiro turno. Conheça um pouco melhor esse produto de propaganda chamado

Figura 179 – Publicação de AR (15/10/2014)

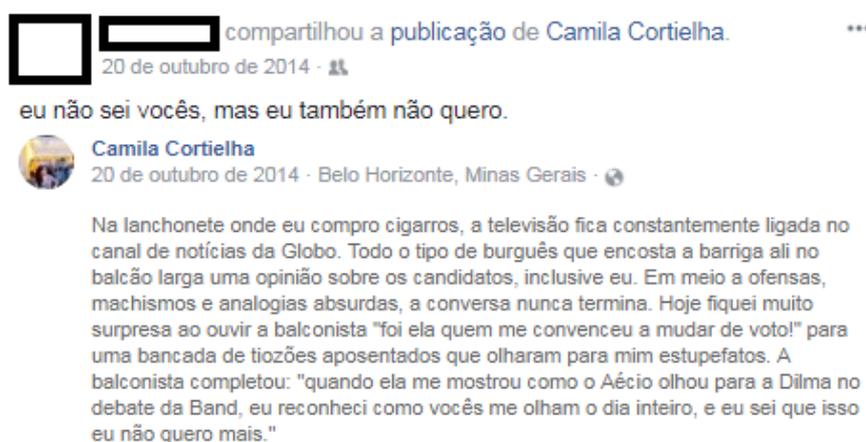


Figura 180 – Publicação de AR (I) (20/10/2014)

A Figura 181 apresenta uma publicação também datada do dia 20 de outubro, que faz uso do pronome “você” com caráter genérico, em que se pergunta “quem é você com a sua norma cultura na fila do pão”? Essa expressão remete ao questionamento a respeito do uso da norma padrão e pela exigência que se faz dela por determinado grupo de pessoas, apesar de ser feita uma interpretação genérica do pronome. Além disso, a expressão pode ser comparada a “quem você pensa que é para falar dessa maneira?”.

A publicação do dia 26 de outubro (Figura 182) coincide com a data do segundo turno das eleições presidenciais de 2014. É importante destacar nela o direcionamento do enunciado de AR ao Nordeste: “te amo, nordeste”, que é associado ao tuíte de Douglas Giodarno, o qual debocha de São Paulo, uma vez, segundo os resultados dos votos por estado, teria ganhado nessa localidade o candidato Aécio Neves. Existiu, ainda, à época, a repetição cotidiana, por assim dizer, de que o Nordeste não sabia votar. Além disso, “guardar as lágrimas em um balde para lavar a louça”, novamente faz alusão à crise hídrica pela qual passava o estado.

A publicação do dia 27 de outubro é importante (Figura 183), porque exemplifica o expediente da repetição na linha do tempo de AR, uma vez que traz a atualização da foto de perfil da participante de pesquisa, com a estética da obra de Romero Britto, já apresentada em verde e amarelo em 8 de julho (Figura 157). Ainda que se mostrem distintas, ambas as publicações se assemelham na composição, porque atualizam a foto de perfil, especificamente e, ao mesmo tempo, traduzem momentos temporais distintos, com características distintas, particularizadas pelas cores e também pelos enunciados de AR associados às imagens. No caso da Figura 183, o que se tem é “melhor trabalho do Romero Britto até o momento”, em tom

irônico, que pode ser percebido, por publicações outras que vão aparecendo na linha do tempo, em indicações de amigos, por exemplo, em todo momento que aparece algo a respeito do pintor.

Da mesma data, 27 de outubro (Figura 184), um dia após o segundo turno das eleições, no qual teria vencido o candidato Aécio Neves e no qual venceu o governador Geraldo Alckmin, dirigindo-se a São Paulo, AR marca mais uma vez, à semelhança do que ocorre na publicação dirigida ao Nordeste (Figura 182), sua insatisfação com a cidade. Para isso, compartilha a canção “Não existe amor em SP”, do artista Criolo, associada ao enunciado “meu único sentimento por São Paulo hoje: morra afogada em seu próprio mar de fel”. É possível perceber aqui, um dos muitos movimentos de recontextualização que apontamos na linha do tempo. É válido lembrar que o discurso de ser observado sempre em sua contextualização, uma vez que os sentidos de um enunciado não devem ser atribuídos fora de contexto. Acreditamos, ainda, que no movimento de deslocamento de um enunciado e/ou mesmo conteúdo discursivo na mesma linha do tempo ou em diferentes linhas do tempo, instauram-se sentidos novos e próprios. Nessa distinção, quando AR extrai um trecho da canção e faz uso dele como um modo de expressar um desejo particular em relação a São Paulo, o segmento da letra da canção se reveste de nova orientação de sentido.

Na publicação do dia 28 de outubro (Figura 185), há o compartilhamento de um link para uma matéria intitulada “Bolsa Família: um guia simplificado para idiotas”. Nota-se, no modo como o enunciado de AR complementa “qualquer coisa, a gente também pode desenhar...”, faz com que AR tome para si a referência às pessoas que criticam o programa “Bolsa Família”, por desconhecimento da dinâmica de atribuição do benefício, chamando-as de idiotas. Esse é o efeito produzido por essa manobra enunciativo-discursiva.

Na publicação do dia 13 de novembro (Figura 186), data da morte do poeta brasileiro Manoel de Barros, AR faz uma espécie de homenagem ao escritor, ao mesmo tempo que textualiza sua expressão de tristeza ao escrever que se trata de um ano difícil para a literatura brasileira, demonstração reforçada pelo emoji que acompanha esse enunciado. Se retomarmos o compartilhamento apresentado na Figura 161, de Valter Hugo Mãe, “tempos tristes pra literatura brasileira” (22 de julho de 2014), do dia anterior ao falecimento de Ariano Suassuna, notamos também o peso que impera em relação ao tema da literatura. Além disso, marcos externos à existência de AR são incorporados à linha do tempo, como forma de designação dos seus interesses e afetos particulares.



Figura 181 – Publicação de AR (II) (20/10/2014)

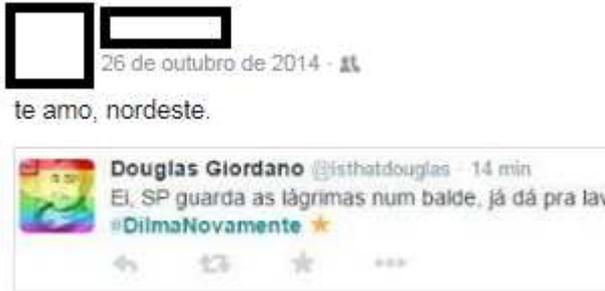


Figura 182 – Publicação de AR (26/10/2014)



Figura 183 – Publicação de AR (I) (27/10/2014)



Figura 184 – Publicação de AR (II) (27/10/2014)



Figura 185 – Publicação de AR (28/10/2014)

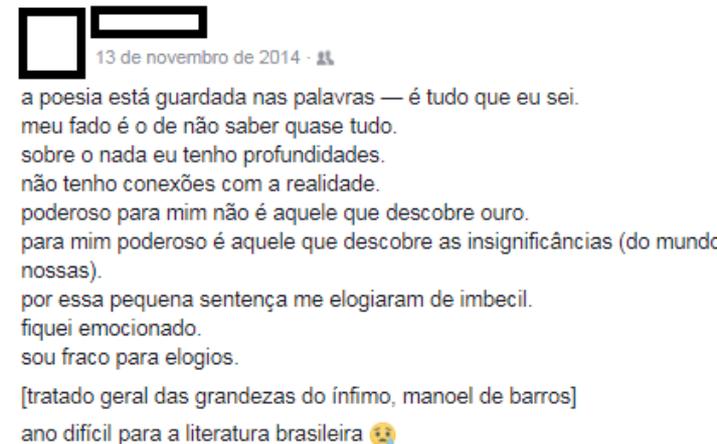


Figura 186 – Publicação de AR (13/11/2014)

A Figura 187, que traz uma publicação do dia 15 de novembro, tem um caráter bastante auto/biográfico, se é que podemos dizer isso, sem parecer que estamos medindo o quão auto/biográfico pode ser um texto e qual é a relevância fundamental de se medir algo como mais ou como menos auto/biográfico. De qualquer modo, percebemos um relato pessoal a respeito de como AR sempre queria ser mais velha do que era e, além disso, sobre o significado que a canção do grupo “Os Raimundos” tinha para ela, uma vez que quando chegou aos vinte e poucos, percebeu que logo chegaram os vinte e muitos. Nessa reflexão sobre a passagem dos anos, também temos expostos alguns sentimentos a respeito de como se dá o envelhecimento, a transição e a trajetória da vida.

A Figura 188 destaca uma publicação datada do dia 24 de novembro de 2014, da revista Carta Capital, que contempla o tema do racismo, mencionado como temática recorrente, na visão de AR, em seu perfil: “Sim. Política, questões de igualdade de gênero, diversidade sexual, **racismo.**” (Resposta à questão 7 do questionário, AR; grifo meu).

O procedimento curatorial que se dá, nesse caso, é o de destaque de um trecho. E com que finalidade se destaca um trecho de um texto, senão porque esse trecho constitui-se como parte importante, parte que chama a atenção do leitor – no caso, AR – e que por isso se quer compartilhar o fragmento com outras pessoas.

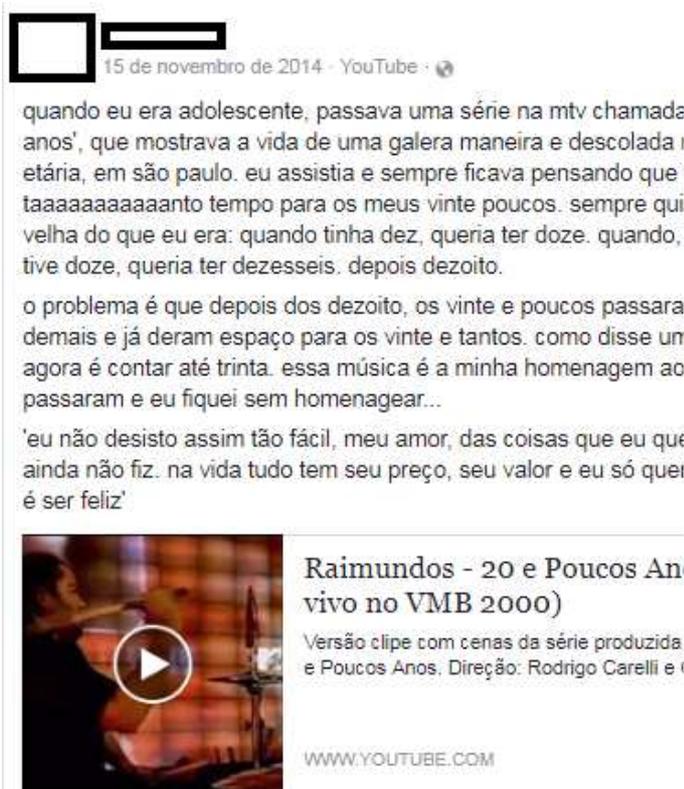
A Figura 189 traz uma publicação do dia 28 de novembro, que lembra um pouco a publicação do dia 15 de novembro, em relação à reflexão sobre a passagem dos anos. Nesse caso, AR aproveita a ocasião do falecimento do ator Roberto Gómez Bolaños, que interpretou Chaves e Chapolin na TV, para marcar a lembrança de sua infância e da personagem que interpretava. Assim, sua publicação funciona como uma homenagem e também como um agradecimento póstumo ao artista, por promover “bons momentos e boas lembranças”.

A Figura 190, que traz uma publicação do dia 4 de dezembro, fruto do compartilhamento de um arrolamento do *site* BuzzFeed, faz uma projeção sobre o futuro: “certamente serei esse tipo de mãe”. O que lemos, então, é o aproveitamento da listagem postada pelo *site* e a referência alocada no enunciado de AR para dizer que essa lista contempla o tipo de mãe que ela pretende ser no futuro. Embora não se trate de uma lista elaborada por ela própria, trata-se de uma enumeração com a qual ela se identifica.

A publicação datada do dia 5 de dezembro (Figura 191) traduz a dimensão auto/biográfica de maneira bastante acentuada, porque se trata de uma retrospectiva em relação ao ano de 2014 para AR. Em um movimento de retrospectiva, é possível, a partir da leitura da postagem, ficarmos sabendo que foi um ano no qual AR concluiu a graduação, passou no mestrado e, consegue, já no último mês daquele ano, retomar as lembranças que constituíram

sua estada em Mariana, durante os anos de faculdade. Em seu texto, a palavra que resume e define aquele ano é “gratidão”, sentimento que expressa seu agradecimento pelo fechamento de ciclo e pela abertura de um seguinte. O vídeo da interpretação de Maria Bethânia da canção “Oração ao tempo” vem associado a sua postagem, reforçando o caráter de passagem do tempo e de ciclos que se encerram e se reabrem, de acordo seu decorrer.

A publicação do dia 7 de dezembro (Figura 192) é uma fotografia do mar, que AR incorpora à sua linha do tempo. Da maneira que é apreciada a partir do enunciado “bonança”, é possível notar como a fotografia é restringida por ele. O sentido próprio de bonança que é atribuído a esse momento, é o de calma, com um mar tranquilo. Não se pode inferir, já que não há indício ou procedimento curatorial que nos permita fazer isso a partir da leitura da imagem, se se trata de uma fotografia tirada por AR ou de uma imagem do banco de dados da internet. No entanto, os significados atribuídos a imagem são isolados a partir de um enunciado que “pertence” a AR, fornecendo, então, uma perspectiva subjetiva à fotografia e direcionando o olhar do leitor para uma interpretação específica.



15 de novembro de 2014 · YouTube ·

quando eu era adolescente, passava uma série na mtv chamada 'anos', que mostrava a vida de uma galera maneira e descolada. etária, em são paulo. eu assistia e sempre ficava pensando que taaaaaaantoooo tempo para os meus vinte poucos. sempre qui velha do que eu era: quando tinha dez, queria ter doze. quando, tive doze, queria ter dezesseis. depois dezoito.

o problema é que depois dos dezoito, os vinte e poucos passara demais e já deram espaço para os vinte e tantos. como disse um agora é contar até trinta. essa música é a minha homenagem ao passaram e eu fiquei sem homenagear...

'eu não desisto assim tão fácil, meu amor, das coisas que eu que ainda não fiz. na vida tudo tem seu preço, seu valor e eu só quei é ser feliz'

Raimundos - 20 e Poucos Anos vivo no VMB 2000)
Versão clipe com cenas da série produzida e Poucos Anos. Direção: Rodrigo Carelli e

WWW.YOUTUBE.COM

Figura 187 – Publicação de AR (15/11/2014)



24 de novembro de 2014 ·

'Acreditar em racismo reverso é mais um modo de mascarar esse racismo perverso em que vivemos. É a mesma coisa que acreditar em unicórnios, que acreditar em cavalos com chifres não causa mal algum e não perpetua a desigualdade.'

Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios
Não existe racismo de negros contra brancos porque não é um sistema de opressão. Negros não possuem privilégios institucionais para serem racistas

CARTACAPITAL.COM.BR

Figura 188 – Publicação de AR (24/11/2014)

28 de novembro de 2014

quando eu era criança, ficava impressionada toda vez que o pequenininho. sempre quis tomar uma pilula de nanicolina, baixo da porta também.

obrigada, bolaños, pelos bons momentos e boas lembranças



Figura 189 – Publicação de AR (28/11/2014)

via BuzzFeed

4 de dezembro de 2014

certamente serei esse tipo de mãe.

21 provas de que os pais e mães mal-humorados melhores bilhetes

BUZZFEED.COM

Figura 190 – Publicação de AR (04/12/2014)

5 de dezembro de 2014 - YouTube

... dias, estava pensando, que se eu tivesse apenas uma palavra para o ano 2014, que palavra seria. e fiquei pensando. até que me veio a única palavra que caberia: gratidão. nesses cinco anos morando em mariana, foram muitas fases e muitos aprendizados. este ano, me parece uma espécie de colheita.

gratidão por todas pessoas que passaram pelo meu caminho. gratidão por todas as angústias e incertezas, que me levaram a alegrias e certezas. gratidão por ter terminado a graduação (finalmente) em algo que realmente eu queria. gratidão por mais desesperos que isso já tenha me causado. gratidão por ter concluído no mestrado da unicamp e por todas as pessoas que me ajudaram nessa conquista. gratidão pelos desafios diários do meu trabalho no uniafro. gratidão por trabalhar com pessoas tão competentes. gratidão pelo carinho e felicidade da vida cotidiana a dois. gratidão ao tempo, que tudo resolve.

em dos deuses mais lindos
p, tempo, tempo, tempo...'

Maria Bethânia - Oração ao Tempo (DVD Tempo Tempo Tempo)

Oração ao Tempo (Caetano Veloso) Tempo, Tempo, Tempo, Tempo é o DVD de Maria Bethânia com imagens do show em que a cantora comemorou 40 anos de carreira, gravado no CIE Musica Hall, em São Paulo.

ENVIADO POR LEO PAULO

Figura 191 – Publicação de AR (05/12/2014)

7 de dezembro de 2014

bonança.



Figura 192 – Publicação de AR (07/12/2014)

8 de dezembro de 2014

'Qual o impacto deste novo feminismo na África promovido a partir de literatura?'



A surpresa da literatura negra

Uma nova geração de autoras combate os lugares comuns e tem como objeto
BRASIL.ELPAIS.COM

Figura 193 – Publicação de AR (08/12/2014)

9 de dezembro de 2014

Magra de Ruim



Figura 194 – Publicação de AR (09/12/2014)

compartilhou a foto de Departamento De Letras D ufop.

11 de dezembro de 2014

todo o meu amor por essa monografia ❤️❤️❤️



Departamento De Letras Delet-ufop

11 de dezembro de 2014

Figura 195 – Publicação de AR (11/12/2014)



Figura 196 – Publicação de AR (14/12/2014)

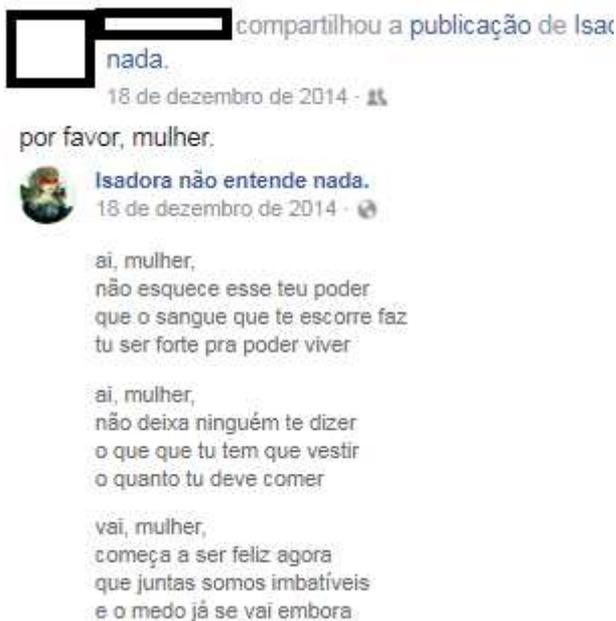


Figura 197 – Publicação de AR (18/12/2014)

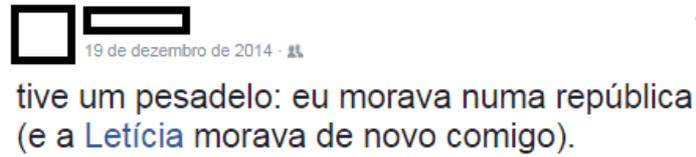


Figura 198 – Publicação de AR (I) (19/12/2014)



Figura 199 – Publicação de AR (II) (19/12/2014)



Figura 200 – Publicação de AR (23/12/2014)



Figura 201 – Publicação de AR (24/12/2014)

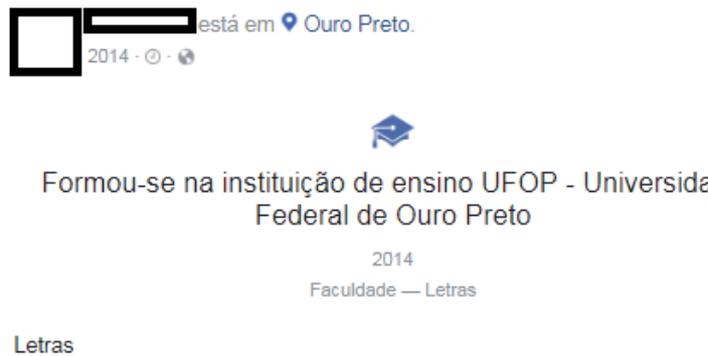


Figura 202 – Publicação de AR (2014)

A Figura 193 mostra um compartilhamento de uma matéria do jornal El País, de 8 de dezembro de 2014, intitulada “A surpresa da literatura negra”, a partir da qual AR destaca o seguinte trecho, colocando-o em relevo: “Qual o impacto deste novo feminismo na África promovido a partir da literatura?”. Desse modo, o efeito produzido pela seleção desse enunciado específico é o de responder, em certa medida, qual é a “surpresa” da literatura negra. Além disso, põe em evidência aquilo que no texto lido mereceu ser sublinhado, de acordo com a leitura realizada por AR e sua consequente recomendação àqueles que acompanham as postagens promovidas em sua linha do tempo.

A Figura 194 apresenta o compartilhamento de uma charge, datada de 9 de dezembro e cuja autoria é atribuída à página Magra de Ruim, que se constitui também como um link posto acima da imagem. Nela, há uma sequência de falas de “Vincent, o gambazinho suicida”, cujos planos para 2015 são arrumar sua bagunça e morrer. Pode-se interpretar essa postagem como modo de divulgação de um trabalho artístico apreciado por AR que acaba por se constituir, também, como uma marcação temporal, uma vez que é realizada no mês de dezembro, último mês do ano e que, além disso, a própria charge expõe os planos do personagem para o ano seguinte.

A Figura 195 apresenta uma publicação do dia 11 de dezembro, que também se baseia em um compartilhamento. Desta vez, trata-se de um compartilhamento feito a partir da

página do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, na qual se divulga a defesa de monografia do companheiro de AR, que ocorreria na semana seguinte, no dia 18 de dezembro. Junto desse compartilhamento, AR associa um texto próprio: “todo o meu amor por essa monografia <3 <3 <3”. Assim, revela-se uma data que se demonstra importante tanto para ela, como para seu companheiro, como representação do fechamento do ciclo acadêmico da graduação.

A Figura 196 mostra uma publicação do dia 14 de dezembro. Trata-se do compartilhamento de uma matéria da Revista Fórum que discute a repercussão internacional sobre os insultos dirigidos por Jair Bolsonaro à deputada Maria do Rosário. O título do texto, “Bolsonaro choca jornal francês Le Monde: ‘homofóbico, misógino e racista’”. Diante do título, pode-se inferir que o enunciado de AR aponta para seu estranhamento diante da posição de parte das opiniões relativas ao caso “enquanto isso, no Brasil, é apenas uma questão de interpretação”. Para ela, não se trata, portanto, de uma questão de interpretação, uma vez que os adjetivos atribuídos pelo jornal francês à figura de Bolsonaro são bastante contundentes, sem deixar margem para relativizações diante das ações por ele tomadas.

A Figura 197 apresenta o compartilhamento de um poema cuja fonte é a página “Isadora não entende nada”, datado de 18 de dezembro de 2014. Associado ao poema, AR apresenta o enunciado “por favor, mulher”, que funciona como um reforço dos apelos feitos no corpo do poema, dirigido às mulheres. Há nesse procedimento curatorial a configuração de um efeito de contiguidade entre o enunciado de AR e o conteúdo do poema, do qual ela se apropria para realizar seu apelo. Juntam-se, assim, sua própria voz à voz do eu lírico dos versos.

A Figura 198 apresenta um texto próprio de AR, datado de 19 de dezembro, no qual ela relata ter tido um pesadelo, em que morava em uma república e no qual sua amiga Letícia, marcada na postagem, vivia novamente com ela. É possível notar o tom irônico do texto, uma vez que, a partir da leitura desse fragmento narrativo, percebe-se que a marcação visa ao fato de que sua amiga leia o texto e perceba que seu nome está marcado, em destaque, entre parênteses. Tendo morado em república de estudantes durante a graduação, AR considera viver novamente numa república não um sonho, mas um pesadelo, o que se pode perceber pelo efeito de humor produzido pelo uso da palavra pesadelo e pela ênfase em ter sua amiga morando novamente com ela.

A Figura 199 é relevante para exemplificar os procedimentos de recontextualização de significados, a partir dos compartilhamentos. No caso, a publicação apresentada é de 19 de dezembro e marca o início do recesso, isto é, das férias de AR, o que se pode concluir a partir do seu enunciado “RE-CES-SO”. Nessa postagem, AR compartilha um vídeo do YouTube com

o clipe da música “Shake it off”, da cantora Taylor Swift, a fim de demonstrar a sua celebração diante do período que se inicia. AR destaca, ainda, o refrão da canção e o ressignifica em sua comemoração pessoal.

A Figura 200 apresenta, igualmente, o compartilhamento de um vídeo do YouTube, de uma canção da banda Foo Fighters. Datada de 23 de dezembro, não há nenhum enunciado que acompanha a postagem da música, apenas três emojis de coração colocados por AR. A partir desse movimento, pode-se inferir que o gosto musical de AR engloba a banda, o que fica demarcado no próprio ato curatorial de trazer para sua linha do tempo uma canção da banda.

A Figura 201 destaca uma publicação que mobiliza o expediente de repetição e rotina na linha do tempo de AR, no segundo semestre de 2014. Pela terceira vez, uma atualização de perfil traz o avatar de sua imagem com a estética de produção artística do pintor Romero Britto. No caso em questão, o chapéu de Papai Noel reforça a data em associação com o enunciado “primeiramente feliz natal” de AR e com a marcação temporal automática da interface da linha do tempo de 24 de dezembro, véspera da celebração.

Por fim, a Figura 202, sem a instituição clara de um dia, marcando apenas o ano de 2014, fato que também é opção feita pelo usuário ao realizar a postagem, apresenta um marco importante para AR: a conclusão do curso de Letras, na Universidade Federal de Ouro Preto. Tem-se ainda, nesse registro, a marcação da localidade, o que nos permite saber que ela se encontra na cidade onde realizou sua graduação.

Em síntese, pode-se afirmar que há o privilégio por compartilhamentos associados a textos próprios, que refletem sentimentos, opiniões políticas, o gosto pela literatura, a vida acadêmica, em um conjunto que é, por sua constituição própria, fragmentário e heterogêneo, mas que permite desvelar alguns traços auto/biográficos de AR.

4.2. Condições gerais dos processos de produção de sentido nas linhas do tempo

Nesta seção, busca-se sintetizar as condições gerais que se aplicam à construção das linhas do tempo e à produção de seus sentidos auto/biográficos, as quais nos permitem chegar às respostas levantadas nas questões que nortearam esta pesquisa. Para isso, comecemos por relacionar autobiografia como produto do arquivamento da vida:

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas. [1] Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma

autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu. [/] Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÈRES, 1998, p.11).

Essa relação é importante para compreender que, mesmo no movimento de subjetivação próprio de uma autobiografia, elencam-se determinados acontecimentos de vida para ordenar uma narrativa. No caso da linha do tempo do Facebook, o que se dá é que essa narrativa é descentrada, fragmentada. A prática e o conceito de curadoria digital vêm, então, para explicar a fundamentação de uma narrativa construída a várias vozes, com base em uma infraestrutura tecnológica que traz à tona o dialogismo já constitutivo da linguagem.

Podemos, então, dar seguimento à discussão sobre as condições gerais que caracterizam o *corpus* da pesquisa, junto e para além dos cinco perfis focalizados, asseverando que “o que define a autobiografia para aquele que lê é antes de tudo um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio” (LEJEUNE, 2008, p. 33). Essa é uma das questões que, apesar da preservação dos nomes por questões éticas e de anonimato dos voluntários de pesquisa, instigou o pensamento inicial a respeito da possibilidade de observar as linhas do tempo à luz das teorias relativas à autobiografia, de maneira específica. Nesse sentido, não quisemos partir da teoria sobre identidades, abordando-as sob a perspectiva das teorias sobre a pós-modernidade, por exemplo, uma vez que há trabalhos que já se debruçaram sobre esse tipo de investigação, como distinguimos em nossa revisão teórica.

Além disso, mais do que a “liquidez” das identidades (BAUMAN, 2005), acreditamos que a formulação das linhas do tempo apontam justamente para outra direção: a necessidade de algum nível de ancoragem para a existência, ao elaborar e reunir arquivos que são reflexo de interesses, gostos, opiniões e ideologias pessoais. Não queremos, com isso, dizer que não há transformação ao longo de uma trajetória de vida e que temáticas específicas acabem por, naturalmente, mudar suas rotinas ou repetições na linha do tempo do Facebook. Afinal, “nossas intenções mudam em função de fatores pessoais mas também externos” (ARTIÈRES, 1998, p.32). Apesar disso, mesmo com lacunas e defasagens da memória, os arquivos estarão lá, alguns deteriorados ou desaparecidos – se editados ou deletados –, mas parte deles ainda permanecerá como fonte de consulta de uma individualidade. A esse respeito, Pierre Bordieu afirma que

[t]entar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre

as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos na estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (BORDIEU, 1986, p. 189-190)

Segundo essa visão, os acontecimentos biográficos formam um conjunto de relações que não se explicam única e exclusivamente pela cronologia e sucessão de eventos, mas devem levar em conta a paisagem e o contexto mais amplo no qual se insere a individualidade. Desse modo, tentou-se buscar as referências que levaram a determinadas publicações em determinados momentos, nas linhas do tempo dos usuários do Facebook focalizados na análise qualitativa.

Outra questão concernente às condições gerais de formulação das linhas do tempo que deve ser assinalada é seu caráter não confessadamente autobiográfico (REZENDE, 2014, p. 67). Isso significa que, por parte do usuário da rede social, não há, nos moldes de um paratexto, uma proposta ou uma declaração inicial que identifique alguma pretensão de compor ou organizar uma manifestação auto/biográfica. Em sua forma fragmentária e heterogênea, a linha do tempo é assumidamente um processo. Há imprevisibilidade quanto à sua composição final. Portanto, os sentidos vão se formulando à medida que a linha do tempo vai se constituindo. Se o processo metodológico visou a “escavar” as linhas do tempo, no investimento de lê-las como arquivo, temos sentidos, paradoxalmente, mais bem fixados a interpretar, porque foram publicados há, ao menos, três anos.

Esta pesquisa, portanto, é fundamentalmente uma investigação que se constitui pelas associações que vai gerando entre as formas biográficas que se avizinham no tempo e no espaço. Foi isso que ocorreu quando se procurou aproximar as linhas do tempo dos diários pessoais ou dos *hypomnemata*. Assim, as linhas do tempo vão “agrupando, numa espécie de montagem, trechos que não se concluem e sobrevivem em devir, na falta ou na contradição. Essencialmente, são textos que tangenciam em algum ponto a proposta de autodesvelamento, sem com ela se comprometerem primordialmente” (REZENDE, 2014, p.68). Como se procurou demonstrar, há densidade auto/biográfica nessas formas pertencente ao espaço biográfico (ARFUCH, 2010 [2002]).

Além disso, a mecânica de funcionamento da curadoria digital nas linhas do tempo revela processos imbricados de arquivamento automático e de produção de sentidos que não se ajustam à condição de elaboração de uma narrativa canônica. Embora Ruth Page (2010) trate das atualizações de status na interface do mural e não da linha do tempo, acreditamos que sua

perspectiva a respeito da estruturação e do ordenamento do arquivo naquela interface favoreça a compreensão desta:

[...] o arquivo de status é estruturado puramente por ordem cronológica de postagem, em vez de por um desenvolvimento unificado em torno de um único enredo. Atualizações de status individuais podem conter narrativas incorporadas, mas elas não são organizadas em torno de uma estrutura global com um ponto final teleológico predeterminado. Em vez disso, o arquivo é como uma crônica personalizada, em que os eventos são unificados por seu foco concentrado nas experiências de vida do escritor individual. O autorretrato que emerge do arquivo é análogo a um que é continuamente criado usando uma técnica pontilhistas. Para perceber a sequência de atualizações de status como um todo coerente, é preciso ajustar a perspectiva de buscar conexões lineares entre entradas individuais isoladamente e “preencher as lacunas” entre atualizações de status, experiência online e offline para assumir uma versão em evolução do relato do escritor de sua vida (PAGE, 2010, p.440; tradução minha)¹⁰⁰.

Assim, a reconstituição dos fragmentos é o que possibilita a produção de uma significação global para a linha do tempo, sem perder de vista os sentidos dos conteúdos discursivos, isoladamente. Ainda que não ignoremos as perspectivas distintas sobre a conceituação dos enunciados de Mikhail Bakhtin e Dominique Maingueneau, uma das apreciações deste último sobre a relação entre o ato de enunciação e o contexto nos é particularmente cara, porque explica, ao menos em parte, o gesto analítico desta pesquisa:

todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável. A própria ideia de um enunciado que possua um sentido fixo fora de contexto torna-se insustentável. Certamente isso não quer dizer que as unidades lexicais de uma sequência verbal não signifiquem nada, nem que suas relações deixem de orientar de maneira decisiva a interpretação. O que se quer dizer é que, fora de contexto, não podemos falar realmente do sentido de um enunciado, mas, na melhor das hipóteses, de coerções para que um sentido seja atribuído à sequência verbal proferida em uma situação particular, para que esta se torne um verdadeiro enunciado, assumido em um lugar e em um momento específicos, por um sujeito que se dirige, numa determinada perspectiva, a um ou a vários sujeitos (MAINGUENEAU, 2004, p. 20).

¹⁰⁰ “[...] the status archive is structured purely by chronological order of posting, rather than by a unified development around a single plot. Individual status updates might contain embedded narratives but these are not arranged around a global structure with a pre-determined teleological end point. Instead, the archive is like a personalized chronicle, where the events are unified by their concentrated focus on the life experiences of the individual writer. The self-portrait that emerges from the archive is analogous to one continuously being created using a pointillist technique. In order to perceive the sequence of status updates as a coherent whole, one must adjust perspective away from seeking linear connections between individual entries in isolation and “fill in the gaps” between status updates, online and offline experience to assume an evolving version of the writer’s account of their life” (PAGE, 2010, p.440).

Desse modo, a proposta de leitura das linhas do tempo como “textos” auto/biográfico baseou-se na reconstrução e reconstituição de sentidos a partir de indicações presentes nos conteúdos discursivos publicados e nas relações que era possível construir entre eles, em cada linha do tempo individual. Para isso, um trabalho de pesquisa foi realizado, às vezes com o apoio de notícias publicadas pelos jornais da época, no buscador do Google, para recuperar a paisagem social mais ampla, como datas de debates políticos ou de determinados jogos da Copa do Mundo, que tinham relação com os conteúdos postados pelos indivíduos e que serviam de motivação para certos enunciados e publicações, buscando ler as amarrações entre as pautas públicas e as pessoais. Sobretudo, hipóteses foram feitas sobre as interpretações possíveis para o agrupamento de publicações realizadas no segundo semestre de 2014, para os participantes cujas linhas do tempo foram mais detidamente analisadas nas seções anteriores deste capítulo.

Quanto às dinâmicas espaço-temporais, verificam-se processos de (re)contextualização temporal e espacial dos conteúdos discursivos compartilhados. Em termos espaciais, identificou-se, por exemplo, a replicação de conteúdos de outras redes sociais, como o Twitter, dentro da linha do tempo do Facebook. Já em termos temporais, foi possível perceber como os compartilhamentos se davam no dia seguinte à publicação original, demonstrando a prática de captar e recuperar conteúdos, trazendo-os para dentro da linha do tempo, mesmo que de forma não simultânea. Vale enfatizar que os ordenamentos são produzidos automaticamente, porque as datas de postagem ficam registradas e porque a interface da linha vai acumulando e “empilhando” os conteúdos, deixando aquilo que é antigo, ainda mais para trás.

As fontes de compartilhamento, que podem ser as mais diversas, também exemplificam o expediente de (re)contextualização, porque no conjunto da linha do tempo individual, os conteúdos compartilhados se revestem de novos significados, demonstrando concordância ou refutação, ênfase ou dissonância argumentativa. O valor narrativo ou argumentativo não está, então, situado exclusivamente nas proposições verbais dos indivíduos, mas se faz por recursos verbo-visuais os mais variados, dos quais os usuários podem se apropriar, como forma de expressar-se e direcionar os modos como querem ser observados ou lidos, nessa documentação processual.

É importante perceber, ainda, que o curador digital, isto é, o usuário do perfil responsável por selecionar determinados conteúdos discursivos, com base em balizas editoriais próprias, quando realiza sua prática está atribuindo valor e significado a determinados elementos. A curadoria, como prática e atividade humana tem, em sentido amplo, o objetivo de

eternizar e perenizar certos objetos, trazer ao olhar, colocar em evidência, fazer sobressair. Analogamente, o propósito de uma curadoria digital de si pode ser também, como vimos nos perfis focalizados, um propósito político, ao fazer com que se sobressaíam certas notícias sobre determinados candidatos ou certos alinhamentos ideológicos. Por isso, é admissível dizer que as curadorias permitem que se argumente sobre fatos, que se narrem acontecimentos, que se construam determinadas representações, a partir de critérios dos indivíduos curadores.

Contudo, tais critérios, no caso das linhas do tempo, não funcionam como modelos de ordem preestabelecidos, porque a interface não favorece esse tipo de apropriação. Assim, os indivíduos criam seus repertórios e acumulam seus arquivos de forma processual. Só se pode, então, perceber as relações entre os conteúdos discursivos publicados mais tarde, o que torna possível chegar à apreensão do olhar sobre o mundo dos indivíduos, sobre sua sensibilidade externalizada, tendo em vista que colecionar, guardar, documentar e catalogar, em algumas ocasiões, não tem outro objetivo senão produzir efeito estético, em outras, torna-se mais do que isso, modalizando, por exemplo, um ato político. Essas condições só se fazem possíveis pelos novos percursos contextuais fundados nas linhas do tempo e pela intervenção humana em associação com a intervenção não humana dos algoritmos, porque embora o Feed de Notícias tenha certa orientação de preferência, é o indivíduo que faz as escolhas finais que são, novamente, reorientadas pelos algoritmos, em operações fundamentalmente hibridizadas.

Sem adentrar numa perspectiva psicologizante da análise, é importante destacar que algumas referências temáticas que integram uma configuração auto/biográfica, porque assim podem ser lidas, são identificáveis. Dentre elas estão: a família dos indivíduos, as experiências cotidianas, os pontos de vista e opiniões pessoais, o trabalho e a profissão, as angústias. Estes temas, segundo a perspectiva aqui defendida, poderiam ser lidos dentro de um enviesamento auto/biográfico, porque, em conjunto, compõem mais amplamente uma narrativa de vida, ainda que formada a partir de “cacos” que por si só, a princípio poderiam ser vistos como vetores de uma anti-narrativa de vida. Tem-se, portanto, a configuração do que se chama de eixo temático.

A estrutura das linhas do tempo não pode ser separada de seus conteúdos. As narrativas auto/biográficas que podem ser lidas a partir desses conteúdos dependem, em grande parte, dos recursos que os usuários do Facebook têm para contá-las. O que será narrado depende de como se pode contar (BLOMMAERT, 2008). Todo ato de produção, reprodução e consumo de discurso envolve mudanças contextuais (BLOMMAERT, 2008), como desejei que fosse possível observar até aqui. Não se pode esquecer ainda que a maneira como é feita a obtenção dos dados e como eles são tratados têm influência sobre aquilo que esses dados nos dizem (BLOMMAERT, 2008). Blommaert (2008) aponta para a importância da seguinte questão “Por

que nós investigamos isto agora?”, uma vez que ela indica a situacionalidade social de nossa própria pesquisa. Tenta-se, aqui, expressar um pouco da influência do Facebook e de outras redes sociais sobre as subjetividades.

Assim, as linhas do tempo demonstram sua constituição como universo narrativo complexo, porque se validam num espaço com vocação para ambiente narrativo pessoal. É justamente na tensão entre narrativa, pela cronologia das postagens e dos registros, e antinarrativa, pela curadoria de conteúdos discursivos tão diversos, que o enviesamento auto/biográfico se constrói. Em alguns momentos, nota-se também o modo como registros diários tornam-se registro *de* diário. A submissão de pensamentos e experiências, ademais, é feita a partir de alguns elementos de outras páginas, a fim de que os indivíduos possam se dizer, a partir de apropriações. Por último, a concepção de verdade não se aplica às redes sociais e não deveria ser perseguida, em termos da verificabilidade dos fatos e de correspondência entre ficção e realidade.

Pode-se apontar, por fim, que existe um entrelaçamento entre memória e postagens, o qual envolve processos de rememoração narrativa ou simulação da memória, embora isso seja feito dentro de uma funcionalidade de uma rede social que tenderia a provocar justamente a antítese do memorável, porque se apresenta de modo frágil, transitório e instantâneo, o que se opõe à permanência da memória, ainda que esta sofra reconfigurações. Os principais procedimentos de composição já foram mencionados no Capítulo I deste trabalho, mas alguns deles se encontram exemplificados a seguir, com dados de linhas do tempo diferentes dos cinco perfis analisados mais detidamente neste capítulo.



Figura 203 – Captura de tela de SB (04/10/2017): compartilhamento de notícia



Figura 205 – Captura de tela de GC (04/10/2017): foto de animação de estimação

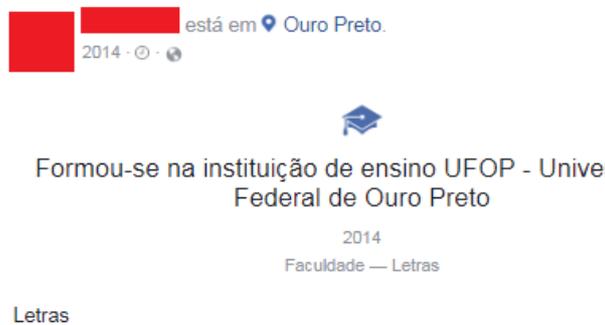


Figura 204 – Captura de tela de AL (04/10/2017): publicação de evento de vida



Figura 206 – Captura de tela de HC (04/10/2017): casamento do qual participou como convidada

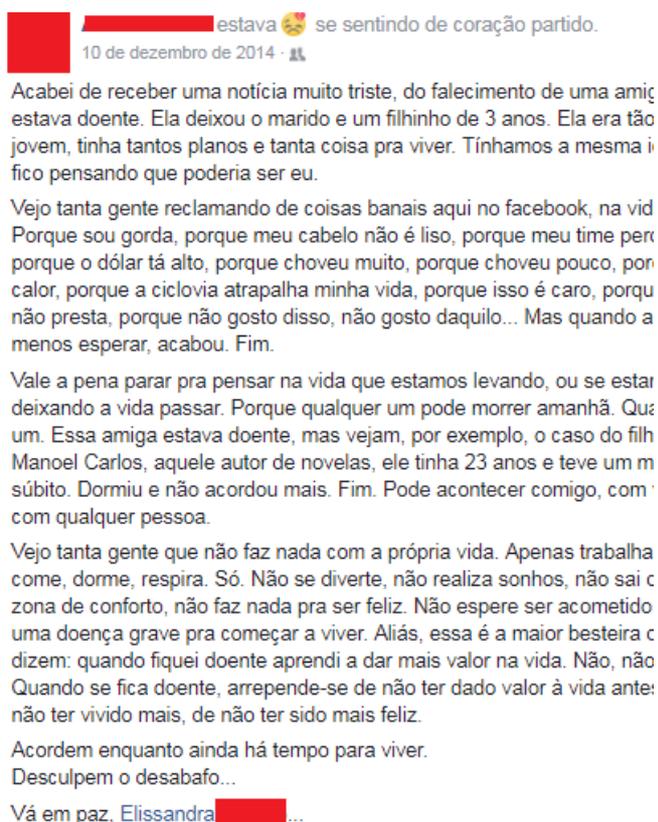


Figura 207 – Captura de tela de AC (04/10/2017): relato sobre falecimento de amiga

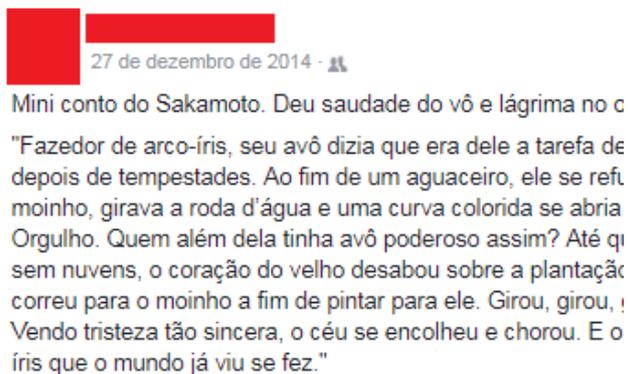


Figura 208 – Captura de tela de GG (04/10/2017): compartilhamento de citação de conto

Chegamos, assim, à possibilidade de investir no ensaio de respostas às questões levantadas, a partir da recapitulação de nosso itinerário:

a) *Quais traços auto/biográficos são passíveis de identificação nas linhas do tempo dos indivíduos estudados?*

Primeiramente, é preciso afirmar que os traços auto/biográficos passíveis de identificação nas linhas do tempo do Facebook são sempre contingentes em sua



Figura 209 – Captura de tela de JZ (04/10/2017): compartilhamento de sentimento



Figura 210 – Captura de tela de IM (04/10/2017): marcação de amigos e check-in em restaurante

apreensibilidade. Isso se deve ao fato de que a recepção, isto é, o mundo do leitor, condiciona certas leituras dos agrupamentos da linha do tempo. Por isso, realizamos um convite, para que o olhar do leitor desta tese se alinhasse ao meu olhar de pesquisadora, nas análises apreciativas dos conteúdos discursivos publicados pelos participantes de pesquisa. Com base nessas deambulações pelo *corpus* principal, apontamos a característica constitutiva fragmentária dos traços auto/biográficos, que vão desde brevíssimos relatos oníricos até banais narrativas sobre ações como comer e tomar banho. Os traços distintivos de um umbral auto/biográfico demonstram, sobretudo, interesses, opiniões políticas, gostos musicais particulares, contornos de humor e sarcasmo, estilos individuais de escrita literária, registros sobre a relação com o núcleo familiar, que só podem ser captados aos poucos e oportunamente na exumação dos arquivos que se constroem na interface estudada.

b) Como se dá o funcionamento dos procedimentos curatoriais para a mobilização dos conteúdos discursivos na constituição das linhas do tempo?

Os procedimentos curatoriais se dividem, de forma genérica, em duas investidas principais: a exposição de conteúdos discursivos próprios, sejam fotos, sejam escritos autorais, e a apropriação de conteúdos discursivos de terceiros ou do banco de dados mais amplo que é a internet. Esses dois empreendimentos principais se mostraram, ainda, combinados, como forma de desvio e ressignificação, quando a proposta de (re) contextualização se dava por um enunciado do autor do perfil junto do conteúdo discursivo compartilhado. Assim, os enunciados próprios podem servir para corroborar o conteúdo compartilhado ou para dele se afastar e demonstrar oposição, por exemplo. Essas investidas mais amplas, ainda, desdobram-se em especificidades, como o compartilhamento de conteúdos de páginas ou de perfis pessoais. Ainda, há conteúdos discursivos que são publicados como se fossem próprios, como é o caso de algumas fotografias, sem menção à fonte da qual se retirou aquele conteúdo.

c) Como o discurso auto/biográfico opera nas linhas do tempo dos perfis pessoais selecionados, com o suporte da curadoria digital?

O discurso auto/biográfico se apoia, nas linhas do tempo, em duas características invariáveis entre os perfis: a fragmentação e a repetição. Assim, como forma de balizar, gerir e controlar o tempo através de uma sequência de referências materializadas em forma de conteúdos discursivos múltiplos e heterogêneos, a prática da curadoria digital é mobilizada. Com base naquilo que veem em seu Feed de Notícias como elementos previamente condicionados aos seus interesses e por isso constantemente reatualizados pelos algoritmos do Facebook, os usuários selecionam e organizam a captação de conteúdos discursivos que se coadunam às mais diversas experiências e traços vivenciais. Assim, o discurso auto/biográfico

se realiza em suas características indiscutivelmente constitutivas: memória pessoal e narrativa. Esta última, como ficou demonstrado, é descentralizada e demanda recomposição para o apontamento de uma coerência expressiva em torno da constituição imaginária do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Muita coisa não posso contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser “bio”
Eu não tenho enredo de vida? sou inopinadamente fragmentária. Sou aos poucos. Minha história é viver*

(Água Viva, Clarice Lispector)

*De minha auto-bio-grafia, quero apenas fragmentos.
“Quero ser bio*

(Sônia Roncador, 1996)

O problema geral desta tese pode ser sintetizado na seguinte indagação: é possível pensar a linha do tempo do Facebook como forma contemporânea de articular e produzir memórias pessoais? A partir dessa questão mais ampla, desdobraram-se três pontos importantes para a organização de respostas presumíveis e baseadas nas análises retratadas à luz das discussões teóricas empregadas, quais sejam, a densidade auto/biográfica na constituição da linha do tempo; as mecânicas da linha do tempo e, por fim, a relação do funcionamento da linha do tempo com a memória.

Em relação ao primeiro ponto, pode-se assinalar a *presença* da densidade auto/biográfica na constituição da linha do tempo. Tal ideia se sustenta pela articulação entre as noções concernentes às formas autobiográficas, que implicam a consideração de que, em relação ao âmbito das escritas do eu, deve-se considerar o liminar dos modos pelos quais “o sujeito *se* expressa e *se* deixa guiar por anseios cronológicos, impessoais, de totalidade, coerência, sinceridade etc.” (REZENDE, 2014) p.66; grifo da autora). Nessa expressão empreendida pelo usuário do Facebook, agente principal da curadoria digital de si engendrada na linha do tempo, é preciso levar em conta o caráter, por excelência, de uma seleção. Nas palavras de Artières (1998), não é possível arquivar por completo a nossa vida, “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” (ARTIÈRES, 1998, p.11). Analogamente, a conservação de um arquivo de vida, em suas diferentes funções e valores sociais, explica, igualmente, o movimento e a necessidade de compreender os meandros e o emprego da prática que é a curadoria digital na linha do tempo do Facebook, foco de nossa investigação.

Em analogia ao fato de que para existir é preciso inscrever-se em registros civis, fichas médicas, escolares, bancárias, etc. (ibid.), pode-se afirmar que a condição de existência

de uma nova sociabilidade contemporânea, marcada pela presença dos sujeitos nas redes sociais é uma forma de *inscrever-se*. Neste caso, pela própria escrita e pela escrita de outros, por dados próprios ou por dados alheios. Não à toa, empresas têm usado as redes sociais para avaliar o perfil de candidatos a vagas de emprego¹⁰¹, por exemplo, ou então para justificar uma demissão¹⁰², conformando um tipo de injunção social. Acima de tudo, mantém-se a prática de arquivamento para existir no cotidiano. Essa prática tem um valor que é muito anterior a redes sociais digitais como o Facebook, uma vez que os escritos pessoais, ao menos em se tratando de escritores famosos ou pessoas célebres, ganharam valor mercadológico, em um comércio no qual se trocavam ou se vendiam esses fragmentos de escrita, que remonta ao século XIX (ARTIÈRES, 1998, p.12). Em contrapartida, no final do século XX e no início do século XXI, uma espécie de popularização das escritas de si, sobre si, ao redor de si – qualquer que seja a preposição dada – se dá nas redes sociais, favorecendo a exteriorização das subjetividades, que fica exemplificada nas linhas do tempo do Facebook.

Sobretudo, a prática de compartilhar matérias jornalísticas favoráveis a determinadas figuras ou posicionamentos políticos é um modo de atestar, de efetivamente provar e produzir as lembranças sobre um tempo que logo adiante será *tempo ido*, mas condizente com a imagem que queremos, no futuro, passar de nós mesmos a respeito de que lado da história estivemos, diante de acontecimentos polêmicos e que, de algum modo, influenciaram a constituição das subjetividades e das mentalidades de nossa geração. Esses vestígios, escombros, os quais fundam somente uma seleção ínfima de nossa existência e presença no mundo, estarão de algum modo disponíveis, a menos que queiramos suprimir certo conteúdo, caso não nos identifiquemos mais com aquele material ou quando não o consideramos significativo para fazer parte de nossa proposta de narrativa vivencial. Os materiais não são, contudo, conscienciosamente organizados em arquivos, como acontece, por vezes, com os arquivos domésticos. Eles se acumulam, com um critério que serve ao momento da escolha dos conteúdos discursivos selecionados para a publicação, mas com os quais pode não haver identificação mais tarde, no tempo. A temporalidade que predomina e com base na qual se pode realizar a tentativa de reconstituição de um contexto de enunciação é aquela da data de entrada do conteúdo discursivo incorporado pelo curador de si na linha do tempo.

¹⁰¹ “Empresas usam redes sociais para avaliar perfil dos candidatos em S. José”. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/concursos-e-emprego/noticia/2016/07/empresas-usam-redes-sociais-para-avaliar-perfil-de-candidatos-em-s-jose.html>. Acesso em: 03/06/2018.

¹⁰² “As empresas olham tudo dos funcionários nas redes sociais”. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/as-empresas-olham-tudo/>. Acesso em: 03/06/2018.

Como atesta Artières (1998), há um valor cultural dos arquivos de vida em nossas sociedades. Podemos ir mais longe e dizer que do mesmo modo que as culturas são transformadas e transformam os sujeitos, constituindo uma nova sociabilidade, há um valor sócio-cultural que se pode atribuir à produção de sentidos propiciada pelas linhas do tempo do Facebook. É presumível que estas sejam substituídas mais tarde, por outras e novas formas, as quais apresentarão outras interfaces, dentro de redes sociais que virão a ser criadas. Permanece, porém, a prática da curadoria digital como um dos subsídios e dimensões de sustentação dessa sociabilidade.

Como vimos, uma função da curadoria é justamente a perenização de determinados artefatos, sejam eles materiais, sejam simbólicos. A montagem de um painel sobre si, que se concretiza na linha do tempo, tem como uma de suas razões a “extimidade virtual” (MATTOS, 2015), em uma exposição controlada. O controle, por sua vez, é exercido pela prática da curadora digital, em intersecções produzidas em parte pela curadoria pessoal, em parte pela curadoria algorítmica. Sobretudo, importa assinalar que esse controle para a geração de um arquivamento automático de conteúdos discursivos não é e nem poderia ser resultado da neutralidade:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo (ARTIÈRES, 1998, p. 31)

Há quem possa continuar a questionar o valor de verdade que tem uma expressão auto/biográfica construída e mantida com base na manipulação de uma representação específica, mesmo depois de ter lido nosso itinerário argumentativo. Ora, vale reiterar a condição própria das autobiografias e das biografias – para tomar apenas as formas máximas de referência para um gênero que, por excelência, assegura-se mais pela incerteza do que pela inflexibilidade de suas condições estruturais – que tampouco se baseiam na verdade inquestionável sobre o indivíduo. Há debilidade no pacto de leitura de uma linha do tempo, alguém poderia dizer, em se tratando da falta de uma iniciativa consciente por parte do indivíduo para conceber um projeto auto/biográfico, em “ancoragem sempre renovável na unidade imaginária do sujeito” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 341).

Mas trata-se, antes de tudo, de um pacto de leitura. Outorga-se ao leitor a possibilidade de apreensão dos “momentos autobiográficos” que se colocam em relevo nas

linhas do tempo, a partir do momento em que o sujeito registra-se para ter uma conta no Facebook, para participar dessa heterotopia. O próprio fato de que seja inapreensível o produto final dessa empreitada auto/biográfica que se dá nas linhas do tempo de perfis pessoais privados nas linhas do tempo do Facebook revela o valor puro e simples da acumulação e da necessidade de registro de tudo que se julga, de algum modo, interessante. Nesse sentido acreditamos que a divulgação e o compartilhamento de informações não se contrapõem à expressão de si. É por isso que postulamos a proposta do auto/biográfico limiar que se constrói na linha do tempo. A travessia que fazemos considera as dissimilaridades entre formas vizinhas de escritas e processos de arquivamento do eu, visando à constituição de memórias pessoais.

O “outro” privilegiado neste trabalho é o outro que empresta materiais diversos para a composição da linha do tempo. Apesar disso, não se ignora que pela existência do outro-interlocutor, a atitude responsiva do autor do perfil seja evidenciada, afinal

[s]empre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTIÈRES, 1998, p.32).

Em se tratando do segundo ponto, as mecânicas da linha do tempo são constituídas pelas possibilidades da interface do Facebook, que acabam por favorecer as apropriações que tem por base o aproveitamento de outras vozes, isto é, da postagem de páginas e de perfis pessoais e de sua incorporação na linha do tempo dos indivíduos como forma de expressão de si, como forma *auto/biográfica*, como um umbral auto/biográfico. As linhas do tempo são, assim, “arquivos sucessivos e de vários tipos, cada um com funções diversas”, que se transformam “em um processo notável de subjetivação (ARTIÈRES, 1998, p. 32). Alinha-se a isso a condição heterotópica das linhas do tempo, uma vez que a curadoria digital, como conceito, permite-nos compreender a estrutura essencialmente dialógica desse objeto, porque ele existe em resposta a variadas formas de expressão de si, produzindo, dentro dela, novos contornos para a chamada narrativa vivencial. Nela, as relações intertextuais se fazem notar. A leitura das linhas do tempo pode tender, por conta de sua heterogeneidade e fragmentação constitutivas, a leituras pitorescas, literárias, sociológicas, políticas etc... Os assuntos podem variar, sendo muito pessoais, como as relações familiares ou mais públicos, como é o caso das eleições. Qualquer que seja o teor dos conteúdos, quando reunidos, e, por vezes, inclusive quando lidos de modo isolado dentro da interface – a exemplo de fotos de infância – apontam para projeções auto/biográfica.

Quanto ao terceiro ponto, o funcionamento das linhas do tempo se relaciona com a questão da memória, pela condição própria de arquivamento da interface, por aquilo que reflete a tendência à auto-arqueologização das sociedades ocidentais (MAIER apud SARLO, 2007, p.11), isto é, a conformação de uma disposição do tempo presente em monumentalizar-se. Ainda mais longe, com a disposição do indivíduo de se monumentalizar pela seleção de conteúdos discursivos, que funcionam, em sua classificação, como atributos com os quais quer se vincular. O indivíduo, na linha do tempo, pode tornar-se eixo para o acúmulo de memórias pessoais. É importante dizer que o acúmulo puro e simples de arquivos não institui, por si só, como memória pessoal. A memória é produzida pelo movimento de leitura, perscrutação, exumação das camadas de significados que se assentam na linha do tempo.

Desse modo, mesmo com a possibilidade de ser analisado sob diferentes óticas, o objeto de investigação ao mesmo tempo motivou, sustentou e exigiu a articulação de um quadro teórico que nos permitisse compreendê-lo em profundidade. Diante disso, dedicamo-nos ao estabelecimento de relações entre teorias “rearticuladas de um ponto de vista “próprio”, colocado pelo problema a resolver” (ROJO, 2006, p.273), tendo em vista, inclusive, o fato de que a Linguística Aplicada, como campo de estudos da linguagem que reivindica para si a qualidade de transdisciplinar, dá margem para pôr em diálogo teorias de distintas áreas do conhecimento, que mostrem seu alcance para a apreensão e escrutínio da complexidade do objeto em estudo.

Quanto à discussão sobre o percurso metodológico de pesquisa, buscou-se esclarecer os modos como se tentou captar as tendências auto/biográficas das linhas do tempo na variedade que contêm as suas ocorrências, partindo não só, mas também da minha própria inserção na rede social, que se iniciou em 2010, portanto, há oito anos. Isso foi realizado com o fim de assegurar uma leitura dos pontos de emergência de tais tendências, mesmo quando eles pareciam menos óbvios, como em publicações que não designavam a primeira pessoa ou quando se tratava, simplesmente, de compartilhamentos de publicações de terceiros. Ao colocarmos uma lupa sobre o *corpus*, privilegiando a apreciação aprofundada de cinco perfis, optou-se pelo privilégio “do dado singular que se opõe à lei do número” (ARFUCH, 2010 [2002], p. 339), em um exame de caráter qualitativo.

Finalmente, é preciso retomar uma das pretensões deste estudo: a instrumentalização do estudo da curadoria digital em Linguística Aplicada. Tendo a ciência de que essa foi, sem dúvida, a maior ambição deste trabalho, a qual não tinha um fim em si mesma, mas deveria se dar como consequência e desdobramento do itinerário de pesquisa, temos a compreensão da sua não consecução completa. Instrumentalizar um conceito de outras áreas

para uma incorporação verdadeiramente sistemática nos estudos da linguagem exige ainda o seu aproveitamento em diferentes contextos de pesquisa, diante de diferentes e complexos objetos, o que só pode ser alcançado com investigações futuras. Contudo, espera-se que caminhos tenham sido abertos e instaurados para que seja possível aventar e vislumbrar práticas da cultura digital que se apoiem e se construam com base no apoio da curadoria digital e de seus procedimentos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana da Rosa. Curadoria de informação e conteúdo na *web*: uma abordagem cultural. In: Elizabeth Nicolau Saad Correa. (Org.). **Curadoria digital e o campo da comunicação**. 1ed.São Paulo: ECA-USP, 2012, v. 1, p. 10-17.

AMARAL, Adriana. Autoetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da *Web*. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 11, n. 1, p. 14-24, jan/abr. 2009.

ARANTES, Priscila. Curadoria, arte contemporânea e novos circuitos. In: 20º Encontro Nacional da ANPAP, 2011, Rio de Janeiro. Anais do 20º Encontro Nacional da ANPAP (Cd-Rom), 2011.

ARFUCH, Leonor, **Memoria y autobiografía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económico, 2013.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico**: Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARFUCH, Leonor. “De la subjetividad en el lenguaje (digital)” en Maria Luiza Magalhaes y otros (Org.) **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba (Brasil): Editora CRV, 2014, p. 27-41.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Arquivos pessoais, Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 17/06/2018.

BAKSHY, Eytan, MESSING, Solomon, ADAMIC, Lada A. Exposure to ideologically diverse news and opinion on Facebook. **Science**, Vol. 348, p. 1130–1132, 2015. Disponível em: <http://science.sciencemag.org/content/348/6239/1130.full>. Acesso em: 25/05/2018.

BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. (trad. Julieta Sucre). Barcelona, Editorial Kairós, 1978.

BARROS, Carla. “Materialismo digital”, consumo e contemplação na rede social Pinterest. **Revista Eco-Pós (Online)**, v. 18, p. 120-132, 2015. Acesso em 30/09/2017.

BARROS, Nayara Natalia de. **Apropriação da curadoria na web por uma empresa de mídia tradicional**: um caso de convergência entre narrativa e banco de dados. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas, SP, 2014.

BARROS, Nayara Natalia de. Curadoria digital como hibridização entre narrativa e banco de dados: apropriação pela mídia tradicional e participação de outras vozes. In: BUZATO, Marcelo EL Khouri (Org.). **Cultura digital e linguística aplicada**: travessias em linguagem, tecnologia e sociedade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p. 45- 68.

BATAILLE, George. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, v. 19, p. 59-88, 1990.

BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Situar a lingua(gem)**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 91-115.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 183-191.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRUNO, Fabiana. Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia. Artigos & Ensaios, **Resgate** - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010, p.27-45.

BRUNS, A. **Blogs, wikipedia, second life, and beyond: from production to produsage**. New York: Peter Lang, 2008.

CAMARGO, MRRM., org., SANTOS, VCC., collab. Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-126-3. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 31/05/2018.

CORRÊA, Guilherme Torres; RIBEIRO, Victoria Maria Brant. Dialogando com Bakhtin: algumas contribuições para a compreensão das interações verbais no campo da saúde. **Interface** - Comunicação, Saúde, Educação, v.16, n.41, p.331-41, abr./jun. 2012.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. A memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 101-115, jul./dez, 2011.

DE MAN, Paul. **Autobiografia como Des-figuração**. Tradução de Joça Wolff. Panfleto político-cultural Sopro, 2012, n. 71. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/autobiografia.html>>. Acesso em: 26/05/2018.

DUBOIS, Philippe. A foto-autobiografia: a fotografia como imagem-memória no cinema documental moderno. **Imagens**, núm. 4, Campinas, abril de 1995, p. 64-76.

FANAYA, Patrícia Melisa Silva Fonseca. Eu, Você e Nós Todos: as múltiplas versões do "eu" nos ambientes existenciais das RSIs. **Obra Digital**, v. 2, p. 23-30, 2012. Acesso em 30/09/2017.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992, p. 129-160.

GARCÍA-CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas** – Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2008[1989]. 4ª edição brasileira.

GEOGAKOPOULU, A. **Small Stories Research**. In: The Handbook of Narrative Analysis. Eds. A. De Fina and A. Georgakopoulou, 2015.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. Garden City, NY, Doubleday, 1959.

GURAN, Milton. **Curadoria: expressão e função social**. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/32/6.html>. Acesso em: 13/06/2014.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p.175-187, 1998.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Catherine; ZARRO, Michael. **Social Curation on the website Pinterest.com**. American Society for Information Science and Technology, 75th Annual Meeting (ASIS&T), 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/meet.14504901189>. Acesso em: 25/05/2018.

JEUDY, Henry-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1990.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. Tese de doutorado em letras. Literatura Comparada: UERJ, 2006.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rosseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEJEUNE, Philippe. A autobiografia e as novas tecnologias de comunicação. Conferência. Tradução de Daniela da Silva Moreira. **Darandina Revisteletrônica**– Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF – v.6, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2013/08/Philippe-Lejeune-A-autobiografia-e-as-novas-tecnologias-de-comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 26/05/2018.

LIMA, Maria Tereza; JAQUES, Ketly Mayara; ÁVILA, Tamires Maria. Facebook – Um novo espaço autobiográfico? **Letras & Letras (Online)**, v. 31, p. 282-298, 2015. Acesso em 30/09/2017.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUZZO, Patrícia. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 36, junho de 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>. Acesso em: 31/05/2018.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge/Massachussets: MIT Press, 2001.

MITIDIERI, André Luís. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (1): 140-156, Jan./Jun. 2013.

MATTOS, Carolina Mendes Campos Oliveira. **Extimidade virtual na conjugalidade: um estudo sartriano sobre a nova perspectiva da intimidade**. Rio de Janeiro, 2015. 187p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e Leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PAGE, Ruth. Re-examining narrativity: small stories in status updates. **Text & Talk-An Interdisciplinary Journal of Language, Discourse & Communication Studies**. Vol. 30, n. 4, p.423-444, Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2010.

RAMOS, Daniela Osvald. Anotações para a compreensão da atividade do “curador de informação digital”. In: CORRÊA, Elizabeth Nicolau Saad (Org.). **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p.11-21. Disponível em: <http://issuu.com/grupoecausp.com/docs/ebook_curadoria_digital_usp/57#download>. Acesso em: 17/09/2018.

RECUERO, Raquel. O interdiscurso construtivo como característica fundamental dos *Webrings*. **InTexto**, Porto Alegre, v. 10, p. 1-15, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira; RIBEIRO, Leila Beatriz. Eu compartilho, ele compartilha – Memória e Coleccionismo – patrimonializando lembranças nas redes sociais. 2012. In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Niterói, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br/ANAIS%20I%20CONITER/GT03%20Mem+%A6ria%20e%20patrim+%A6nio/EU%20COMPARTILHO.%20ELE%20COMPARTILHA%20%D4%C7%F4%20MEM+%F4RIA%20E%20COLECCIONISMO%20%D4%C7%F4%20PATRIMONIALIZANDO%20LEMBRAN+%E7AS%20NAS%20REDES%20SOCIAIS%20-%20%20Trabalho%20completo.pdf>> Acesso em: 30/09/2017.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira; RIBEIRO, Leila Beatriz. O mundo musealizado - Memória e Esquecimento nas redes sociais da *web*. **Artefactum** (Rio de Janeiro), v. 14, p. 1-12, 2017.

REZENDE, Carolina Anglada de. Tangenciando o gesto autobiográfico em Michel Leiris e Herberto Helder. **Rev. Cria. Crít.**, São Paulo, n.12, p. 66-75, jun.2014. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoocritica>>. Acesso em: 11/05/2018.

ROJO, R. **Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza do pensamento**. In: MOITA LOPES, L. P. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-276.

RYMARCZUK, Robin; DERKSEN, Maarten. Different spaces: Exploring Facebook as heterotopia. **First Monday**, [S.l.], may 2014. ISSN13960466. Available at: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/5006/4091>>. Acesso em: 08/03/2018.

SARLO, Beatriz. La ciudad vista: Mercancías y cultura urbana. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

SANTOS, Lúcia de Fátima; LIMA, Antonio Carlos Santos de. Dialogismo e produções responsivas ativas: analisando práticas discursivas em aulas de língua portuguesa. **Letras & Letras**, v. 29, n.2, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25989>. Acesso em: 31/05/2018.

SAAD CORRÊA, Elizabeth.; BERTOCCHI, Daniela . O algoritmo curador: o papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica de informação. In: Elizabeth Nicolau Saad Correa. (Org.). **Curadoria digital e o campo da comunicação**. 1ed. São Paulo: ECA-USP, 2012, v. 1, p. 22-39.

SIBILIA, Paula. **La intimidad como espectáculo**. 1ª ed. Buenos Aires: Ed.Fondo de Cultura Económica, 2008.

SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SILVA, Daniel. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v.14, n.1, p.67-84, jan./abr.2014.

SILVA, Tarcízio. Curadoria, mídias sociais e redes profissionais: reflexões sobre a prática. **Curadoria digital e o campo da comunicação**. 1ed. São Paulo: ECA-USP, 2012, v. 1, p. 73-84.

TISSERON, Serge. As novas redes sociais: visibilidade e invisibilidade na internet. In: Nicole Aubert; Claudine Haroche. (Org.). **Tiránias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

TOPUZIAN, Marcelo. Paul de Man: ¿la imposibilidad de la autobiografía?. **Anclajes**, [S.l.], v. 7, n. 7, dez. 2012. ISSN 1851-4669. Disponible en: <<https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/anclajes/article/view/347/472>>. Acesso em: 26/05/2018.

TUCHERMAN, Ieda; CAVALCANTI, Cecília C.B. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol. 7, n. 20, p.141-158, nov. 2010.

VELASCO, T. M. Discutindo uma autobiografia contemporânea possível. **ITINERARIOS (UNESP. ARARAQUARA)**, v. 42, p. 31-50, 2016.

VERNANT, J. P. **A travessia das fronteiras**. São Paulo: Edusp, 2009, p. 141-146.

VON SIMON, Olga. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Revista Margens Interdisciplinar**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 11-16, maio 2016. ISSN 1982-5374. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2831>>. Acesso em: 25/05/2018.

VILLAR, Marília Santanna. Arquivos da memória – ou seu diário em boas mãos. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p.501-512, Dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2016000300501&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25/05/2018.

VILLAR, Marília Santanna. **A autobiografia como discurso de poder**. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a9n6/marilia_villar.pdf. Acesso em: 26/05/2018.

APÊNDICES

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO LINHAS DO TEMPO DO FACEBOOK COMO CURADORIAS DE SI: REALIDADES FABRICADAS E PERFORMADAS

Pesquisadora Responsável: Nayara Natalia de Barros

Número do CAAE: 49939115.0.0000.5404

Você está sendo convidado a participar como voluntário de um estudo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa a assegurar os seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias: uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Em caso de desistência na participação desta pesquisa antes que ela seja finalizada, é necessário que você comunique isso à pesquisadora, não havendo nenhum tipo de penalização ou prejuízo por conta disso.

Justificativa e objetivos:

Por ser um processo de produção e de circulação de sentidos, vinculado a uma nova perspectiva de mundo que vem sendo expandida pelas práticas de diferentes comunidades – em torno ou com o suporte de uma mesma infraestrutura tecnológica global –, a cultura digital dá vazão a uma abundante produção de conteúdo. Por isso, o gerenciamento de informações por parte dos usuários da rede se torna evidentemente mais complexo e generalizado, fazendo com que se revalide uma prática já conhecida em nossa cultura: a curadoria. É necessário entender a reconfiguração sofrida pela curadoria devido a essa nova infraestrutura tecnológica, pois a mediação tecnológica digital afetou e transformou a prática curatorial, seu valor, seu significado, seus processos materiais e intelectuais. Também devido a essa reconfiguração, agora a prática curatorial é base para a composição relatos autobiográficos contemporâneos, de modo distribuído e popular entre os indivíduos.

Como objetivo geral empírico de pesquisa, pretendo verificar como a curadoria digital no *Facebook* constitui uma prática curatorial mobiliza materialidades textuais da Linha do Tempo para constituir relatos de si dos indivíduos e traçar as particularidades envolvidas na

construção autobiográfica dos sujeitos. Como objetivo geral teórico, desejo caracterizar a prática da curadoria de si no *Facebook* como uma prática discursiva e autobiográfica. São objetivos específicos do escopo empírico instrumentalizar o conceito de curadoria digital dentro da Linguística Aplicada, de modo mais consistente e útil.

Procedimentos:

Participando do estudo, você será convidado a ceder um download direto de sua Linha do Tempo, que constituem os dados publicados espontaneamente por você e a permitir que esses mesmos dados sejam arquivados em capturas de tela feitas pela pesquisadora. Além disso, será convidado a participar de uma entrevista semi-estruturada após a primeira triagem dos dados, que terá gravação em áudio e poderá ser feita via videoconferência ou pessoalmente, sendo, neste último caso, realizada em dia e horário que lhe seja adequado e confortável.

Desconfortos e riscos:

Apesar de não haver riscos previsíveis é garantido que você pode cancelar sua participação na pesquisa a qualquer momento, caso venha a se sentir constrangido ou desconfortável com alguma situação, seja esta decorrente das entrevistas, da abordagem e/ou do tempo gasto para participação no estudo sem qualquer penalidade. Você é livre para recusar a participação e/ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e não compromete de nenhuma maneira o seu poder de decisão como sujeito do estudo empreendido pela pesquisadora.

Benefícios:

Este estudo apresenta benefícios potenciais para a sociedade no que diz respeito à elucidação de formas contemporâneas de curadoria digital como modos de construção de autobiografias nas redes sociais. Além disso, o relato e a interpretação das Linhas do Tempo do Facebook como autobiografais fornecerá um aparato teórico-metodológico a estudos posteriores que visem ao trabalho com os dados em redes semelhantes de publicização do “eu”.

Armazenamento de material:

A participação neste estudo envolve disponibilização de informações semipúblicas (postagens com restrição de público visualizador) e públicas (postagens sem restrição de público visualizador) postadas em sua página pessoal do Facebook para a geração de dados utilizados na pesquisa, bem como transcrições de entrevistas realizadas após a coleta dos dados originários de sua página pessoal. Após a finalização da pesquisa, os dados gerados ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável e de sua orientadora até a finalização do estudo, cujo término está previsto para o primeiro semestre de 2018.

Sigilo e privacidade:

Ao assinar este termo, você terá a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados deste estudo, o seu nome não será citado, bem como nenhuma informação que possa identificá-lo. Vale ressaltar que só interessarão as postagens realizadas em sua página no período compreendido entre 2013 e 2015, até o momento de assinatura deste termo.

Ressarcimento:

A participação no estudo não acarretará em nenhum tipo de custo para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional, uma vez que toda a pesquisa será realizada através de do download de informações pessoais da Central de Ajuda do Facebook, que inclui dados de sua página-perfil pessoal na rede social. Além disso, as entrevistas, caso sejam feitas pessoalmente, serão custeadas pela própria pesquisadora e, se realizadas via videoconferência, não acarretarão custos de nenhum tipo.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com Nayara Natalia de Barros pelo telefone: (19) 996425701 ou através do e-mail: nayara.natalia.barros@gmail.com. Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter sido esclarecido (a) sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do participante: _____.

Autorizo a gravação em áudio: () Sim () Não

_____ Data: ___/___/___.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do responsável)

Responsabilidade da Pesquisadora:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao responsável pelo participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa

exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo responsável e com o assentimento do participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura da pesquisadora)

ANEXOS

Anexo 1: Questionários abertos autoaplicados

DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

1) Qual é a frequência com a qual você acessa o *Facebook*?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Várias vezes ao dia.
AP: Quase diariamente
GR: Acesso quase diariamente, exceto quando estou em locais sem rede.
MR: Acesso o facebook todos os dias, pelo menos a cada duas ou três horas; em dias que dou aula, passa períodos mais longos, mas em dias que preciso escrever no blog, o face fica aberto e checo muito frequentemente.
AR: Acesso o Facebook diariamente. Normalmente, diversas vezes por dia, principalmente por meio do app para celular.

2) Qual é a frequência com que realiza suas postagens?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Varia. Mas imagino que, em média, três vezes por semana. Depende muito da época. Há dias em que posto mais de uma vez, depois fico alguns dias sem postar nada.
AP: Raro é o dia em que acesso e não posto nada
GR: Realizo postagens quase sempre que acesso, geralmente várias postagens.
MR: Há pelo menos uma postagem por dia, mas não raro, duas ou três, a depender do dia da semana. Como cuido de páginas, além da linha do tempo, isso passa a ser uma função do dia.
AR: Depende. Às vezes, algumas vezes ao dia; em outros momentos, principalmente os dias que eu trabalho o dia todo, não faço nenhuma publicação.

3) Em relação a 2014, você considera que sua frequência de acesso e de publicações mudou de lá para cá?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Não sou capaz de afirmar com certeza. Tenho a impressão de que, na média, a frequência se manteve estável.
AP: Acho que diminuiu, e que tende a diminuir cada vez mais
GR: Não mudou muito, mas tenho evitado postar assuntos que incitem ódio.

MR: Um pouco, porque na época eu só tinha o blog pessoal e não usava o facebook como forma de vender meu trabalho como blogueira/escritora.

AR: Acredito que hoje em dia eu acesso o Facebook com mais facilidade, por causa do celular, e também tenho mais interesse. As minhas publicações também são maiores atualmente, observo isso pela ferramenta “Neste dia”, oferecida pela rede social, em que eu posso ver as publicações de anos anteriores no mesmo dia. Observei que em 2014 há menos memórias do que 2015 e 2016.

4) Qual é a motivação para que você utilize a rede social?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Manter contato com as pessoas. Distração (páginas de humor). Informação (sigo jornais e revistas). Uso também para conversar com as pessoas, embora para isso prefira o WhatsApp. Também serve para compartilhar conteúdo e material com meus alunos.

AP: Não sei ao certo: convívio, mesmo que vicário; demanda de gregarismo; demanda de informação.

GR: Manter-me informada sobre os acontecimentos do mundo e sobre o que as pessoas pensam sobre isso, conectar-me a amigos que vejo com menos frequência, informar e desconstruir pessoas próximas sobre assuntos que eu considere importantes.

MR: Diversas: eu uso para propagandear meu trabalho como blogueira, escritora e palestrante, mas também é um canal de diálogo com meus alunos. É um ambiente no qual interajo MUITO com meus amigos, com relacionamentos amorosos e até com a minha família. Fb tem servido muito para que eu leia coisas que me interessam, especialmente porque sigo páginas que divulgam, algo como um RSS de vários lugares ao mesmo tempo.

AR: Interagir com os contatos; postar questões que eu considero relevantes ou que me representam de alguma maneira; passar o tempo; conhecer novas páginas, bandas, autores etc.

5) Você se preocupa com a recepção de outros usuários em relação ao conteúdo que você publica?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Sim. Sobretudo por aceitar pedidos de amizade de alunos meus. Noto que minha preocupação com a recepção aumentou por causa disso. Apesar disso, há conteúdo político no meu perfil, por exemplo.

AP: Acho que não muito.

GR: Eu me preocupo, às vezes, se às pessoas de fato lêem e/ou questionem as publicações, porém não me importo sobre suas reações a meu respeito.

MR: Sim e cada vez mais, haja vista que tenho muitos alunos nas minhas redes sociais e imagino que eu deva ser sempre um exemplo pra eles.

AR: Me preocupo, mas não muito. Normalmente, publico coisas que eu considero importante ou que eu gosto, sem controlar exatamente o que é. Tento apenas me policiar quando o assunto é religião.

6) Você seleciona as configurações de privacidade em relação às pessoas que verão o conteúdo publicado, a depender do conteúdo da postagem?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Sim. Mantenho os alunos de uma escola onde trabalho (com Ensino Fundamental) numa lista com acesso restrito às minhas publicações. O mesmo vale para pais de alunos, diretores e coordenadores que venham a me adicionar. Essas pessoas têm acesso apenas às postagens que defino como públicas. Em 2014, quando trabalhava numa escola estadual, sinto que tinha menos preocupação em relação a isso

AP: Tendo a publicar só para amigos, mas isso é ineficaz quando se tem muita gente nessa categoria, como é meu caso.

GR: Eu costumava selecionar sempre a privacidade, escolhendo um grupo de pessoas, porém de uns tempos para cá tenho feito postagens apenas para amigos, não costumo mais deixar público.

MR: Não, minhas postagens geralmente são públicas: é a ideia de que meu facebook é uma vitrine do meu trabalho.

AR: Sim. Quando é um assunto que eu vejo que pode trazer um estresse desnecessário ou eu não posto ou deixo visível apenas para algumas pessoas, como é o caso de assuntos religiosos.

7) Você consegue identificar o teor das temáticas que publica com mais frequência?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Questões banais do cotidiano e assuntos ligados à literatura, música, política e humor.

AP: Arte, literatura, política.

GR: Sim, costumo publicar muito sobre fotografia, cinema, poesia, música, política, sociedade, lutas sociais e alguns vídeos de gatinhos.

MR: Sem dúvidas: feminismo, coisas relativas à educação e humor, bem ruim inclusive.

AR: Sim. Política, questões de igualdade de gênero, diversidade sexual, racismo.

8) Em 2014, você esteve interessado em expressar posicionamentos ideológicos na rede social?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Sim. Sobretudo, quero crer, por causa da Copa do Mundo e das Eleições.

AP: Certamente.

GR: Sim, frequentemente.

MR: Sim, já estava, mas menos politicamente organizada do que sou hoje. Tinha mais achismos, porque eu mesma tinha menos conhecimento político-social.

AR: Sim. Principalmente por causa das eleições presidenciais.

9) Os conteúdos que lhe são fornecidos pela rede social através do Feed de Notícias geralmente correspondem aos seus interesses? Por quê?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Alguns sim. Mas aparece muita publicidade e coisa que me desagrada, como correntes. Mas sinto, por exemplo, que meus amigos estão dentro de um certo perfil de postagens. Estão também relativamente alinhados ideologicamente.

AP: Sim, em particular porque são anos limando o feed de idiotas rematados ou gente que esta no lado oposto ao meu no espectro político.

GR: Sim, correspondem, no geral, porque provavelmente o próprio aplicativo do facebook filtre os meus interesses. Porém não gosto de postagens publicitárias.

MR: Não sempre, às vezes, porque eu pesquiso coisas aleatórias no Google, começam a me sugerir páginas cujo interesse é mínimo: de roupas, de viagens, de religião até. Tirando isso, como leio muito algumas páginas, como geledés e empodere duas mulheres, a atualização deles vem com frequência.

10) Os conteúdos visualizados por você e publicados por seus amigos na rede social geralmente correspondem aos seus interesses?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Sim. Periodicamente tento fazer uma “limpa” nas pessoas e páginas que sigo. Isso acaba selecionando conteúdos que me interessam. Mas aparece muita coisa que me desagrada também.

AP: Sim, com razoável variação. Eu dou unfollow em gente que acho chata.

GR: Nem sempre, pois acredito que tenho amigos de gostos diferentes, então muitas vezes as publicações não são interessantes para mim.

MR: Nem sempre: como tenho muitos alunos no fb, que são adolescentes, existe um novo universo, que me interessa menos que outros, que passam a compor o meu: música pop, seriados adolescentes, piadas que só eles entendem. Mas até isso acho importante que eu leia para ter uma noção do que

eles pensam, veeme consomes.

AR: Normalmente, sim.

- 11) Em relação às atividades e possibilidades fornecidas pelo Facebook, quais são, frequentemente, utilizadas por você? (publicações próprias, compartilhamentos, compartilhamentos com posicionamentos, isto é, com comentários pessoais etc.)**

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
--

DS: Tenho feito muitas publicações próprias. Compartilho também músicas e textos. Esses textos podem ser notícias, artigos opinativos da imprensa, personalidades públicas/pessoas comuns que escrevem diretamente para o Facebook.
--

AP: Acho que uso isso aí tudo.

GR: Costumo usar quase todas.

MR: Publicações próprias e compartilhamento de páginas cuja ideologia/ humor me representam. Adoro comentar post alheio também.
--

AR: Publicações próprias e compartilhamento com posicionamentos. Dificilmente, eu compartilho algo sem um comentário.
--

- 12) Você considera que as suas postagens conteriam traços autobiográficos? Você acha que elas correspondem àquilo que você é?**

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
--

DS: Sim, podem conter. Nos textos, chego a fazer referências a pessoas reais. Em alguns casos, no entanto, essas pessoas reais são apenas ponto de partida para algo mais ficcional. Não sei se correspondem ao que sou. Há quem reaja às postagens <i>reconhecendo</i> ou <i>estranhando</i> minha personalidade construída nos textos.

AP: Isso é muito ambicioso: é claro que tem traços, e não é deliberada ficcionalização. Mas é pesar a mão falar em “o que você é”: pra começo de conversa, eu não sei “o que” eu “sou”, nem acho que existe resposta interessante pra isso.
--

GR: Certamente tem muitos traços biográficos, pois quando expresso opiniões ou comentários sobre assuntos em alta no momento, registro o contexto no qual estou inserida. Quando publico sobre meus pensamentos, emoções, vivências, registro-os de maneira autobiográfica. A possibilidade de publicar fotografias e vídeos também registra de maneira visual o que vejo a meu respeito ou ao mundo no qual estou.
--

MR: Sim, com certeza, minhas publicações refletem completamente quem eu sou – u quem eu acho que sou, porque faço terapia esse questionário me deixa maluca.

AR: Com certeza. Eu sempre procuro postar coisas que dizem respeito ao que eu sou, acredito ou gosto. Acho que essa é uma forma de autobiografia, pois nela há traços de momentos importantes da minha vida. Observo muito isso no “Neste dia”, pois a partir dali recupero memórias que eu já não tinha ou as renovo.

- 13) Você seleciona opções de “não visualização” quando algum conteúdo que lhe é apresentado por meio do Feed de Notícias causa incômodo?**

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
--

DS: Sim. Deixo de seguir páginas e perfis pessoais com frequência.

AP: Sim, como já disse.

GR: Sim, sempre uso esta ferramenta quando aparece, em meu feed, publicações de fotografias ou vídeos com violência real, morte, maus tratos ou opiniões que demonstrem ódio, preconceito.

MR: Sim, também denuncio e também comento o que achei se acho que a pessoa vai ter uma noção do tamanho da besteira que está falando. Quando é propaganda, peço la para não aparecer de novo, umas porque não gosto, outras porque me fazem gastar o dinheiro que eu nem tenho.
--

AR: Sim, sempre.

14) Você procura apresentar-se, conscientemente, de uma maneira agradável, curiosa ou interessante, para os outros usuários com os quais se relaciona na rede social?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Sim. Quero que as postagens sejam lidas e curtidas. Gosto da interação por meio dos comentários.
AP: Não, no sentido de fazer para agradar. Sim, no sentido de publicar o que me interessa, e que imagino pode interessar a outrem com gosto semelhante.
GR: Costumo me apresentar como uma pessoa interessante, acredito, que questiona e não se conforma com o mundo do jeito que está imposto.
MR: Acho que não agradável necessariamente, se eu considerar que falo bastante sobre feminismo e isso não agrada muito fácil as pessoas, mas, de modo geral, tento ser persuasiva e engraçada.
AR: Sim, eu sempre penso muito nisso antes de postar algo, tanto na minha timeline, quanto na dos meus amigos.

15) Você se preocupa com a cronologia de suas publicações? Já voltou na linha do tempo para visualizar publicações passadas?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Em parte. Tenho o costume de guardar os textos autorais num arquivo do Word. Mas em geral não faço isso assim que os escrevo. De dois em dois meses, mais ou menos, faço uma varredura na minha linha do tempo para garimpar e salvar o que escrevi naquele período.
AP: Fiz isso uma vez pra nunca mais, e lamentei o fim do orkut mais uma vez: o Facebook é o anarquivo, é uma merda de labor pra encontrar o fato passado no seu conteúdo.
GR: Eu costumo verificar sempre que possível as lembranças do dia, às vezes volto em publicações de anos ou meses passados e, geralmente, não gosto de publicar coisas com muito tempo de atraso.
MR: Não me preocupo normalmente, mas adoro ver a opção de memórias do face e fico rememorando todo o contexto que me levou a escrever aquilo naquele momento.
AR: Me preocupo um pouco. Eu volto sempre, seja para buscar alguma publicação perdida, seja para rever o que eu publiquei nos últimos meses.

16) Nas interações com outros usuários da rede social, alguma situação levou-o(a) a apagar uma publicação? Se sim, por quê?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Não que me lembre. Mas já aconteceu, por exemplo, de eu compartilhar um meme e logo em seguida deletá-lo, por sentir que havia compartilhado meio por impulso e que seria preferível encaminhá-lo individualmente para meus amigos, no Whatsapp.
AP: Não, mas duas vezes já tive conflito com uma pessoa que se ofendeu muito com uma postagem minha, mas não apaguei não, disse que se ela quisesse que ela apagasse.
GR: Não me lembro de ter apagado uma publicação que tenha causado estranhamento ou incômodo alheio.
MR: Já sim, uma vez que me liguei que tinha falado merda, que não tinha entendido em nada o ponto de vista do meu amigo. Já apaguei foto de ex namorado, post romântico, chaveco indevido. Ah e já me desmarquei de fotos bêbadas que os sem noção dos amigos nos marcam.
AR: Não que eu me lembre.

17) Suas publicações já geraram polêmica? Como essa polêmica foi encarada e compreendida por você?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Lembro de poucos casos. Publicações políticas que geraram algum tipo de debate com amigos/conhecidos com outras posições ideológicas. Houve um outro caso em que fiz um texto que parecia autobiográfico, mas era ficcional. Muitos pessoas – em especial alunos – vieram me procurar para saber se era verdade aquilo que eu dizia ali.

AP: Não. O que rola é denúncia: já denunciaram coisas sobre/ pró-PT e conteúdos eróticos que postei.
GR: As publicações que causaram polêmica foram fotografias de minha autoria que continham nudez, algo que não é aceito por muitas pessoas e me causou denúncias no feed. Já tive fotografias que foram excluídas pelo facebook por conta dessas denúncias. Não gosto de ser censurada, mas não tenho como saber quem denuncia, portanto não há muito o que se fazer. Se eu soubesse, provavelmente, excluiria a pessoa da minha rede.
MR: Vários, muitos, quase todos os que envolvem feminismo. Vejo a polêmica como parte da dificuldade que é, para pessoas mais conservadoras, conseguirem aceitar a nossa tentativa de, ao menos, dar uma bagunçadinha nos “status quo”. Outros acho que ficam pessoalmente ofendidos, porque a carapuça serviu. Geralmente, polêmica é bom sinal. Se não fez pensar, incomodou. Gosto disso.
AR: Sim, já geraram. A principal polêmica se deu na época em que aconteceram os rolezinhos em São Paulo. Eu me posicionei a favor de algumas questões e a partir daí surgiram algumas pessoas dizendo que eu estava errada, que rolezinho era errado etc., até chegarem ao ponto que eu nem tinha levantado a bandeira naquele momento que eram as ações afirmativas. Como até então eu não havia “entrado em encrenca” na internet, eu não soube direito como agir, tentei argumentar e mostrar os meus pontos na defesa daquilo, no entanto, as pessoas já estavam muito certas de suas questões e não quiseram dialogar.

**18) De que maneira os outros usuários demonstram interesse acerca das suas publicações?
Como você consegue perceber isso?**

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Curtidas. Comentários. Algumas pessoas eventualmente vêm falar comigo, elogiando alguns textos. Outras poucas o fazem pessoalmente.
AP: A pessoa curte. Às vezes, comenta. Outras, puxa conversa inbox.
GR: Percebo que as publicações que tratam de assuntos “fofos” (por exemplo vídeos de pet) ou auto-ajuda (textos e imagens motivacionais) recebem mais curtidas, enquanto as publicações que tratam de assuntos polêmicos como machismo, política, preconceitos recebem menos curtidas e mais comentários, existe uma recorrência das pessoas que comentam e curtem esse tipo de publicação. Quando compartilho links de outros <i>sites</i> não há muita interação.
MR: Curtidas e comentários no que tange a fotos e compartilhamentos de textos. Mas acho que o interesse mais nítido é quando os alunos, em aula, elogiam um texto ou me pedem para escrever sobre algum assunto.
AR: Dependendo da publicação, eu consigo medir isso pela quantidade de curtidas, comentários e compartilhamentos. Frequentemente, meus contatos gostam de interagir comigo.

19) Você conseguiria descrever situações prazerosas e de desconforto provocados pelas suas publicações e pelas publicações de terceiros?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS
DS: Acho que as prazerosas em geral envolvem memórias. Aquele recurso de “lembranças” do Facebook frequentemente tem esse efeito sobre mim. Uma foto antiga, um texto antigo... Desconforto? Quando vejo uma publicação de que discordo vinda de alguém por quem tenho algum apreço.
AP: Ler as publicações de isentões como Idelber Avelar, Pablo Ortellado, Eliane Brum e quejandos é embaraçoso – parei de seguir esses todos. Ver puxasquismo em demasia é grotesco também: parei de seguir um amigo que é muito puxasaco no facebook pois achei que aquilo tava prejudicando a relação real que tenho com ele, no dia a dia. Ele é ridiculamente puxasaco no facebook, vaidoso, capacho, tudo de ruim. Melhor não ver. Me causa embaraço excesso romântico de conhecidos também, acho ridículo.
GR: Acredito que as publicações mais bem recebidas são tratamos de agradecimento,

reconhecimento, elogio, amor, amizade, ou conteúdos de humor inteligente e sarcástico. As publicações que não são bem recebidas são as que tratam de assuntos pessimistas, demonstram tristeza, solidão, culpa, infelicidade. No geral, são poucas as pessoas que sabem lidar com conteúdos tristes e muitas as que interagem a publicações alegres.

MR: As mais prazerosas são, com certeza, quando escrevo textos e compartilho e sinto que isso ajudou as pessoas de algum jeito, sabe? É bom saber que o que você fala está sendo ouvido, dividido, repensado. Claro que é prazeroso também receber elogios estéticos em fotos, mas acho que esse é o prazer universal das redes sociais. Agora, situação de desconforto – a maior de todas – é quando sua publicação não gera problemas diretamente pra você, mas indiretamente para alguém que você gosta, como quando, sem querer, você faz casais terem dr na sua postagem e tal.

AR: Prazeroso é quando uma postagem atinge o seu objetivo, nem sempre pelo mesmo motivo. Pode ser apenas o de fazer as pessoas se divertirem.

Agora de desconforto, além da sensação de que alguma publicação possa ter ofendido alguém, também há as que são propositalmente desrespeitosas. Podem ser as que desrespeitam minorias ou que trazem imagens sensacionalistas para chamar a atenção, como um acidente de trânsito.

20) Que tipo de publicação você prioriza e qual é a sua motivação para isso?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Atualmente, os textos autorais. Às vezes penso que meu Facebook deve ter uma espécie de “linha editorial”. Tipo: isso eu encontro no perfil do Daniel, isso não. Meio como uma revista ou *site* que trabalhe com um certo tipo de conteúdo.

AP: Amigos próximos e reais, de fora da internet. Publicações que me interessam, de veículos que me interessam. A motivação é o interesse: eu não sei o que mais pode ser lido aqui nessa pergunta, o que você espera de seu respondente? Exame das crenças subjacentes à noção de “motivação”?

GR: Priorizo publicações inteligentes, de assuntos em alta que possam contribuir para o crescimento intelectual e/ou desconstrução social e pessoal. Acredito que esta é uma boa forma de interagir virtualmente, isto é, compartilhando conhecimento, argumento e tentando transformar o comportamento individual e coletivo em algo melhor de se conviver em sociedade.

MR: Priorizo publicações sobre feminismo e relacionamentos humanos. Minha motivação é porque é nisso, exatamente nisso, que eu acredito.

AR: As das pessoas e páginas que tenham ideias afins às minhas.

21) Que tipo de publicação você descarta ou nunca faz e por qual razão?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Aquelas que julgo discriminatórias. Aquelas que exponham dados muito pessoais. Também evito fotos muito pessoais e desabafos que não tenham interesse para os outros.

AP: Egotrip: minha família é linda, meu filho é demais, minha mulher é a melhor, fui promovido, defendi com louvor etc – acho isso ridículo, pois julgo um traço de idiotia e sigo meu pai que costumava dizer que “elogio em boca própria é impropério”.

GR: Evito fazer publicidade de produtos ou empresas, bem como xingar ou reclamar de qualquer coisa.

MR: Aquelas relativas a futebol, esportes, meu deus que coisa chata. Não falo sobre futebol, não costumo também comentar e nem entender. Não faço ideia do que ta acontecendo.

AR: Publicações desrespeitosas principalmente, porque não me interessam de nenhuma forma.

22) Que tipo de publicação você julga como desinteressante e por qual razão?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Correntes. Mensagens motivacionais. Mensagens religiosas. Check-in em estabelecimentos comerciais. Me parece que esse tipo de publicação não acrescenta em nada.

AP: Ver resposta acima.

GR: Acho inútil quando postam imagens motivacionais com mensagens do tipo “bom dia”, “seja

feliz” e coisas muito clichês que pouco acrescentam.

MR: Aquelas “que tipo de ator você é?” “qual sua alma gêmea”, esses testes bem bosta que não é relevante pra ninguém. Ah e futebol, mas isso já falei, né?

AR: Além das que eu considero desrespeitosas, mensagens com intenções religiosas ou apelativas também são desinteressantes para mim, pois eu não me interesso por essas questões.

23) Você considera que seria possível reconstituir uma narrativa sobre sua personalidade a partir da leitura de sua linha do tempo por terceiros?

PARTICIPANTES/RESPOSTAS OBTIDAS

DS: Imagino que sim. Vamos fazendo uma ideia dos nossos amigos virtuais a partir do que eles postam. Aconteceu, por exemplo, de eu inicialmente pensar algo de alguém e ver essa imagem ser desconstruída depois de começar a acompanhar seu Facebook.

AP: Uma narrativa sim, embora em meu caso não imagine que seja das mais organizadas: há núcleos que se repetem muito, e isso pode produzir “narrativa”. Agora, sobre minha “personalidade”... isso não sei e, na verdade, eu achava que esse conceito já estava em desuso. O que isso quer dizer mesmo? Persona, representação social de si/do self?

GR: Sim, é possível caracterizar parte da minha personalidade através da postagem, mas acredito que interpretação disso mudaria de pessoa para pessoa e seria diferente do que realmente sou fora do mundo virtual.

MR: MAS NÃO TENHO DÚVIDAS, aliás, acho que é mesmo isso daí, do título, curadoria de si, acredito super nessa ideia, super mesmo: acho que a vida hoje se dá pelo campo da socialização online, eu sou o que eu compartilho numa versão moderna de Descartes.

AR: Eu acredito que sim, porque as minhas publicações dizem muito sobre mim. Eu jamais publicaria algo de que não gosto ou que me oponho político-ideologicamente.